



**OKSANA
TYMOSHCHUK**

**Compartilha: espaço *online* de colaboração e
partilha de conhecimentos e recursos no domínio
das necessidades especiais**



**OKSANA
TYMOSHCHUK**

**Compartilha: espaço *online* de colaboração e
partilha de conhecimentos e recursos no domínio
das necessidades especiais**

Tese apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Multimédia em Educação, realizada sob a orientação científica da Doutora Ana Margarida Pisco Almeida, Professora Auxiliar do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e coorientação da Doutora Paula Ângela Coelho Henriques dos Santos, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha família, pelo amor, dedicação e o acreditar incondicional, transmitindo-me a força para continuar sempre a lutar naquilo em que acredito.

o júri

presidente

Doutor Carlos Fernandes da Silva
professor catedrático da Universidade de Aveiro

Doutora Ana Maria da Silva Pereira Henriques Serrano
professora associada do Instituto de Educação, Universidade do Minho

Doutora Ana Margarida Pisco Almeida (orientadora),
professora auxiliar da Universidade de Aveiro

Doutora Marília dos Santos Rua,
professora adjunta da Universidade de Aveiro

Doutora Maribel dos Santos Miranda Pinto,
professora adjunta convidada da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu

agradecimentos

O presente trabalho não seria possível sem o contributo de várias pessoas que me incentivaram, ajudaram e apoiaram durante todo o percurso.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às minhas orientadoras, Professora Ana Margarida Almeida e Professora Paula Santos, por toda a tranquilidade que sempre me transmitiram, pela paciência, competência científica e por todas as correções, avaliações e sugestões levantadas durante o desenvolvimento deste projeto.

A todos os participantes do Compartilha, que continuam a fazer deste espaço uma realidade. Pelos bons momentos partilhados e pela riqueza das aprendizagens proporcionadas.

À Associação Pais em Rede e todos os profissionais que todos os dias dão o seu melhor para que as crianças e jovens tenham uma vida harmoniosa e satisfatória.

Agradeço igualmente aos jovens da associação, que me ajudaram a crescer a nível pessoal, obrigada pela sua confiança, carinho, respeito e pela enorme capacidade de serem jovens extraordinários.

À minha querida Teresa Sousa, por construir este caminho comigo, pela amizade, carinho, apoio, e pelos momentos felizes. Acima de tudo, pela nossa união que nos leva cada vez mais longe.

À Susana Caixinhas, dos Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação (STIC) da Universidade de Aveiro, por toda a ajuda no processo de conceção e desenvolvimento do espaço *online Compartilha*.

À Ondina David, a minha professora de português, pelo seu importante contributo para este trabalho e ainda pela amizade.

À Patrícia Moreira pela sua grande ajuda e apoio na revisão.

Agradeço à minha família, todo o apoio incondicional que me foram transmitindo, assim como o carinho e amor que constituíam sempre um recarregar de energias.

Aos meus amigos e colegas de curso, um muito obrigada pela amizade, entajuda e dedicação.

A todos os que não mencionei, mas não menos importantes, que de alguma forma contribuíram para a concretização deste trabalho.

palavras-chave

Inclusão, necessidades especiais, recursos tecnológicos, comunidade online, e-moderação.

resumo

A presente tese descreve o processo de desenvolvimento e teste de uma comunidade de prática online, que visa contribuir para a utilização otimizada dos recursos digitais no âmbito das Necessidades Especiais (NE) e facilitar a comunicação e colaboração entre profissionais de educação e saúde e familiares das crianças/jovens com NE.

Para a concretização destes objetivos optámos pela metodologia de *Development Research*, considerando que desenvolvemos uma solução baseada em tecnologias digitais para investigar o potencial da utilização do protótipo concebido em contexto real.

O estudo objetivou compreender como desenvolver e dinamizar um espaço *online* de promoção da construção e partilha de conhecimentos e recursos tecnológicos no domínio das NE, criando uma rede de apoio entre profissionais de saúde/educação e famílias de crianças/jovens com NE.

Com esta finalidade, concebemos um espaço online denominado “*Compartilha*”, que está acessível através de <http://cms.ua.pt/compartilha/> e cuja especificação e desenvolvimento teve como referência as motivações, necessidades e interesses manifestados pelas famílias e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE, e as práticas recomendadas de dinamização das comunidades *online* ou presenciais. Para tal, desenvolveu-se uma estrutura acessível e intuitiva, com áreas que permitem a partilha dos recursos, estratégias e conhecimento, e a discussão dos temas de interesse, bem como a aprendizagem colaborativa e a criação/adaptação de recursos educativos específicos.

O *Compartilha* passou por uma fase de teste com um grupo piloto, com a duração de nove meses, tendo os resultados obtidos permitido concluir sobre os impactos positivos da sua utilização, essencialmente pelas vantagens identificadas a nível da interação e colaboração, bem como da partilha de recursos, estratégias e conhecimentos.

O estudo evidenciou que as ferramentas tecnológicas e estratégias de e-moderação aplicadas permitiram a criação e desenvolvimento de um espaço *online* que multiplica as possibilidades de partilha e colaboração, facilitando a articulação entre os diferentes agentes educativos (familiares, profissionais de educação e de saúde), de forma a permitir a troca de experiências, dúvidas, estratégias e recursos e melhorar o ajuste destas à diversidade, especificidade, problemática e contexto de cada criança/jovem.

keywords

Inclusion, special needs, technological resources, online community, e-moderation.

abstract

This thesis depicts the development and testing process of an *online* practice community that aims to promote the use of technological resources for Special Needs (SN) in an optimized way, facilitating the communication and collaboration amongst education and health care professionals and families of children/youth with SN.

To accomplish these goals, we have chosen the “Development Research” methodology, considering we are developing a technological solution to investigate its potential use in a real environment.

This study has tried to figure out how to conceive and stimulate a website that promotes the creation and sharing of knowledge and technological resources relevant in the domain of SN, enabling a support network amongst education/health professionals and families of children/youth with SN. Therefore, we have conceived the website *Compartilha*, which can be accessed through <http://cms.ua.pt/compartilha/>. Its features and development have taken into account the motivations, needs and interests of the families and professionals involved in the process of education/rehabilitation of children/youth with SN, as well as the recommended practices for promoting *online* and face-to-face communities.

Thus, there has been created an intuitive and easily accessible configuration, with specific areas that allow the sharing of resources, knowledge and strategies, and the discussion of topics of interest, as well as the collaborative learning and the creation/adjustment of specific educational resources.

Compartilha went through a nine months testing period, with a pilot group. The results allowed us to conclude that the impact of its use is positive, mainly for the advantages identified at the interaction and collaboration level, as well as for the sharing of resources, strategies and knowledge.

This study made clear that the used e-moderation technological tools and strategies made possible the creation and development of a website that multiplies the possibilities of sharing and collaboration, making easier the connection amongst the different education agents (families, education and health professionals), so they can exchange experiences, doubts, strategies and resources for a better adjustment of their education/rehabilitation practices addressing the diversity, specificity, strengths/weaknesses and contextual variables of each child/youth.

Índice

Introdução	1
1. Questão de Investigação.....	2
2. Objetivos da Investigação.....	2
3. Plano da Investigação.....	3
4. Etapas da Investigação.....	3
5. Organização do texto da tese.....	6
Capítulo 1 – Enquadramento Teórico	9
1.1 Inclusão de crianças e jovens com NE: papel dos recursos/meios digitais.....	9
1.1.1 Necessidades Especiais.....	9
1.1.2 As TIC no contexto da Educação Especial.....	11
1.1.3 As TIC no apoio às Necessidades Especiais: contexto português.....	12
1.2 Contextos de vida e atores implicados no apoio a crianças e jovens com NE.....	17
1.2.1 Contexto familiar.....	17
1.2.2 Contexto educativo.....	20
1.2.3 Contexto clínico.....	21
1.3 Papel dos ambientes e comunidades online na inclusão.....	24
1.3.1 Processos de partilha e construção colaborativa do conhecimento.....	23
1.3.2 Potencial no fortalecimento de comunidades de prática.....	27
1.3.3 E-moderação e sustentabilidade.....	32
1.3.3.1 O modelo de Salmon (2000).....	34
1.3.3.2 O modelo de Almenara (2006).....	35
1.3.3.3 O modelo Miranda-Pinto (2009).....	36
Capítulo 2 - Metodologia de Investigação	39
2.1 Fundamentos teóricos da abordagem de “Development Research”.....	39
2.2 Etapas da investigação.....	42
2.3 Participantes no Estudo.....	45
2.4 Instrumentos de recolha de dados.....	46
2.4.1 Inquéritos por questionário online.....	47
2.4.2 Inquéritos por entrevista.....	48
2.4.3 Análise de sites existentes no âmbito das NE.....	50
2.4.4 Análise de conteúdo e das interações no Compartilha.....	50

Capítulo 3 – Levantamento de necessidades e boas práticas.....	53
3.1 Levantamento das dificuldades e necessidades dos agentes educativos.....	53
3.1.1 Caracterização da amostra - Questionário dos encarregados de educação de crianças/jovens com NE.....	53
3.1.2 Caracterização da amostra - Questionário dos profissionais da educação/reabilitação de crianças/jovens com NE.....	54
3.1.3 Resultados.....	54
3.1.3.1. As carências de formação em TIC para EE.....	54
3.1.3.2 As necessidades de partilha de informação e recursos.....	57
3.2 Boas práticas de dinamização em grupos de entreajuda.....	58
3.3 Análise dos sites.....	61
 Capítulo 4 - O espaço online de aprendizagem.....	 63
4.1 Fundação e elaboração da estrutura/organização do espaço online.....	63
4.1.1 Escolha do tipo de suporte que iria servir de base ao espaço.....	63
4.1.2 Escolha do nome e registo do domínio.....	63
4.1.3 Criação do logótipo.....	64
4.1.4 Especificação do espaço online.....	64
4.1.5 Desenho do Espaço on-line.....	65
4.1.6 As ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona.....	69
4.1.7 Categorização das Compartilhas.....	70
4.2 Elaboração das regras de funcionamento do espaço online.....	72
4.3 Gestão e Planificação das atividades do espaço online.....	74
4.3.1 Proposta de Modelo de e-moderação de 5 passos do Compartilha.....	74
4.3.2 Registo no espaço online.....	78
4.4 Validação do protótipo do espaço online.....	80
 Capítulo 5 – Apresentação e discussão dos resultados.....	 83
5.1 Contextualização do Estudo.....	83
5.2 Caracterização dos Participantes do Compartilha.....	84
5.2.1 Caracterização dos pais.....	85
5.2.2 Caracterização dos profissionais de Educação.....	86
5.2.3 Caracterização dos profissionais de Saúde.....	87
5.2.4. Caracterização do profissional na área das Tecnologias.....	88
5.3 Estabelecimento de relações Interpessoais.....	88
5.4 Envolvimento no processo de Compartilha de informação/ recursos.....	93
5.5 Construção colaborativa de conhecimento e de recursos.....	102
5.6 Dinâmica das interações estabelecidas	115

5.7 Estratégias de e-moderação implementadas.....	120
5.8 Avaliação do Compartilha pelos participantes.....	125
5.8.1 Relatos de apreciação da estrutura do Compartilha.....	127
5.8.2 Apreciação dos participantes sobre conteúdos os disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas.....	128
5.8.3 Percepção dos participantes sobre a importância do Compartilha.....	129
5.8.4 Percepção dos participantes sobre o nível de superação das suas expetativas.....	132
5.9 Comunidade online versus comunidade presencial.....	134
5.9.1 Colaboração com a Associação “Pais em rede”	135
5.9.2 Projeto GAPRIC.....	138
 Capítulo 6 – Considerações finais.....	 145
6.1 Conclusões do estudo.....	145
6.1.1 Dimensão Social.....	152
6.1.2 Dimensão da Compartilha.....	153
6.1.3 Dimensão da Colaboração.....	154
6.1.4 Dimensão de e-moderação.....	155
6.1.5 Dimensão da Avaliação.....	158
6.2 Limitações de estudo.....	159
6.3 Proposta de funcionamento futuro do <i>Compartilha</i> e sugestões para investigações posteriores.....	160
6.4 Considerações finais.....	161
 Referências bibliográficas.....	 163

Anexos

Anexo 1. Questionário dirigido aos pais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE.....	181
Anexo 2. Questionário dirigido aos profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE.....	197
Anexo 3. Guião de entrevista de moderadores.....	219
Anexo 4. Guião de análise dos sites.....	225
Anexo 5. Dimensões de análise do conteúdo e das interações.....	229
Anexo 6. Diagramas UML.....	235
Anexo 7. <i>Mockups</i>	241
Anexo 8. Modelo de e-moderação.....	253
Anexo 9. Guião de e-moderação.....	257
Anexo 10. Questionário pós-teste.....	265

Índice de figuras

Figura 1. Escada de participação em redes sociais (Bernoff & Li, 2008).....	29
Figura 2. Modelo Salmon (2000).....	34
Figura 3. Modelo de Almenara (2006).....	35
Figura 4. Modelo de Miranda-Pinto (2009).....	36
Figura 5. Metodologia de desenvolvimento (adaptado do Van den Akker, 1999).....	40
Figura 6. Nível de conhecimento e utilização dos recursos TIC para EE referido pelos profissionais inquiridos.....	55
Figura 7 . Nível de conhecimento e utilização dos recursos TIC para EE referido pelos pais inquiridos.....	56
Figura 8. Logótipo do espaço online Compartilha.....	64
Figura 9. Diagrama UML das funcionalidades de um utilizador registado – líder de grupo (pai/profissional).....	65
Figura 10. Mockup do protótipo do espaço online.....	66
Figura 11. A página principal do espaço online Compartilha.....	67
Figura 12. Opção de escolha de tamanho de letra.....	68
Figura 13. Categorização das Compartilhas.....	71
Figura 14. Categorias de pesquisa.....	72
Figura 15. Modelo de e-moderação do espaço online “Compartilha”.....	75
Figura 16. Acesso ao espaço online.....	79
Figura 17. Constituição do Grupo piloto.....	84
Figura 18. Idade dos participantes do grupo piloto por faixas etárias.....	85
Figura 19. Idade dos participantes-pais por taxas etárias.....	86
Figura 20. Idade dos participantes-profissionais da Educação, por faixas etárias.....	87
Figura 21. Idade dos participantes-profissionais da Saúde por faixas etárias.....	88
Figura 22. Temas das compartilhas realizadas.....	95
Figura 23. Formato das compartilhas.....	96
Figura 24. Tipo de compartilhas.....	96
Figura 25. Médias das compartilhas e dos comentários por grupo de participantes.....	97
Figura 26. Distribuição das compartilhas por fase escolar.....	98
Figura 27. Médias dos pedidos de ajuda e das respostas com soluções.....	102
Figura 28. Temáticas mais pertinentes para os participantes.....	103
Figura 29. Exemplo do envolvimento dos participantes nos desafios.....	104

Figura 30. Exemplo do envolvimento dos familiares nos desafios.....	105
Figura 31. Exemplo de interações criadas no âmbito de desafio “Perito responde”	106
Figura 32. Convite para o primeiro encontro presencial.....	108
Figura 33. Convite para o segundo encontro do Compartilha.....	109
Figura 34. Exemplo de Interações na área “ Compartilhas”	110
Figura 35. Tipo de interações.....	111
Figura 36. Exemplos de interações.....	112
Figura 37. Exemplo de partilha dos recursos adaptados.....	113
Figura 38. Exemplos de partilha de recursos criados/adaptados.....	113
Figura 39. Exemplos de práticas colaborativas.....	114
Figura 40. Análise das interações entre os participantes.....	116
Figura 41. Intensidade das compartilhas.....	118
Figura 42. Visualização de uma compartilha por utilizadores “anónimos”	119
Figura 43. Exemplo de apresentação de um tema de discussão.....	123
Figura 44. Exemplo de incentivo de partilha de recursos.....	124
Figura 45. Frequência de utilização do Compartilha.....	126
Figura 46. Apreciação dos participantes sobre a qualidade do Compartilha.....	127
Figura 47. Apreciação dos participantes sobre os conteúdos disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas.....	129
Figura 48. Perceção dos participantes sobre a importância do Compartilha.....	130
Figura 49. Perceção dos participantes sobre a importância do Compartilha.....	131
Figura 50. Avaliação dos participantes sobre o modo como o Compartilha superou as suas expectativas.....	132
Figura 51. Exemplo de um jogo criado com o JClic.....	135
Figura 52. Evento “À procura do Ovo da Páscoa”	136
Figura 53. Evento “Quando for grande quero ser...”	137
Figura 54. Colóquio “Todos juntos por pessoas especiais”	140
Figura 55. Dinâmicas na página Facebook em 2015.....	141
Figura 56. Dinâmicas na página do Facebook em 2016	142

Siglas e abreviaturas

ARS - Análise de Redes Sociais

CIDTFF -Centro de Investigação "Didática e Tecnologia na Formação de Formadores

CIF - Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde

CIF-CJ - Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde para crianças e jovens

CoP- Comunidades de Prática Online

CRTIC - Centros de Recursos TIC para a Educação Especial

CVA - Comunidade Virtual de Aprendizagem

CVI- Comunidade Virtual de Interesse

CVP - Comunidade Virtual de Participação

DGEEC- Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência

EE- Educação Especial

GAPRIC - Gabinetes de Apoio a Programas Incluídos na Comunidade

GPOT - Grupo de Partilha e Orientação Técnica

NAID - Núcleo de Apoio à Inclusão Digital

NE- Necessidades Especiais

NEE- Necessidades Educativas Especiais

SAPA - Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio

TA- Tecnologia de Apoio

TIC- Tecnologia de Informação e Comunicação

UML- Unified Modeling Language

WebQDA - Web Qualitative Data Analysis

Introdução

O constante avanço tecnológico está a criar novos meios para a inclusão de crianças/jovens com Necessidades Especiais (NE) no ensino regular e na sociedade, promovendo, por um lado, a sua participação ativa no processo de aprendizagem e, por outro, a igualdade de oportunidades. Estes avanços geram um amplo espaço de possibilidades de aprendizagem que, no caso dos alunos que apresentam algum tipo de limitação, lhes permite aceder a patamares difíceis ou mesmo impossíveis de alcançar de outra forma.

Pese embora este cenário, os profissionais e os familiares que apoiam estas crianças/jovens nem sempre estão preparados para inserir nas suas práticas educativas/reabilitativas, os novos recursos digitais, sentindo frequentes dificuldades de adaptação destes às necessidades específicas das crianças/jovens que acompanham. Deste modo, a aquisição e aperfeiçoamento de competências em Recursos Tecnológicos, no contexto das NE, por parte dos pais e profissionais é de importância crucial para a incorporação de recursos tecnológicos no processo de educação/reabilitação de crianças e jovens com NE.

Além disso existe pouca articulação entre os profissionais das diferentes áreas que acompanham as mesmas crianças/jovens com NE. Como refere Nunes (2012), “não se observa a partilha de conhecimentos e de experiências de sucesso entre eles, nem a resolução de problemas em conjunto, ou o esclarecimento de dúvidas” (p.1). A autora acrescenta que muitos destes profissionais atuam “de uma forma isolada, sem momentos de partilha de angústias, de dificuldades e de recursos ou de práticas bem-sucedidas” (Nunes, 2012, p.1).

Estas dificuldades estendem-se às famílias das crianças e jovens com NE. Vários estudos revelam que as principais dificuldades se relacionam com: a falta de informação sobre o problema do seu filho/educando; a falta e desconhecimento dos recursos tecnológicos adaptados às necessidades específicas das crianças/jovens; a falta de informação sobre o acesso a diversos tipos de apoio institucional, técnico e financeiro, bem como a falta de apoio emocional relacionado com a aceitação do problema do filho (Amaral & Gil, 2008; Nunes, 2012; Ribeiro, 2012; Simões, 2010; Zaidman-Zait & Jamieson, 2007).

O estudo de Zaidman-Zait e Jamieson (2007) relata a emergência da disponibilização de informação de qualidade que corresponda às necessidades dessas famílias, apontando a Web como uma mais valia para as ajudar na obtenção de informações e apoios e para a construção de comunidades *online* que promovam a comunicação entre elas, acrescentando que nestas comunidades *online*, os profissionais podem desempenhar uma função importante no apoio às famílias de crianças com NE.

Neste cenário e com base nos argumentos descritos, considerámos importante investigar o papel de um espaço *online* no apoio a pais e profissionais de Educação/Saúde, e na criação de oportunidades para que estes possam partilhar informação/recursos/dúvidas e aumentar os seus contactos sociais, de forma a diminuir o seu isolamento. Foi neste contexto que nos propusemos investigar o papel que esta comunidade *online* poderia desempenhar na capacitação e *empowerment* dos profissionais e das famílias, e na promoção da utilização efetiva dos recursos tecnológicos no domínio das NE.

1. Questão de investigação

Face ao exposto, a questão de investigação que orientou o nosso estudo foi definida de seguinte forma: *Como desenvolver e dinamizar um espaço online que promova a construção e partilha de conhecimentos e recursos tecnológicos no domínio das NE, criando uma rede de apoio entre profissionais de saúde/educação e famílias de crianças/jovens com NE?*

2. Objetivos de investigação

Atendendo ao enquadramento da investigação, estabelecemos os seguintes objetivos para o nosso estudo:

- Analisar as necessidades de formação em recursos tecnológicos apresentadas pelos profissionais de educação e de saúde, bem como pelos pais das crianças/jovens com NE;
- Diagnosticar as necessidades de partilha em rede, apresentadas pelos diferentes agentes envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE;
- Conhecer as boas práticas de partilha dos conhecimentos e recursos em espaços *online* e em grupos de entreajuda presenciais dirigidos às NE;
- Conceber um espaço *online* de partilha de conhecimentos e recursos no domínio da Educação Especial, especialmente destinado aos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE;
- Testar e avaliar um espaço *online* que pretende reforçar a partilha de conhecimentos e aquisição de competências para a utilização de recursos tecnológicos no domínio das NE, procurando suprir as carências detetadas.

A presente investigação propõe-se, portanto, criar um espaço *online* que possa atenuar as barreiras de comunicação existentes entre pais e profissionais, assegurando as condições necessárias para que cada participante tenha a

possibilidade de partilhar os seus conhecimentos, recursos e dúvidas. Pretende-se ainda explorar o potencial dos conteúdos digitais, criando e adaptando os recursos às necessidades específicas das crianças/jovens.

Tendo em vista a concretização dos objetivos delineados, optámos por um enquadramento metodológico baseado na abordagem de *Development Research*, que torna possível a criação e o desenvolvimento de soluções úteis para as dificuldades detetadas nos contextos reais, permitindo investigar as possibilidades de essas soluções contribuírem para melhorar uma situação educativa concreta (Amiel & Reeves, 2008; Kelly, 2006; Van den Akker, 1999).

Privilegiámos o desenvolvimento de um projeto colaborativo, fortemente articulado e pensado em conjunto com um outro projeto em curso no âmbito do Programa Doutoral em Educação, que visa promover o desenvolvimento de competências na área da linguagem em crianças com NE (Sousa, Tymoshchuk, Almeida, & Santos, 2015).

Numa tentativa de ir ao encontro das características do público alvo que pretendemos alcançar, o grupo-piloto deste estudo foi constituído por profissionais da Educação e da Saúde e por um grupo de pais de crianças/jovens com NE. Após o período do teste do protótipo do espaço *online* pelo grupo-piloto, com duração de nove meses, abrimos o espaço, que passou a ficar disponível para todos os utilizadores que pretendam otimizar a sua utilização dos Recursos Tecnológicos no domínio das NE.

3. Plano de Investigação

O plano de investigação elaborado foi orientado pela definição do problema a pesquisar e pelos objetivos traçados. O desenho da pesquisa seguiu as orientações da abordagem *Development Research*, tendo sido desenvolvido em quatro fases, ao longo das quais se realizaram constantes atividades de documentação e de reflexão.

4. Etapas da investigação

Fase I: Fase preliminar

1.1 Enquadramento teórico

O projeto iniciou-se com a revisão da literatura que permitiu enquadrar teoricamente a problemática do estudo e perceber o estado da arte neste tema, tendo incluído ainda a análise das estratégias, recursos e materiais atualmente utilizados para o potencial apoio ao processo educacional e promoção da inclusão dos alunos com

NE. Esta etapa iniciou-se em setembro de 2013 e decorreu ao longo de todo o processo de desenvolvimento do estudo.

1.2 Análise e reflexão sobre as carências de formação e de partilha em rede dos recursos tecnológicos, para NE, apresentadas pelos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo dos alunos com NE, através de:

1.2.1 Inquéritos por questionário.

Com vista a diagnosticar os reais problemas e carências de formação em recursos tecnológicos no domínio das NE, procedeu-se à aplicação de inquéritos por questionário a famílias e profissionais de educação e saúde envolvidos no processo educativo das crianças/jovens com NE. Estes inquéritos foram aplicados no período de 15 de fevereiro a 30 de março de 2014.

1.2.2 Análise de sites dedicados a NE

Com o objetivo de identificar as dinâmicas de partilha e colaboração entre utilizadores, procedeu-se à análise de vários sites dedicados à temática das NE, nomeadamente “Pais em Rede”¹, “Patient Innovation”,² “Portal das escolas”³ e “Escola virtual”⁴. A análise dos sites decorreu simultaneamente com a realização dos inquéritos *online*.

1.2.3 Inquéritos por entrevista

Na procura de melhor compreender as dinâmicas de interação entre os atores envolvidos no processo educativo das crianças/jovens com NE, investigámos estratégias e boas práticas de dinamização de grupos presenciais, com o intuito de analisar a viabilidade de as mapear em espaços *online*. A aplicação destes inquéritos por entrevista decorreu no mês abril de 2014.

Fase II: Desenvolvimento de um espaço *online* de partilha de conhecimentos e recursos no domínio da Educação Especial

2.1 Conceptualização e desenvolvimento do espaço *online*

Esta subfase correspondeu à conceção e desenvolvimento de um espaço *online*, denominado *Compartilha*, tendo como referência as motivações, necessidades e interesses manifestados pelo público alvo e as boas práticas de partilha em rede dos

¹ <http://paisemrede.pt>

² <https://patient-innovation.com/?language=pt-pt>

³ https://www.portaldasescolas.pt/portal/server.pt/community/00_inicio/239

⁴ <http://www.escolavirtual.pt>

conhecimentos e recursos. Esta subfase ocupou o período de tempo mais prolongado, desde abril até setembro de 2014.

2.2 Criação do grupo piloto

Esta subfase dedicou-se à seleção de um grupo piloto constituído por profissionais de Educação e Saúde e por familiares das crianças/jovens com NE. Este grupo participou no desenvolvimento, dinamização e avaliação do espaço *online Compartilha*, bem como na formação/autoformação, com vista à elaboração de recursos digitais adaptados às especificidades das crianças/jovens que acompanham. A criação do grupo piloto decorreu em setembro de 2014.

Fase III: Implementação e dinamização do espaço *online*

3.1 Implementação do protótipo do espaço *online* no terreno.

Nesta subfase foi solicitada a colaboração de cinco especialistas (um profissional de Saúde e quatro profissionais de Educação) para testar e formular sugestões para melhoria do espaço *online Compartilha*. Foram ainda realizados testes de funcionalidade do *Compartilha*, no sentido de adequar o protótipo às especificidades do público-alvo e de garantir o seu sucesso através do cumprimento dos objetivos previamente propostos. Esta etapa teve lugar em setembro de 2014.

3.2 Dinamização do espaço *online*

Nesta subfase, pretendeu-se explorar o espaço *online* em conjunto com o grupo piloto. Para tal foram criados vários desafios com vista à promoção da partilha de informação e recursos que favorecessem a consolidação e reforço das competências em TIC; foram ainda elaborados e disponibilizados recursos adaptados às necessidades específicas das crianças/jovens. Visando promover o desenvolvimento de competências na área da linguagem em crianças com NE, alguns destes recursos foram criados em articulação com um projeto em curso no âmbito do Programa Doutoral em Educação da UA (Sousa, Tymoshchuk, Almeida, & Santos, 2015).

O período de teste do *Compartilha* pelo grupo piloto durou nove meses, decorrendo de 15 de outubro de 2014 a 17 de julho de 2015.

Fase VI: Avaliação das funcionalidades e da sustentabilidade do espaço *online*

Esta fase correspondeu à avaliação da usabilidade, funcionalidade e acessibilidade do *Compartilha*, realizada através da aplicação de inquéritos por questionário aos elementos do grupo piloto. Pretendeu-se, com a validação do espaço *online* pelo

grupo piloto, compreender a sua futura sustentabilidade e a continuidade das práticas de autoformação. Para aferir a sustentabilidade do *Compartilha*, foi realizada uma avaliação contínua das participações e dos processos de e-moderação. A aplicação dos questionários realizou-se em setembro-outubro de 2015.

Procedeu-se ainda a validação do *Compartilha* através das ferramentas de avaliação automática, com o intuito de testar um conjunto de fatores associados à sua acessibilidade.

No final desta fase, o espaço *online Compartilha* foi aberto a todos os utilizadores, possibilitando a partilha de conhecimentos/recursos e a otimização da sua utilização, oferecendo a possibilidade de gestão autónoma do tempo, espaço, interesses e motivações para a aprendizagem, e desenvolvimento de novas competências de forma gratuita. Nesta etapa pretendeu-se ainda acompanhar e aferir as potencialidades futuras do *Compartilha* e o cumprimento dos objetivos inicialmente propostos.

A grande finalidade foi construir e dinamizar um espaço interativo *online*, sem limitações ou constrangimentos espaço-temporais, capaz de facilitar a partilha de informação entre profissionais e familiares, de forma apelativa e dinâmica, e que possa tornar-se flexível e autossustentável, permitindo a disponibilização atualizada de conteúdos e recursos produzidos/adaptados pelos próprios utilizadores. Com o projeto apresentado esperamos compreender o impacto da utilização de um espaço *online* para a capacitação e *empowerment* dos profissionais e das famílias na utilização das TIC junto de crianças/jovens com NE.

5. Organização do texto da tese

O trabalho que agora se apresenta está estruturado em cinco capítulos, contando ainda com a Introdução e as Considerações Finais. Expomos de seguida o conteúdo relativo a cada um destes capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico e está estruturado em três subcapítulos.

O primeiro, intitulado “Inclusão de crianças e jovens com NE / papel dos recursos/meios digitais”, compreende três secções. Na primeira, abordam-se conceitos relacionados com a “Inclusão” e “Necessidades Especiais”, e explanam-se as dificuldades vivenciadas pelos pais e profissionais das crianças e jovens com NE. A segunda secção é dedicada à análise aprofundada do papel que as TIC desempenham no processo de educação/reabilitação dessas crianças/jovens. A última secção dedica particular atenção ao modo como estão aplicadas as novas

tecnologias no contexto das NE em Portugal, bem como as potencialidades e as barreiras colocadas à sua utilização.

O segundo subcapítulo é dedicado à análise aprofundada dos diferentes contextos de vida e atores implicados no apoio a crianças/jovens com NE, como o contexto familiar, o contexto escolar e o contexto clínico. Explora-se a natureza das relações entre estes contextos, especificamente no que respeita às dimensões da participação, comunicação e interações.

O terceiro subcapítulo, denominado “Papel dos ambientes e comunidades *online* na inclusão”, explora as potencialidades dos espaços e comunidades *online* e o modo como estes podem apoiar o processo de construção de conhecimento e o processo de aproximação das famílias e dos profissionais de Educação e Saúde que apoiam as crianças/jovens com NE. Analisamos ainda as questões ligadas à criação e implementação de uma comunidade *online*, bem como os processos de e-moderação e o desenvolvimento da sua sustentabilidade futura.

O segundo capítulo da tese é dedicado à exploração das questões metodológicas a que recorremos para a concretização da presente investigação. Dada a natureza do nosso estudo, optámos pela abordagem metodológica *Development Research*, pelo que começámos por apresentar os fundamentos teóricos desta abordagem. A seguir descrevem-se as etapas de investigação e caracterizam-se os participantes do estudo, pais e profissionais que apoiam as crianças/ jovens com NE. O último subcapítulo é dedicado à descrição dos métodos e técnicas de recolha e análise de dados.

O terceiro capítulo do texto apresenta os dados recolhidos durante o estudo preliminar: o levantamento das principais dificuldades e necessidades sentidas pelos agentes educativos envolvidos no processo educativo/reabilitativo de crianças/jovens com NE e o levantamento das boas práticas de dinamização em grupos de entreajuda.

O quarto capítulo do texto, designado “O espaço *online* *Compartilha*”, corresponde à descrição dos procedimentos utilizados para a criação e implementação do nosso ambiente virtual, onde é descrita a escolha do nome e a criação do logótipo do espaço, a sua estrutura e as ferramentas escolhidas para a sua construção. Segue-se a descrição das principais configurações, da sua gestão e acessibilidade, e do modo como procedemos à sua validação.

O quinto capítulo, dedicado à “Apresentação e discussão dos resultados” está estruturado em nove subcapítulos.

O primeiro subcapítulo procura explicar o contexto do estudo, bem como o desenvolvimento de um projeto do Programa Doutoral em Educação da Universidade de Aveiro fortemente articulado e pensado em conjunto com o trabalho apresentado nesta tese.

O segundo subcapítulo apresenta a caracterização dos Participantes do *Compartilha*, que permitiu verificar e avaliar os dados biográficos, a atividade profissional, as competências no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), as principais dificuldades e necessidades e o interesse em participar no estudo.

O terceiro subcapítulo descreve o estabelecimento de relações Interpessoais no espaço *Compartilha*, analisando a apresentação pessoal dos participantes, a expressão de expectativas, os pontos de vista sobre o *Compartilha* e o estabelecimento de laços de amizade/afiliação entre os participantes.

O quarto e quinto subcapítulos analisam os dados relativos à construção colaborativa e ao desenvolvimento do interesse/necessidade de partilhar informação/recursos entre os participantes do *Compartilha*.

O sexto e sétimo subcapítulos são dedicados à apresentação dos dados referentes à dinâmica do funcionamento do ambiente e as estratégias de e-moderação implementadas no *Compartilha*.

O oitavo subcapítulo dedica-se à apresentação dos dados resultantes da avaliação efetuada pelos participantes acerca do funcionamento do espaço *online*, cujos resultados permitiram verificar a frequência da utilização do *Compartilha*, a perceção dos participantes sobre a qualidade do *Compartilha*, a opinião sobre os conteúdos disponibilizados e dinâmicas estabelecidas, a importância atribuída à comunidade *Compartilha*, bem como avaliar o modo como o *Compartilha* superou as suas expectativas.

No último subcapítulo apresentamos uma análise comparativa entre os resultados obtidos com o *Compartilha* e uma outra comunidade de apoio às NE, de natureza presencial, representada por um grupo de familiares e amigos das pessoas com NE, unidos pela associação Pais em Rede - Núcleo de Aveiro. O objetivo desta comparação foi verificar os pontos convergentes e divergentes entre ambas as comunidades.

Por fim, nas Considerações Finais, são elaboradas as conclusões do presente estudo, que nos permitem dar resposta à questão de investigação, bem como apresentar algumas sugestões para investigações posteriores e identificar as limitações do estudo.

Capítulo 1 - Enquadramento Teórico

1.1 Inclusão de crianças e jovens com NE: papel dos recursos/meios digitais

1.1.1 Necessidades especiais

O termo "necessidades educativas especiais" (NEE) remete para um conceito lato que abrange muitos tipos de dificuldades de aprendizagem e significados, podendo significar coisas diferentes para pessoas diferentes em lugares diferentes (Florian & Hegarty, 2004). Esta expressão foi proposta pela primeira vez no Warnock Report, em 1978, pedido pelo governo inglês com o objetivo de reavaliar o atendimento que estava então a ser dispensado aos alunos com deficiência em Inglaterra. Este relatório sugere que sejam considerados outros critérios, para além dos médicos, na classificação dos alunos com deficiência, nomeadamente critérios de natureza pedagógica:

“(...) adotamos então o conceito de necessidade educativa especial tomado, não no sentido de uma incapacidade específica que se pode atribuir à criança mas ligado a tudo o que lhe diz respeito; às suas capacidades como às suas incapacidades, a todos os fatores que determinam o seu progresso no plano educativo” (Warnock Report, 1978, p.37).

As conceções desenvolvidas neste documento foram mais tarde explanadas na “Conferência Mundial sobre NEE: acesso e qualidade”, realizada em Salamanca, Espanha, em 1994. As conclusões emergentes da conferência foram compiladas num documento - a Declaração de Salamanca e Enquadramento da Ação (UNESCO, 1994) -, que ainda hoje norteia as principais medidas no atendimento às pessoas com NEE nas escolas em grande parte do mundo: na defesa do direito de todos os alunos a uma educação na escola regular, passando esta a abranger todas as crianças e jovens cujas necessidades envolvam deficiência ou problemas de aprendizagem determinados por um motivo permanente ou temporário. De acordo com esta declaração, a expressão "necessidades educativas especiais" (NEE) refere-se a “todas as crianças e jovens cujas carências se relacionam com deficiências ou dificuldades escolares. Muitas crianças apresentam dificuldades escolares e, conseqüentemente, têm NEE, em determinado momento da sua escolaridade (p.6)”, podendo, contudo, uma vez resolvidos os motivos que lhes subjazem, deixar de as experienciar.

A Declaração de Salamanca (1994) coloca uma série de diferentes desafios aos sistemas escolares, pressupondo o desenvolvimento de uma pedagogia centrada na criança e capaz de educar todas as crianças com sucesso, incluindo aquelas

que sofram desvantagens severas promovendo a criação de comunidades acolhedoras e promotoras de uma sociedade inclusiva.

De acordo com um relatório recente da UNICEF (2015), estima-se que existam globalmente mais de 150 milhões de pessoas com NEE abaixo da idade de 18 anos. Estas crianças vivenciam diferentes formas de exclusão e podem ser prejudicadas ao nível da saúde, da educação e dos serviços sociais, bem como limitadas na sua participação na família, na comunidade e na sociedade. Este isolamento pode ter efeitos duradouros sobre futuras oportunidades de emprego e participação na vida cívica.

Neste contexto, o conceito de inclusão emergiu como uma abordagem mais equitativa para satisfazer as necessidades de todas as crianças/jovens e promovendo a evolução das práticas de educação especial para práticas de educação inclusiva (Florian & Hegarty, 2004). Na perspetiva de Booth e Ainscow (2002), a inclusão é “um processo contínuo de desenvolvimento da aprendizagem e da participação de todos os alunos” (p.7) na sociedade, sendo que, para os autores, a inclusão inicia-se com o reconhecimento das diferenças entre os alunos e o desenvolvimento de abordagens inclusivas do ensino e da aprendizagem que têm como ponto de partida estas diferenças.

Em Portugal existiam, no ano letivo 2014/2015, mais de 75 mil crianças que beneficiavam de medidas educativas especiais ao abrigo do Decreto-Lei n.º 3/2008, de acordo com os dados estatísticos relativos aos alunos com NEE disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC).

Segundos estes dados, a esmagadora maioria das crianças encontrava-se no Ensino Básico (83%) e as restantes no Ensino Secundário (12%) e Educação Pré-Escolar (5%). A distribuição é aproximada entre a região Norte (27,7%), Centro (27,1%) e Sul (31.1%), enquanto o Alentejo (9.1%) e o Algarve (4,8%) apresentavam um menor número de alunos inseridos diagnosticados com NEE.

De entre as medidas educativas especiais contempladas no Decreto-Lei n.º 3/2008, o Apoio Pedagógico Personalizado (Artigo 17.º) e as Adequações no Processo de Avaliação (Artigo 20.º), eram aquelas de que a maioria das crianças estava a beneficiar. Das 75.193 crianças com NEE, apenas 18,38% (13.827) se encontrava abrangida pelo Currículo Específico Individual (Artigo 21.º), que é a medida mais restritiva e aplicável apenas aos casos em que existe a necessidade de alterações significativas no currículo comum, podendo as mesmas traduzir-se na introdução, substituição e/ou eliminação de objetivos e conteúdos, em função do nível de funcionalidade da criança ou do jovem.

1.1.2 As TIC no contexto da Educação Especial

Os recursos tecnológicos são um dos elementos-chave para fazer avançar a inclusão de crianças/jovens com deficiência. Serviços de apoio e recursos tecnológicos podem contribuir para a equidade nas oportunidades de aprendizagem e acesso ao currículo, permitindo que as crianças com NE tomem o seu lugar na sociedade, contribuindo para a sua integração na família e na comunidade (UNICEF, 2015).

De acordo com Barbas e Bica (2013), os recentes desenvolvimentos tecnológicos vieram proporcionar um mundo de possibilidades educacionais aos alunos do ensino regular e do ensino especial, constituindo “um verdadeiro auxílio para a aquisição de competências nas mais variadas áreas e uma ajuda àqueles que têm incapacidades motoras, emocionais, cognitivas e sensoriais” (p. 7-8). Desta forma, a tecnologia pode servir pessoas com deficiência, como uma prótese pode ajudar a superar ou compensar diferenças físicas (Florian & Hegarty, 2004).

O relatório da UNESCO (2014) “Abrindo Novos Caminhos para o Empoderamento: TIC no Acesso à Informação e ao Conhecimento para as Pessoas com Deficiência” define que o conceito “Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)” é abrangente e inclui qualquer dispositivo de informação e comunicação ou aplicação e o seu conteúdo. Tal definição abrange uma ampla gama de tecnologias de acesso, tais como rádio, televisão, satélites, telemóveis, linhas fixas, computadores, hardware de rede e software. A importância das TIC, segundo este relatório, reside no respetivo potencial para abrir uma ampla gama de serviços, transformar os serviços existentes e criar uma maior demanda do acesso à informação e conhecimento, particularmente em populações carentes e excluídas, como as pessoas com deficiência.

No mundo de hoje a tecnologia está omnipresente em todos os sectores de atividades e em todos os países, beneficiando a educação inclusiva e promovendo a inclusão social, política e económica. O referido relatório da UNESCO (2014) defende que ninguém deve ser excluído do uso de telemóveis, televisores, computadores e Internet, bem como, de uma vasta gama de aplicações e serviços que apoiam a educação, a saúde, a vida política e as atividades culturais, entre outras. Estar excluído desses aplicativos baseados nas TIC implica estar *desligado*, não só da sociedade da informação, mas também do acesso aos serviços públicos essenciais, bem como da oportunidade de viver uma vida independente.

São evidenciadas (Amante, 2007; Peralta e Costa, 2007; Rêgo, 2010; Ribeiro, Antunes, 2012; Ribeiro, 2012) inúmeras vantagens que o uso das tecnologias pode trazer no que diz respeito ao processo de ensino/reabilitação de crianças/jovens com necessidades especiais, nomeadamente:

- Despertar em crianças com NE o interesse e a motivação pela descoberta do conhecimento;
- Levar o mundo para dentro da sala de aula, alargando os horizontes;
- Promover o “aprender fazendo”;
- Melhorar capacidades intelectuais de forma criativa e com mais eficácia;
- Garantir vários ritmos de aprendizagem na mesma turma;
- Motivar o aluno a aprender continuamente, utilizando um meio com que ele se identifique;
- Estabelecer uma ponte entre a comunidade e a sala de aula, proporcionando ao aluno os conhecimentos tecnológicos necessários para ocupar o seu lugar no mundo do trabalho.

Independentemente destas múltiplas vantagens, importa assegurar que as soluções tecnológicas desenvolvidas para crianças/jovens com necessidades especiais trabalhem no contexto das suas interações diárias, envolvendo todas as pessoas importantes nas suas vidas.

Deste modo, os recursos tecnológicos podem ajudar a superar não apenas necessidades educativas, mas também outras necessidades específicas de outros domínios que não apenas o educativo. Com efeito, o processo de inclusão de qualquer criança ou jovem implica a observação das suas diferentes dimensões, pelo que a pessoa deve ser considerada na sua globalidade. Foi neste sentido que optámos, no nosso trabalho, por utilizar o termo “necessidades especiais” (NE), que não restringe o leque das necessidades das pessoas com deficiência apenas ao campo educativo.

1.1.3 As TIC no apoio às Necessidades Especiais: contexto português

Em Portugal o sistema educativo regular prevê um conjunto de medidas de adequação do processo de ensino e aprendizagem que inclui os produtos de apoio. Estas medidas visam promover a inclusão de crianças/jovens com NE, bem como a sua autonomia e participação em contexto familiar, escolar e comunitário, e ainda reforçar o potencial para poderem desenvolver capacidades, superar e/ou compensar barreiras que a deficiência coloca.

O processo de inclusão em curso está regulado pelo Decreto Lei nº3/2008, de 7 de janeiro (DL 3/2008), que visa a criação de condições para a adequação do processo educativo às NEE dos alunos com deficiências ou incapacidades. Este processo define como objetivos da Educação Especial (EE), a inclusão educativa e social, o acesso à educação e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, bem como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou uma adequada preparação para a vida profissional. O DL 3/2008 define, ainda, um conjunto de apoios educativos que incorporam uma rede nacional de Centros de Recursos TIC para a Educação Especial (CRTIC). A rede dos CRTIC é atualmente composta por 25 centros, que têm como missão principal avaliar as necessidades de tecnologias de apoio por parte dos alunos com NEE, de carácter permanente.

Cada CRTIC conta com pequenas equipas de docentes da EE que os dinamizam, com um espaço próprio sediado nos agrupamentos de escolas, e está “apetrechado com tecnologias de apoio e outros materiais didáticos, tais como computadores e periféricos específicos (máquina/linha/impressora Braille, lupas, comutadores, manípulos), digitalizadores de fala, software para comunicação aumentativa e alternativa, sintetizadores de fala, leitores de ecrã, material em relevo para cegos, entre outros” (Brandão, 2011).

Mais um passo importante no processo de apoio a pessoas com NEE foi a aprovação da Portaria n.º 78/2015 de 17 de março, que definiu os procedimentos do funcionamento do Sistema de Atribuição de Produtos de Apoio (SAPA) e visa assegurar a atribuição de produtos de apoio às pessoas com deficiências e com incapacidades, de natureza permanente ou temporária, “realizando uma política global, integrada e transversal, de forma a compensar e a atenuar as suas limitações na atividade e restrições na participação” (Portaria n.º 78/2015, p.1619).

Pese embora este cenário, destacamos a importância e ainda atualidade das palavras de Ribeiro (2012), que ressalva: “a tecnologia não é o remédio que cura todas as maleitas, é apenas uma opção no arsenal de estratégias de que um professor competente dispõe” (p.421). Este autor refere que, a nível nacional, se evidencia que a utilização das TIC na educação de alunos com NEE é “uma área com muito terreno ainda por desbravar no que diz respeito ao potencial das TIC para derrubar barreiras, como instrumento pedagógico e/ou tecnologia de apoio (TA) individual destes alunos” (Ribeiro, 2011, p.25). Efetivamente, a utilização eficaz das TIC depende não só de fatores de origem pessoal, como a motivação e a postura na utilização do computador no processo de ensino e aprendizagem, mas também e essencialmente, dos conhecimentos e competências dos professores sobre os modos de integração e exploração das TIC em contextos educativos (Costa & Viseu, 2008).

Vários estudos recentes realizados em Portugal evidenciam a insuficiência de formação em TIC aplicada à educação especial, no caso dos Docentes de Educação Especial, Docentes de Ensino Regular, Docentes de Apoios Educativos e, ainda, dos próprios Coordenadores TIC (Almeida e Moreira, 2010; Antunes, 2012; Peralta e Costa, 2007; Rêgo, 2010; Ribeiro, 2012).

Amante (2007) concorda que “uma das principais razões apontadas para a resistência à integração das TIC na escola prende-se com a inadequada ou limitada preparação dos educadores/professores para a sua utilização” (p.116). De acordo com este autor, a formação dos docentes é essencial num processo que vise a adequada integração das tecnologias em contexto educativo. A carência de formação na área das TIC é ainda mais evidente quando é aplicada à EE, uma vez que impossibilita a exploração do potencial das tecnologias e a prestação de devido apoio aos alunos com NE (Amante, 2007). Ribeiro, Almeida e Moreira (2010) acreditam que “a presença de recursos tecnologicamente avançados de nada serve sem a implementação e gestão por profissionais competentes” (p.94). Portanto, a formação em TIC assume uma crucial importância para um pleno aproveitamento do potencial que estas ferramentas podem oferecer a alunos com e sem NE.

Como refere o estudo internacional “Competência e confiança dos professores no uso das TIC”, de Peralta e Costa (2007), apesar da carência de formação que ainda se manifesta na área das TIC, a maioria dos professores atribui grande importância à formação nesta área, como modo de desenvolver uma atitude positiva e reforçar a sua confiança no uso das TIC em contexto escolar. Os autores salientam que, de um modo geral, não há muitos professores competentes no uso das TIC na educação; mesmo os recém-formados não foram adequadamente preparados para o uso das novas tecnologias, pelo que se torna necessário investir na sua reeducação.

Os resultados de uma pesquisa desenvolvida por Rêgo (2010), revelaram que os 113 docentes de EE da amostra utilizavam o computador com muita frequência para realizar múltiplas tarefas da sua vida pessoal e profissional; contudo, verifica-se uma utilização muito reduzida de equipamentos periféricos (hardware) e de softwares de educação especial. O autor relaciona este facto com a falta de formação em TIC aplicada à educação especial, uma vez que 49,6% dos docentes declararam possuir “nenhuma” formação, enquanto 28,3% se situaram em “pouca” formação.

Ribeiro, Almeida e Moreira realizaram, em 2010, um estudo piloto junto dos Coordenadores TIC acerca da utilização das TIC na Educação de alunos com NEE. Os resultados desta investigação demonstraram que os participantes (13 Coordenadores TIC) apresentavam uma postura muito positiva relativamente à utilização das TIC com alunos com NEE. Contudo, verificou-se que o uso e a formação na utilização das TIC, na educação de alunos com NEE, ainda não

constitui uma prioridade nas funções destes profissionais. Os autores concluíram que “nem sempre são realizadas as diligências necessárias para assegurar a utilização das TIC pelos alunos com NEE, quer seja pela requisição/aquisição das tecnologias, quer seja pelo levantamento e dinamização de formação na área. Os inquiridos parecem revelar lacunas, essencialmente a nível da consciencialização para a problemática, reduzindo a sua pro-atividade” (Ribeiro, Almeida, & Moreira, 2010, p.118).

O estudo de Antunes (2012) confirma que as principais dificuldades reveladas pelos professores, no uso das TIC, se relacionam essencialmente com a fraca formação nesta área. O autor constatou que a maioria dos professores em estudo dominava as TIC na ótica do utilizador; contudo, afirmavam ter grandes dificuldades no manuseamento de certas ferramentas. Em relação ao software adequado para utilizar com alunos com NEE, “esta assimetria é ainda maior, constatando-se que algumas professoras apenas contactaram com este tipo de programas em pós-graduações, nas quais, normalmente, o tempo despendido é insuficiente” (p.92). Os docentes em estudo sublinharam que careciam de formação na área das TIC e de programas de apoio específico à aprendizagem dos alunos com NEE, particularmente, software como BoardMaker⁵, Grid 2⁶, JClic⁷, InVento⁸ e Aventuras⁹. Saliente-se que este estudo reporta que os docentes recorrem frequentemente à ajuda de colegas e/ou amigos com formação em TIC, quando sentem dificuldades na preparação de algum recurso.

O levantamento nacional realizado por Ribeiro (2012) visou identificar as competências em TIC e as necessidades de formação nesta área, dos docentes de EE, docentes de Apoios Educativos e coordenadores TIC que apoiam alunos com NEE. O estudo constatou que os inquiridos revelavam interesse na utilização das TIC na Educação, frequentaram em grande número formação em TIC e indicaram possuir competências tendencialmente elevadas no uso das TIC. No entanto, e como refere o autor, os dados obtidos com um curso de formação realizado no contexto do estudo, assim como a experiência do investigador enquanto formador na área do Plano Tecnológico para a Educação, contrariam essa informação. “Constata-se a existência de graves insuficiências em competências básicas, porém não comprovadas nos resultados obtidos, sendo portanto necessário um estudo de forma a que a recolha de dados se coadune com outras competências básicas declaradas” (p. 422).

⁵ <http://www.mayer-johnson.com/boardmaker-software>

⁶ http://www.anditec.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=82:faq-grid-2&catid=2:sem-categoria

⁷ <http://jclic.br.uptodown.com/windows>

⁸ http://www.anditec.pt/index.php?option=com_virtuemart&view=productdetails&virtuemart_product_id=195&virtuemart_category_id=43

⁹ <http://www.imagina.pt/produtos/software/aventuras-2/>

Relativamente ao software educativo específico para NE, a maioria dos docentes inquiridos no estudo de Ribeiro (2012) indicaram não utilizar nenhum do software indicado: software de criação de atividades educativas (ex.: Invento¹⁰), software de produção de símbolos de comunicação (ex.: Boardmaker¹¹, Escrita com Símbolos¹²), jogos didáticos específicos, software de causa-efeito, estimulação multissensorial, livros digitais/eletrónicos, manuais/Livros falados/áudio-livros e videogramas. Os docentes indicaram ainda que têm conhecimentos “muito reduzidos” destas ferramentas e uma necessidade de formação “muito elevada”.

Situação semelhante se verifica no caso das Produtos de Apoio: a maioria dos inquiridos aponta que não usa nenhuma das Tecnologias de Apoio indicadas no questionário, tais como acessibilidade ao computador, Sistemas Integrados de Comunicação Aumentativa, software de aumento de ecrã, processadores de texto com síntese de voz, acessibilidade do sistema operativo, teclados de conceitos, programa de leitura de ecrã, jogos adaptados. Além disso, os inquiridos relevaram também que tinham um nível de conhecimento destas ferramentas “nulo” e necessidade de formação “muito elevada”.

Como refere Ribeiro (2012), “a incidência de maior necessidade de formação em recursos específicos para as NEE encontra-se também relacionada com os baixos índices de utilização e com baixos níveis de conhecimento, frequentemente mencionado como “Nulo” com maior especificidade de recursos pedagógicos e de promoção do acesso digital” (p.294). Os inquiridos deste estudo indicaram ainda a importância da cooperação e partilha entre profissionais de EE e mencionaram a carência de uma plataforma de recurso sistemático para aconselhamento pedagógico na utilização das TIC com os alunos com NEE, aspetos que norteiam claramente o estudo apresentado no contexto desta tese.

Já em 2008, Domingues mencionava que seria possível ultrapassar estas barreiras na implementação das TIC nas NEE, realizando uma política que:

- Promovesse uma formação básica e específica dos professores em TIC;
- Disponibilizasse, para todos os alunos, uma infraestrutura adequada de hardware e software;

¹⁰http://www.anditec.pt/index.php?option=com_virtuemart&view=productdetails&virtuemart_product_id=195&virtuemart_category_id=43

¹¹ <http://www.mayer-johnson.com/boardmaker-software>

¹²http://www.anditec.pt/index.php?option=com_virtuemart&view=productdetails&virtuemart_product_id=197&virtuemart_category_id=43

- Promovesse a investigação, a inovação e a troca de experiências e informação;
- Consciencializasse a comunidade educativa e a sociedade para os benefícios das TIC nas NE;
- Promovesse o desenvolvimento dos recursos relacionados com as TIC de boa qualidade para qualquer aluno, mas com especial atenção para alunos com NEE.

Em modo de conclusão, podemos constatar que a utilização das TIC está profundamente enraizada na sociedade portuguesa e se tornou um elemento crucial do progresso social e inclusivo. No entanto, mesmo neste cenário positivo atual, há ainda grandes desafios que precisam de ser resolvidos para que as pessoas com NE possam beneficiar plenamente da sua utilização.

1.2 Contextos de vida e atores implicados no apoio a crianças e jovens com NE

O desenvolvimento humano é um processo contínuo de mudanças e estabilizações, sendo que os contextos ambientais, de forma articulada com os atributos pessoais, dimensões de tempo e o processo de interação e reciprocidade entre o indivíduo e o meio ambiente, são núcleos que interagem, promovendo e suportando a emergência de um novo comportamento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

De acordo com Bronfenbrenner (1974), as experiências do indivíduo são perspectivadas como subsistemas dentro dum *Sistema Ecológico*: (1) o microssistema (cenários onde ocorre o desenvolvimento da criança, no contexto de relações face-a-face com os seus prestadores de cuidados, pares, etc.); (2) o mesossistema (relações entre os elementos do microssistema em que a criança experiencia a realidade); (3) o exossistema (ambientes que têm influência no desenvolvimento da criança, mas nos quais esta não detém um papel direto); e (4) o macrossistema (padrões mais amplos, correspondendo à ideologia da demografia e das instituições de uma determinada cultura ou subcultura da sociedade de pertença da criança e sua família).

Nesta perspetiva ecológica, o funcionamento de um ambiente como um contexto eficaz de desenvolvimento, depende da existência e da natureza das relações entre estes ambientes, especificamente a participação, a comunicação e a existência de informações em cada um dos ambientes sobre o outro. A família é vista como um sistema dinâmico dentro de uma estrutura ecológica de sistemas gradualmente mais amplos (Bronfenbrenner, 1994). Deste modo, a intervenção só será eficaz se

for atingida uma conformidade entre o meio eco cultural e o contexto próprio da família.

Na perspectiva inclusiva, é fundamental a colaboração entre a família e a equipa de profissionais envolvidos na educação/reabilitação da criança/jovem, sendo a responsabilidade do processo educativo partilhada por todos os elementos que a constituem. Deste modo, no processo de desenvolvimento global e inclusão social de uma criança/jovem com NE destacam-se três principais contextos: o familiar, o escolar e o clínico.

1.2.1 Contexto familiar

A família possui um papel fundamental na formação da personalidade da criança e é reconhecida como o principal promotor do desenvolvimento humano e base da sua estrutura social. É no contexto da família que a criança faz as primeiras aquisições e a aprendizagem dos diversos papéis. Toledo e González (2007) acrescentam que a família consiste num espaço para se crescer como pessoa, num âmbito de educação natural, que inclui as oportunidades do desenvolvimento pessoal de todos os seus membros. Segundo estes autores, a não consideração da família na análise dos processos educativos gera uma comunidade educativa incompleta, uma vez que os responsáveis pelas funções educativas formais carecem de uma ajuda constante. No caso das famílias da criança com NE, a função desta ajuda é indiscutível, uma vez que a presença da criança na família requer "(...) um trabalho de fortalecimento e flexibilização da dinâmica familiar para a promoção do desenvolvimento global e inclusão social desse filho" (Glat, 2004, p.1).

Para as crianças/jovens com NE, cujos horizontes sócio afetivos tendem a ser mais reservados, a família representa a primeira e mais importante instituição social. É com os membros de sua família que estas crianças mantêm as relações pessoais mais próximas e importantes, em muitos casos as únicas (Portela & Almeida, 2009). Nesse caso, sem o envolvimento da família, a intervenção pode ser mal sucedida e os poucos efeitos que se alcançarem podem desaparecer logo que a intervenção termine.

A família de uma criança que manifeste uma determinada problemática enfrenta inúmeros desafios e situações difíceis com que os outros pais nunca se depararão. Evidencia-se que, com o nascimento de uma criança com NE, a família vivencia um ciclo emocional caracterizado por diferentes fases: (a) o choque – que ocorre ao receber a notícia de que a criança tem uma deficiência; (b) a negação – em que muitas famílias, após passado um tempo de terem recebido a notícia, ignoram o problema ou questionam a veracidade do diagnóstico; (c) a reação – em que a família vive uma série de sentimentos (como irritação, culpa e depressão), os quais deve expressar, pois esta fase faz parte dos primeiros passos de aceitação, (d) a

adaptação – em que os pais se sentem mais calmos, têm uma visão mais prática e realista da situação e procuram organizar-se e orientar-se para poderem ajudar os filhos, e restabelecer o equilíbrio intrafamiliar (Paniagua, 2004).

Além disso, “a família é, frequentemente, o único elemento que, ano após ano, continua o trabalho com a criança. Assim, quando esta está envolvida é mais fácil manter a consciência das estratégias a implementar e dar alguma continuidade ao trabalho desenvolvido” (Nunes, 2001, p. 27).

Nestas circunstâncias, as relações familiares tanto se podem fortalecer como se podem desintegrar. Enquanto alguns pais são capazes de proceder à necessária adaptação, revelando-se consideravelmente realistas, outros encontram-se menos preparados para aceitar o desafio que uma criança com NE representa para a família.

Considerando de máxima importância providenciar às famílias os apoios que eles necessitam, Dunst e colaboradores (1988) introduziram os conceitos de “*empowerment*” e “*enabling*”.

O conceito de “*enabling*”- subentende a criação de oportunidades para que as famílias possam adequar as suas capacidades e competências (e adquirir outras) necessárias para atender às necessidades do seu filho e reforçar o funcionamento familiar. Deste modo, capacitar é criar as oportunidades para que os familiares possam adquirir competências que reforcem o funcionamento da família.

O conceito de “*empowerment*” (Dunst et al., 1998) pressupõe a implementação de intervenções de forma que os membros da família mantenham ou adquiram um sentimento de controlo sobre os aspetos importantes da vida familiar, como resultado do seu próprio esforço para alcançar os seus objetivos. Neste sentido, o *empowerment* consiste num processo em que a família se torna mais competente e mais capaz de mobilizar os recursos que possam influenciar positivamente o funcionamento da criança e dos pais, e a capacidade da família para satisfazer as suas necessidades, promovendo assim o sentido de controlo em aspetos importantes do funcionamento familiar.

Deste modo, o papel dos profissionais junto dos pais consiste em ajudar a pensar, planificar, criar e maximizar oportunidades de aprendizagem da criança nas rotinas em diferentes contextos naturais (Carvalho et al, 2016).

De acordo com o modelo proposto por Dunst (1996), é papel dos profissionais: i) interagir com as famílias com dignidade e respeito; ii) dispor de informações necessárias para que as famílias possam tomar decisões e realizar escolhas; iii) desenvolver possibilidades que reforcem a aquisição de novas competências e o funcionamento das famílias; e iv) fornecer apoios que sejam culturalmente

sensíveis e socialmente relevantes. Portanto, de acordo com este autor, o principal objetivo dos profissionais é fortalecer as competências e recursos da família, ajudando-a a ultrapassar as dificuldades encontradas no processo de educação da sua criança com necessidades especiais.

A abordagem centrada na família prescreve ainda mudanças no modo de intervenção junto da própria criança. Com o objetivo de alcançar a máxima eficácia, os pais e profissionais utilizam procedimentos de avaliação específicos no contexto dos ambientes, atividades e rotinas que fazem parte do dia-a-dia da criança, para adequar as suas práticas às respetivas necessidades específicas (Wollery, 2000). Saliente-se que o objetivo da abordagem centrada na família não é o de perturbar ainda mais as rotinas familiares com tarefas descontextualizadas dessas dinâmicas, mas, antes, ajudar as famílias a atingirem o equilíbrio que desejam (McWilliam, 2003), incorporando as propostas de intervenção destinadas a promover o desenvolvimento da criança, nas rotinas próprias da família, que garantam a cada membro o seu espaço, e o conforto psicológico individual e coletivo, essencial ao equilíbrio intrafamiliar.

1.2.2 Contexto educativo

De acordo com Nielsen (1999), um bom contexto educativo é essencial para que a experiência educativa tenha sucesso e seja gratificante para todos os alunos, incluindo os que têm NE. A criação deste contexto depende de vários fatores, de entre os quais uma atitude positiva dos professores relativamente ao processo de inclusão de alunos com NE. Cabe ao professor transmitir sentimentos positivos e revelar atenção e afeto para que o aluno se sinta bem acolhido. Da atitude manifestada pelo professor depende ainda a atitude da turma face ao aluno com NE, pois os alunos têm tendência a adotar o modelo que, no caso da escola, é o professor. O professor deverá aceitar o aluno com NE de forma positiva para que este seja também aceite pelos colegas.

Além disso, o professor, enquanto agente ativo, constitui o elo de ligação entre os vários elementos da comunidade educativa, concretizando a tarefa de aplicar as práticas e de mediar o relacionamento escola – família, Ensino Regular e Educação Especial. Deste modo, é importante gerir não só o tempo, os conteúdos e as metodologias, mas também a diversidade humana que tem perante si.

Contudo, o sucesso dessa gestão, de acordo com O'Donoghue e Chalmers (2000), depende da implementação de amplas mudanças nas práticas pedagógicas, que permitem gerir a diversidade, respeitando e potenciando a diferença na aprendizagem.

Ainscow (1997) considera que a criação de escolas inclusivas implica desenvolver nos diferentes profissionais uma nova maneira de olhar a diferença. Deste modo, a

criação de um contexto educativo inclusivo exige mudanças individuais, pessoais, sociais e culturais que implicam não só olhar o aluno, o indivíduo que ele é, mas situar a sua Pessoa nos diversos contextos onde decorre a sua vida, e não apenas no contexto escolar (Cortesão, 2000). Como menciona Silva (2009), este processo implica mudanças ao nível das atitudes e das práticas pedagógicas de todos os intervenientes no processo educativo, da organização e da gestão da sala de aula e da própria escola enquanto instituição. Neste sentido, é imprescindível que todos os intervenientes no processo educativo reúnam esforços, procurando as melhores condições, de modo a dar resposta às necessidades específicas destes alunos para lhes proporcionar um excelente desenvolvimento global.

Desde modo, entre as principais vantagens evidentes da filosofia inclusiva, Correia e Serrano (2000) mencionam a convergência que envolve não só os professores do Ensino Regular e da Educação Especial, mas também os pais, a direção escolar e outros agentes/recursos comunitários que têm necessariamente de se articular para que os alunos possam atingir níveis satisfatórios de sucesso educativo. Portanto, a criação de um contexto educacional inclusivo requer a participação ativa, o trabalho colaborativo e a procura conjunta de respostas adequadas, que permitam um maior acompanhamento e uma maior monitorização dos progressos dos alunos e facilitem a comunicação entre os agentes educativos e aumentem os níveis de eficiência e competência (Salend, 1998).

Nesta perspetiva inclusiva, as escolas de ensino regular constituem os meios capazes de combater a discriminação, construindo comunidades abertas e solidárias, que proporcionam uma educação adequada a todas as crianças. Para tal, é fundamental a colaboração entre a família e a equipa de profissionais envolvidos na educação da criança, sendo a responsabilidade do processo educativo partilhada por todos os elementos que a constituem.

1.2.3 Contexto clínico

O contexto clínico desempenha também um papel crucial no desenvolvimento de uma criança com algum tipo de deficiência ou incapacidade. Desde muito cedo, as crianças com NE e as suas famílias entram em contato com diversos profissionais da saúde que, por sua vez, de acordo com o tipo de deficiência, oferecem orientações quanto aos cuidados necessários.

Normalmente, cabe aos médicos o papel de transmitir o primeiro diagnóstico e orientar a família quanto ao encaminhamento e desenvolvimento de crianças com deficiência. A forma como esse diagnóstico é dado pode ter enorme influência no reequilíbrio da família e nas suas atitudes em relação ao filho com NE.

De acordo com Goitein e Cia (2011), o processo de adaptação da família e a procura de tratamentos diferenciados para os filhos com NE podem ser morosos,

porque, muitas vezes, o diagnóstico da criança é transmitido de uma forma errada. Vários estudos evidenciam que os profissionais de saúde não estão preparados para transmitir o diagnóstico à família, nem para a orientar e informar a respeito das condições da criança (Hoher & Wagner, 2006; Mendes, Nunes, & Ferreira, 2002).

Marchesi (2004) menciona que, devido a esse facto, não se desenvolve uma relação de confiança entre a família e o médico, o que dificulta a criação de condições favoráveis à aprendizagem e desenvolvimento da criança, incluindo o envolvimento em serviços de Intervenção Precoce, que, de acordo com Fiamenghi e Messa (2007), é uma variável fundamental na adaptação da família à situação do nascimento da criança com deficiência.

Os trabalhos de Sameroff e Chandler (1975) e de Sameroff, concretizados no modelo transacional do desenvolvimento (1983) e, mais recentemente, no modelo biopsicossocial do indivíduo (2010), propõem uma perspectiva abrangente e inovadora sobre o modo como as principais variáveis e atores interagem de modo relevante no processo de desenvolvimento. Assim, na análise e promoção dos resultados desenvolvimentais da criança, assumem-se: a reciprocidade dinâmica e contínua entre os efeitos do meio sobre a criança e da criança sobre o meio; a interação entre os diferentes processos biológicos do indivíduo, e deles com os processos psicológicos; a interação deste “sistema de autorregulação individual com os outros sistemas reguladores, que correspondem aos contextos da ecologia social da pessoa, nomeadamente, a família, os contextos educativos, a vizinhança, a comunidade e as questões geopolíticas, que se influenciam mutuamente (...)” (Sameroff, 2010, citado por Carvalho et al., 2016).

É, pois, imperativo compreender as interdependências entre as características individuais da criança e as dos seus ambientes de aprendizagem, com relevo para as relações presentes nos seus contextos naturais de vida, envolvendo-a a si, direta ou indiretamente, e aos seus prestadores de cuidados (Carvalho et al., 2016). Neste enquadramento, as relações de colaboração entre os adultos / prestadores de cuidados, são uma coadjuvante fundamental para a aprendizagem e as mudanças desenvolvimentais que a criança vai, gradualmente, conquistando.

Nesta ordem de ideias, quando uma criança é sinalizada no contexto educativo como apresentando indicadores para avaliação da existência de necessidades especiais, a colaboração entre o contexto educativo e o clínico é imprescindível.

Dependendo do motivo da sinalização, estes alunos são frequentemente encaminhados para os respetivos profissionais de saúde, para colaborarem na avaliação especializada. Também dependendo do resultado e diagnóstico resultantes da avaliação, são posteriormente remetidas para o respetivo acompanhamento especializado, são recomendadas medidas de Ensino Especial a implementar em contexto escolar, e é elaborado um plano de intervenção

educativa, estabelecendo a frequência das sessões de acompanhamento (Dias, 2014).

No contexto deste reforço da importância da facilitação da comunicação e do trabalho colaborativo dos profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE, importa referir a Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF) que, entre outras finalidades, permitiu criar uma linguagem uniforme e acessível e enfatizar a importância da interação entre a criança e o meio, tendo em conta o seu bem-estar biopsicossocial (Vale, 2009).

O sistema de classificação universal CIF, que foi aprovado pela OMS em 2001, constitui um referencial internacional que proporciona um quadro conceptual de referência e uma linguagem unificada de descrição e medição da saúde e da incapacidade de um indivíduo.

A introdução da CIF originou uma mudança de paradigma, passando-se de um modelo médico para um modelo biopsicossocial, que tem em consideração diferentes aspetos da funcionalidade humana, bem como o bem-estar da pessoa e a sua qualidade de vida.

A Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde para crianças e jovens (CIF-CJ) constitui uma versão adaptada a este público. A aplicação da CIF no processo de avaliação das crianças/jovens com NE possibilita uma linguagem unificada, bem como uma estrutura de trabalho comum, facilitando o trabalho da equipa transdisciplinar imprescindível para uma intervenção sistémica contingente com as necessidades deste público (Silva, 2007). Portanto, é fundamental que os profissionais de saúde e os profissionais de educação partilhem conhecimentos específicos de cada área profissional, sejam flexíveis, reflitam em conjunto e demonstrem abertura à utilização de novas metodologias e estratégias, conduzindo a resultados positivos nas crianças/jovens com NE.

Nesta perspetiva inclusiva, torna-se imprescindível a convergência de esforços e a estreita articulação entre os diferentes contextos no processo de desenvolvimento das crianças/jovens com NE, bem como o envolvimento de todos os agentes educativos e reabilitativos, numa articulação transversal, de forma a melhorar efetivamente as condições de vida das crianças/jovens com NE e a fomentar a sua participação em todos os domínios da vida.

1.3 Papel dos ambientes e comunidades *online* na inclusão

1.3.1 Processos de partilha e construção colaborativa do conhecimento

Numa perspetiva inclusiva, a construção colaborativa do conhecimento e a partilha entre profissionais e familiares ganham um papel imprescindível no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE. Vianna e Mantovani (2010) afirmam que é importante que os agentes educativos discutam, debatam, opinem, participem, criem e desenvolvam com essa finalidade a sua capacidade de reflexão. Contudo, como refere Costa (2011), “esta partilha de conhecimentos só ocorre quando houver uma mudança de mentalidades de todos os membros da equipa, sendo a formação a nível do trabalho de equipa, imprescindível” (p.60).

Neste sentido, os profissionais são desafiados a repensar os seus papéis tradicionais, confiando nas competências de cada um para assumir outros papéis, tornando-se capazes de promover a aquisição de competências mais relevantes para o currículo académico de cada aluno e de criar ambientes de aprendizagem inclusivos.

Prelock (1995) reforça que a libertação dos papéis, a partilha de conhecimento por parte de cada membro da equipa, não significa que determinada área profissional não seja necessária. Pelo contrário, as competências que os profissionais de saúde possuem para intervir junto das crianças/jovens com deficiência, devem servir para apoiar os professores a criar ambientes de aprendizagem bem-sucedida para todos os alunos. Por sua vez, os professores têm conhecimentos fundamentais na área do currículo e dos princípios da aprendizagem, podendo ajudar os terapeutas a dar oportunidades mais significativas para os alunos desenvolverem as suas competências académicas. Desta forma, de acordo com a autora, estes profissionais devem colaborar, partilhando a responsabilidade da tomada de decisão ao nível da avaliação, planeamento e intervenção, de forma a melhorar os resultados dos alunos (Prelock, 1995). Também os pais podem colaborar neste processo, com informações sobre o comportamento dos seus filhos fora do ambiente escolar.

Nas perspetivas contemporâneas, a contextualização das aprendizagens que ocorre nos projetos colaborativos constitui um aspeto fundamental, uma vez que a colaboração assenta nas interações sociais construídas através do suporte digital (Dias, 2004), o que tem conduzido ao uso indiscriminado dos termos *aprendizagem cooperativa* (cooperação) vs. *aprendizagem colaborativa* (colaboração). O estudo de Dillenbourg et al. (1996) propõe uma distinção entre os dois modelos de aprendizagem, sugerindo que na aprendizagem cooperativa o modelo de trabalho implementado se baseia na distribuição das tarefas pelos participantes/elementos da comunidade, enquanto a aprendizagem colaborativa supõe o empenhamento e

implicação mútuos, no sentido da resolução de um problema comum. Neste sentido, a colaboração é um conceito central, desde a identificação inicial do problema, até à avaliação e intervenção (Whitmire, 2002). A colaboração não é apenas um processo, mas uma interação entre os profissionais e familiares que trabalham para um objetivo comum (Prelock, 1995).

A colaboração e partilha proporcionada pelos atuais meios digitais abre, para estes agentes, novas possibilidades de construção do conhecimento e a tomada de consciência sobre a própria aprendizagem, bem como, outras possibilidades de repensar a sua prática educativa. Medeiros e Martins (2012) reforçam estas ideias, referindo que as competências para a aprendizagem são facilmente mediadas pelo uso das novas tecnologias e que estas facilitam também a criação de redes formais ou informais de partilha de saberes e não saberes entre diferentes agentes.

Os espaços *online* de aprendizagem e as suas ferramentas evidenciam ter um enorme potencial para o desenvolvimento das comunidades de aprendizagem, ocorrendo a construção do conhecimento através da interação social e da negociação (Attwell, 2012). Como menciona Levy (1998), as redes de aprendizagem colaborativa são um dos novos modos de movimento social que contribuem para a cidadania, uma vez que, em volta dos saberes e das aprendizagens existentes nestas redes, as comunidades de alunos têm a possibilidade de se identificarem, sem exclusão.

Com efeito, como refere Miranda-Pinto (2009), para que surja a construção colaborativa do conhecimento não é suficiente colocar um grupo de indivíduos a interagir. “São necessários alguns processos que promovam a interação, a criatividade, a abertura para dar e receber conhecimento e disponibilidade para participar em contextos distribuídos de aprendizagem” (Miranda-Pinto, 2009, p.164).

A construção de um ambiente de aprendizagem *online*, que potencie a formação de uma comunidade de aprendizagem e fomenta o envolvimento de todos nas atividades de partilha de experiências, na resolução de problemas e na aprendizagem colaborativa, constitui um grande desafio, já que implica a articulação entre os eixos da “colaboração”, “interação” e “ambiente *online*”, de modo que o objeto de aprendizagem seja uma produção resultante não só dos conteúdos disponibilizados na plataforma, mas também das atividades de exploração conduzidas através da interação e dos processos colaborativos (Dias, 2008). Desta forma, o ambiente deixará de ser um repositório de conteúdos para se transformar num meio para que os processos de interação e de colaboração possam favorecer o ensino e a aprendizagem.

O sucesso de um ambiente de aprendizagem *online* depende, também, da sua capacidade de se constituir como um sistema de aprendizagem social capaz de intervir noutros sistemas de aprendizagem de uma maior abrangência geográfica;

para tal, e como defende Wenger (2000) importa atender a três elementos principais: as comunidades de prática, os processos de fronteira e as identidades. Desta forma será possível promover a construção do conhecimento de um modo distribuído, com base na colaboração e partilha de conhecimentos. Clarke e Cooper (2000) também apoiam a ideia de gestão do conhecimento como uma atividade de colaboração num contexto social ou “contexto compartilhado”. Como destacam Alcará et al. (2009), “compartilhar não implica ceder a posse do conhecimento, e sim usufruir dele juntamente com os pares” (p. 172), permitindo, deste modo, transformar o conhecimento para que este esteja acessível ao outro. Nesta perspetiva, a importância máxima atribui-se à partilha de conhecimento, reconhecida como uma cultura de interação social em que são privilegiadas as trocas de conhecimento, experiências e competências (Lin, 2007).

O ambiente de aprendizagem *online* pode ser estruturado “com base em quatro pilares fundamentais, mas intimamente interligados: i) a fundamentação metodológica e psicológica; ii) as tecnologias informáticas de suporte; iii) o contexto humano criado e desenvolvido; iv) uma visão sistemática” (Meirinhos, 2010, p.226).

É importante ainda salientar que um ambiente de aprendizagem deve possuir uma interface simples, interativa, o mais transparente possível e capaz de funcionar em segundo plano, revelando os conteúdos, as mensagens e a interação entre os participantes (Miranda, 2005). De acordo com esta autora, a arquitetura do espaço de aprendizagem não determina as atividades de aprendizagem; contudo, não sendo adequada, poderá colocar em perigo a implementação de algumas atividades e ser um fator de desmotivação e inibição dos participantes.

Vários autores sugerem que, dentro de um ambiente de aprendizagem *online*, as relações humanas precisam de ser incentivadas, sendo necessário desenvolver um sentimento de pertença à comunidade de aprendizagem, e estratégias que auxiliem os participantes a integrarem-se e trabalharem juntos em torno de uma causa mútua (Muilenburg & Berge, 2003; Wissmann, 2005). Desta forma, ambiciona-se criar um ambiente de aprendizagem *online* amigável e social.

Nesse contexto, a principal função deste tipo de ambientes consiste na facilitação da interação entre participantes, criando-lhes a oportunidade de aprenderem uns com os outros através de debates, troca de ideias, partilha de experiências e conhecimentos (Duggleby, 2002). Para este fim, os ambientes de aprendizagem *online* agregam, na sua generalidade, vários serviços de comunicação e ferramentas de colaboração, que facilitam a partilha de conteúdos, bem como ferramentas de gestão que permitem gerir o acesso e o registo dos participantes (Morais & Cabrita, 2008).

Verifica-se que, em ambientes de aprendizagem, o problema das interações representa essencialmente uma dimensão de ordem pedagógica (Dillenbourg,

Schneider, & Synteta, 2003). O desafio consiste em tornar essas interações em algo construtivo para a aprendizagem. É neste contexto que em ambientes de aprendizagem *online* o fator humano assume um papel primordial: a comunicação, a interação, a participação, o envolvimento, o estabelecimento de objetivos, as dinâmicas e desafios gerados, a produção colaborativa, a identidade e a coesão, são fundamentais para criação e desenvolvimento de uma comunidade de aprendizagem (Meirinhos, 2010).

Evidencia-se que os ambientes de aprendizagem podem ser uma mais-valia no processo de formação dos profissionais para o uso das tecnologias no domínio das NE, oferecendo novos contextos que multiplicam as possibilidades de partilha, a cooperação e a troca de experiências (Nunes, 2012; Rodrigues, 2011). Os fluxos de interação, em constante movimento, tornam-se imprescindíveis, não apenas no processo da construção do conhecimento, mas também no processo de aproximação das famílias e dos profissionais de Educação e Saúde que apoiam as crianças/jovens com NE, através da criação das comunidades de prática.

1.3.2 Potencial no fortalecimento de comunidades de prática

Uma comunidade implica que um grupo de pessoas partilhe um determinado interesse, preocupação e motivação sobre um determinado assunto, interagindo de uma forma ativa para aprofundar o conhecimento nessa mesma área (Wenger, McDermott, & Snyder, 2002), constituindo-se como um espaço de partilha de objetivos, valores e normas, dotado de história e intencionalidade social de identidade e emoções (Dias, 2008).

Atualmente, as comunidades deixaram de estar circunscritas a locais específicos e passaram a assumir uma maior abrangência geográfica, nas quais os interesses comuns passaram a ser a razão principal para a sua constituição, em detrimento apenas de afinidades regionais/locais (Andrade, 2005).

Por esse motivo, no contexto atual, as comunidades mediadas pelas tecnologias são cada vez mais frequentes, porque a internet veio favorecer o espaço comunitário ao permitir a ligação entre várias redes. Porém, Wenger et al. (2002) advertem que não devemos centrar a conceção de uma Comunidade de prática *online* (CoP) na tecnologia. Por si só, a tecnologia não assegura o sucesso da comunidade, devendo o foco e energia centrar-se no contacto e no “desenvolvimento de capital social” (Wenger *et al.*, 2005).

Segundo a definição de Bellah et al. (1985), as comunidades geram-se em torno de pessoas socialmente interdependentes, que partilham práticas articuladas com tarefas, objetivos e paixões comuns, os quais acabam por definir a identidade do grupo, a que se alia um sentimento de pertença, baseado na crença de que

necessidades comuns serão satisfeitas através de compromissos mutuamente assumidos (Jorge, 2012).

Neste sentido, emerge o conceito de *comunidade de prática*, como estrutura de suporte à aprendizagem que decorre da vivência prática de cada sujeito colaborador. De acordo com Wenger (1998), as Comunidades de prática *online* (CoP) são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou paixão por algo que fazem e interagem regularmente para aprender como fazer melhor. Portanto, os praticantes partilham objetivos e desafios, interagem regularmente, aprendem uns com outros e ampliam aptidões para lidar com certos desafios e alcançar os seus objetivos (Kimble & Hildreth, 2004). A resolução de problemas comuns vai, desta forma, contribuir para uma produção de conhecimento que acontece de forma partilhada e colaborativa, tal como defendem Ardichvili et al. (2003).

Wenger (1998) refere que uma CoP assenta em três pilares: o empenho mútuo, o empreendimento conjunto e o repertório partilhado, ou seja, uma aprendizagem colaborativa resulta de uma prática coerente e de uma identidade da própria comunidade. Deste modo, as pessoas relacionam-se umas com as outras através do empenho mútuo em atividades compartilhadas, orientadas no sentido de um propósito comum. A construção do Repertório Partilhado é um dos fatores principais que aproximam os participantes, o que pressupõe um conjunto de ações, como dinâmicas, objetivos específicos e indivíduos com histórias de vida distintas, que decorrem no seio de uma comunidade e que se mantêm ao longo do tempo, permitindo-lhe ser reconhecida no meio de outras comunidades (Wenger, 1998).

Deste modo, uma comunidade assenta nas relações informais que facilitam a criação e partilha de conhecimento entre indivíduos, com o objetivo de, em conjunto, melhorarem o modo como executam as tarefas associadas à sua prática (Miranda-Pinto & Osório, 2009).

As potencialidades das TIC e das ferramentas interativas a elas associadas, que permitem a distribuição de conhecimento e a combinação dos modos de comunicação (síncrona e assíncrona), têm contribuído para a expansão das CoP, promovendo os processos de partilha na construção conjunta do conhecimento (Miranda & Dias, 2005). Desta forma, fomenta-se uma conceção mais aprofundada dos temas em estudo, permitindo o desenvolvimento de novas competências e habilidades, relegando para segundo plano a aquisição de informação (Meirinhos & Osório, 2010).

Aprender, hoje em dia, é cada vez menos um ato isolado e circunscrito a atividades desenvolvidas em contexto escolar. Aprendemos, sobretudo, a partir das relações que estabelecemos no nosso dia-a-dia, nas diferentes comunidades em que

interagimos (Wenger, 1998) e de acordo com os papéis que assumimos em cada uma delas.

Na aprendizagem, seja ela formal ou não formal, as comunidades *online* têm um contributo inestimável para o desenvolvimento dos processos cooperativos, pois constituem-se como organizações que se orientam não só para a promoção da interação na elaboração das aprendizagens, mas também para a criação de modelos colaborativos que suportam as atividades da própria comunidade (Dias, 2004).

Intimamente relacionada com a análise do potencial das CoP, está a discussão em torno das dinâmicas atuais estabelecidas nas redes sociais. Josh Bernoff e Charlene Li (2008) apresentam uma análise muito interessante do comportamento dos utilizadores das redes sociais em vários países dos diferentes continentes. Com base nessa análise, os autores conceberam uma “escada de participação em redes sociais”, identificando uma graduação nos níveis de participação composta por sete degraus.

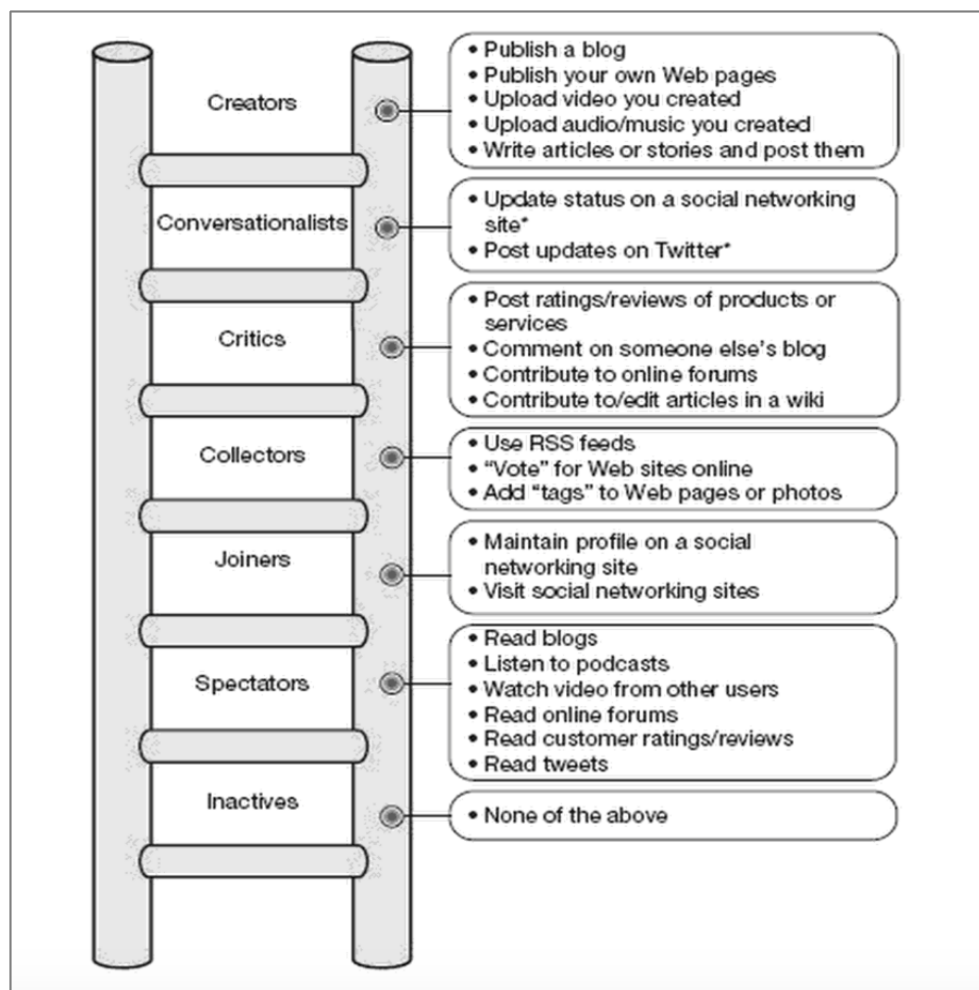


Figura 1. Escada de participação em redes sociais (Bernoff & Li, 2008)

Como podemos observar na Figura 1, o degrau da base começa com os “inativos”, são as pessoas que não participam em qualquer atividade, mas acedem *online*.

A seguir, no degrau dos “espectadores”, os autores colocaram os participantes que leem blogs, fóruns e artigos, veem vídeos e podcasts, consumindo apenas o que os outros criam. Este grupo é mais alargado, uma vez que os participantes têm um papel menos passivo, sendo apenas observadores.

Ao degrau “aderentes” pertencem os participantes que inserem e mantêm os seus perfis em redes sociais e com certa periodicidade as visitam.

No degrau dos “coleccionadores”, os autores colocaram os participantes que adicionam os sites e endereços eletrónicos aos seus favoritos ou adquirem os respetivos conteúdos.

A seguir, temos o degrau “críticos”, que fazem votações e comentários aos conteúdos *online*, dando contributos para páginas e *wikis*.

No nível mais elevado da escada, situam-se os participantes mais ativos: os “criadores”. De acordo com os autores, a este grupo pertencem as pessoas que, pelo menos uma vez por mês, publicam um artigo *online*, mantêm uma página Web ou blog e disponibilizam vídeos, músicas ou histórias que criam. Os dados recolhidos neste estudo demonstram que, em 2008, apenas 18% dos americanos e 10% dos europeus assumiam o papel de “criador” nas redes sociais.

De acordo com os autores, nesta estrutura de perfis, a maioria manifesta uma atitude mais passiva (*inactives, spectators, joiners, collectors*) e apenas uma minoria assume um papel mais ativo (*creators, critics*). Nos últimos anos, verifica-se a tendência para um crescente aumento da participação, à medida que as pessoas vão dominando as tecnologias/redes sociais e vão crescendo novas gerações (Bernoff & Li, 2008).

De acordo com o tipo de envolvimento nas redes sociais, Coll, Bustos e Engel (2010) destacam três níveis de benefícios associados aos objetivos e expectativas dos participantes. No primeiro nível, o objetivo de participar na comunidade surge do interesse por um tema ou acontecimento, formando o que os autores designam de *Comunidade Virtual de Interesse* (CVI). Deste modo, a comunidade possibilita que os seus participantes obtenham informação atualizada sobre o objeto de interesse a qualquer hora e em qualquer lugar. Como referem os autores, as CVI, no geral, são grandes, compostas por milhares de pessoas que partilham informações sobre o objeto de interesse, mas não se envolvem em processos de aprendizagem (Coll et al., 2010).

No segundo nível, o objetivo dos participantes é participar, envolver-se na procura de boas práticas, na solução colaborativa de problemas, na discussão de questões complexas ou na análise de situações expostas pelos participantes; deste modo, constitui-se uma *Comunidade Virtual de Participação* (CVP), cujo interesse no tema pode ser motivo inicial para participação e que desenvolve um sentido de responsabilidade coletiva.

No terceiro nível, está a comunidade *i* que tem como objetivo claro a aprendizagem, e os seus participantes desenvolvem estratégias, atividades e papéis específicos para o atingir, constituindo uma *Comunidade Virtual de Aprendizagem* (CVA). Portanto, uma CVA tem como característica principal, a construção coletiva do conhecimento e é criada a partir de objetivos definidos, visando principalmente o desenvolvimento de habilidades e competências focadas na formação geral ou profissional de determinado grupo (Coll et al. 2010; Sartori & Roesler, 2003).

Entre os indicadores que comprovam a formação de uma CVA, podem referir-se: i) a interação ativa, envolvendo tanto o conteúdo quanto a comunicação pessoal; ii) a aprendizagem colaborativa, observada nos comentários realizados entre os

participantes; iii) a partilha de recursos entre os participantes; iv) as expressões de apoio e de incentivo trocadas entre participantes (Palloff & Pratt, 2002).

A constituição e a evolução das comunidades são, segundo os autores, processos dinâmicos, e as fronteiras entre os diferentes níveis da comunidade *i* não são delimitados com exatidão. Portanto, as comunidades são expostas a constantes processos de transformação, de modo que uma CVI pode desenvolver-se, evoluindo para uma CVP ou mesmo para uma CVA, podendo este processo ocorrer também no sentido contrário (Barcelos, 2010).

No âmbito das aprendizagens não formais, em que a categoria *espaço* é tão importante como a categoria *tempo*, as aprendizagens são flexíveis e mais difusas, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, na medida em que permitem a criação e recriação dos seus múltiplos espaços (Gadotti, 2005). No entanto, para a mesma autora, toda a educação é formal, no sentido em que é intencional, embora os cenários de interação possam ser diferentes e, consequentemente, os resultados alcançados possam assumir graus de satisfação e exigência também divergentes.

Neste sentido, as comunidades *i* desempenham um papel decisivo na construção do conhecimento, porquanto servem ambas as realidades de ensino formal e não formal, ao permitirem formas de interação e aprendizagem adequadas à intenção e necessidade de quem aprende e aos desígnios de quem ensina.

De acordo com Miranda-Pinto (2009), as interações numa comunidade *online* permitem uma participação mais elaborada, porque a informação é armazenada num espaço onde pode ser sempre consultada, o que permite ativar o debate sobre determinado tema, em qualquer momento, segundo os interesses dos seus participantes. “Por outro lado, os novos membros da comunidade têm sempre ao seu dispor as interações passadas e atuais, e rapidamente reconhecem a “identidade” da CoP, bem como a sua dinâmica” (Miranda-Pinto, 2009, p. 170).

Para a conceção de uma CoP *online*, Wenger et al. (2002) sugerem ser necessário “cultivar” a comunidade desenvolvendo experiências e práticas estimulantes, relevantes e de valor para os membros da comunidade. Para este efeito, os autores sugerem os sete princípios a concretizar para criar uma comunidade bem-sucedida: i) Conceção da comunidade, tendo em conta a sua evolução; ii) Abertura do diálogo entre perspetivas internas e externas; iii) Convite para diferentes níveis de participação; iv) Desenvolvimento, na comunidade, de espaços públicos e privados; v) Enfoque nos valores e interesses dos participantes; vi) Articulação familiar com entusiasmo; vii) Criação de um ritmo ou rotina para a comunidade.

Evidencia-se que as comunidades *online* têm vários impactos positivos: permitem que os seus membros melhorem a sua prática através da criação contínua de

conhecimento (Wenger, 1998); facilitam a inovação, em resultado da troca de conhecimento, experiências e ideias, bem como através do debate sobre as mesmas (Saint-Onge & Wallace, 2012; Snyder & Wenger, 2010); e possibilitam o acesso a um espaço de grande valor para obter retorno sobre ideias (Wasko, Teigland, & Faraj, 2009), criando, deste modo, um local para “deitar fora ideias velhas e encontrar novas soluções para os problemas” (Fahey, Vasconcelos, & Ellis, 2007). As CoP constituem um meio de avaliação do conhecimento, amplificam as hipóteses de reconhecimento de competências, permitindo aumentar a autoestima, o respeito e dar incremento ao estatuto individual, pois os indivíduos que nelas participam podem exprimir a sua identidade e ser reconhecidos pelo grupo como peritos (Fahey et al., 2007).

No âmbito da educação especial, estes espaços *online* poderão ter um grande potencial na construção de reflexões bastante ricas, contribuindo para uma maior compreensão das dificuldades enfrentados por crianças/jovens com NE, assim como para uma mais eficaz procura de possibilidades de mudança. Quando são oferecidas aos diferentes agentes educativos/reabilitativos, podem transformar-se num espaço de diálogo, promovendo a construção colaborativa, a reflexão conjunta, permitindo a todos amadurecerem as suas ideias e encontrar soluções para os problemas identificados. Além disso, quando as pessoas discutem, as trajetórias entrecruzam-se, surgem pontos em comum nas suas experiências de vida que geram identificação e ligações afetivas (Pereira, 2009). Deste modo, as comunidades *online* podem promover o diálogo entre os diferentes agentes, fortalecendo as redes sociais e pessoais.

1.3.3 e-moderação e sustentabilidade

Perante estas evidências e as potencialidades de contínua expansão das comunidades *online*, torna-se importante a observação de Wenger et al. (2005), segundo os quais a tecnologia não fará por si só o sucesso da comunidade. Neste sentido, é essencial a compreensão dos aspetos potenciadores do seu (in)sucesso para a consecução de boas práticas na sua implementação, desenvolvimento e manutenção.

Para o desenvolvimento de uma dinâmica efetiva dentro da comunidade, é necessário valorizar a sua continuidade, recorrendo a estratégias de liderança e e-moderação, bem como criar um ambiente onde todos os membros se sintam responsáveis pelo seu crescimento (Miranda-Pinto, 2012). Portanto, a atuação dos moderadores tem que se desenvolver de uma forma estruturada e estratégica, para que se promovam novas formas de comunicação e renovação regular dos seus conteúdos, incentivando, assim, a participação. Ao desenvolvimento e à sustentabilidade de uma comunidade de aprendizagem estão aliados vários fatores, entre eles o envolvimento de todos os participantes da comunidade nos processos

de construção de conhecimento e o estabelecimento de processos de moderação e liderança partilhada (Miranda-Pinto, 2009).

Conforme afirma Wenger et al. (2002), uma CoP evolui continuamente e permite que sejam observados cinco estádios de desenvolvimento da comunidade - “potential, coalescing, maturing, stewardship and transformation” (p.68), - que constituem o ciclo de vida da mesma. Os dois primeiros estádios de desenvolvimento, “potential e coalescing”, são considerados como prematuros e pressupõem o nascimento e implementação da ideia da comunidade a concretizar.

As fases de maturidade integram três estádios: “maturing, stewardship and transformation”, e pressupõem o processo de maturidade da comunidade, a sua expansão e o reconhecimento da sua “identidade” (Wenger et al., 2002, p.68). Na opinião destes autores, após atingir os seus objetivos, uma comunidade, ou se transforma de acordo com os ideais dos participantes, ou encerra a sua atividade.

O estudo do Szabó e Silva (2012) evidencia que as comunidades de prática têm geralmente o seu ciclo de vida associado à duração do projeto de investigação. Tal configura um cenário de alguma fragilidade na manutenção das dinâmicas destas comunidades, facto que, no contexto das NE, assume contornos ainda mais críticos, considerando a importância da expressão de emoções e sentimentos, muitas vezes expressos nos grupos presenciais através de formas de comunicação não verbal, dificilmente transmitidas em ambiente *online* (Miranda-Pinto, 2009; Nunes, 2013). Garrison e Anderson (2003) referem que a utilização de saudações personalizadas e o uso de linguagem específica para estes ambientes, como a utilização de maiúsculas, pontuação e *emoticons*, pode minimizar esta dificuldade de pragmática social nos ambientes *online*.

Miranda-Pinto (2009) salienta ainda que o desenvolvimento e a sustentabilidade de uma comunidade de aprendizagem dependem de vários fatores, entre eles o envolvimento de todos os participantes da comunidade nos processos de construção de conhecimento e o estabelecimento de processos de moderação e liderança partilhada. Panitz (1996) também aponta que a criação de um ambiente de aprendizagem colaborativa impõe a existência de diálogo e negociação, que constituem a base do entendimento, a partir dos quais se definem os objetivos da aprendizagem e a dinâmica da comunidade. Deste modo, cria-se a autonomia baseada numa dinâmica de *scaffolding*, em que o moderador assume o papel de facilitador das aprendizagens que se realizam em ambientes *online*, nos quais se favorece a interação como fator determinante para a manutenção da comunidade (Dias, 2004).

De acordo com Dias (2008, p.6), a *e-moderação* desenvolve-se como “uma atividade reguladora dos processos de organização dos grupos e das

aprendizagens realizadas em ambientes virtuais, com particular incidência para as formas de dinamização, gestão e acompanhamento”.

É neste contexto que surge a figura do e-moderador como um elemento essencial para que a comunidade se torne um espaço de aprendizagem informal, baseado na interação e colaboração, garantindo a construção de conhecimento. De acordo com Salmon (2000, p.3), “o principal papel do e-moderador consiste em promover o envolvimento dos participantes de forma que o conhecimento por eles construído seja utilizável em novas e diferentes situações”.

1.3.3.1 O modelo de Salmon (2000)

Considerando o e-moderador como um elemento importante na dinamização e promoção do envolvimento dos participantes no processo de aprendizagem, Salmon (2000) propõe um modelo de e-moderação constituído por cinco etapas, como ilustrado na Figura 2.

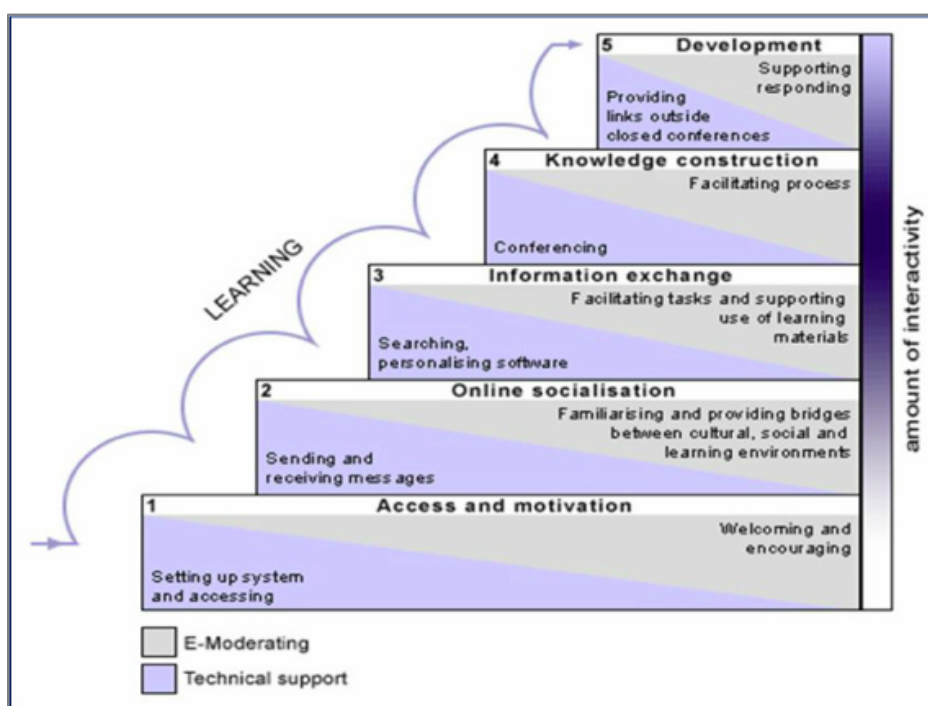


Figura 2. Modelo Salmon (2000)

Na primeira etapa, a principal preocupação relaciona-se com o acesso individual ao ambiente *online* e com a capacidade e motivação dos participantes para o utilizar. A segunda envolve questões relativas à interação entre os participantes do ambiente *online* e à sua identidade. Numa terceira etapa, a vida da comunidade centra-se na partilha de informação, de acordo com os objetivos individuais dos participantes. Na quarta, prevê-se a construção partilhada de conhecimento e a interação colaborativa entre os participantes. Na quinta e última etapa, está previsto o

desenvolvimento sustentável da comunidade, de forma a que os participantes possam beneficiar ainda mais do sistema e consigam alcançar os seus objetivos individuais.

É deste modo que o modelo de Salmon (2000) articula, em cada nível, as funções de integração tecnológica e de e-moderação, prevendo ainda diferentes graus de densidade dos processos de interação esperada entre os participantes da comunidade.

1.3.3.2 O modelo de Almenara (2006)

Entre os modelos existentes sobre a criação e o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem, merece destaque o modelo de Almenara (2006). Este foi concebido para um curso de formação *online*, que teve como finalidade o aprofundamento de conhecimento sobre a utilização de novas tecnologias para a educação, e distingue três fases principais, como se pode observar na Figura 3.

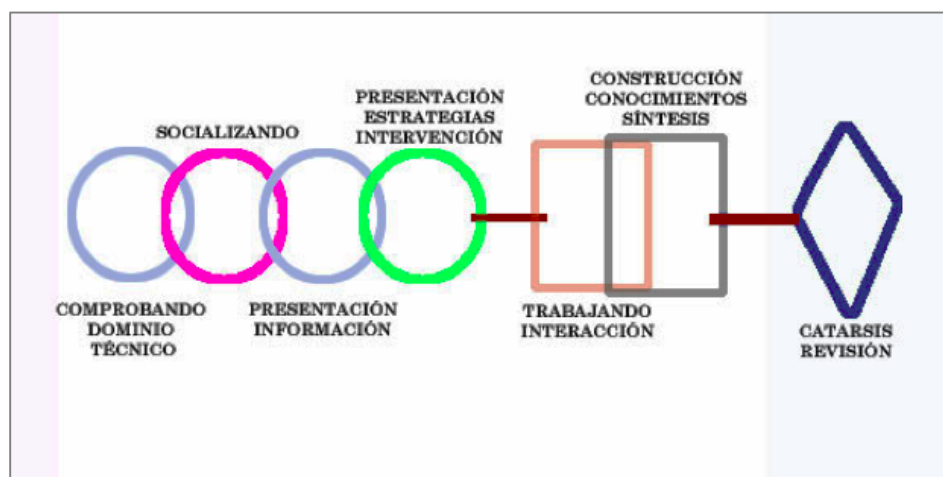


Figura 3. Modelo de Almenara (2006)

A primeira fase deste modelo é dedicada ao processo de socialização dos participantes, para garantir que todos sabem lidar com as ferramentas de comunicação utilizadas e conhecem as regras de participação. Na segunda espera-se que os participantes interajam uns com os outros para construírem conhecimento, discutir questões e chegar a acordos. Na terceira fase, prevê-se que os participantes revejam o processo de aprendizagem e que, abertamente, exponham todas as críticas e problemas que tenham sido percebidas na mesma. Cada uma destas fases exige do e-moderador um modo de intervenção distinto: na primeira, será mais encorajador e intervencionista; na segunda, um supervisor e animador; na última, um revisor crítico.

O modelo de Almenara (2006) pretende, portanto, promover a aprendizagem colaborativa preparando os participantes para assumirem e cumprirem os compromissos do grupo, ajudarem os colegas, pedirem ajuda aos outros, aprenderem a aceitar outras opiniões, encontrarem soluções que beneficiem todos e para apresentarem as suas ideias e abordagens de forma fundamentada.

1.3.3.3 O modelo Miranda-Pinto (2009)

O modelo Miranda-Pinto (2009) foi concebido para uma comunidade de prática *online* (CoP). Foi estruturado através da análise qualitativa das interações dos participantes nos fóruns e no *chat* de uma plataforma *online*, tendo permitido compreender o desenvolvimento gradual do processo de integração destes na comunidade, bem como estudar a evolução do ciclo de vida de uma comunidade *online*. A estrutura do modelo apresenta-se visualmente na Figura 4 e é composta por cinco dimensões, que caracterizam as interações dentro de uma CoP *online*.



Figura 4. Modelo de Miranda-Pinto (2009)

O modelo de Miranda-Pinto (2009) descreve, também, os indicadores que se encontram agrupados em cada uma das dimensões a concretizar numa CoP *online*:

- *Dimensão Social e de Partilha*: presença como observador-participante e como explorador; caracterização pessoal do perfil; apresentação na comunidade; partilha de experiências; corroborar de comentários de um ou

mais participantes; questionamento e resposta para clarificar detalhes de alguma participação.

- *Dimensão de Negociação, Empenhamento Mútuo e Cooperação*: identificação de áreas de interesse entre os participantes; negociação ou esclarecimento dos significados dos diversos termos utilizados; proposta e negociação sobre novas áreas de debate; cooperação na realização de atividades entre os participantes; empenhamento mútuo de práticas diversificadas.

- *Dimensão de Colaboração e Construção de Conhecimento*: partilha de informação, argumentação e integração de novos contributos; debate sobre a informação partilhada e estabelecimento de um consenso; reflexão crítica dos participantes e construção partilhada do conhecimento.

- *Dimensão de Liderança e Moderação em Ambientes Online*: identificação de líderes e moderadores; recurso a estratégias de liderança e moderação; evidência discursiva de orientação explícita.

- *Dimensão de Construção de Identidade em Ambientes Online*: percepção da presença cognitiva; percepção da presença social (Miranda-Pinto, 2009).

Desde modo, o modelo de Miranda-Pinto (2009) permite uma análise das interações em vários níveis que, de acordo com a autora, devem ser consolidados para a afirmação e criação da identidade deste tipo de comunidades.

Consideramos que os modelos apresentados podem funcionar como linhas orientadoras no processo da formação de comunidades e suas dinâmicas colaborativas, permitindo inferir algumas das novas funções que os moderadores e participantes podem desempenhar nos novos ambientes de aprendizagem *online*.

Capítulo 2 - Metodologia de Investigação

Na realização deste estudo, optámos pela *Development Research*, uma metodologia flexível, que integra diferentes modalidades de investigação, as quais podem variar nos seus objetivos e características (Plomp, 2010).

A abordagem da *Development Research* traduz-se na utilização de um conjunto de metodologias de desenvolvimento (Coutinho e Chaves, 2001) e emergiu como proposta com vista à utilização de estratégias metodológicas alternativas com a finalidade de apoiar estudos que investigassem a problemática da introdução e utilização de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem (Coutinho, 2001). As metodologias de desenvolvimento permitem o uso do conhecimento teórico no contexto da resolução de problemas práticos e, de acordo com Van Den Akker, (1999, p.9) remetem para um tipo de “investigação com fins de desenvolvimento que visa dar ao mesmo tempo, contributos práticos e científicos”.

A escolha desta metodologia encontra justificação por pretendemos desenvolver um estudo que vise encontrar uma solução que ajude na resolução de um problema real de um determinado grupo populacional (Coutinho & Chaves, 2001). Tal como refere Nunes (2009), este tipo de abordagem é frequentemente aplicada para investigar a utilização de tecnologias educativas nos ambientes reais e foca-se nos contextos onde esses recursos são usados.

De acordo com Brown (1992), os aspetos principais da metodologia de *Development Research* consistem em: i) abordagem de problemas complexos em ambientes tecnológicos de aprendizagem; ii) integração dos conhecimentos teóricos e tecnológicos com o objetivo de encontrar soluções viáveis para a complexidade dos problemas em análise; iii) conceção de um "protótipo" para o problema em causa, fundamentado num ponto de vista teórico e prático (profissionais no terreno) e articulado com os objetivos de aprendizagem; iv) condução de uma investigação rigorosa e reflexiva com o objetivo de conceber, implementar, testar e aperfeiçoar no terreno, o protótipo concebido (*evolutionary prototyping*); v) colaboração permanente entre investigadores, profissionais no terreno (professores) e tecnólogos (Brown, 1992).

Considerando as características da metodologia de *Development Research*, Van den Akker definiu as seguintes especificidades do processo iterativo:



Figura 5. Metodologia de desenvolvimento (adaptado de Van den Akker, 1999)

Do ponto de vista deste autor, «a interação com aqueles que trabalham no terreno é necessária para clarificar o problema na sua fase inicial e para avaliar a sua potencial resolução. É através de um processo iterativo de “aproximações sucessivas” e de “evolução do protótipo” que se caminha rumo a uma intervenção “ideal”.» (Van Den Akker, 1999, p.8-9).

Plomp (2010) defende que uma investigação baseada neste tipo de abordagem se desenvolve em três fases: i) da investigação preliminar - prevê a análise das necessidades do contexto, a revisão de literatura e o desenvolvimento de um quadro conceptual ou teórico para o estudo; ii) do protótipo - dedica-se ao processo iterativo composto de repetições, sendo que cada uma é um microciclo da pesquisa e da avaliação formativa, visando melhorar e aperfeiçoar a intervenção; iii) de avaliação - avalia se o protótipo corresponde às especificações pré-determinadas.

Nesta perspetiva, a conceção do protótipo do espaço *online* “*Compartilha*” assume-se como o principal instrumento metodológico e a principal fonte de recolha de dados.

De acordo com Nieveen (1999, citado por Nunes, 2009) uma intervenção que emprega as metodologias de desenvolvimento, para se considerar válida, deve cumprir os seguintes requisitos:

- i) relevância do conteúdo, o que implica consolidar os componentes da intervenção no estado de arte em que o conhecimento se situa;
- ii) consistência do constructo, exigindo que a intervenção seja planeada de uma forma lógica, onde todos os componentes se relacionam uns com os outros;

- iii) praticabilidade, que impõe que os profissionais no terreno considerem os materiais ou as estratégias úteis nos contextos reais e compatíveis com os objetivos do estudo;
- iv) eficácia, requerendo que a intervenção seja efetiva e os resultados alcançados.

Deste modo, a *Development Research* consiste na procura de uma solução inovadora, que se relacione com um determinado problema educativo, defendendo como essencial a interação entre o investigador e os profissionais no terreno, para a definição do problema, a conceção do protótipo, a sua avaliação e (eventual) reestruturação (Coutinho, 2005; Van Den Akker, 1999).

De acordo com as questões de investigação que nos propusemos responder, e com a metodologia adotada, optámos por uma vertente mais qualitativa, decorrente da nossa necessidade de procurar entender e conhecer as perceções que os participantes do estudo tiveram, e ainda de analisar as suas interações.

O método qualitativo, segundo Bryman (2012), pode ser interpretado como uma estratégia de pesquisa que geralmente enfatiza a palavra ao invés da quantificação da recolha e análise de dados. A investigação qualitativa permite-nos unir a teoria à prática e, desta forma, compreender os fenómenos no contexto em que ocorrem. Na perspetiva de Tuckman (2005), a investigação qualitativa desenvolve-se numa situação natural em que é o próprio investigador o instrumento de recolha de dados, tendo como preocupação essencial descrever o processo, analisar os dados indutivamente e preocupar-se com o significado das coisas.

Contudo, além da abordagem qualitativa, com as suas características descritivas e interpretativas, este estudo integra, em muitos momentos, uma abordagem quantitativa, com intuito de quantificação de interações. Esta abordagem proporciona a realização de cálculos associados, conferindo um maior rigor à própria investigação e possibilitando uma leitura mais rápida dos dados recolhidos.

Para organizar, analisar e apresentar os resultados obtidos na investigação realizada, utilizámos a ferramenta *Web Qualitative Data Analysis* (WebQDA). O WebQDA é um software de análise de dados qualitativos destinado à investigação em ciências humanas e sociais, que proporciona inúmeras vantagens, permitindo a análise de dados qualitativos num ambiente colaborativo e distribuído com base na Internet (Moreira et al., 2011).

Embora o nosso projeto vise a conceção e dinamização de um espaço interativo *online*, de promoção da aquisição de competências no uso dos recursos tecnológicos no contexto da EE e de estímulo à autonomia das famílias e dos profissionais face à intervenção nas NEs das suas crianças/jovens, ambicionámos

criar um espaço *online* de carácter transversal, que facilmente pode incluir diferentes projetos mais direccionados a uma área específica no domínio das NEs.

Desde o início, privilegiámos o desenvolvimento de um projeto colaborativo, fortemente articulado e pensado em conjunto com um outro projeto em curso, no âmbito do Programa Doutoral em Educação da Universidade de Aveiro (UA) (Sousa, Santos, & Almeida, 2015), que visa promover o desenvolvimento de competências na área da linguagem em crianças com NE.

Nas últimas etapas do teste do espaço *online* realizado pelo público-alvo, surgiu a oportunidade de articular este estudo com um projeto em curso (do Programa Doutoral em Design - UA), que visa desenvolver materiais para a Educação Sexual para jovens com NE, que começou a utilizar o nosso site para a divulgação do projeto, recolha dos recursos já existentes, partilha de informações e discussão de temas pertinentes para este estudo (Vieira, Quental, & Almeida, 2014).

Esta colaboração com dois projetos em curso enriqueceu imenso o desenvolvimento deste projeto, permitindo a construção de um ambiente de aprendizagem *online* sustentado em necessidades reais, o que potenciou a formação de uma efetiva comunidade de aprendizagem e fomentou o envolvimento de todos nas atividades de partilha de experiências, resolução de problemas e na aprendizagem colaborativa. Com toda a certeza, este tipo de parcerias são imprescindíveis para garantir a futura sustentabilidade do espaço *online*, com base no enriquecimento trazido pela interação e dinâmica de vários saberes específicos e de vários processos cognitivos em colaboração (Roldão, 2007).

2.2 Etapas da investigação

A investigação que desenhámos desenvolveu-se em quatro fases, tendo em consideração os seguintes fatores: a problemática definida; a questão de investigação; os objetivos que se desejou alcançar e as particularidades da abordagem de *Development Research*. Ao longo destas etapas, realizaram-se atividades de recolha de informação, análise e reflexão.

Fase I: Aprofundamento do enquadramento teórico

O projeto iniciou-se em setembro de 2013 com a revisão da literatura que permitiu identificar o estado da arte na matéria e enquadrar teoricamente a problemática do estudo. Incluiu ainda a análise dos resultados da investigação empírica das estratégias, recursos e materiais que pudessem favorecer o processo educacional e promover a inclusão dos alunos com NE.

Fase II: Análise do problema no contexto real

A segunda fase da investigação decorreu entre novembro de 2013 e março de 2014 e destinou-se à realização preliminar do estudo, através da identificação das carências de formação e de partilha em rede no domínio das TIC para Educação Especial e do levantamento das boas práticas de partilha de conhecimentos e recursos dirigidos à EE. Nesta fase, procedemos à recolha de dados recorrendo ao uso de inquéritos por questionário, entrevistas e análise de sites:

i) Inquéritos por questionário

Aplicámos inquéritos por questionário (*online*) às famílias e profissionais (professores e profissionais da saúde) envolvidos no processo educativo dos alunos com NE, com vista a diagnosticar os reais problemas e carências de formação em TIC que estes agentes apresentavam;

ii) Análise de sites

Neste momento, pretendeu-se conhecer estratégias para a promoção de práticas colaborativas e processos de e-moderação nos ambientes *online* que poderiam revelar-se como bons exemplos para a sustentabilidade de um espaço *online*. Com o objetivo de identificar dinâmicas de partilha e colaboração entre os utilizadores de um site/página de Facebook, procedeu-se à análise de vários sites dedicados à temática das NE e partilha de recursos/materiais, nomeadamente, “Pais em rede”, “Patient Innovation”, “Portal das escolas”, “Escola virtual”.

iii) Entrevistas

Com o intuito de desenvolver novas formas de interação social, investigaram-se boas práticas de dinamização de grupos presenciais para utilização posterior destas estratégias no espaço *online*. Com o objetivo de apurar as estratégias utilizadas para “dinamizar, gerir e acompanhar” a partilha e construção do conhecimento, foram entrevistadas uma moderadora de um grupo presencial das “Oficinas de pais”, uma participante de uma “Oficina do Pais”, uma participante de um Grupo de Partilha e Orientação Técnica (GPOT) promovido pela associação “Diferentes e Especiais”, uma criadora/dinamizadora do grupo “Pais 21”, e uma e-moderadora de uma comunidade de prática *online* no âmbito das NE.

Fase III: Conceção de um espaço *online* de partilha e de autoformação em TIC para a Educação Especial.

Nesta fase, que decorreu entre os meses de março e julho de 2014, a atenção foi centrada na conceção e na criação de uma proposta de solução para as

dificuldades encontradas (criação de um espaço *online*) e respetiva validação junto de especialistas.

Este espaço foi desenvolvido tendo como referência as boas práticas de partilha em rede dos conhecimentos e materiais, que pudessem favorecer o processo educacional e promovessem a inclusão dos alunos com NE. Optou-se pelo máximo envolvimento do nosso público-alvo na elaboração e dinamização do espaço *online Compartilha*, e pela promoção da liderança partilhada deste espaço.

Procedeu-se ainda à elaboração e disponibilização de recursos específicos que favorecessem a consolidação e reforço das competências em TIC e que contribuíssem para uma maior autoconfiança dos professores, pais e outros agentes envolvidos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com NE. Alguns destes recursos, que visam promover o desenvolvimento de competências na área da comunicação/linguagem em crianças com NE, foram criados em articulação com um projeto em curso no âmbito do Programa Doutoral em Educação da UA, já referido (Sousa, Santos, & Almeida, 2015). Estes recursos foram elaborados tendo em consideração os problemas práticos e as carências de formação em TIC no domínio das NE, manifestadas pelos pais e pelos profissionais envolvidos no estudo.

Fase IV: Implementação do protótipo do espaço *online*

A quarta fase da investigação teve uma duração mais prolongada; decorreu entre outubro de 2014 e julho de 2015 e correspondeu ao desenvolvimento e implementação do protótipo construído.

Nesta fase, solicitou-se a colaboração de um grupo piloto para testar e formular sugestões para melhoria do espaço *online Compartilha*. De acordo com estas sugestões, realizaram-se vários ajustes, no sentido de adequar o protótipo aos aspetos identificados como determinantes para a promoção da sua utilização pelo público-alvo e procurando garantir o seu sucesso através do cumprimento dos objetivos previamente propostos.

Fase V: Avaliação do contributo do desenvolvimento dum espaço *online* para autoformação e partilha em TIC no domínio da EE.

A última fase da investigação destinou-se à análise do funcionamento e da dinâmica gerada no espaço *online* e à sua avaliação final. Para aferir a sustentabilidade do *Compartilha*, realizou-se uma avaliação contínua das participações e dos processos de e-moderação. Procedemos, ainda, à implementação de um inquérito por questionário, com o intuito de recolher as perceções dos participantes sobre a utilização do espaço *online Compartilha*, bem como a avaliação do impacto do espaço em relação à autoformação dos pais e

profissionais, a subsequente partilha de conhecimentos e esclarecimento de dúvidas na utilização dos TIC no domínio da EE. Os dados foram recolhidos entre os meses de setembro e outubro de 2015.

2.3 Participantes no Estudo

Com o objetivo de sensibilizar as pessoas para participar no grupo piloto, optámos por colocar, nos questionários *online* inicialmente aplicados (Fase II – i, acima descrita), colocámos um campo onde os inquiridos podiam manifestar o seu interesse em participar neste projeto. Desta forma, conseguimos recolher manifestações de interesse de 71 profissionais da Educação/Saúde e de 45 familiares das crianças/jovens com NE.

Depois de concluída a construção do espaço *online*, todos estes profissionais e familiares foram convidados a fazer parte do grupo piloto. Importa referir que os questionários foram aplicados em fevereiro-março de 2014 e o espaço *online* começou a funcionar apenas em outubro de 2014, constituindo este intervalo temporal uma possível dificuldade já que o interesse de alguns dos inquiridos se poderia modificar.

Reconhecendo a importância da participação dos familiares no processo de desenvolvimento destas crianças/jovens, considerou-se pertinente encontrar forma de promover a maior participação das famílias do processo educativo das crianças, assim como a maior interação entre famílias com filhos com NE e profissionais de Educação/Saúde, uma vez que estas relações e partilhas poderiam ser uma mais-valia para todos. Com este objetivo, o projeto foi ainda divulgado junto das associações “Pais em Rede” (um movimento cívico e associação de âmbito nacional, constituído por uma rede de famílias e amigos de pessoas portadoras de deficiência, cujo objetivo é promover a respetiva realização pessoal e inclusão), “Diferentes e Especiais” e “Pais 21”.

Desta forma, conseguimos envolver no estudo mais alguns pais de crianças/jovens com NE e um profissional de informática que estava a apoiar as dinâmicas desenvolvidas numa destas associações.

O facto de um profissional de informática manifestar interesse em participar no nosso projeto foi uma surpresa bastante agradável para nós, até porque estes profissionais não foram pensados como nosso público-alvo. Considerámos que a participação destes profissionais poderia ser uma mais-valia para o grupo, enriquecendo as interações com conhecimentos não apenas na perspetiva do utilizador, mas também na ótica do programador. Este profissional referiu que esta colaboração lhe

permitiria conhecer as reais dificuldades e necessidades de vários profissionais e pais na utilização dos recursos tecnológicos

. Esta informação facilitaria a criação de recursos mais acessíveis e adaptados às reais necessidades das crianças/jovens, bem como o ajuste das metodologias e estratégias utilizadas pelos profissionais de saúde e educação.

Procedeu-se, também, à disseminação do projeto em vários congressos científicos, tais como, *Embracing Inclusive Approaches for Children and Youth with Special Education Needs Conference - Braga 2014*; II Conferência Internacional para a Inclusão (Leiria, 2014); *INTED 2015 - 9th International Technology, Education and Development Conference* (Madrid); *International Congress Challenges 2015* (Braga); *Includit 2015* (Leiria). Nestes congressos encontrámos profissionais que manifestaram o seu interesse em participar no projeto, pelo que considerámos pertinente convidá-los.

Deste modo, criámos um grupo piloto constituído por 55 participantes: 12 familiares de crianças/jovens com NE, 24 profissionais de Educação, 18 profissionais de Saúde e um profissional da área das Tecnologias.

O objetivo do grupo piloto consistiu em participar no desenvolvimento, dinamização e avaliação do espaço *online Compartilha*, bem como, na formação/autoformação dos participantes para a elaboração de recursos digitais adaptados às especificidades das crianças/jovens que acompanham.

A maioria dos participantes não se conhecia pessoalmente até começar o projeto. Para salvaguardar a privacidade dos utilizadores e garantir um contexto seguro e organizado para a partilha de conteúdos, elaborámos uma Política de Privacidade e regras de utilização do *Compartilha*, que foram aceites por todos.

Os dados mais específicos sobre as características biográficas dos pais e dos profissionais, a sua experiência profissional e as suas competências digitais, as necessidades, interesses e disponibilidade inicial dos pais e docentes para participar no estudo encontram-se descritos no capítulo 5.

2.4 Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados é uma etapa importante da pesquisa, que se inicia com a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a recolha dos dados previstos (Lakatos & Marconi, 1991).

Das diversas técnicas de recolha de informação possíveis, optámos por estruturar a construção da nossa argumentação através da recolha de informação por vários meios:

- Inquéritos por questionário *online*;
- Inquéritos por entrevista semiestruturada;
- Análise de sites existentes no âmbito das NE;
- Análise de interações no *Compartilha*.

A utilização das múltiplas fontes de evidência e de dados permitiu-nos, por um lado, investigar as diferentes perspetivas em estudo e, por outro, obter várias medidas do mesmo fenómeno, criando condições para uma triangulação dos mesmos, durante a fase de análise.

Desenvolvemos o estudo em colaboração com outro projeto de doutoramento em curso, envolvendo o mesmo público-alvo. Numa primeira fase de análise do problema no contexto real, com o objetivo de não sobrecarregar o nosso público-alvo com questões repetitivas, optámos por desenvolver instrumentos de recolha de dados comuns a ambos os projetos. Desta forma, procedeu-se à elaboração e aplicação de inquéritos por questionário e por entrevista únicos, abrangendo questões pertinentes para os dois estudos.

Nas próximas secções, serão descritas e enquadradas as opções de instrumentos e técnicas de recolha de dados que foram utilizadas neste estudo.

2.4.1 Inquéritos por questionário *online*

De acordo com Fortin (1999), o questionário é um instrumento de medida que traduz os objetivos de um estudo com variáveis mensuráveis, permitindo organizar, normalizar e controlar os dados de uma maneira rigorosa. Através deste tipo de instrumento, é possível recolher as opiniões e experiências dos participantes de uma forma relativamente simples e rápida.

As questões do inquérito foram elaboradas a partir de três princípios; clareza (questões claras, concisas e unívocas); coerência (as questões correspondendo à intenção da própria pergunta) e naturalidade (não induzindo uma dada resposta, mas sim libertando o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito da investigadora).

Com o objetivo de apurar conhecimento sobre o nosso público-alvo, criaram-se dois questionários dirigidos aos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE (Cf. Anexo1 e Anexo 2).

Pretendeu-se: recolher os dados pessoais dos profissionais/familiares e das crianças com NE; averiguar o tipo de equipamentos/software que utilizam com crianças com NE; identificar as necessidades de autoformação em TIC, e perceber as necessidades de partilha de conhecimentos e de recursos entre os diferentes agentes educativos. Os dois inquéritos (para profissionais e para pais) são, em grande parte, semelhantes, de forma a permitir uma análise comparativa de ambos.

Uma vez que optámos pelo desenvolvimento de instrumentos únicos de recolha de dados para dois projetos de investigação, os questionários continham, também, um grupo de questões ligadas à problemática do desenvolvimento de competências na área da linguagem em crianças com NE, pertinentes para o estudo de Sousa, Santos e Almeida (2015).

Optámos pela aplicação dos inquéritos por questionário *online*, que de acordo com Coutinho (2014) “passou a ser a forma mais popular de administrar do questionário” (p.139), e apresenta várias vantagens para os investigadores, uma vez que permite a abrangência de um grande número de pessoas, rapidez de resposta e economia de custos.

Para a recolha deste tipo de dados, foram construídos dois questionários constituídos principalmente por perguntas fechadas, mas contendo algumas questões abertas. A decisão pela utilização de questões maioritariamente fechadas baseou-se no facto de se pretender obter um conjunto variado de informações (relacionadas com as áreas temáticas já referidas acima) cujo tratamento pudesse ser facilitado através da sua codificação. Incluíram-se perguntas de resposta fechada única, escolha múltipla e de escala de Likert, sendo as do último tipo as mais utilizadas. As questões de resposta aberta permitiram ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo, deste modo, liberdade de expressão.

Procedeu-se ao pré-teste do questionário por um pequeno grupo (cinco pessoas) que refletisse a diversidade da população visada, a fim de verificar se as questões podiam ser bem compreendidas.

Os questionários foram alojados *online*, com recurso ao software LimeSurvey. Desta forma, para além de permitir obter uma caracterização detalhada dos participantes do estudo, permitiu também a tomada de consciência das expectativas do nosso público-alvo sobre o espaço *online* e a respetiva comunidade em criação.

2.4.2 Inquéritos por Entrevista

A entrevista, “um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno, consiste em formular questões dirigidas às pessoas que, de algum modo, nele estão envolvidas. As respostas pessoais iriam refletir as suas

percepções e interesses”, e contribuir para aumentar a compreensão sobre o fenómeno em estudo (Tuckman, 2000, p.517). De acordo com Coutinho (2014), as entrevistas são uma poderosa técnica de recolha de dados porque pressupõem uma interação entre o entrevistado e o investigador. Esta interação permite, no caso da resposta não ser suficientemente esclarecedora, pedir esclarecimentos adicionais, possibilitando a obtenção de dados que nunca seriam conseguidos através de um questionário.

Neste projeto, a entrevista surgiu como complemento aos dados recolhidos através de outros instrumentos. Pretendeu-se chegar perto dos intervenientes - os dinamizadores e participantes dos grupos de entreajuda presenciais e *online* envolvidos na área da Educação Especial - conhecendo as suas ideias, a sua forma de trabalhar, comprovando ou alterando as informações resultantes da revisão da literatura científica.

De notar que, ainda que o papel principal na implementação destas entrevistas tenha sido assumido pela investigadora do projeto-parceiro, achámos pertinente apresentar alguns dados recolhidos nesta etapa, uma vez que serviram de base à criação do modelo de e-moderação do espaço *online* em construção e permitiram mapear e aplicar as estratégias e boas práticas de dinamização utilizadas em grupos de entreajuda em espaços *online*.

Com o intuito de apurar as estratégias de partilha e de construção de conhecimento utilizadas nestes grupos, foram realizadas cinco entrevistas, tendo sido considerado importante obter a perspetiva de dinamizadores de comunidades presenciais e de e-moderadores de comunidades *online* na área das NE. Destas cinco entrevistas, três foram feitas aos dinamizadores e participantes dos grupos de entreajuda presenciais desenvolvidos pelas associações Pais em Rede, Pais 21 e Diferentes e Especiais; uma foi feita a uma participante de grupos presenciais de entreajuda; e outra a um e-moderador de uma comunidade de prática *online* no âmbito das NE. Dos cinco elementos entrevistados, três são mães de crianças/jovens com NE e dois são técnicos/profissionais. Primeiro, foi elaborado um guião de entrevista (Cf. Anexo 3), desenvolvido em conjunto com a investigadora do projeto-parceiro.

O guião de entrevista teve como finalidade recolher dados que permitissem analisar as seguintes dimensões: i) fatores relevantes na motivação para a participação em grupos de entreajuda/autoajuda; ii) estilos de comunicação utilizados na moderação das sessões; iii) características de liderança; iv) situações favoráveis para o desenvolvimento do grupo e estratégias de questionamento/reflexão usadas pelo grupo; v) estratégias e dinâmicas de entreajuda e de autoajuda; vi) presença de partilha de recursos e situações/estratégias; vii) existência de construção colaborativa de materiais e situações/estratégias que tenham sido favoráveis.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, de modo a que as entrevistadoras tivessem a liberdade de reformular ou mesmo acrescentar questões.

2.4.3 Análise dos sites existentes no âmbito das NE

Tendo como objetivo conhecer as boas práticas de partilha em rede dos conhecimentos e materiais dirigidos à EE, realizou-se a análise de quatro sites referidos como os “mais utilizados” pelo nosso público-alvo, de acordo com os resultados obtidos com os questionários *online* previamente aplicados.

Deste modo, observámos as estratégias de e-moderação dos sites “Escola Virtual” (<http://www.escolavirtual.pt/>), “Pais em Rede” (<http://paisemrede.pt/>), “Patient Innovation” (<https://patient-innovation.com/>) e “Portal das Escolas” (<https://www.portaldasescolas.pt/>), bem como as respetivas páginas no Facebook.

Com o intuito de investigar e compreender as práticas e interações ocorridas nestes espaços *online*, construímos um guião de análise (Cf. Anexo 4) abrangendo os seguintes fatores: i) colaboração; ii) partilha de recursos/informação; iii) construção colaborativa de materiais; iv) fomento à utilização de recursos abertos e gratuitos; v) autoformação; vi) entreaajuda entre famílias, entre famílias e profissionais e entre profissionais; vii) estratégias de e-moderação.

A recolha deste tipo de dados possibilitou-nos conhecer as principais práticas de partilha de informação e estratégias de e-moderação nos referidos espaços *online*. Estes dados foram cruzados com as informações recolhidas nas entrevistas realizadas aos dinamizadores e e-moderadores de grupos de entreaajuda/autoajuda.

2.4.4 Análise de conteúdo das interações no *Compartilha*

Ao longo de nove meses, de novembro de 2014 a julho de 2015, realizou-se a fase de teste do protótipo *Compartilha* pelo grupo-piloto. Coligimos todos os dados que obtivemos durante este período nos “desafios”, “compartilhas”, “registos do *chat*” e “mensagens de e-mail”.

Ao todo, no período referido, foram lançados 16 desafios e realizadas 270 compartilhas de recursos, materiais, ideias, estratégias e conhecimentos, bem como de divulgação de eventos e ações de formação gratuitos. Todo este conteúdo partilhado, associado às interações que surgiram durante o período de teste do *Compartilha*, foi assumido como uma das principais fontes de dados deste estudo.

A análise de conteúdo destes dados foi estruturada, com base nos trabalhos de Lave e Wenger (1991), Miranda-Pinto (2009) e Nunes (2012), tendo sido elaborada uma grelha com as dimensões de análise do conteúdo e das interações. Esta grelha (Cf. Anexo 4) reúne diversos contributos importantes para aferir a qualidade

de um espaço *online*, estando dividida em cinco secções: Dimensão Social; Dimensão Compartilha; Dimensão Colaboração; Dimensão Moderação e Dimensão Avaliação

Realça-se que, durante o período de implementação do espaço *online* e da respetiva comunidade, as investigadoras assumiram vários papéis:

- administradoras da plataforma, assegurando a gestão de participantes e a ativação de novos registos na comunidade, acompanhamento do desempenho dos participantes e fornecimento de informações gerais sobre o ambiente;
- observadoras-participantes, que permitiu uma precisão maior na recolha de dados, tratamento e interpretação dos mesmos;
- moderadoras, promovendo o envolvimento dos participantes de forma que a comunidade pudesse tornar-se num espaço de aprendizagem informal, baseado na interação e colaboração, garantindo a construção de conhecimento.

Salienta-se que a participação das investigadoras na comunidade pode ser encarada como uma fonte na descrição dos factos e argumentação dos mesmos, apesar da subjetividade que lhe pode estar intrínseca.

Neste tipo de investigação, privilegia-se o contexto como fonte direta de dados, sendo o investigador o principal elemento de recolha enquanto observador-participante. Trata-se, portanto, de uma investigação essencialmente qualitativa; os dados recolhidos apresentam-se num texto e são mais entreligados com o processo do que com os resultados.

Para além desta dimensão, recorremos também a uma abordagem quantitativa, que nos permitiu quantificar alguns dados na comunidade, pelo recurso a técnicas de recolha, apresentação, análise e tratamento estatístico desses dados.

Gostaríamos de salientar que os métodos quantitativos e qualitativos de investigação são diferentes, ainda que não excludentes porque, na verdade, permitem dar resposta a questões diversas, baseadas em construções teórico-metodológicas com princípios diferenciados. Como refere Victor et al. (2000), esta diversidade tem sido utilizada de uma forma bastante eficiente em estudos que integram mais do que um objeto de investigação a partir de um mesmo tema, implicando a análise de conhecimento de natureza quantitativa e qualitativa, com a finalidade de adicionar outras dimensões a um mesmo estudo. Desta forma, as duas metodologias complementam-se, no sentido em que os resultados de uma questão, colocada a partir da abordagem qualitativa, geram novas questões que só podem ser respondidas a partir da abordagem quantitativa, ou o contrário. É nesta

perspetiva que concordamos com Victor et al. (2000), tendo reunido no nosso estudo ambos os métodos de investigação.

Capítulo 3 – Levantamento de necessidades e boas práticas

3.1 Levantamento de necessidades dos agentes educativos

A aplicação de dois inquéritos por questionário dirigidos aos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE, permitiu clarificar as reais carências de formação em TIC e identificar as necessidades de partilha de conhecimentos sentidas por estes agentes educativos. Os dois inquéritos são em grande parte semelhantes, de forma a permitir uma análise comparativa de ambos.

Os questionários encontraram-se *online* entre 1 de Fevereiro e 15 Março de 2014. No total, foram respondidos 160 questionários, 49 do grupo dos encarregados de educação de crianças com NE e 111 do grupo de profissionais da educação e saúde.

3.1.1 Caracterização da amostra - Questionário aos encarregados de educação de crianças/jovens com NE

Verificou-se que a maioria dos respondentes foram mães (apenas quatro pais e uma avó), constatando-se um elevado número de encarregados de educação com formação académica superior: bacharelato (3/49), licenciatura (25/49) e mestrado (6/49). Em relação à sua situação profissional, a maioria dos inquiridos (34/49) estava a exercer uma profissão, sendo que, uma parte dos mesmos, na área da educação (13/49).

A distribuição geográfica dos inquiridos é variada, incluindo todo o território de Portugal continental (45/49), Brasil (3/49) e Moçambique (1/49); contudo, evidenciase uma maior prevalência na zona de Lisboa (17/49), seguida dos distritos de Aveiro (7/49) e Viseu (7/49). No que respeita à caracterização do educando com NE, constatou-se a distribuição do grupo dos educandos por género: sexo feminino (20/49) e sexo masculino (27/49); por nível de ensino: a maioria frequenta os níveis iniciais do sistema de ensino: o ensino pré-escolar (15/49), o primeiro ciclo (10/49) e o segundo ciclo (8/49). Verificou-se também que cinco das crianças/jovens já não frequentam o sistema de ensino.

Em relação às principais dificuldades dos educandos, foram sinalizadas as seguintes: linguísticas (32/141); cognitivas (26/141); na socialização (14/141); psicomotoras (15/141); na motricidade (13/141); e comportamentais (12/141).

A maioria dos pais inquiridos refere que os educandos com NE beneficiam de acompanhamento profissional, principalmente terapia de fala (30/153), consultas de

desenvolvimento (28/153), apoio de Educação Especial (28/153), terapia ocupacional (24/153) e fisioterapia (11/153).

3.1.2 Caracterização da amostra - Questionário dos profissionais da educação/reabilitação de crianças/jovens com NE

Verificou-se que, dos 111 respondentes, a maioria é do sexo feminino (94/111). A faixa etária com maior representatividade situa-se entre os 31 e os 40 anos (40/111). Geograficamente, os respondentes exercem a sua atividade profissional em todo o território nacional (continental e ilhas), sendo os distritos mais representados os de Aveiro (38/111), Viseu (20/111) e Lisboa (12/111). Em relação à atividade profissional que os inquiridos desempenhavam, 67 enquadraram-se como profissionais da educação, e 52 como profissionais de saúde (sendo que oito profissionais desempenhavam funções tanto na saúde como na educação).

Verificou-se uma maior representatividade de professores (36/111) (14 dos quais são professores de EE), terapeutas da fala (22/111), técnicos de psicomotricidade (15/111) e psicólogos (14/111), entre todas as profissões referidas. Constatou-se que a maioria dos profissionais inquiridos afirmaram não possuir formação específica em EE (60/111). Em relação ao tempo de serviço, os grupos mais representados situaram-se entre os seguintes intervalos: “11 e 20 anos” (34/111), “5 e 10 anos” (27/111) e “há menos do que cinco anos” (26/111).

Podemos ainda destacar que, no ano letivo do estudo, 91 dos profissionais inquiridos estavam a apoiar, ou tinham incluídos nas suas turmas, crianças/jovens com NE; desse grupo, 46 profissionais indicaram que apoiavam menos do que 10 crianças/jovens, 31 profissionais prestavam apoio a “entre 11 a 20 crianças/jovens” e 17 profissionais apoiavam “entre 40 a 50 crianças/jovens”.

3.1.3 Resultados

3.1.3.1 As carências de formação em TIC para EE

De acordo com as respostas obtidas nos dois questionários, verificou-se que a maioria da nossa amostra tinha formação em TIC e que este conhecimento tinha sido obtido principalmente através de autoformação e formação contínua.

Evidenciou-se que a maioria dos profissionais inquiridos possuía conhecimento em TIC no domínio das NE (68/111) e utilizava as TIC no processo educativo/reabilitativo de crianças/jovens com NE (85/111). Entre as principais motivações para procura desta formação, referiram: “melhorar o desempenho das crianças com NE” (89/111) e “compensar limitações das crianças” (87/111).

A maioria dos pais e profissionais inquiridos indicaram que utilizavam as TIC para criar/adaptar materiais personalizados para as suas crianças/jovens com NE, recorrendo essencialmente às aplicações de processamento de texto (ex.: Word) e produção de apresentações/slides (ex.: PowerPoint). No que concerne às áreas/atividades, os inquiridos indicaram que produziam/adaptavam materiais digitais principalmente para o treino de leitura, escrita e comunicação. Uma parte significativa dos profissionais inquiridos referiu que sentia muita falta de materiais digitais nas seguintes áreas: competências funcionais (47/111), simulação de atividades da vida diária (45/111) e comunicação (40/111).

No que se refere aos recursos TIC para EE, constatou-se que a maioria dos pais e profissionais inquiridos utilizava aplicações em PowerPoint e Livros Digitais. No que concerne aos softwares educativos para EE observámos níveis muito baixos de conhecimento e utilização. Entre os recursos mais utilizados pelos profissionais inquiridos, destacaram-se os *Jogos de Mimocas* (54/111), *Comunicar com símbolos* (44/111) e *Boardmaker* (34/111), conforme pode ser observado na Figura 6.

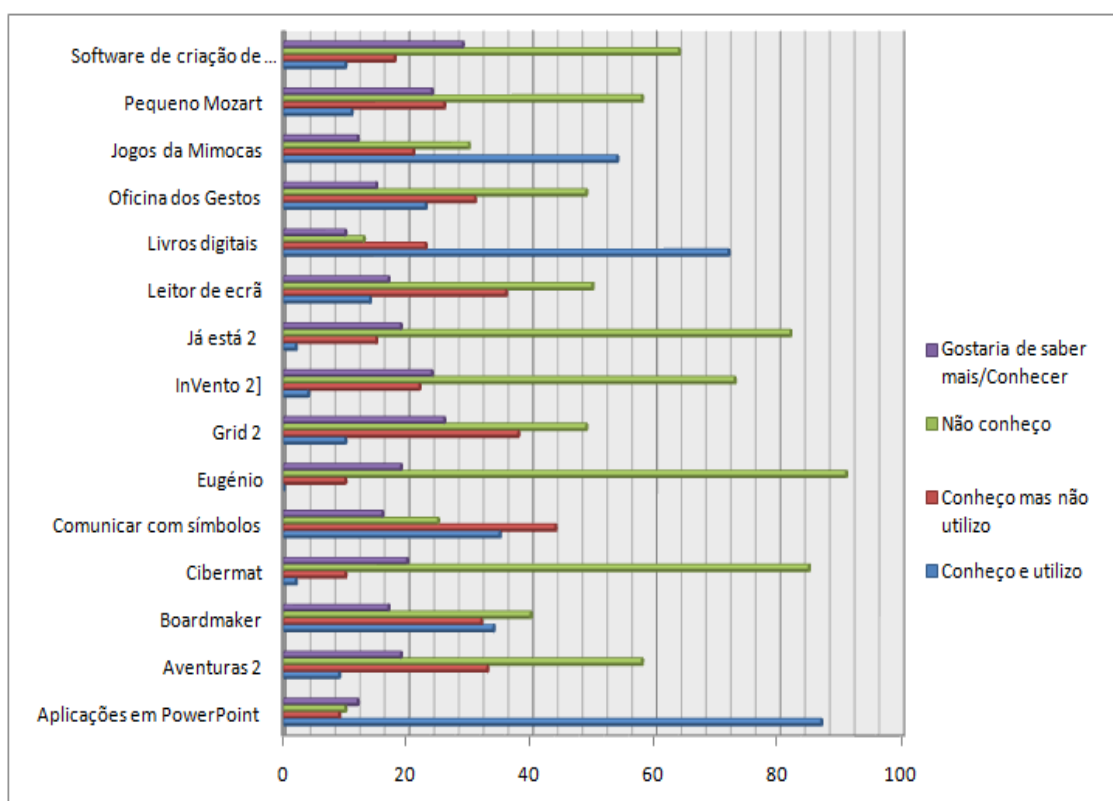


Figura 6. Nível de conhecimento e utilização dos recursos TIC para EE referido pelos profissionais inquiridos

Nas respostas dos profissionais evidenciou-se um alto nível de falta de conhecimento sobre a maioria dos softwares para EE e um baixo nível de interesse em conhecer/saber mais sobre estes recursos. Entre os mais procurados, estão os softwares de criação de atividades (ex. *Jcllic* (29/111) e *Grid 2* (26/111)).

Os pais inquiridos revelaram níveis ainda mais baixos de conhecimento e utilização dos softwares educativos para EE, destacando como mais utilizados os *Jogos de Mimocas* (18/111) e software de criação de atividades (ex. *Jclíc*) (8/111), como pode ser observado na figura 7.

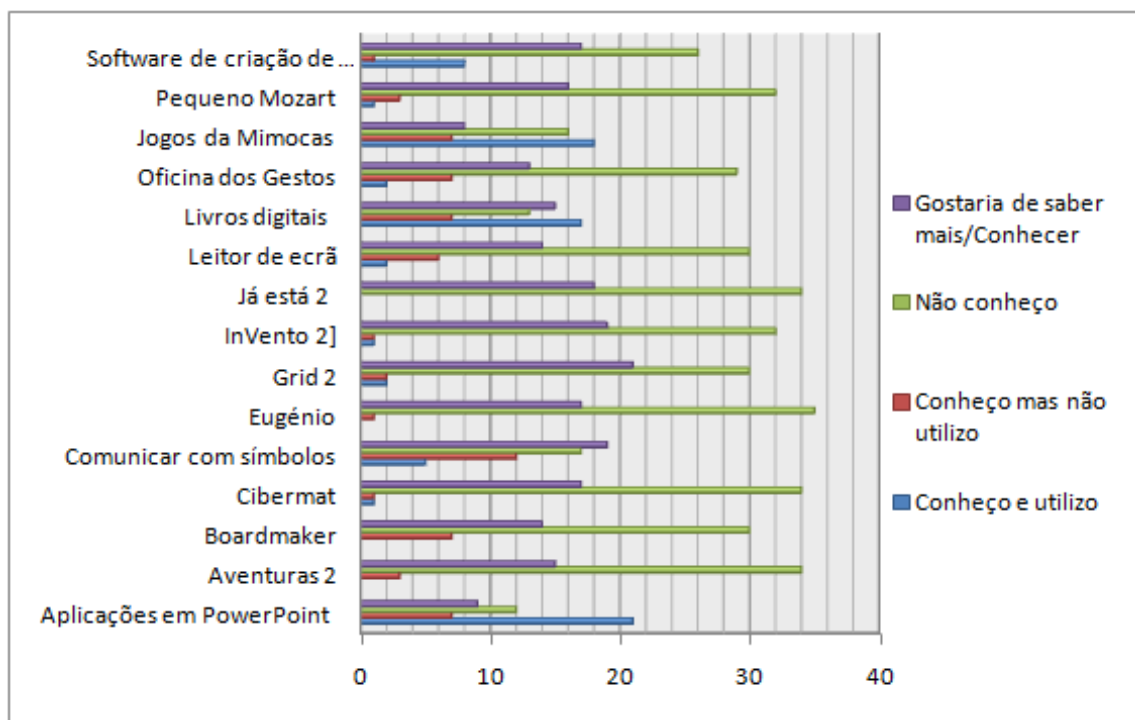


Figura 7. Nível de conhecimento e utilização dos recursos TIC para EE referido pelos pais inquiridos

Evidenciou-se ainda que os pais inquiridos apresentaram níveis altos de falta de conhecimento da maioria dos softwares para EE; no entanto, comparando com as respostas dos profissionais, este grupo revelou mais interesse em conhecer/saber mais estes recursos específicos. Entre os mais procurados estão o *Grid 2* (21/111), *Comunicar com Símbolos* (19/111) e *InVento* (19/111).

No que concerne à perceção dos inquiridos sobre a importância das TIC, a grande maioria destacou que os recursos tecnológicos existentes ajudam as crianças/jovens a comunicar melhor (de forma oral, pictográfica, gestual ou pela escrita) e concordou totalmente em que as TIC podem constituir um auxiliar importante no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE.

3.1.3.2 As necessidades de partilha de informação e recursos

Relativamente às necessidades de partilha por parte dos profissionais, foi referido pela grande parte dos inquiridos que procuravam ideias na Internet, algumas vezes

por semana (46/111). No entanto, a maioria dos inquiridos referiu que, pela web/internet, raramente ou nunca partilhava experiências e dúvidas (68/111) e raramente ou nunca partilhava materiais e recursos (65/111). Em relação às respostas dadas pelos pais, podemos considerar que os dados convergem, uma vez que a grande parte referiu que raramente ou nunca partilhava experiências e dúvidas na web/internet (29/49) e raramente ou nunca partilhava materiais e recursos (40/49).

Neste sentido, e em relação aos blogues/sites dedicados à partilha de informação na área da EE, grande parte dos inquiridos revelou que os conhecia pouco e os utilizava com baixa frequência. Entre os mais utilizados, os profissionais destacaram a “Escola Virtual” (48/111), Grupos de Facebook (45/111) e “Pais em rede” (26/111). Os pais inquiridos indicaram os mesmos blogues/sites mas em outra sequência, dando preferência aos Grupos de Facebook (28/49), seguidos do “Pais em Rede” (22/49) e “Escola Virtual” (12/49).

Apesar destes indicadores de partilha, a maioria dos inquiridos, tanto profissionais como pais, considerou que a partilha (101/111; 38/49), a comunicação (107/111; 30/49) e o envolvimento (107/111; 42/49) entre os diferentes agentes educativos facilita o processo de aprendizagem/reabilitativo de crianças/jovens com NE. É importante também realçar que a grande parte do grupo de profissionais inquiridos sentia parcialmente falta de colaboração entre os diferentes agentes educativos (56/111) e que no grupo dos pais esta perceção de falta de partilha era mais evidente (15/49 - concordaram totalmente e 14/49 concordaram parcialmente).

Podemos considerar que os pais de crianças com NE se sentem competentes para auxiliar os seus educandos na promoção da linguagem oral e escrita (respetivamente 26/49 e 42/49); contudo, um grupo representativo de profissionais referiu que sentia falta de conhecimentos que permitissem auxiliar os seus alunos no âmbito das aprendizagens da linguagem oral e escrita.

Outro aspeto importante que surgiu desta análise, foi o facto de os profissionais de educação e de saúde considerarem como motivação muito importante (43/111) e importante (44/111), realizar formação em TIC para criar projetos em rede. Nesse sentido, a maioria dos inquiridos realçou a importância do envolvimento dos diferentes agentes educativos na elaboração de recursos digitais (72/111 profissionais concordaram totalmente e 26/49 pais concordaram), e que gostariam de estar envolvidos em projetos de partilha (58/111 profissionais concordaram totalmente e 23/49 pais concordaram).

Em relação à perceção de colaboração entre os diferentes agentes, é curioso que todos os inquiridos, tanto pais como profissionais, referiram que consideravam ter mais iniciativas de colaboração com os outros agentes do que os outros agentes

tinham com eles. Este fosso entre a procura de colaboração e a solicitação de colaboração foi mais visível entre os profissionais de educação e saúde.

Em síntese, podemos referir que a análise de dados realizada evidenciou que a maioria da nossa amostra possuía uma percepção positiva sobre as TIC, considerando que estas constituem um auxiliar importante no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE.

Os resultados evidenciaram que os profissionais e pais, na sua maioria, possuíam conhecimentos em TIC e utilizavam as ferramentas digitais mais comuns na prática diária. A maioria dos agentes educativos utilizavam as TIC para a criação/adaptação de materiais de acordo com as necessidades das crianças que apoiavam; contudo utilizavam maioritariamente ferramentas básicas do Office. De acordo com estes dados podemos portanto considerar que a utilização de softwares educativos destinados à EE era diminuta entre o grupo dos pais e dos profissionais, ainda que uma grande parte dos pais tenha demonstrado interesse em conhecer mais sobre estes softwares; no grupo dos profissionais este interesse é menos expressivo.

Pais e profissionais consideraram que a área mais preocupante na prática educativa/reabilitativa era a linguística, sentido falta de recursos específicos que promovessem o desenvolvimento de competências de linguagem (oral e escrita).

Relativamente às necessidades de partilha, a maioria dos agentes educativos considerou muito importante a partilha, o envolvimento e a comunicação entre todos os agentes no processo educativo/reabilitativo; no entanto, pela análise de trocas de conhecimento, experiências e competências pela web/internet, constatou-se um baixo nível de desenvolvimento da cultura de partilha em rede.

Os dados obtidos neste estudo convergem com o descrito na bibliografia, em que se refere que os agentes educativos têm dificuldade em adotar práticas reflexivas e cooperativas (Mesquita, Formosinho, & Machado, 2010) e em operacionalizar uma rede de comunicação efetiva e de partilha de conhecimentos, estratégias, recursos e materiais entre os diferentes agentes educativos (Franco, 2007; McWilliam, 2010).

3.2 Boas Práticas de dinamização em grupos de entreajuda

Tendo como objetivo analisar as estratégias de partilha e construção de conhecimento utilizadas em grupos de entreajuda, foram entrevistadas cinco dinamizadoras/participantes das comunidades de entreajuda, no âmbito das NE, bem-sucedidas e sustentáveis em Portugal. O guião desta entrevista encontra-se disponível no Anexo 3:

- Uma moderadora de um grupo presencial das “Oficinas de pais”, promovidas no âmbito de um projeto da associação Pais em Rede, desenvolvido entre 2012 e 2014. Cada “oficina” era constituída por oito sessões que se distribuíam por três meses;
- Uma participante de uma “Oficina do Pais”;
- Uma participante de um Grupo de Partilha e Orientação Técnica (GPOT), promovido pela associação “Diferentes e Especiais”. Estes grupos são compostos por familiares de crianças e jovens com NE que se encontram periodicamente para partilhar histórias, experiências e sentimentos. As sessões realizam-se uma vez por mês, aproximadamente desde 2011;
- A criadora/dinamizadora do grupo “Pais 21”, um grupo de entreajuda fechado do “Grupos” do Google, que funciona desde 2008 e utiliza principalmente o e-mail para compartilhar vitórias, derrotas, dúvidas, estratégias, recursos, etc.;
- Uma e-moderadora de uma comunidade de prática *online* no âmbito das NE:
 ”Multideficiência: pais e docentes em rede”, desenvolvida no âmbito de um projeto de doutoramento que decorreu de 2009 a 2012 (Nunes, 2013).

Importa realçar que, dos cinco elementos entrevistados, três são mães de crianças/jovens com NE e dois são profissionais da educação/saúde.

A análise dos dados recolhidos permitiu compreender os fatores que motivam a participação nestes grupos, destacando-se, a este respeito, a procura de empatia, o sentimento de falta de apoio da família e o sentimento de solidão.

Em relação ao desenvolvimento do sentido da comunidade, as dinamizadoras dos grupos presenciais e as e-moderadoras referiram que o processo de criação de uma comunidade é um processo muito demorado, exige persistência, disponibilidade temporal e uma liderança ativa. Na sua opinião, se o grupo ficar em autogestão, sem dinamização, a comunidade acabará por desaparecer.

Relativamente ao papel do moderador, as entrevistadas referiram que o moderador deve possuir um conjunto de características, como a capacidade de escuta, a moderação ativa e a racionalidade na condução da moderação. É interessante destacar a opinião de duas das entrevistadas, que mencionaram que os grupos de entreajuda no âmbito das NE necessitam de um moderador que não esteja envolvido direta e emocionalmente na problemática e que, desse modo, consiga facilitar a condução para a progressão emocional e ajudar a encontrar as respostas.

A e-moderadora da comunidade de prática destacou a importância da realização de encontros presenciais como fator determinante para a promoção da interação entre os participantes.

Entre as estratégias utilizadas para a dinamização destas comunidades, as entrevistadas destacaram as seguintes: criação de espírito de comunidade; promoção de um sentimento de segurança e confiança, e lançamento de questões/temas para debate.

Em relação às dinâmicas de entreajuda, foram referidas as seguintes: procura colaborativa de soluções, criação de uma rede de apoio e lançamento de questões e temas de debate. Foi relatado também que a progressão da comunidade deverá promover o surgimento de alguma partilha de recursos e informações, como ajudas técnicas e apoio legislativo.

No que respeita às características de facilitador/moderador, foram identificadas pelas entrevistadas, as seguintes: postura empática, sem julgamentos nem juízos de valor; facilidade de comunicação; capacidade de escuta; reconhecimento de competência e respeito; pro-atividade e dinamismo. Referiram também a importância de o moderador ser uma pessoa com alguma disponibilidade de tempo.

Relativamente às dinâmicas que proporcionaram uma maior partilha, foram identificadas as seguintes: atividades realizadas em pequenos grupos (de preferência em número ímpar de elementos); envolvimento de todos os participantes; valorização de todas participações, principalmente dos elementos menos ativos; promoção de dinâmicas que promovam a partilha de opiniões, resolução de problemas, procura colaborativa de soluções, troca de experiências e reflexão. Referiu-se também a importância de manter os pais informados para que possam tomar decisões de uma forma mais esclarecida.

Nos grupos de apoio presenciais não foi reportada a construção colaborativa de materiais, mas foram referidas algumas partilhas de recursos, ajudas técnicas e apoio legislativo.

Na comunidade de prática *online* foi reportada a dinamização de ações para promover a construção colaborativa de materiais, tendo ainda sido referido que os participantes tinham dificuldades, tanto na construção dos materiais, como na partilha de opiniões, conhecimentos e dos próprios materiais.

3.3 Análise dos sites

Tendo como finalidade conhecer as boas práticas de partilha em rede dos conhecimentos e materiais dirigidos à EE, bem como investigar e compreender as práticas e interações ocorridas nestes espaços, realizou-se a análise de quatro sites referidos como os “mais utilizados” pelo nosso público-alvo, de acordo com os resultados dos questionários *online*.

Deste modo, observámos as estratégias de e-moderação dos sites “Escola Virtual” (<http://www.escolavirtual.pt/>), “Pais em Rede” (<http://paisemrede.pt/>), “Patient Innovation” (<https://patient-innovation.com/>) e “Portal das Escolas” (<https://www.portaldasescolas.pt/>), bem como respetivas páginas Facebook.

Havíamos ainda previsto analisar as práticas de partilha em rede e as estratégias de e-moderação de dois espaços *online*: “@rca comum”, desenvolvido no âmbito do estudo de Pinto (2009) e “Multideficiência: pais e docentes em rede”, desenvolvido no âmbito do estudo de Nunes (2012). Uma vez que, durante a nossa investigação, frequentemente comparámos os resultados obtidos com aqueles que foram apresentados por estas investigadoras, tomar conhecimento das dinâmicas destes espaços seria uma mais-valia para a nossa investigação. Infelizmente, no momento da nossa investigação, os espaços *online* referidos já se encontravam inativos. Conseguimos apenas entrevistar a investigadora do segundo estudo, tendo sido os dados desta entrevista apresentados no subcapítulo 3.2 (Boas Práticas de dinamização em grupos de entreajuda).

Os quatro sites referidos pelos inquiridos como mais utilizados foram analisados de acordo com um guião de análise (Cf. Anexo 4) que abrangeu as seguintes dimensões: i) colaboração; ii) partilha de recursos/informação; iii) construção colaborativa de materiais; iv) fomento da utilização de recursos abertos e gratuitos; v) autoformação; vi) entreajuda entre famílias, entre famílias e profissionais e entre profissionais; vii) estratégias de e-moderação.

As considerações e observações tecidas através desta análise possibilitaram-nos conhecer as principais práticas de partilha de informação e estratégias de e-moderação nos referidos espaços *online*. Entre as estratégias relevantes para nosso estudo realçamos:

- Criação de um ambiente amigável, respeitoso e positivo, cultivando o modo positivo de debater as questões, mesmo as mais polémicas;
- Elaboração de regras bem definidas sobre a participação na comunidade e publicação dos recursos;
- Possibilidade de criar grupos, que permitissem associar membros, atribuir tarefas, avaliar trabalhos, desenvolver e disponibilizar os recursos;
- Disponibilização dos diferentes espaços de colaboração, que permitissem a partilha de recursos e ideias, promovendo a integração da componente de aprendizagem com a rede de partilha e colaboração;
- Possibilidade de partilhar recursos, bem como comentar e avaliar conteúdos disponibilizados;
- Caracterização dos recursos com uma organização otimizada (lista de necessidades, tags), por forma a facilitar a pesquisa;
- Divulgação de novos recursos e publicação de “Top de recursos”;

- Avaliação dos recursos disponibilizados pelos participantes e pela equipa de editores do site, para garantir que os conteúdos respeitem as regras básicas do site;
- Possibilidade de marcação de encontros presenciais;
- Dinamização de passatempos com prémios;
- Utilização de expressões de emoção (repetição de pontuação, utilização de maiúsculas e *emoticons*).

Estes dados foram cruzados com as informações recolhidas nas entrevistas realizadas aos dinamizadores e e-moderadores de grupos de entreaajuda/autoajuda e serviram de base para construir o modelo de e-moderação do espaço *online Compartilha*.

Capítulo 4 - O espaço *online* de aprendizagem

4.1 Fundação e elaboração da estrutura/organização do espaço *online*

A conceptualização do espaço *online* *Compartilha* resultou, em primeira instância, das motivações, expectativas, necessidades e interesses manifestados pelo grupo-piloto. Assim, concebemos um espaço *online* que procurámos que apresentasse um *layout* simples e agradável, de fácil utilização, com uma boa navegação e legibilidade. Optámos por uma linguagem clara, acessível e rigorosa, considerando as características dos utilizadores e as suas necessidades.

A implementação do espaço *Compartilha* seguiu vários passos preliminares que, de forma resumida, se apresentam a seguir: i) escolha do tipo de suporte que iria servir de base ao espaço; ii) escolha do nome e registo do domínio; iii) criação do logótipo; iv) configuração do espaço garantindo a sua acessibilidade; V) seleção do modelo mais adequado em termos de design e considerando o público-alvo; vi) desenvolvimento de recursos que iriam ser compartilhados; vii) validação do *Compartilha*.

4.1.1 Escolha do tipo de suporte que iria servir de base ao espaço

A opção pela plataforma de gestão de conteúdo de código aberto Drupal foi feita atendendo às funcionalidades oferecidas, nomeadamente ao nível da criação e organização dos conteúdos, alterações do layout, automatização de tarefas administrativas e definição de permissões e papéis para utilizadores e moderadores. O Drupal permite, através de uma interface simples, publicar vários módulos de conteúdo: blogs, questionários, imagens, vídeos, fóruns, downloads, etc. Possui também um sistema de classificação flexível que permite classificações hierárquicas, indexação cruzada de textos e definição de múltiplas categorias para a maioria dos tipos de conteúdo. Na ótica do utilizador, pode ser considerado intuitivo e autoexplicativo, de forma que os utilizadores, com um mínimo de experiência prévia, podem facilmente descobrir, navegar e usar as suas funcionalidades.

Consideramos, pelos motivos acima mencionados, ser o Drupal a ferramenta mais adequada aos propósitos por nós estabelecidos.

4.1.2 Escolha do nome e registo do domínio

O nome do espaço *online* - “*Compartilha*” - representa a ideia chave do nosso projeto: a promoção de uma cultura de interação social na qual são privilegiadas as

trocas de conhecimento, as experiências e as competências, para serem utilizadas em conjunto (Lin, 2007).

Para a criação do *Compartilha*, a Universidade de Aveiro disponibilizou uma plataforma *online* de alojamento gratuito, bem como a respetiva afetação de toda a estrutura produtiva para a sua concepção, funcionamento e manutenção. Com o apoio da equipa de profissionais dos Serviços de Tecnologias de Informação e Comunicação (STIC) da Universidade de Aveiro, foi criado o domínio <http://cms.ua.pt/compartilha/>.

4.1.3 Criação do logótipo

O logótipo produzido procurou transmitir rigor, confiança e originalidade, assim como a sua fácil interiorização e reconhecimento pelos observadores. Nesta perspetiva optámos pelo enquadramento gráfico de um coração na palavra *Compartilha*, como pode ser observado na Figura 8.



Figura 8. Logótipo do espaço online Compartilha

Procurámos criar uma imagem comunicacional intencional, em que o significado da mensagem fosse facilmente reconhecido e que ao mesmo tempo revelasse a ligação ao conceito e propósito do espaço *online*, através dos seus vários elementos estruturantes: cor, design e mensagem.

4.1.4 Especificação do espaço *online*

Como ponto de partida para a especificação do espaço *online*, elaborou-se um diagrama de Casos de uso em UML. Um diagrama UML descreve a estrutura e funcionalidades disponibilizadas aos utilizadores, apresentando ainda a interação dessas funcionalidades com os perfis de utilizador do sistema.

Para a criação dos diagramas UML, utilizámos o software livre *online Creately*, disponível em <http://creately.com/Draw-UML-and-Class-Diagrams-Online>. No total, foram criados cinco diagramas, que apresentam as funcionalidades dos seguintes atores/perfis: administrador; pai/profissional; pai/profissional - líder de grupo; criança/jovem e utilizador não registado (Cf. Anexo 6).

No exemplo apresentado abaixo, demonstramos um diagrama das funcionalidades disponíveis para o perfil pai/profissional (Figura 9).

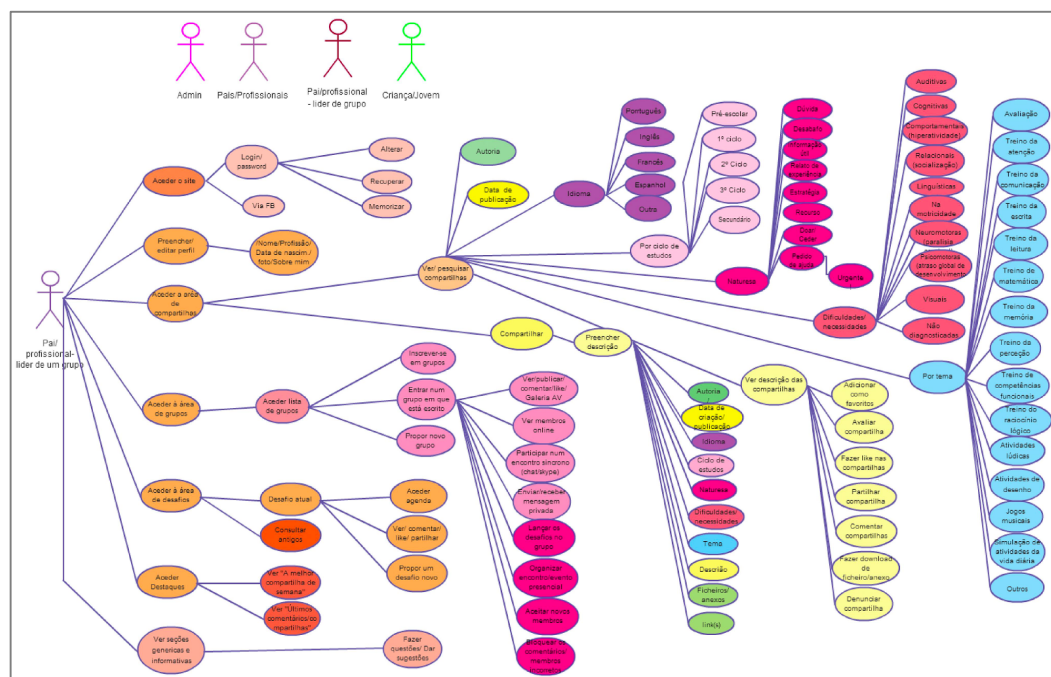


Figura 9. Diagrama UML das funcionalidades de um utilizador registado - líder de grupo (pai/profissional)

Estes diagramas especificam as ações e funcionalidades disponíveis para os diferentes atores, tendo sido uma ferramenta fundamental para a validação do conceito e definição da arquitetura do sistema.

4.1.5 Desenho do Espaço online

Um bom design gráfico possibilita o estabelecimento de hierarquias visuais e destaca as partes mais relevantes, permitindo dessa forma uma melhor compreensão da mensagem que se pretende transmitir (Figueiredo, 2004). No protótipo do *Compartilha*, procurámos desenvolver uma interface que procurasse tanto oferecer uma agradável experiência de utilização, quanto permitir uma navegação intuitiva e rápida.

Com esta finalidade, foram elaborados vários *mockups* que ajudaram a delinear os aspetos a serem concebidos na produção gráfica, possibilitando e ampliando a interação entre profissionais, pais, monitores e jovens/crianças, e ajudando a validar as funcionalidades e conceitos a explorar.

Com a ajuda do software Balsamiq (<https://balsamiq.com>), foram produzidos *mockups* de cada página do protótipo do espaço online (Cf. Anexo 7), tal como exemplifica a Figura 10.



Figura 10. Mockups do protótipo do espaço online

A opções tomadas foram norteadas por uma lógica na qual procurámos encontrar um equilíbrio entre estética, funcionalidade e usabilidade. Para facilitar a navegação, delineámos um *layout* consistente ao longo das várias páginas, com elementos gráficos consistentes e facilmente identificáveis, que permitissem que o utilizador fosse capaz de interagir eficazmente com qualquer página.

Posteriormente, já durante o processo da implementação do protótipo, procedeu-se ao ajuste de alguns *mockups*, de acordo com as possibilidades e as funcionalidades oferecidas pela plataforma Drupal.

Para uma melhor organização do espaço *online*, optámos por uma estrutura com um menu de navegação organizado de acordo com os seguintes itens: i) “Desafios”; ii) “Compartilhas”; iii) “Dádivas”; iv) “Grupos”; v) “Ajuda”.

A seguir, e com o apoio do programa GoAnimate (<https://goanimate.com/>), desenvolveram-se os elementos gráficos a integrar no site, bem como um vídeo promocional que apresentava a ideia chave do *Compartilha*. A Figura 11 demonstra uma página que ilustra os resultados finais alcançados.

pesquisar

home

desafios

compartilhas

dádivas

grupos

ajuda

Olá, oksana | encerrar sessão

Grupo(s) a que pertence:

Grupo Compartilha, Grupo Juvenil -GAPRIC

comp

partilha

testemunhos

desafios em curso

Perito responde na área da linguagem

Temos imensa honra de lançar mais um desafio "O Perito responde"! Desta vez contamos com o valioso contributo de **Perito 1** para nos esclarecer algumas questões na área da Linguagem.

participar em Perito responde na área da linguagem

Convite para festa inclusiva "Quando for grande quero ser..."

Olá a todos, Obrigada pelas vossa preciosas sugestões!

Temos o prazer de convidar todos os compartilhantes, filhotes e amigos para a nossa **festa inclusiva "Quando for grande quero ser..."** Vai ser uma festinha super divertida onde as crianças podem experimentar as diferentes profissões!

< primeira

< anterior

...

3

4

5

6

7

8

9

10

11

...

seguinte >

última >

compartilhas recentes

Kids Media Lab - Aveiro, Coimbra, Porto, Lisboa e Vila Real

Olá a todos,

Votos:

0 utilizadores votaram

Comentários: 0

compartilhas urgentes

Normas e Aplicação de Condições Especiais em Exames Nacionais 2014/15

Já saíram as normas para este ano para a aplicação das condições especiais em Exames Nacionais. Não há grandes alterações em relação ao ano passado. A submissão das condições especiais será até 31 de Março 2015.

Palestra "Medidas educativas no contexto da Educação Especial"

Palestra "Medidas educativas no contexto da Educação Especial" realizada pela a Dr.ª Filomena Pereira, 18 de março de 2015, no auditório da EB2/3 Dr. Francisco

compartilhas mais votadas

Colóquio "Todos juntos por pessoas especiais" 11 de abril, às 15h., JF. de Vera Cruz (Aveiro)

Votos:

59 utilizadores votaram, consigo incluído.

Comentários: 0

Figura 11. A página principal do espaço online Compartilha

No que respeita à estrutura de funcionalidades, o protótipo do espaço *online* integra os seguintes itens principais disponíveis a partir do menu de navegação:

- “*Desafios*” - destina-se à dinamização das atividades que se propõem promover um maior envolvimento dos participantes, de forma a tornar o espaço mais dinâmico e interativo;
- “*Compartilhas*” - destina-se à partilha de recursos, estratégias, dúvidas, e ideias, bem como à pesquisa dos recursos compartilhados;
- “*Dádivas*” - pretende fomentar a cultura de doação de recursos/produtos de apoio que já não estejam a ser utilizados e que possam ser úteis a outras crianças/jovens;
- “*Grupos*” - dedicado a criação de grupos que tenham interesses em comum;
- “*Ajuda*” - apresenta as respostas às “perguntas frequentes”, oferecendo também a possibilidade de colocar novas questões para facilitar a usabilidade e navegação do espaço *online*.

A página *home* do site apresenta informação sobre o projeto, desafios em curso e três campos em destaque: (“Compartilhas Recentes”, “Compartilhas urgentes” e “Compartilhas mais votadas”), que facilitam o acesso aos novos desafios e recursos e promovem a utilização de recursos de melhor qualidade.

Para garantir a acessibilidade ao site, e com o apoio da equipa dos STIC, procurámos apresentar a informação e os componentes da interface de utilizador de forma consistente com as *guidelines* da Iniciativa WAI do W3C (W3C, 2008), nomeadamente pela proposta de uma solução....:

- Percetível, oferecendo alternativas em texto para todo o conteúdo não textual e imagens;
- Adaptável, garantindo que o conteúdo pudesse ser apresentado de diferentes formas (lido em voz alta; aumentando os tamanhos da letra), sem perda de informação ou estrutura. Na figura 12 podemos observar as diferentes opções de tamanho de letra.



Figura 12. Opção de escolha de tamanho de letra

- Discernível, procurando separar o que estava em primeiro plano do que estava noutros planos, garantindo que as informações transmitidas através de

cor também estivessem disponíveis em texto e assegurando que a combinação de cores entre o fundo e o primeiro plano fosse suficientemente contrastante.

iv) Compreensível, garantindo que a informação e os itens da interface fossem facilmente navegáveis legíveis e previsíveis. Para assegurar estes aspetos, procurámos:

- dividir grandes blocos de informação em grupos mais fáceis de gerir;
- permitir o acesso rápido ao conteúdo, através de links invisíveis;
- utilizar os títulos que descrevem o tópico ou a sua finalidade;
- associar explicitamente os rótulos aos respetivos controlos;
- utilizar os mecanismos de navegação de forma coerente e sistemática;
- fornecer barras de navegação para destacar e dar acesso aos mecanismos de navegação;
- utilizar os links facilmente reconhecidos e o seu objetivo identificável, de forma a garantir o reconhecimento do destino do link;
- maximizar a compatibilidade com atuais e futuros agentes de utilizador, incluindo tecnologias de apoio.

Durante o período de prototipagem, e de acordo com a abordagem proposta pela própria metodologia de desenvolvimento, foram feitos vários ajustes no sentido de verificar a funcionalidade e a acessibilidade do espaço *online* e proceder às correções e adaptações necessárias.

Em síntese, podemos referir que optámos por um *layout* simples e consistente; todos os separadores apresentam imagens, textos e botões exatamente nas mesmas posições, facilitando a navegação pelo ambiente e oferecendo formas diversas de acesso às funcionalidades. Procurou-se ainda maximizar a usabilidade e diminuir o número de “cliques” necessários para aceder a diferentes ferramentas e informações.

4.1.6 As ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona

Entre as possíveis ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona a integrar no protótipo, optámos por utilizar as seguintes:

- O Fórum foi utilizado no espaço “Desafios” com a finalidade de permitir a partilha e a reflexão sobre os assuntos colocados a debate. Com esta ferramenta, procurámos impulsionar a participação, bem como a reflexão sobre os conteúdos partilhados. Os desafios foram lançados pelas

moderadoras, tendo os participantes tido a oportunidade de participar, dando resposta aos desafios, bem como de sugerir temas para novos desafios ou tópicos dos recursos partilhados.

- o Blogue foi outra ferramenta disponibilizada no espaço *online*, existindo a possibilidade de os participantes *postarem* conteúdos e comentarem os *posts* partilhados. Todas as ferramentas disponibilizadas permitiam a produção de comentários.
- O *Chat* como uma ferramenta síncrona, foi utilizado com o objetivo de estimular a comunicação em tempo real entre todos os participantes. Esta ferramenta possibilitou ainda a troca de informação e a discussão entre os participantes e os moderadores.

4.1.7 Categorização das Compartilhas

Com o intuito de melhor organizar a secção das Compartilhas, uma das mais importantes do ambiente e com maior densidade informativa, foi desenvolvida uma categorização por forma a tornar o menu de navegação mais perceptível e compreensível. As categorias criadas foram: tipo de compartilha; fase escolar; necessidades específicas; área curricular; e formato de compartilha. Dentro de cada categoria foram definidas as subcategorias constantes do Figura 13, que identificam o conteúdo partilhado:

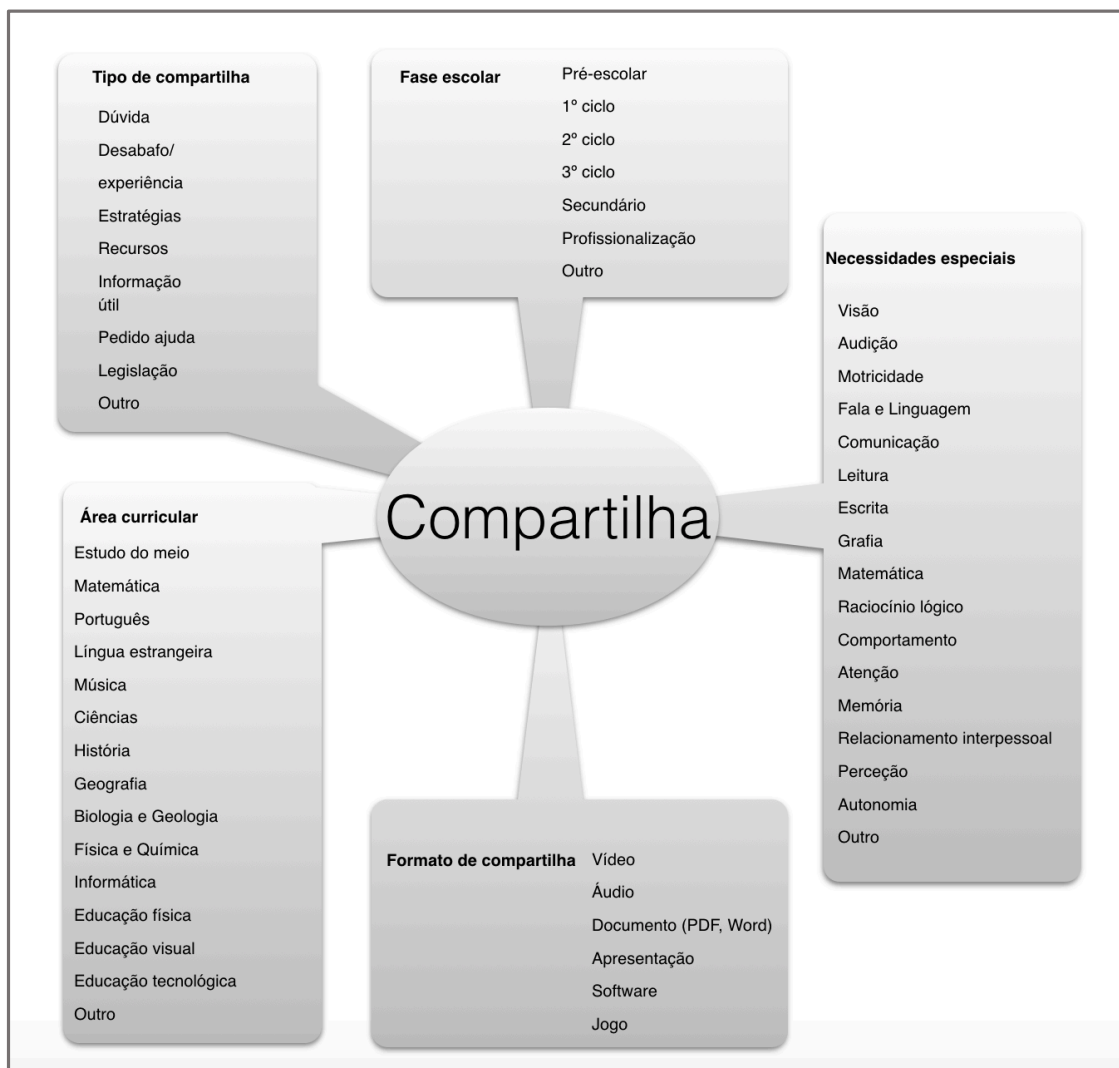


Figura 13. Categorização das compartilhadas

Salienta-se que a codificação do conteúdo partilhado de acordo com estas categorias não era obrigatória para os participantes, embora se tenha evidenciado que a grande maioria deles codificaram as suas compartilhadas, permitindo manter o site bem organizado.

Com o objetivo de utilizar os mecanismos de navegação de forma coerente e sistemática, a mesma categorização foi utilizada no processo de pesquisa de qualquer recurso ou informação partilhados, como podemos observar na Figura 14.

Pesquisar Compartilhas

compartilhas

A sua pesquisa encontrou 10 num total de 543 resultados

Fase escolar

Pré-escolar
1º ciclo
2º ciclo
3º ciclo
Secundário
Profissionalização

Formato

Vídeo
Áudio
Documento
Apresentação
Software
Jogo

Idioma

Português
Inglês
Francês
Espanhol
Outra

Tipo

Dúvida
Desabafo/experiência
Estratégias/recursos
Informação útil
Pedido ajuda
Legislação

Área curricular

Estudo do meio
Matemática
Português
Língua estrangeira
Música
Ciências
História
Geografia

Necessidades especiais

Visão
Audição
Motricidade
Fala e Linguagem
Comunicação
Leitura
Escrita
Grafia

pesquisar

reiniciar pesquisa

Figura 14. Categorias de pesquisa

Salienta-se que foi oferecida ainda aos participantes, a opção de pesquisa por palavra-chave, bem como a opção de pesquisa avançada.

Desta forma, pretendeu-se criar mecanismos de pesquisa transparentes e intuitivos, que possibilitassem a localização rápida do recurso ou informação pretendida.

4.2 Elaboração das regras de funcionamento do espaço *online*

Consideramos como essencial, a definição de algumas regras orientadoras para o bom funcionamento do espaço *online*, na procura de promover uma prática colaborativa responsável e objetiva por parte de todos os participantes.

Desde o primeiro momento que foram elaboradas e apresentadas as regras de utilização do Compartilha, que fornecem instruções aos participantes acerca das regras de comunicação e funcionamento do espaço *online* e consistem nos seguintes tópicos:

“- Todos os participantes são livres de se exprimirem;

- Todos os Participantes devem manter a integridade e o respeito para com os outros participantes do Compartilha, a fim de promover um bom ambiente, de respeito e confiança mútua;

- Os participantes não devem utilizar linguagem ofensiva nem agressiva;
- Todos os Participantes, por estarem obrigatória e claramente identificados, são os únicos responsáveis pela linguagem que utilizam, bem como pelos conteúdos que compartilham;
- Caso um participante encontre linguagem ou conteúdo que considere ofensivo e inadequado, deve comunicá-lo aos administradores responsáveis do Compartilha, através do endereço de email DE-compartilha@ua.pt;
- Existem vários espaços temáticos onde podem ser abordados os diversos assuntos relacionados com a problemática das necessidades especiais: todos os tópicos devem ser colocados no espaço respetivo, segundo a temática abordada.
- Existem grupos temáticos, de acesso restrito e exclusivo dos respetivos membros. Cada participante pode solicitar inscrição num grupo ou criar o seu próprio grupo.
- Existe um Chat, que pode ser utilizado a qualquer hora do dia, desde que haja participantes online que desejem participar.
- O participante que não cumprir as regras de utilização poderá ser convidado a sair do Compartilha.”

Os participantes foram ainda informados que estas regras podem vir a ser atualizadas, dependendo do funcionamento do *Compartilha*, a fim de melhorar as interações na comunidade. Solicitou-se, ainda, que os participantes apresentassem as suas sugestões para o enriquecimento das regras de funcionamento do *Compartilha*, utilizando o campo “Contacto”.

Tendo em conta a “fragilidade” dos temas abordados no espaço *online* e com o intuito de criar um espaço de fiabilidade, as investigadoras garantiram assegurar os seguintes procedimentos éticos, que foram publicados no *Compartilha*:

“Pela própria natureza e objetivos do espaço “Compartilha” é requerido ao utilizador o fornecimento de contactos e de informações, que podem ser consideradas de carácter pessoal.

A administração do espaço “Compartilha” tomou as medidas necessárias para salvaguardar a privacidade dos utilizadores do nosso espaço.

A recolha e o tratamento dos dados pessoais do utilizador é efetuado de acordo com a Lei de Proteção de Dados Pessoais (Lei n.º 67/98, de 26 de outubro).

Os dados pessoais do utilizador registado são utilizados para permitir o registo de utilizador, identificar a fonte das partilhas por ele introduzidos e para comunicar no âmbito do espaço "Compartilha". O "Compartilha" só recolhe dados pessoais, caso o respetivo titular nos transmita essa informação.

Nenhum dos dados pessoais que nos seja confiado será facultado, por via gratuita ou comercial, a empresas de "marketing" direto ou outras entidades que utilizem listas de "mailing" para publicitação dos seus produtos e/ou serviços.

A administração do espaço "Compartilha" reserva-se ao direito de utilizar os dados agregados (tais como localidade, idade e outros) para fins considerados de utilidade pública, designadamente no âmbito de estudos científicos.

Se não concorda com a Política de Privacidade, não deve ceder os seus dados pessoais. Ao fornecer os seus dados pessoais, está a aceitar a Política de Privacidade do espaço "Compartilha" e, por isso, a autorizar a recolha e o tratamento dos mesmos de acordo com as regras definidas."

Com o intuito de construir uma relação de confiança, os aspetos da política de privacidade foram imediatamente disponibilizados no site.

4.3 Gestão e Planificação das atividades do espaço *online*

4.3.1 Proposta de Modelo de e-moderação de cinco passos do Compartilha

Atendendo às boas práticas de dinamização em grupos de entreatajuda presenciais/*online* relatadas nos inquéritos por entrevistas realizados, bem como os modelos de e-moderação de comunidades *online* estudados, foi elaborado um modelo de dinamização e moderação do espaço *online* *Compartilha* que permitisse uma melhor análise e acompanhamento desta comunidade *online*. Neste contexto, e com base na investigação realizada por Salmon (2000), Almenara (2006) e Miranda-Pinto (2009) e observando os resultados obtidos através das entrevistas, desenvolveu-se um modelo de e-moderação constituído por uma sequência de

cinco passos, com o propósito de envolver os participantes, aprofundar e multiplicar as interações e assim contribuir para um melhor dinamismo da comunidade.



Figura 15. Modelo de e-moderação do espaço online “Compartilha”

O modelo proposto atribui importância máxima à partilha de conhecimento, reconhecida como fator fundamental na promoção de uma cultura de interação social, em que são privilegiadas as compartilhadas de conhecimento, experiências e competências, bem como de recursos e materiais. Neste sentido, procurou-se desenvolver uma comunidade de aprendizagem na qual as compartilhadas não fossem apenas parte de um repositório, mas que se assumissem como elementos desencadeadores de processos de reforço da comunicação e da interação dos participantes com os conteúdos, seus pares e moderadores.

Neste modelo, a mediação colaborativa, sustentada na liderança partilhada, é essencial para a criação de novas oportunidades para que os participantes possam envolver-se de forma mais ativa no processo de construção das suas aprendizagens, garantindo o sucesso da comunidade *online*. Deste modo, com a intenção de promover a colaboração e a cooperação entre os participantes da comunidade de aprendizagem *online*, apresentam-se, abaixo os principais objetivos para cada um dos passos do modelo:

I. Familiaridade com a plataforma:

- Transmitir a identidade do *Compartilha* e organizar o ambiente de aprendizagem;
- Apresentar metas e objetivos claramente definidos;
- Assegurar a acessibilidade, para que todos os participantes pudessem receber e enviar pedidos de informação;
- Assegurar que todos soubessem utilizar a plataforma e as ferramentas de comunicação;

- Assegurar procedimentos éticos;
- Estabelecer relações interpessoais;
- Promover o desenvolvimento de um ambiente de confiança mútua, amigável e socialmente positivo.

II. Socialização on-line:

- Conhecer o grupo, suas expectativas e experiências anteriores, a fim de organizar atividades que fossem interessantes e desafiadoras para a comunidade;
- Garantir a socialização dentro da comunidade, dando aos participantes a oportunidade de contribuir com novas ideias e experiências;
- Promover a capacidade dos participantes para expressarem os seus sentimentos, opiniões e pontos de vista;
- Estimular ou manter o nível de interesse dos participantes;
- Promover o modo positivo de discutir as questões, mesmo as mais polêmicas;
- Contribuir para diminuir a distância social entre os participantes;
- Preparar os participantes para aprenderem de forma colaborativa e discutirem ideias, usando argumentos sólidos e definidos dentro de princípios éticos.

III. Compartilha de recursos, saberes e não saberes:

- Promover a partilha de informação/ recursos;
- Facilitar a partilha de dúvidas e “não saberes”;
- Criar o gosto e a necessidade de compartilhar;
- Estimular os participantes a explorar questões que conduzissem à reflexão;
- Promover uma interação mais comprometida;
- Promover a cooperação na realização de atividades entre os participantes.

IV. Construção colaborativa de conhecimento e recursos:

- Promover competências de reflexão e colaboração na construção de conhecimento;
- Permitir que o grupo de participantes manifestasse controlo sobre a sua própria aprendizagem;
- Valorizar a criatividade e a aprendizagem colaborativa;
- Facilitar o desenvolvimento de grupos de interesses, face a trabalhos temáticos;
- Desenvolver a liderança partilhada na negociação de múltiplos discursos, interpretações e representações de conhecimento.

V. Maior envolvimento, maior responsabilização e maior autonomia:

- Promover a autonomia do grupo;
- Fomentar a responsabilização na realização de tarefas;
- Promover a autoavaliação/reflexibilidade;
- Promover a autoformação em TIC;
- Promover a implementação de estratégias de e-moderação pelos próprios elementos do grupo;
- Permitir que cada um dos participantes refletisse sobre o seu conhecimento;
- Contribuir para desenvolver a autonomia e solidez do grupo.

Pretendeu-se, assim, apoiar a construção e dinamização de um espaço interativo *online*, que facilitasse a partilha de informação entre profissionais e famílias, de forma apelativa e dinâmica, e que pudesse tornar-se flexível e autossustentável, com uma produção subsequente de conteúdos e recursos produzidos/adaptados pelos próprios utilizadores.

Como já referimos anteriormente, uma vez que optámos pelo desenvolvimento do projeto em colaboração com outro projeto de investigação, o papel dos e-moderadores do espaço *Compartilha* foi assumido pelas duas investigadoras. As estratégias de e-moderação implementadas pelas investigadoras foram adaptadas a cada passo do desenvolvimento da comunidade e evoluíram de acordo com esse desenvolvimento.

Nos primeiros passos de e-moderação do espaço *online*, optou-se por utilizar as estratégias de apoio “intenso”, que visavam o incentivo dos participantes a participar nas discussões, e a facilitação da discussão, direcionando-a num caminho adequado aos objetivos propostos. Nos passos a seguir, recorreremos a um acompanhamento de dinâmicas menos intenso, a partir do esclarecimento de dúvidas e intervenções de incentivo e reforço. Nos últimos passos, procurou-se utilizar estratégias de descentralização dos processos de e-moderação, incentivando os elementos mais ativos a lançar e dinamizar alguns desafios.

Deste modo, de acordo com os objetivos de cada passo do nosso modelo de e-moderação, em conjunto com a investigadora do *projeto-parceiro*, desenvolvemos uma planificação das dinâmicas a desenvolver, que consistiu numa combinação de diferentes tipos de atividades direcionadas tanto à compreensão concetual, quanto à aplicação e ao uso estratégico do conhecimento (Coll, Mauri, & Onrubi, 2006). Nesta planificação, definimos as estratégias de e-moderação a utilizar, as dinâmicas/desafios a desenvolver, bem como as pessoas responsáveis pela execução da cada tarefa. As dinâmicas/desafios propostos tiveram um carácter diversificado e corresponderam aos objetivos dos dois projetos de investigação.

Alguns exemplos de desafios planificados foram: “Dinâmica de apresentação na comunidade;” “O perito responde”, “Linguagem... afinal o que realmente preocupa...”; “Exploração em grupo das ferramentas educativas abertas”; “Criação de um recurso na área da linguagem, utilizando as ferramentas abertas, com suporte de vídeos tutoriais.” Estes desafios tiveram uma periodicidade semanal, com pequenas interrupções “sazonais”, alternando as atividades pertinentes para cada um dos estudos, bem como os desafios mais complexos com os desafios mais fáceis em execução.

Salienta-se ainda que optámos por uma planificação flexível, que no processo de implementação sofreu várias alterações, de acordo com as necessidades/interesses detetados na comunidade, e com as sugestões de atividades propostas pelos participantes. Em alguns desafios foi necessário prolongar a duração da atividade, respeitando o ritmo e o tempo que cada membro precisava, dando o feedback necessário e mantendo a unidade do grupo.

4.3.2 Registo no espaço *online*

O registo no *Compartilha* efetuou-se mediante o uso do endereço eletrónico de cada participante e de uma senha definida por cada um. Considerámos ainda pertinente solicitar alguma informação pessoal, como a foto, a data de nascimento e a profissão do participante (cujo preenchimento era obrigatório). O formulário de registo permitia ainda a introdução de informação complementar (“sobre mim”).

Conta De Utilizador

[Criar uma nova conta](#) [Entrar](#) [Pedir uma nova senha](#)

Nome *

Utilizador *

São permitidos espaços, não é permitida pontuação com excepção para pontos finais, hífenes, apóstrofes e traços inferiores.

Endereço de email *

Um endereço de email válido. Todos os email deste sistema irão ser enviados para este endereço. O endereço de email não é tornado público e apenas será utilizado se desejar receber uma nova senha ou se desejar receber determinadas notícias ou notificações por email.

Profissão *


data de nascimento

Date

E.g., 15/06/2016

Sobre mim

Verificação *



Type the characters you see in the picture; if you can't read them, submit the form and a new image will be generated. Not case sensitive. [Switch to audio verification.](#)

[Criar uma nova conta](#)

Figura 16. Acesso ao espaço online

De notar que este preenchimento dos campos de perfil foi solicitado num dos primeiros desafios dinamizados no *Compartilha*, o que nos permitiu um melhor conhecimento do nosso grupo-piloto, sendo que durante o período de teste do *Compartilha* (que durou nove meses) foi dado acesso ao espaço apenas ao grupo-piloto. A introdução do nome de utilizador e da senha individual foram, portanto, obrigatórios sempre que os *participantes-piloto* desejavam aceder ao espaço.

Findo o período de pilotagem, valorizando a ideia dos *open educational resources* e reconhecendo a carência de recursos dedicados às NE, decidimos abrir a todos o acesso aos conteúdos partilhados no espaço. Atualmente, qualquer utilizador da web pode aceder à plataforma, ver e descarregar os conteúdos. Ainda assim, a possibilidade de partilhar, comentar, ver os comentários dos outros participantes, bem como participar nos desafios, é privilégio dos utilizadores registados na comunidade.

4.4 Validação do protótipo do espaço *online*

Concluída a construção do protótipo do espaço *online*, e antes do arranque do período piloto, considerámos imprescindível proceder-se à sua validação, tendo sido solicitada a colaboração de cinco especialistas (um profissional de Saúde e quatro profissionais de Educação). Estes validaram as configurações escolhidas, considerando: i) *layout* dos recursos a nível da apresentação visual dos recursos ii) usabilidade; iii) navegabilidade; e iv) acessibilidade. Solicitaram-se também sugestões para melhorar as funcionalidades do *Compartilha*.

Os resultados obtidos neste processo foram positivos e as alterações propostas foram quase todas seguidas e logo concretizadas.

Considerando as configurações do protótipo, a apreciação global formulada foi positiva, sendo referido que este “é sóbrio e apresenta claramente os conteúdos”, “está simples, mas atrativo” e possui “uma apresentação gráfica simples”. Foi afirmado ainda que as cores e os contrastes forma/fundo facilitavam a leitura.

Foram também formuladas várias sugestões com o intuito de facilitar a navegação no site, tais como:

“A apresentação de texto clicável poderia estar mais visível, por ex., no caso de “Pedido de participação no grupo”.

“A navegação é clara. De qualquer forma, para chegar a todos, uma ideia será colocar alguns tutoriais para ensinar a partilhar um recurso, inscrever-se num grupo...”

As sugestões foram naturalmente aceites, pelo que se procedeu às respetivas alterações, bem como à elaboração de um vídeo tutorial. Paralelamente foram recebidas mais algumas sugestões igualmente aceites e que resultaram na retificação de funcionalidades:

“A inscrição num grupo é fácil, mas não temos nenhuma indicação que já estamos inscritos no grupo/pertencemos ao grupo ou que temos de aguardar alguma informação do administrador.

Uma sugestão seria também visualizar os elementos que pertencem a um mesmo grupo.”

De notar que os especialistas mencionaram que as funcionalidades/itens listados estavam ajustados ao que se pretendia, ainda que tenham assinalado como importante repensar alguns assuntos ligados ao conteúdo:

“Tenho algumas dúvidas quanto à questão dos direitos de autor... talvez seja importante alertar para isso no próprio site. Por exemplo solicitando que apenas se compartilhe materiais livres, elaborados por quem compartilha ou por pessoas que tenham dado autorização para o efeito.”

Neste caso, optámos pela estratégia de “aprovação” dos anexos: os anexos só se tornam visíveis para a comunidade depois de serem avaliados pela administração do site. Com efeito, surgiram alguns recursos que, por uma questão de direitos de autor, não foram publicados.

Em síntese, podemos referir que os especialistas validaram todos os itens propostos para análise, valorizando a ideia da criação do espaço: *“Os pontos fortes deste espaço, são: ser um espaço de partilha de recursos, experiências...; muito interessante a ideia das dídivas”, “É uma ideia excelente e necessária!”*

Salienta-se ainda que a estrutura do site funcionou sem qualquer problema durante o período em que decorreu o estudo, ainda que a equipa de investigadoras tenha estado sempre atenta às necessidades/dificuldades sentidas pelos participantes, realizando alguns acertos que permitissem melhorar as funcionalidades do *Compartilha*. Por exemplo, foram reportadas algumas dificuldades dos participantes na colocação de imagens e vídeos, o que resultou na produção de um pequeno vídeo tutorial que demonstrava os passos que são necessários para a realização destas tarefas.

Foram ainda acrescentadas funcionalidades relacionadas com os anexos (PDF, PPT, documentos Word), por forma a permitir a sua colocação no campo dos comentários.

Foi também reportada, por alguns participantes, a dificuldade em encontrar conteúdos específicos, dado o volume de conteúdos partilhados no *Compartilha*, o que tem sido reportado também noutros estudos (Hung & Yuen, 2010; Nunes 2012). Na procura de contornar esta dificuldade, acrescentámos em todas as páginas do site um espaço próprio para pesquisa de informação por tags/etiquetas. Foram também acrescentadas novas etiquetas para facilitar a descrição das partilhas. Estas estratégias ajudaram a ultrapassar as dificuldades detetadas.

Em modo de conclusão, podemos referir que o conjunto de ajustes acima descritos possibilitaram a otimização do espaço *online* e o seu aprimoramento no sentido de o dotar de uma estrutura mais dinâmica, com vista ao suporte para o desenvolvimento de atividades interativas e colaborativas.

Capítulo 5 - Apresentação e discussão dos resultados

5.1 Contextualização do Estudo

Tal como já descrito, este estudo visa investigar o papel de um espaço interativo *online*, sem limitações ou constrangimentos espaço-temporais, na promoção da formação/autoformação na área das TIC e na facilitação dos processos de partilha no domínio de Educação Especial entre os diferentes agentes educativos (profissionais da saúde e educação, e familiares).

Privilegiámos o desenvolvimento de um projeto colaborativo, fortemente articulado e pensado em conjunto com um projeto em curso no âmbito do Programa Doutoral em Educação que, pese embora tenha os seus objetivos específicos, foi desenvolvido numa colaboração intensiva e produtiva em diferentes momentos, tais como: a elaboração e aplicação conjunta de alguns dos instrumentos de recolha de dados; a escolha do público-alvo; a planificação das dinâmicas a desenvolver na comunidade; a e-moderação do espaço; a construção/adaptação colaborativa de alguns recursos digitais; a planificação e realização de encontros presenciais e a disseminação de resultados.

Esta estratégia de construção do *Compartilha* foi desenvolvida na procura de promover a construção de conhecimento colaborativo de forma apelativa e dinâmica com o intuito de criar uma ferramenta útil e autossustentável, integrando dinâmicas de entreajuda e de partilha de conteúdos e recursos produzidos/adaptados pelos próprios utilizadores.

Para alcançar estes objetivos, na primeira fase da investigação, procedemos ao levantamento e à análise das carências de formação e de partilha em rede no domínio das TIC para NE, através da aplicação de um *questionário online*.

Depois de concluída a concepção do espaço *online* iniciámos a fase de divulgação e implementação do *Compartilha*, tendo sido enviado um email com uma síntese descritiva do projeto e o convite para participar no mesmo para todas as pessoas que, no questionário inicial, haviam demonstrado interesse em participar no estudo.

Procedemos ainda ao envio de convites de participação, também por correio eletrónico, para um conjunto alargado de profissionais de Educação e Saúde informando-os da existência do *Compartilha*, da sua importância ao nível profissional e pessoal, convidando-os a fazerem parte desta comunidade e a procederem à sua divulgação junto dos seus colegas e famílias alvo.

Foi ainda enviada informação relativa à existência do *Compartilha* a algumas comunidades (*online* e presenciais) de pais de crianças com NEE, como as associações “Pais em Rede”, e “Diferentes e Especiais”, e o grupo “Pais 21”.

Realizaram-se também apresentações presenciais do projeto na 2ª Conferência internacional para Inclusão - *Includit*, que decorreu de 3 a 5 de julho de 2014, promovida pelo Instituto Politécnico de Leiria; no Congresso *Embracing Inclusive Approaches for Children and Youth With Special Needs*, decorrido em Braga de 14 a 17 julho de 2014, promovido pela Universidade de Minho, e no I Encontro Internacional de Educação Especial “Contributos para a Intervenção”, decorrido nos dias 15 e 16 de novembro de 2014, no Instituto Superior de Engenharia, promovido pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

Utilizando estas estratégias, conseguimos criar um grupo piloto representado por diferentes profissionais e familiares, desconhecidos entre si, geograficamente dispersos por todo o território português (continental e ilhas), mas que se sentiram unidos pelo interesse de partilhar os seus “saberes” e “não saberes”.

5.2 Caracterização dos Participantes do *Compartilha*

Como já referimos anteriormente, o grupo piloto do projeto foi constituído por 55 participantes: 12 familiares de crianças/jovens com NE, 24 profissionais de Educação, 18 profissionais de Saúde e um profissional da área das Tecnologias, conforme figura abaixo.

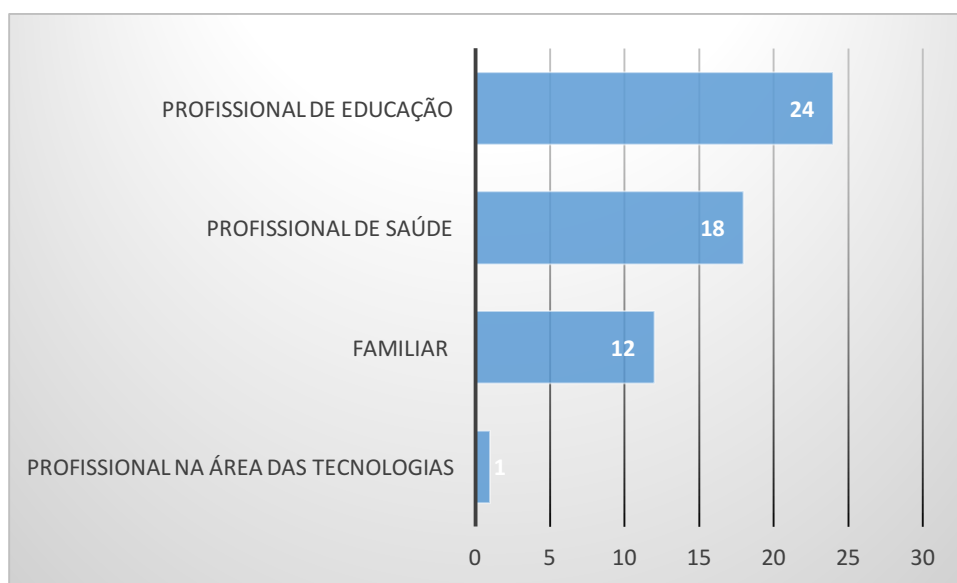


Figura 17. Constituição do Grupo piloto

Os participantes do grupo piloto tinham idades compreendidas entre os 24 e os 72 anos, com uma média de 37 anos, distribuídos pelas faixas etárias presentes na Figura 18.

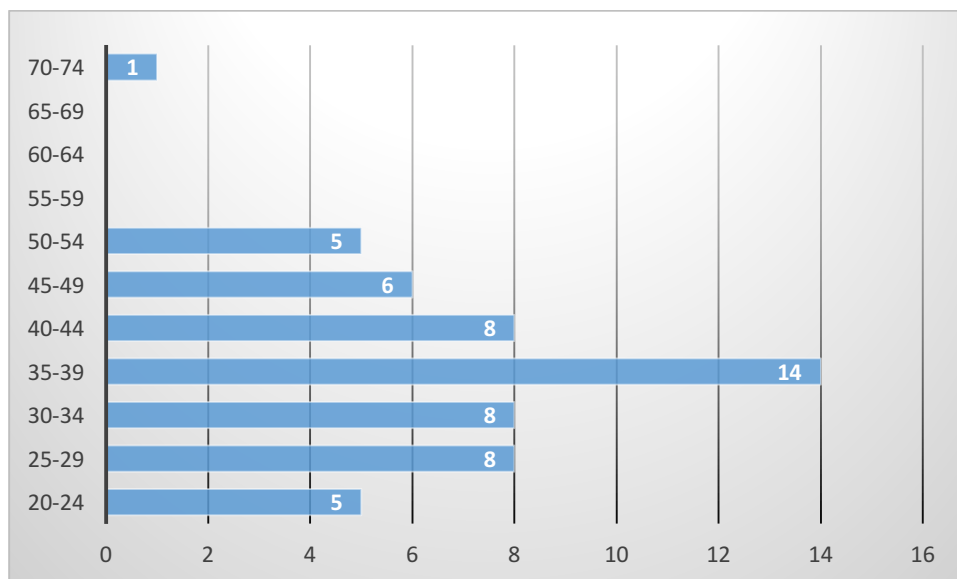


Figura 18. Idade dos participantes do grupo piloto por faixas etárias

Observa-se uma predominância de participantes da faixa etária entre os 25 e os 44 anos.

Importa ainda referir ainda que 42 dos participantes eram do sexo feminino e apenas 12 participantes eram do sexo masculino.

5.2.1 Caracterização dos pais

Reconhecendo a importância da participação dos pais/cuidadores no processo de desenvolvimento destas crianças, considerou-se pertinente encontrar forma de promover uma maior participação das famílias no projeto. Contudo, e pese embora os esforços encetados, apenas 12 famílias (11 mães e um pai) de crianças/jovens com NE, das acerca de 60 famílias contactadas para participar no projeto, aceitaram o desafio.

As idades destes participantes variavam entre os 31 e os 71 anos, sendo que metade (seis) tinha idades compreendidas entre os 45 e os 54 anos.

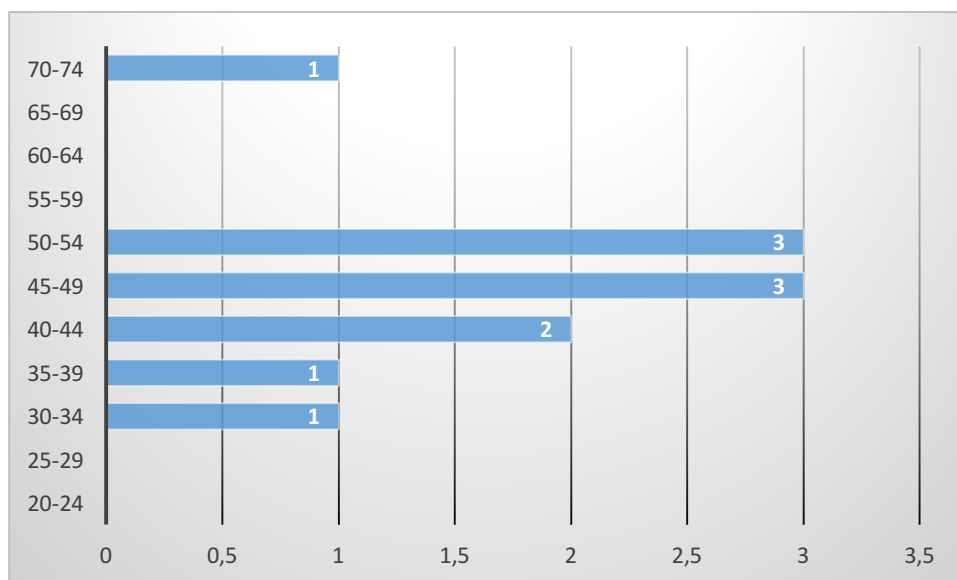


Figura 19. Idade dos participantes-pais por taxas etárias

A idade média dos participantes pais aproxima-se dos 48 anos, o que é significativamente superior à idade média dos profissionais.

A grande maioria dos participantes pais (oito) possui formação superior e uma participante afirmou ser estudante.

Os participantes pais tinham profissões distintas, enquadrando-se principalmente em dois grupos de atividade: *especialistas de atividades intelectuais e científicas* (nove) e *pessoal administrativo* (dois). Os dados recolhidos permitiram identificar as seguintes atividades: advogada; diretora administrativa e financeira; designer gráfica; jurista; engenheira; escritora; estudante; professora; técnica de química; tradutora; e rececionista. Perante os dados expostos, concluiu-se que muitos pais desempenhavam tarefas que exigiam um nível alto de qualificações académicas.

Verificou-se ainda que seis dos participantes (cinco pais e um profissional) pertenciam a diferentes núcleos da associação Pais em Rede, o que indica uma natural predisposição para a partilha e autoajuda.

5.2.2 Caracterização dos profissionais de Educação

O grupo piloto deste estudo era constituído por 24 profissionais de Educação, que na sua maioria eram professores (22), incluindo professores de Educação Especial (11), docentes do Ensino Superior (três) e uma Educadora de Infância. Consideramos importante salientar que três destes profissionais indicaram que se encontravam, à data, a desenvolver uma investigação na área da tecnologia educativa.

As idades destes profissionais de Educação variavam entre os 28 e os 52 anos, sendo que nove tinham idades compreendidas entre os 35 e os 39 anos.

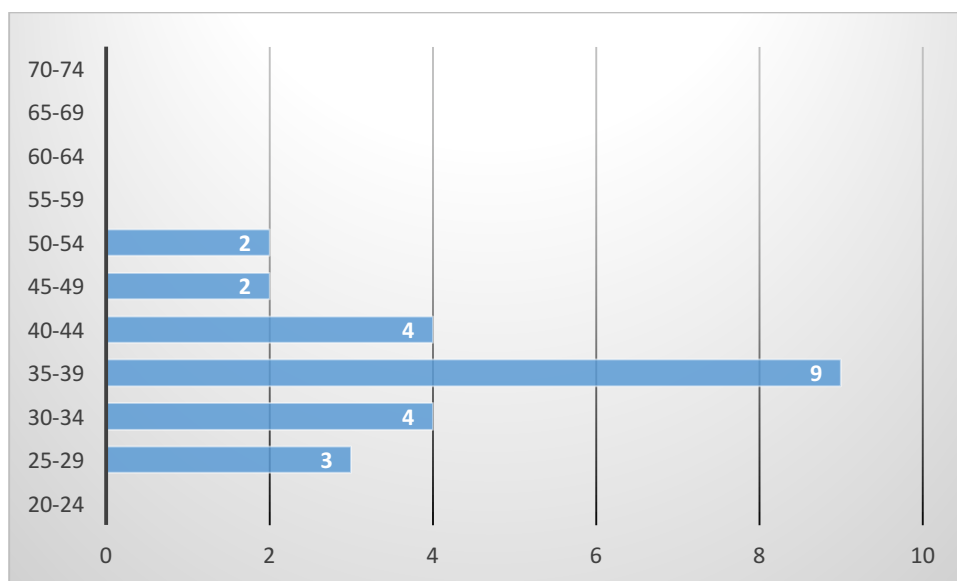


Figura 20. Idade dos participantes-profissionais da Educação, por faixas etárias

A idade média dos profissionais de educação aproxima-se dos 38 anos (inferior à idade média dos pais); 20 participantes deste grupo são do sexo feminino e seis do sexo masculino.

De notar que uma profissional deste grupo assumiu, no seu perfil, ser professora de Educação Especial, tendo mais tarde revelado ter um filho com dificuldades na linguagem decorrentes de surdez, intervencionada com implante coclear. Uma vez que esta participante assumiu o papel de profissional, optámos por respeitar esta decisão e mantê-la nesse grupo.

5.2.3 Caracterização dos profissionais de Saúde

O grupo dos Profissionais de Saúde incluiu 18 participantes: oito Psicólogos; cinco Técnicos de Educação Especial e Reabilitação; três Terapeutas da Fala e dois Terapeutas Ocupacionais.

O grupo era maioritariamente constituído por elementos do sexo feminino (15), variando as suas idades entre os 23 e os 40 anos, com uma idade média de aproximadamente 32 anos. Trata-se do grupo mais jovem, observando as idades médias dos outros grupos.

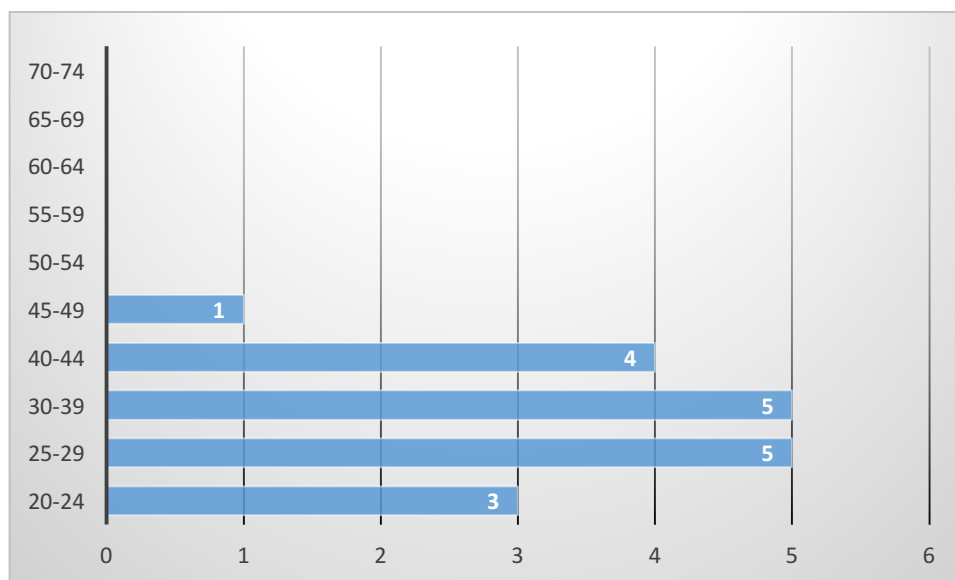


Figura 21. Idade dos participantes-profissionais da Saúde por faixas etárias

5.2.4. Caracterização - profissional na área das Tecnologias

O participante profissional da área das Tecnologias, do sexo masculino, tinha 39 anos e formação em Engenharia das Telecomunicações. Ainda que apenas este participante tenha esta formação específica, importa referir que três participantes dos outros grupos mencionaram possuir formação na área da tecnologia educativa: dois profissionais de Educação, no momento do estudo, estavam a frequentar um programa doutoral nesta área e um profissional de saúde indicou ter concluído o doutoramento em Multimédia em Educação.

5.3 Estabelecimento de relações Interpessoais

Os primeiros passos do desenvolvimento da comunidade *online* foram dedicados à criação de proximidade com o espaço *online* e ao estabelecimento de relações Interpessoais, visando criar oportunidades para que os participantes pudessem envolver-se de forma ativa no processo de partilha de conhecimentos, recursos e dúvidas.

Começámos por criar dinâmicas que promovessem a familiaridade com o espaço *online*, através da transmissão da identidade do *Compartilha*, apresentação das metas e objetivos, e dos procedimentos éticos. Procurámos promover o desenvolvimento de um ambiente de confiança mútua, amigável e socialmente

positivo, assegurando que todos sabiam utilizar a plataforma e as ferramentas de comunicação disponibilizadas.

No passo seguinte, procurou-se conhecer o grupo, as suas expectativas e experiências anteriores, a fim de se poderem organizar atividades que fossem interessantes e desafiadoras para a comunidade. Para atingir estes objetivos, foi solicitado aos participantes o preenchimento do perfil e uma breve apresentação.

Esta atividade teve uma participação ativa de todos, tendo a totalidade dos participantes preenchido o formulário do perfil. A grande maioria do grupo (32) fez também a sua “apresentação pessoal” num dos campos do perfil.

Tendo como objetivo a criação de um ambiente propício para que os participantes se sentissem confortáveis e seguros ao expressar suas ideias, reforçamos esta solicitação com o Desafio “Vamos conhecer-nos Melhor”, no qual foram registadas 20 interações.

A análise qualitativa destes dados permitiu verificar que a maioria dos profissionais utilizou este campo para partilhar um pouco sobre a sua experiência profissional, bem como para introduzir uma breve apresentação do tipo de necessidades especiais das crianças/jovens que acompanham. Por exemplo:

“...trabalho na área das Necessidades Educativas Especiais. Espero partilhar e trocar experiências dentro desta área, até porque o processo de inclusão é uma realidade que exige muitas mudanças! E é na partilha que está a verdadeira riqueza! Parabéns por este fantástico projeto!” (PE 1).

“Sou Professora de Educação Especial. Interesse-me pelos meus alunos e suas particularidades. O autismo é um desafio para mim” (PE 5).

“Docente de Educação Especial, com licenciatura em Ciências Religiosas e formação especializada em Educação Especial - Domínio Cognitivo Motor” (PE 16).

“Licenciada em Educação de Infância desde 2003 pela ESE de Viana do Castelo. A terminar Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação Especial pela Universidade de Aveiro. Formadora de cursos modulares na área da infância e juventude. Experiência profissional em pré-escolar da rede pública, privada e IPSS... Experiência profissional em sala de multideficiência da rede pública...” (PE 13).

“Trabalho na promoção do acesso de pessoas com necessidades especiais a todos os contextos em que interagem” (PS 16).

“Em funções docentes numa Equipa de Intervenção Precoce (ELI)...” (PE 20).

“Me formei em Educação Básica, com experiência em estudos de gênero e políticas de igualdade e expertise em tecnologia educacional. Atualmente, estou fazendo meu PhD em formação em TIC dos professores universitários” (PE 22).

Grande parte dos participantes profissionais, além da sua apresentação como profissional, introduziram uma apresentação de cunho mais pessoal, que ajudou bastante a criar laços mais próximos dentro da comunidade:

“Trabalho com crianças, adolescentes e população geriátrica. Tenho a Psicologia como paixão. Aprendi a abrir os horizontes. A olhar e perceber que aquilo que nos é dado como formação base serve apenas como forma de aguçar a nossa curiosidade para um universo de conhecimentos novos a descobrir” (PS 3).

“Sou apaixonada pelo ensino e pela capacidade que todos temos de criar e de fazer diferente! Gosto de desenhar, escrever e de seguir caminho, pois a vida faz-se caminhando...” (PE 18).

“... desde que me lembro que quero ser Professora. Ganhei a paixão pelo ensino especial quando vi um filme sobre crianças autistas e por ouvir relatos da minha tia sobre este mundo. Decidi tirar o curso de Professora do 1.ºCiclo e sempre disse que depois teria que tirar uma especialização em ensino especial. Estou neste momento a tentar concluir esta especialização e espero que um dia possa poder concretizar o sonho de ser professora. Sou fascinada pela área da comunicação e tudo o que esteja ligado à linguagem e fala. Sozinha tento sempre saber mais e mais sobre esta área.” (PE 15).

“Uma pessoa tolerante e curiosa. Gosto de me cultivar e informar ao máximo sobre temas da atualidade e profissão” (PE 17).

“Interessado em modelar a sociedade” (PT1).

“Tenho a profissão mais bonita do mundo que me permite conhecer as pessoas mais doces da Terra!” (PS 15).

A apresentação dos pais resultou na obtenção de duas categorias principais de respostas. A primeira (com quatro registros) é relativa a simples confirmações deste estatuto, com trechos como “mãe especial”. Na segunda categoria (com sete registros), recolhemos dados mais alargados, relativos aos pais que partilharam informações detalhadas sobre as necessidades dos seus filhos, tais como a idade, o género e até o nome da criança:

“Sou mãe da S. que nasceu no dia com 30 semanas e muito baixo peso na sequencia de uma pré-eclâmpsia.

Teve várias complicações, mas a mais grave foi uma hemorragia cerebral e como consequência desenvolveu hidrocefalia.

Felizmente, a S. ultrapassou todas as piores expetativas, é sempre muito bem disposta e tem uma capacidade de expressão muito acima da média.

No entanto ainda na escola primaria, foi-lhe diagnosticado DANV (Dificuldades da Aprendizagem Não Verbais), mas as adaptações na escola são apenas algum tempo a mais para realizar os testes.

O seu aproveitamento na escola tem sido bom, mesmo na matemática onde tem mais dificuldades, mas porque trabalhamos incansavelmente para isso. As dificuldades da Sofia são pouco visíveis para quem não a conhece no dia a dia e nem sempre é fácil fazermos compreender os nossos receios.

As suas maiores dificuldades são viso-espaciais, de orientação e coordenação motora fina.

A par disso tem muitas dificuldades de organização e de sociabilização não no sentido em que não gosta de sociabilizar, mas no sentido em que tem pouca noção do que é apropriado em cada situação.

Gostaria de poder ajuda-la mais nestas duas áreas: organização e sociabilização” (F 10).

“Mãe de 6 filhos, o mais pequeno - XXX - tem t21 e de momento 4 anos. É encantador e ninguém na família passa sem ele!” (F 1).

“Sou mãe de uma menina que nasceu com fenda lábio-palatina e que "sofre" de uma perturbação do desenvolvimento que ainda não se sabe ao certo o que é. Só começou a construir frases com 4 anos ...” (F 9).

“Sou mãe do XXX, um menino autista, o meu tesouro, a minha luz, a minha vida” (F 8).

“Mãe de 3 filhos, sendo a mais nova com agora 10 anos portadora de trissomia 21” (F 7).

“Sou a mãe do R., um menino de 7 anos portador de T21” (F 11).

Alguns dos participantes fizeram ainda uma pequena apresentação pessoal:

“Acho que sou uma pessoa simples e realizada, como mãe de dois tesouros” (F 4).

“Mãe de 2 filhos. O segundo tem necessidades especiais. Trabalho, vivo normalmente” (F 2).

“ Olá, eu sou a mãe do P., um menino com Autismo, que me tem ensinado muitas coisas, especialmente a sentir-me muito feliz com pequenas vitórias! pequenos passos para qualquer criança, mas um grande passo para uma criança com autismo!” (F 3).

É ainda interessante observar que alguns dos pais também descreveram as necessidades de recursos específicos para os seus filhos. Considerando as especificidades das comunidades na área das NE, esta partilha de informações é fundamental, no sentido em que poderá melhor preparar os seus membros para desenvolver capacidades de expressar as suas opiniões e pontos de vista e, acima de tudo, para respeitar a diversidade de opiniões em grupo:

“... na área de socialização seria útil dispor de materiais para trabalhar a resolução de problemas sociais. Ao nível da autonomia a orientar-se em relação à utilização de serviços públicos, mas também à orientação no espaço físico propriamente dito: atravessar a rua, encontrar a direção de casa, do café, etc. Abraço” (F 10).

No preenchimento do perfil, oito profissionais e dois pais publicaram as suas fotos; já nos desafios foram partilhadas 19 fotos por profissionais, e apenas uma foto por pais.

Findo este primeiro desafio (“Vamos conhecer-nos Melhor”), foi iniciado um novo, no qual procurámos perceber as expectativas e necessidades que levaram cada um a participar na comunidade, bem como, quais as ideias, estratégias e materiais que os utilizadores gostariam que fossem partilhados. Os pais e os profissionais consideraram a ideia muito interessante e manifestaram boas expectativas sobre a participação no projeto:

“Espero partilhar e trocar experiencias dentro desta área, até porque o processo de inclusão é uma realidade que exige muitas mudanças! E é na partilha que está a verdadeira riqueza! Parabéns por este fantástico projeto!” (PE 1).

“Eu sou a A., terapeuta da fala há já alguns anos e é com enorme satisfação que participo neste projeto de partilha. Desejo os melhores sucessos às investigadoras, esperando, para tal, contribuir com os meus (des)conhecimentos e partilhas” (PS 8).

“É com muita satisfação que faço parte deste projeto. espero que estas "partilhas" enriqueçam o meu saber:)” (PS 2).

“Vamos aprender e trocar impressões juntas!” (PE 4).

Em relação à criação de laços, evidenciaram-se dois principais tipos de relações entre os pais e profissionais. Num primeiro momento de socialização, os participantes interagiram na procura de conhecerem o espaço, de serem reconhecidos pelos outros participantes e de se identificarem com as práticas partilhadas e com a identidade da comunidade. Com o tempo, e paralelamente a este processo, começaram a desenvolver-se práticas cooperativas na tentativa de prestar apoio específico a atividades pontuais de participantes específicos.

Consideramos estas interações muito importantes já que permitiram conhecer melhor os participantes, revelando gostos, ideias e necessidades, e ajudando a construir a futura dinâmica da comunidade. Na nossa perspetiva este processo constituiu o primeiro passo para a construção de práticas efetivamente colaborativas no contexto de uma comunidade *online*.

5.4 Envolvimento no processo de *Compartilha* de informação/recursos

No terceiro passo do desenvolvimento do *Compartilha* promovemos o envolvimento dos participantes nas dinâmicas de partilha e de entreajuda, lançando vários desafios sobre temáticas específicas. Um dos primeiros desafios (“O Que Gostaria/Necessita que fosse Compartilhado?”) permitiu-nos identificar as principais necessidades de informação/recursos sentidas pelos participantes. No total, o desafio incentivou 14 interações dos participantes. Apresentamos alguns exemplos das necessidades identificadas:

“Precisava de material para trabalhar a linguagem com o meu filho, usuário de implante coclear...” (PE4).

“Precisava de material para estimular a compreensão de frases/orações complexas” (PS8).

“Material na área da autonomia e integração social e profissional para a deficiência intelectual” (PS1).

“Precisava materiais relacionados com expressões idiomáticas para trabalhar os “segundos sentidos” (PS3).

Entre as principais necessidades referidas pelos participantes, estão a falta de recursos na área da linguagem, bem como de recursos que promovam a autonomia e a inclusão social. A publicação destas necessidades de recursos sentidas fomentou imediatamente o envolvimento dos participantes na partilha de recursos e na procura de soluções concretas para cada caso. No total, referente a este desafio, obtivemos sete comentários com propostas de recursos/estratégias para as necessidades publicadas.

Saliente-se que a identificação de necessidades de informação/recursos sentidas pelos participantes serviu de base para a escolha das temáticas para atividades que envolveram a adaptação/criação colaborativa dos recursos.

Na realização de uma análise quantitativa dos conteúdos disponibilizados na área “Compartilhas” constatou-se que as partilhas realizadas abrangeram diferentes necessidades, tendo também predominado as partilhas dedicadas à temática da linguagem e da comunicação, como podemos observar na Figura 22.

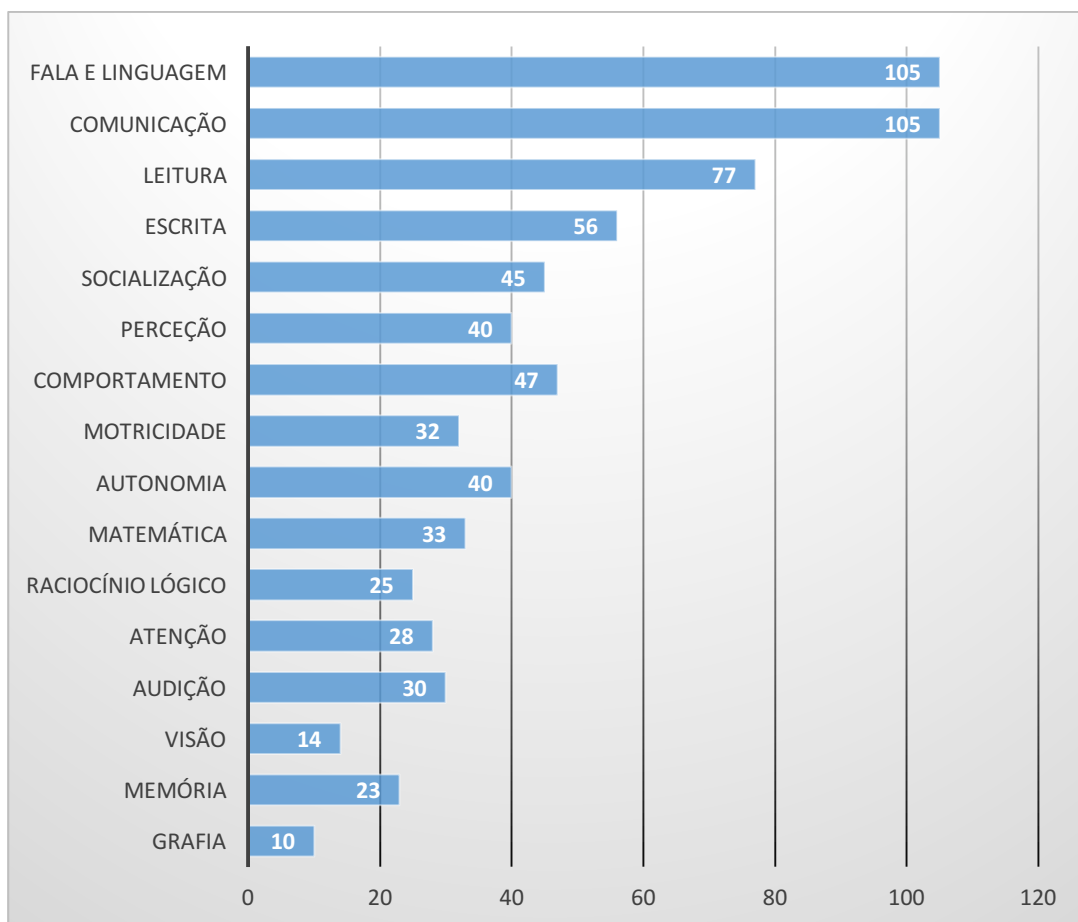


Figura 22. Temas das compartilhadas realizadas

Salienta-se ainda que as compartilhadas foram categorizadas pelos próprios participantes podendo cada compartilhada abranger mais do que uma área.

Relativamente às tecnologias para as NE, podemos referir que, no total, na área Compartilhadas, foram partilhados 128 recursos digitais (principalmente Power Points e jogos educativos); 46 sites com informação relevante para a problemática, 42 livros dedicados às TIC para EE e 21 softwares (gratuitos) na área da EE. Foram publicados recursos em diferentes formatos, sendo a maioria destes, “documentos em PDF e Word”, como podemos observar na Figura 23.

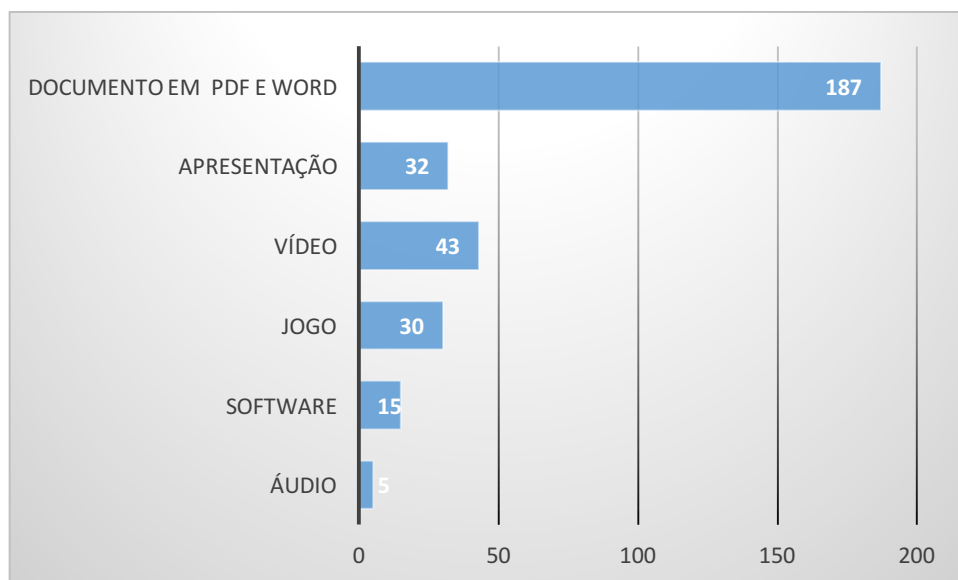


Figura 23. Formato das compartilhadas

Relativamente ao tipo de compartilhadas, podemos referir que a grande maioria destas consistiu em partilha de estratégias/recursos. Como podemos observar na Figura 24 destacaram-se ainda as compartilhadas de tipo “informação útil”, dedicadas principalmente à divulgação de ações de formação e *workshops* gratuitos.

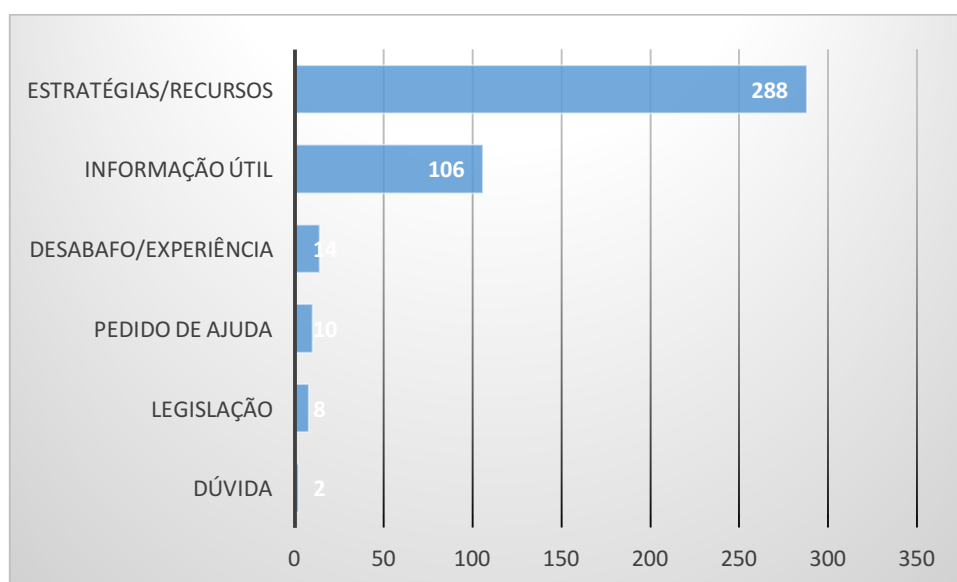


Figura 24. Tipo de compartilhadas

No total, na área Compartilhadas foram realizadas 428 compartilhadas de recursos/materiais/estratégias. Saliente-se que, destas 428 compartilhadas, 366 foram

publicadas diretamente, e 62 resultaram de interações, isto é, de respostas a partilhas efetuadas ou em resposta a “pedidos de ajuda”.

De notar que a análise detalhada dos conteúdos das partilhas foi feita no contexto do estudo de Sousa (2016), designadamente no que respeita aos conteúdos relativos ao tema da linguagem. No que respeita à autoria, verificou-se que 107 partilhas foram feitas por profissionais de Saúde, 63 por profissionais de Educação e 18 partilhas por familiares. As restantes 240 partilhas foram realizadas pelas moderadoras do site, principalmente na fase inicial do estudo.

Relativamente ao envolvimento dos participantes com os conteúdos partilhados podemos referir que na área das Partilhas foram realizados 436 comentários sobre o conteúdo partilhado. Os comentários foram de cariz positivo e permitiram estabelecer interações entre diferentes profissionais e familiares. Verificou-se que 139 comentários foram realizados por profissionais de educação, 101 comentários por profissionais de Saúde e 58 comentários por familiares. Os restantes 138 comentários foram realizados pelas moderadoras do site. A Figura 25 apresenta as médias das partilhas e dos comentários por participante.

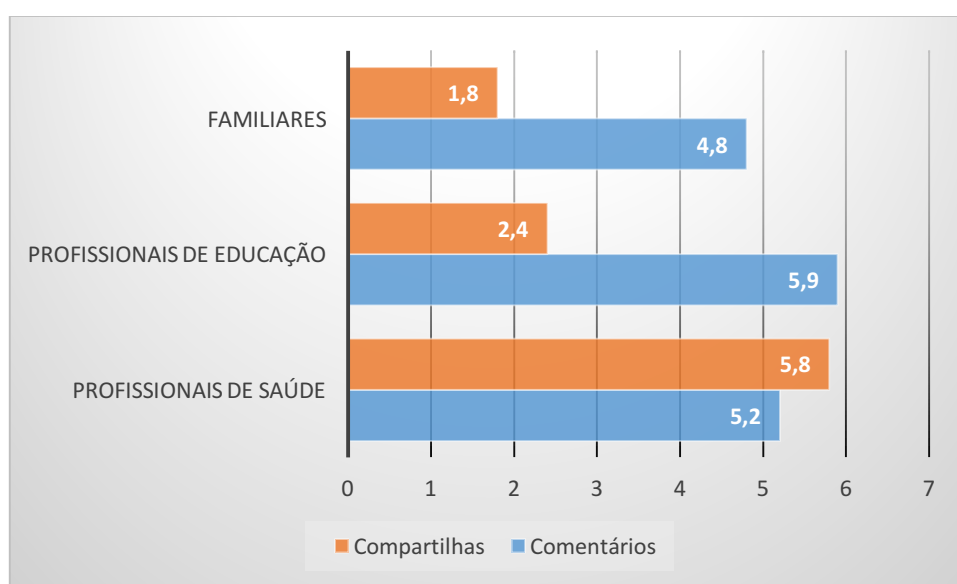


Figura 25. Médias das partilhas e dos comentários por grupo de participantes

Podemos observar que os profissionais de saúde se destacaram na partilha de recursos e informações, enquanto que os profissionais de Educação e os familiares se envolveram maioritariamente na discussão sobre os conteúdos disponibilizados.

Relativamente à fase escolar os participantes classificaram os recursos conforme ilustrado na Figura 26, tendo predominado os recursos dedicados aos primeiros ciclos de ensino.

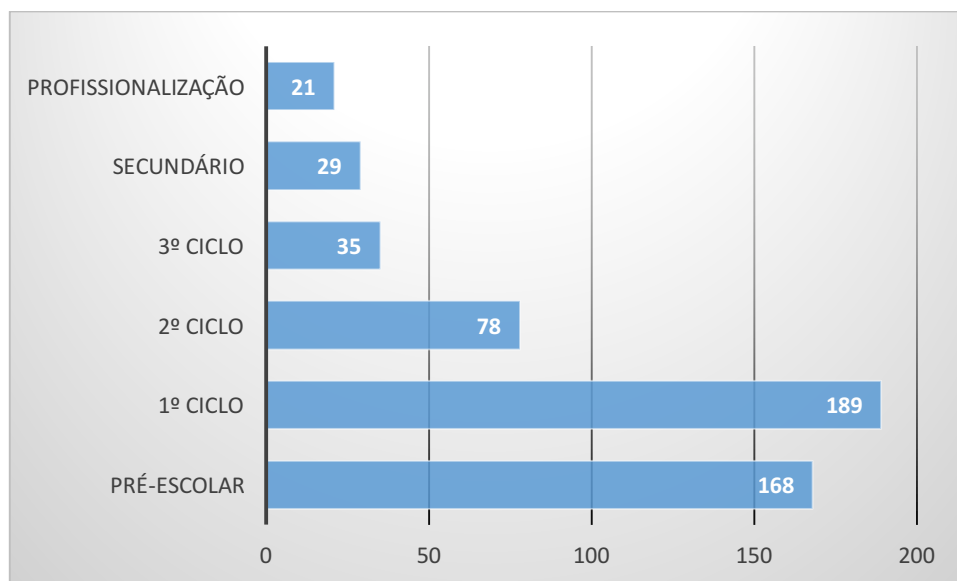


Figura 26. Distribuição das compartilhadas por fase escolar

Analisámos ainda os dados relativos aos “Pedidos de algum recurso/informação” e verificámos que, com o desenvolvimento da comunidade, estes surgiram com bastante regularidade, nomeadamente na forma de “pedidos de ajuda” e “procura de soluções para casos concretos”. Na maior parte dos casos, estas solicitações de recursos ou pedidos de esclarecimento de dúvidas incluíam uma explicação bastante detalhada acerca das dificuldades da criança, como ilustra o seguinte exemplo no qual uma mãe faz um pedido de material para trabalhar a área da linguagem com o seu filho:

“Neste momento, as suas maiores dificuldades são a falta de vocabulário e a fluência no discurso. Tem dificuldades, por exemplo, em se explicar quando precisa de recontar um episódio vivido ou no reconto de uma história... se tiverem material para trabalhar estas áreas eu agradeço a ajuda e o meu filhote também!” (PE4).

Alguns destes pedidos foram destacados e transformados em desafios para toda a comunidade, como podemos observar nos exemplos:

“Vamos apoiar um projeto muito interessante sobre “Afetos e Sexualidade” da nossa colega T., que visa desenvolver materiais para a Educação Sexual para jovens com Necessidades Especiais. Para começar necessita de recolher materiais existentes que são

utilizados por professores/pais-cuidadores/profissionais de saúde e que abordam esta temática.

Vamos compartilhar materiais que conhecem ou utilizam para a temática dos "Afetos e Sexualidade" (PE18).

Também o “Desafio: Ajudar o Ricardo a superar o desafio do primeiro ano!” surgiu na sequência de um pedido de ajuda e teve respostas imediatas de dois profissionais de Saúde:

“...precisamos de ajudar o R., um menino com trissomia 21, que está a revelar algumas dificuldades em acompanhar o programa do 1º ano. Vamos tentar ajudá-lo a superar este desafio partilhando materiais, estratégias e atividades que promovam a leitura e a escrita. Os temas preferidos dele são o Ruca, Panda e Pokoyo, mas qualquer material é bem vindo!” (Moderadora 2).

“Olá M., compartilho alguns jogos que podem ser interessantes e motivadores para o seu filho...” (PS8).

“Olá M. Envio uma pequena Compartilha: sequências de imagens, relacionadas com situações do dia a dia que, a meu ver, conseguem bem estimular a produção do discurso. Espero que sejam úteis e adequadas à idade do seu filhote” (PS7).

O desafio lançado permitiu apresentar cinco tentativas diferentes para encontrar uma solução, baseadas não apenas em soluções de cariz operativo, mas também em estudos científicos dedicados à problemática:

“Um Estudo De Caso - Método Das 28 Palavras Em Crianças Portadoras de Trissomia 21”

Bom dia,

pareceu-me interessante este estudo, por isso partilho convosco!

.....

Interatividade digital do Método das 28 Palavras como motivador na aquisição da leitura em crianças portadoras de Trissomia 21. Um estudo de caso.”

http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/123456789/1331/PG_EE_Helena...

O tema central desta investigação centra-se na verificação da vantagem da interatividade digital do método das 28 palavras no processo de aquisição da competência leitora em crianças

portadoras de Trissomia 21. Inicialmente, exploramos as principais características destas crianças, analisamos os métodos de aprendizagem da leitura e da escrita, dando especial atenção ao método das 28 palavras e, por fim, investigamos qual a utilidade e as vantagens das TIC no processo ensino-aprendizagem.

Com efeito, o estudo de caso aqui apresentado é baseado na aplicação de atividades elaboradas no software educativo Jclíc apoiadas sempre no método das 28 palavras e nas características da criança observada. Esta é portadora de Trissomia 21, tem 8 anos e encontra-se a frequentar o 1º ano de escolaridade em processo de iniciação de aprendizagem da leitura “ (PE18).

Todos os pedidos foram sempre geradores do envolvimento da comunidade, tendo sido observadas recorrentes iniciativas de procura de soluções. Vejam-se os exemplos abaixo, de pedidos de profissionais de Educação com resposta imediata de profissionais de Saúde:

“Procuo material na área da autonomia e integração social e profissional para a deficiência intelectual” (PE1).

“Olá, tenho umas fichas que podem ser interessantes, pelo menos são um ponto de partilha” (PS8).

.....

“Olá!

Precisava de material para estimular a compreensão de frases/orações complexas, constituídas por diversas conjunções coordenativas e subordinativas.

Agradeço a vossa partilha:)” (PS8).

“Olá A. Vou partilhar umas imagens reais com situações absurdas. Costumo usa-las como estratégia para treinar a linguagem argumentativa e o uso de frases coordenadas e subordinadas. Aproveito também para explorar a identificação, oral, de frases complexas gramaticais...” (PS7).

.....

Exercícios Para Sigmatismo Lateral

Submetido por F9 em Dom., 21/06/2015 - 23:12

Alguém pode compartilhar exercícios de terapia miofuncional para um sigmatismo lateral? Dos bem acentuados, Idade: 5 anos. Obrigada, aguardo dicas.

“Olá A., tenho um power point com exercícios para os lábios e língua, pode ser que ajude! (PS8)

“Olá A., Partilho alguns exercícios para aumentar a tonicidade dos Lábios: <https://pt.scribd.com/doc/62735232/exercicios-fono>” (PE18)

“Olá A., Há um livro interessante e muito prático: <https://picasaweb.google.com/106756572461854021850/Sigmatismo#Felicidades!>” (PS3).

Tornou-se, pois, evidente que as solicitações dos profissionais tinham, tipicamente, respostas de profissionais. Já os pais raramente respondiam a estes desafios e apenas introduziam “gosto”, comentavam e faziam download dos recursos partilhados, como demonstra o seguinte exemplo:

“Já imprimir e plastifiquei para trabalhar com o F. Parece-me muito útil” (F 1).

No total, foram publicados 18 pedidos de ajuda: 11 de profissionais de Saúde, cinco de profissionais de Educação e apenas dois pedidos de pais. Estes pedidos obtiveram 38 respostas-sugestões para resolução das situações colocadas: 21 respostas foram colocadas por profissionais de Educação e 15 por profissionais de Saúde, enquanto três foram colocadas por pais. No total, os participantes partilharam 59 recursos para resolver as situações colocadas.

Podemos observar as médias dos pedidos de ajuda e das respostas com soluções por participante na Figura 27.

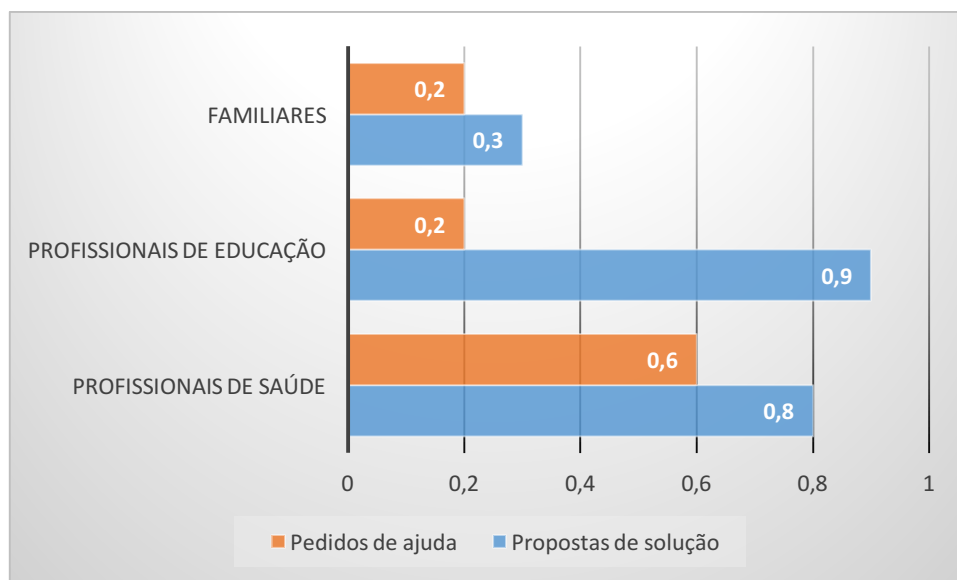


Figura 27. Médias dos pedidos de ajuda e das respostas com soluções

Estes dados representam as dinâmicas que se desenvolveram na comunidade *Compartilha*: os profissionais de Saúde foram efetivamente muito ativos na procura de informação/recursos/estratégias e na proposta de soluções para situações concretas; os profissionais de Educação destacaram-se mais na proposta das soluções; os pais mostraram a sua atividade maioritariamente fazendo o download de recursos, inserindo “gosto” e comentando.

Em síntese, podemos referir que foi evidenciado muito interesse dos participantes na procura e partilha de recursos e informações diversificados para apoio a atividades adaptadas às necessidades específicas das crianças/jovens.

5.5 Construção colaborativa de conhecimento e de recursos

O quarto passo do modelo de desenvolvimento do *Compartilha* foi dedicado à construção colaborativa de conhecimento e de recursos, pelo desenvolvimento de interações contínuas e incentivo ao envolvimento dos participantes nas práticas da comunidade, numa lógica que pode ser associada a processos de “interatividade metacognitiva” (Miranda-Pinto, 2009). De acordo com esta autora, para que a dimensão de construção do conhecimento se desenvolva numa comunidade *online*, é “necessária a consolidação de uma dimensão social e de uma dimensão cooperativa entre a maior parte dos participantes, ao longo do ciclo de vida da comunidade” (Miranda-Pinto, 2009, p. 407).

Pretendíamos alcançar, nesta etapa: o desenvolvimento de competências de debate e colaboração na construção de conhecimento; o fomento à cooperação na realização de atividades entre os participantes; e a promoção dos processos de controlo do grupo sobre a sua própria aprendizagem.

Procurando melhor compreender que estratégias utilizar para alcançar tais objetivos, disponibilizámos um pequeno inquérito por questionário que foi respondido por 34 participantes e que nos permitiu averiguar as principais lacunas de informação/recursos sentidos por participantes. De acordo com os resultados deste inquérito, entre as temáticas mais pertinentes para os participantes, destacaram-se as tecnologias de apoio à Educação Especial (indicado por sete participantes), o desenvolvimento da linguagem e a aprendizagem da leitura e escrita (indicado por seis participantes para cada temática), como podemos observar na Figura 28.

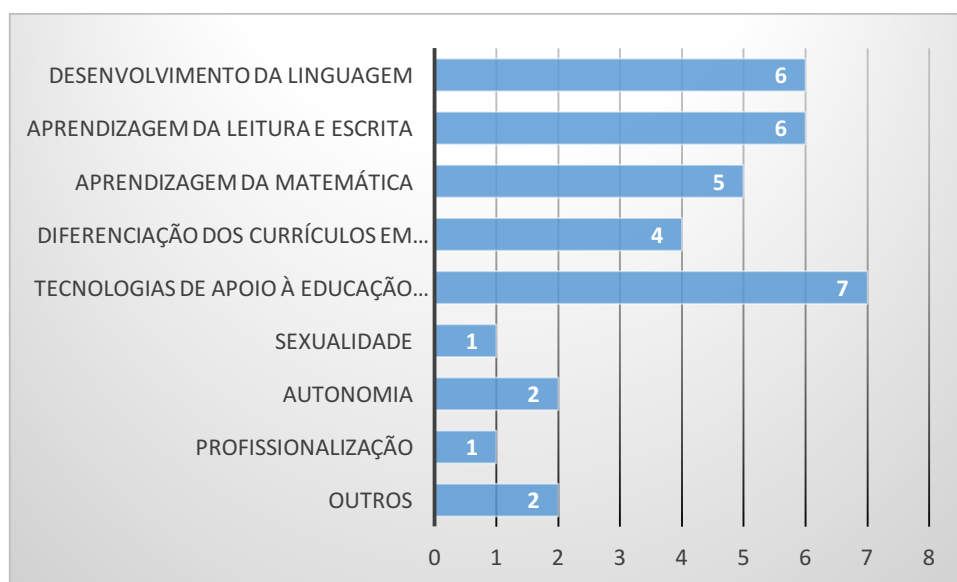


Figura 28. Temáticas mais pertinentes para os participantes

Tendo em conta estas temáticas, e na procura de disponibilizar recursos que apoiassem efetivamente as aprendizagens dos participantes, convidámos peritos das áreas em causa para apoiar o lançamento de vídeos tutoriais, acompanhar as atividades e facilitar a construção de recursos.

De acordo com as necessidades identificadas foram desenvolvidos vários “Desafios”, que pretendiam promover a colaboração no processo de construção do conhecimento, tais como:

- Desafio “Questões sobre as tecnologias de apoio à Educação Especial: especialista responde”, promovido pela professora Ana Maia, coordenadora de um dos Centro de Recursos TIC (CRTIC);

- Desafio “Área Da Linguagem, Perito Responde”, promovido pela Doutora Rosa Lima, Especialista em Psicopatologias da Linguagem e sua Reabilitação, Investigadora do Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho, com prática clínica em todo o tipo de patologias da fala e linguagem, autora de diversas publicações didáticas e científicas sobre a linguagem na infância.

Estes desafios fomentaram um envolvimento muito ativo dos participantes no esclarecimento de dúvidas e na procura de soluções, tal como ilustram os exemplos abaixo apresentados.



Sentidos Não Literais

PS3 Qui, 02/07/2015 - 17:49

Boa tarde Drª [redacted], e restantes participantes deste interessante espaço de partilha de dúvidas e angústias :-)

Aproveito a discussão sobre o tema para saber quais os materiais que me aconselha para trabalhar os sentidos não literais no discurso verbal além das expressões idiomáticas?

Acompanho algumas crianças e adolescentes com perturbações do espectro do autismo e estas dificuldades interferem de forma significativa com as interações sociais ajustadas.

Desde já agradeço

Cumprimentos

 3 utilizadores votaram, consigo incluído.

[responder](#)

Olá [redacted],

Perito2 - Ter, 07/07/2015 - 21:19

Olá [redacted]

Confesso a minha debilidade: não me sinto agilizada para lhe oferecer uma resposta capaz!

Peço desculpa.

Se achar oportuno poderei indicar-lhe o mail de uma colega aí de Aveiro-Professora [redacted], do Departamento de Línguas e Culturas, que sei dominar tal tema onde se encaixa o seu pedido.

Cpts.

RML

 3 utilizadores votaram, consigo incluído.

[responder](#)

Figura 29. Exemplo do envolvimento dos participantes nos desafios

Importa referir que estes desafios envolveram não apenas os profissionais, contaram também com a participação de familiares. Apresentamos na Figura 30 um exemplo de interação com uma mãe, o que mais uma vez comprova as vantagens da realização deste tipo de desafios.


Bom Dia! Antes De Mais

PS6 - Sex, 03/07/2015 - 09:50

Bom dia! Antes de mais parabéns pela iniciativa!

Quais as estratégias que os pais podem utilizar para estimular no dia a dia a linguagem nas crianças?

Cumprimentos



3 utilizadores votaram, consigo incluído.

responder

Olá Bom Dia,

Perito 2 Ter, 07/07/2015 - 10:49

Olá Bom dia,

Em primeiro lugar dever-se-à diferenciar entre o que é estimular a fala, a linguagem e a comunicação. Esclarecidos estes conceitos só assim, penso eu, poderei dar uma resposta mais concisa, à pergunta. Fá-lo-ei, no entanto, de forma global.

Há crianças que falam mal e tem bom domínio conceptual, há outras que falam mais ou menos bem e com dificuldades de compreensão; há outras que apresentam dif. conjuntas (ou até de forma isolada) que restringem a comunicação

Várias são as estratégias, diretas e indiretas, para levar a cabo a estimulação , global e específica dos filhos, por parte dois pais. Assim, dada a globalidade da pergunta(idade da criança, presença/ausência de outras dificuldades , etc)apenas responderei, também, de forma Global:

- falar devagar e muito boa articulação, é deveras importante.

enunciados curtos e concisos

estimular a verbalização(falar com a criança acerca de tudo...)

conhecer as preferências da criança acerca das suas atividades lúdicas e partir daí par explorar a oralidade

Se a criança não articula determinado fonema há que saber quais as caraterísticas(fonéticas) do mesmo e iniciar uma atividade de treino direto no sentido da aprendizagem em todos os contextos.

- Atividades de metafonologia: trabalhar com a análise dos sons: nº de sons da palavra; posição da sílaba na palavra, longitude silábica, manipulação silábica, etc, etc.

Isto já remete para uma criança entre os 4 e os 6 anos de idade.

Trabalho sobre discriminação audfitiva(de sons em geral e dos sons da fala em particular) também auxilia enormemente na aprendizagem da fonologia.

- Dependendo do objetivo a explorar(fala, linguagem ou ambos) assim se seguirão metodologias mais específicas.

Cpts.

RML

Figura 30. Exemplo do envolvimento dos familiares nos desafios

A natureza específica e detalhada das respostas dos peritos parece ter estimulado os processos de interação e colaboração no *Compartilha*, o que nos leva a acreditar que este tipo de interações baseadas em desafios pode ser benéfico também para incentivar a construção colaborativa de recursos, tal como ilustra o exemplo apresentado na Figura 31.

Comentários



Adorei O "Criador De Frases "

Moderadora 1 - Sex, 15/05/2015 - 00:55

Adorei o "Criador de frases " que encontrei no site que ,*Perito2* partilhou : <http://www.catedu.es/arasaac/herramientas.php>. É uma ferramenta que permite criar as frases com símbolos Pictográficos de uma forma muito simples e gratuita!







2 utilizadores votaram, consigo incluído.

[editar](#) [responder](#)

Aplicativos Movimentodown

PS7 - Sex, 15/05/2015 - 00:57

Obrigada *Perito2* experimentei alguns aplicativos do movimentodown e gostei muito. A minha menina ainda tem muita dificuldade em manter a atenção, mas vamos tentanto!

Foi o único a votar.

[responder](#)

Também Consegui!!! E Tb Dá Para Colocar As Palavras Escritas!

PS7 - Sex, 15/05/2015 - 12:28







EU QUERO

COMER

BOLO

DE

CHOCOLATE

2 utilizadores votaram, consigo incluído.

[responder](#)

Figura 31. Exemplo de interações criadas no âmbito de desafio "Perito responde"

A análise dos dados recolhidos evidenciou que os dois desafios “Perito responde” envolveram a maioria dos participantes e produziram no total 45 interações, podendo portanto ser considerados como uma estratégia benéfica para esclarecimento de dúvidas e construção colaborativa do conhecimento e dos recursos.

No total foram lançados 26 desafios no *Compartilha*, que incentivaram 166 interações dentro da comunidade. Entre os desafios com maior participação e interação destacaram-se os desafios relacionados com a identificação das necessidades de materiais e de temas (48 interações); “o perito responde” - 45 interações e atividades relacionadas com épocas festivas (31 interações). Entre os desafios que geraram um envolvimento menos intensivo, estão os desafios que pretendiam encontrar soluções para os pedidos de ajuda (11 interações) e o desenvolvimento de recursos (oito interações).

Com o objetivo de avaliar a intensidade destas dinâmicas, comparámos, seguidamente, estes resultados com os dados apresentados por dois estudos desenvolvidos recentemente em Portugal, que tinham como finalidade principal a criação de uma comunidade de prática *online* (CoP). Nos resultados do primeiro estudo, de Miranda-Pinto (2009), constata-se a dinamização de 84 tópicos de discussão, que geraram 660 comentários no primeiro ano de funcionamento da comunidade *online*. Nos resultados do segundo estudo, de Nunes (2012), constata-se o lançamento de 15 tópicos de debate, que incentivaram 666 interações, no período de oito meses de funcionamento da comunidade. Recordamos que no *Compartilha* foram lançados 26 desafios, que geraram 166 interações, no período de nove meses de funcionamento da comunidade. Portanto, o *Compartilha* fica aquém do estudo de Miranda-Pinto (2012), mas ultrapassa os resultados do estudo de Nunes (2009). Ao nível dos comentários, observámos que o *Compartilha* se mostrou menos dinâmico.

Na verdade, alguns desafios lançados nos últimos passos do desenvolvimento do *Compartilha* apresentaram uma complexidade bastante elevada, uma vez que o intuito era envolver a comunidade na construção/adaptação de recursos e procura de soluções para resolver problemas reais. Na maior parte das vezes, a realização destas tarefas exigia competências específicas e um maior envolvimento, bem, como tempo mais alargado, comparando com outros desafios. Entendemos que, por estas razões, se envolveram apenas os participantes mais ativos.

Saliente-se que, dos 26 desafios dinamizados no *Compartilha*, apenas três foram lançados por iniciativa dos participantes. Para conseguir avaliar melhor este resultado, também fizemos comparação com os dados apresentados nos estudos de Miranda-Pinto (2009) e Nunes (2012). No primeiro ano do estudo de Miranda-Pinto, essas dinâmicas foram iniciadas quase sempre pela investigadora; no estudo de Nunes a investigadora também teve um papel central, mas estiveram envolvidos nesta atividade quase metade dos participantes. Corroborando o que afirmamos, os

dados mostram que os participantes do estudo de Nunes foram mais ativos do que no Compartilha apenas na iniciativa de lançamento de tópicos a debate.

Outro fator considerado essencial à dinamização do *Compartilha*, foi a realização de dois encontros presenciais, que incluíram atividades formativas, promovidas por profissionais da área das tecnologias para EE.

No primeiro encontro, foram abordadas as questões da acessibilidade na utilização das TIC. A ação foi promovida pelo Doutor Jaime Ribeiro, doutorado e especializado em Multimédia em Educação e licenciado em Terapêutica Ocupacional. O encontro realizou-se no dia 28/03/2015, no espaço do Centro de Competências em TIC (CCTIC), no Departamento de Educação e Psicologia da Universidade Aveiro.



Figura 32. Convite para o primeiro encontro presencial

Neste encontro explorámos ainda, em conjunto com os participantes, as diferentes funcionalidades do *Compartilha* e abordámos algumas ferramentas de construção dos recursos educativos, como a aplicação GoAnimate. Todos os participantes (8 pessoas) se envolveram com interesse nas dinâmicas que surgiram ao longo do encontro; no final criaram e partilharam pequenos vídeos com a aplicação GoAnimate e as crianças/jovens (que acompanharam os pais no encontro) foram convidadas a assistir.

O segundo encontro decorreu no dia 17/07/2015, nas instalações da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, e marcou o fim do período de teste do *Compartilha* pelo grupo piloto.



Figura 33. Convite para o segundo encontro do Compartilha

Neste segundo encontro abordámos e experimentámos diferentes produtos de apoio, como Interfaces de controlo (manípulos, joystick, track ball), emuladores de rato, ecrãs tácteis, ponteiros de cabeça e de boca; teclados alternativos; sistemas de controlo pelo olhar; computadores equipados com leitor de ecrã com voz e linha Braille, softwares de ampliação de caracteres e de transcrição de texto; scanner, software de reconhecimento de caracteres e leitor de documentos; máquinas para produção de relevos, etc. A ação foi promovida pelo Doutor Rui Teles, coordenador do Núcleo de Apoio à Inclusão Digital (NAID).

Os encontros tiveram a duração aproximada de três horas e envolveram no total 16 participantes. Embora nem todos os participantes tenham tido disponibilidade para assistir a estes encontros, a sua realização revelou-se importante para os motivar a participarem no *Compartilha*, a interagirem e a partilharem as suas experiências e recursos utilizados nas suas práticas educativas/reabilitativas. Os encontros contribuíram ainda para ajudar os participantes a conhecerem-se melhor uns aos outros, a obter informação e a experimentar vários recursos tecnológicos dedicados às NE, constituindo-se também como momentos para esclarecer dúvidas sobre o uso do *Compartilha*.

Estes resultados comprovaram a importância atribuída aos encontros presenciais por parte das e-moderadoras entrevistadas na fase preliminar da nossa investigação, bem como as evidências de vários estudos (Inácio, 2006; Nunes, 2012; Miranda-Pinto, 2009), que sublinham a importância dos encontros presenciais, uma vez que permitem “desenvolver um conjunto diversificado de atividades que fomentam oportunidades de socialização entre os participantes; de partilha; de reflexão sobre práticas, e de resolução de problemas vividos pelos participantes, as quais impulsionaram aprendizagens e a construção de conhecimento” (Nunes, 2012, p.384).

Através destes desafios e encontros, pretendeu-se promover o envolvimento dos participantes nas atividades formativas, o desenvolvimento de trabalho em grupo e a construção colaborativa de conhecimento.

Podemos ainda acrescentar que, dentro das dinâmicas desenvolvidas no *Compartilha*, identificámos várias interações que incentivavam e reforçavam outros participantes (57 interações) e ofereciam ajudas adequadas (54 interações). Apresentamos na Figura 34 algumas destas interações, que consideramos indicadores importantes no processo da construção da comunidade.



Figura 34. Exemplo de Interações na área "Compartilhas"

Relativamente à colaboração dos participantes no processo de adaptação/criação de recursos/materiais, obtivemos menos envolvimento. Como podemos observar na Figura 35, os participantes envolveram-se principalmente na procura de soluções (69 interações).

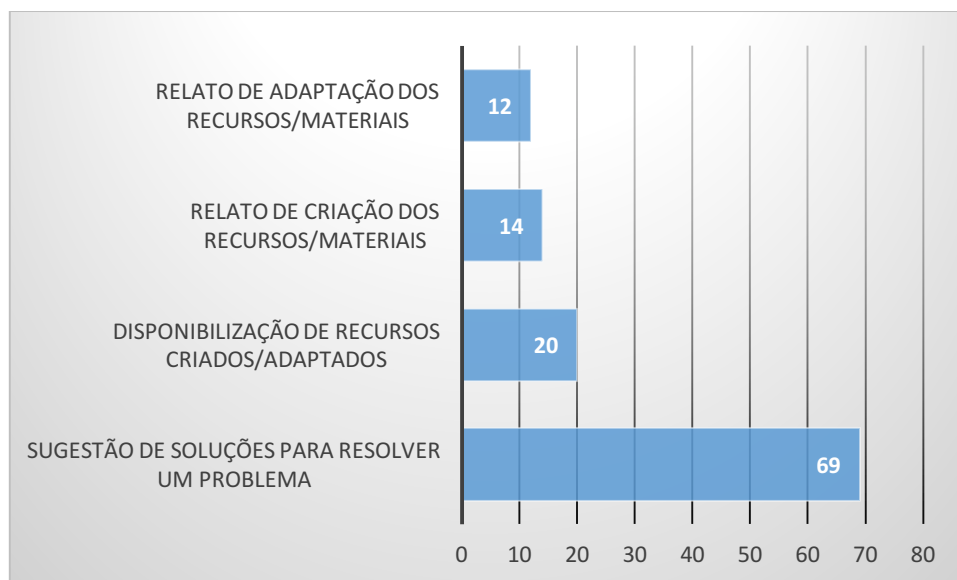


Figura 35. Tipo das interações

Observamos apenas 20 partilhas de recursos criados/adaptados, bem como apenas algumas publicações de testemunhos que relatam a criação (14 testemunhos) ou adaptação de recursos (12 testemunhos). Estas partilhas incentivavam o aumento da interação entre os participantes e promoviam a motivação da comunidade nos processos de construção de recursos. Passamos a apresentar alguns exemplos destas interações:

Obrigada Pela Compartilha!

PS 8
- Seg, 15/06/2015 - 11:57

Olá ~

Concordo plenamente com a tua opinião. Acrescento ainda a vantagem em usar o gesto na apreensão do conceito de palavras e, assim, no desenvolvimento lexical e semântico. De facto, algumas crianças têm por vezes dificuldade, além de memorizar, compreender o significado de palavras e, com o auxílio do gesto, "chegam lá" mais rapidamente!

Obrigada pela partilha!

3 utilizadores votaram, consigo incluído.

responder

Pois É, Facilita A Perceção

PS7
- Seg, 15/06/2015 - 23:28

Pois é, facilita a percepção do significado da palavra!

Foi o único a votar.

responder

Imagens- Gestos (Jpg)

PE 20
- Ter, 16/06/2015 - 00:24

imagens- gestos (jpg)

Imagem:

Irei Transformar As Imagens

PE 20
- Dom, 14/06/2015 - 12:16

irei transformar as imagens em PDF para jpg para poderem ser visionadas e utilizadas mais facilmente em tablet computador

Foi o único a votar.

responder

Excelente Ideia!

PS 7
- Seg, 15/06/2015 - 11:10

Excelente ideia!

0 utilizadores votaram

responder

Muto Obrigada Pela

Moderadora 1
- Seg, 15/06/2015 - 10:30

Muto obrigada pela partilha, e concordo plenamente com esta perspetiva!

PE20
pode partilhar depois connosco as imagens em JPG? 😊

Obrigada!

Figura 36. Exemplos de interações

Este outro exemplo apresenta a partilha de um recurso adaptado por uma participante no seu local de trabalho:

112

Fichas De Trabalho | CEI - Para Realizar Na Biblioteca

Submetido por **PE 18** em Dom, 01/11/2015 - 12:37

Este ano tenho alunos com algumas horas na Biblioteca.

Partilho um conjunto de fichas que criei / adaptei em função da programação que elaborei para o aluno do 5º ano para que pudesse realizar nas horas da Biblioteca.

Deixo um pequeno apontamento na capa das fichas-

"(Há material, bem como imagens aqui apresentados que foram retirados da internet - como por exemplo o site "Compartilhas" - alguns foram adaptados, outros não. Há propostas criadas por mim tendo em conta a programação elaborado para o aluno em causa.)"

Utilizem, adaptem... apropriem-se!

Bom trabalho a todos

Figura 37. Exemplo de partilha dos recursos adaptados

Importa referir que só nos dois últimos meses do teste do *Compartilha* pelo grupo piloto é que surgiram na comunidade práticas de partilha/colaboração efetiva de recursos criados/adaptados. Na Figura 38 apresentamos um exemplo destas práticas.

Discriminação Do Som B - Adaptação De **PS 18**

E **PS 14**

Submetido por **PS 8** em Seg, 06/07/2015 - 23:32



Olá fiz uma adaptação de um dos PP que o **PS 18** adaptou da **PS 14** 😊! Acho que está fixe! Gostava de ouvir a opinião dos "compartilhantes" 😊! Espero que seja útil!

Fase escolar: Pré-escolar
1º ciclo

Tipo partilha: Estratégias/recursos

Necessidades especiais: Comunicação
Leitura
Escrita

Área curricular: Português

Formato de partilha: Documento

Ficheiros:
📎 Discriminação sonora - som B (2).pptx

Imagem:



Like
👍
20 utilizadores votaram, consigo incluído.

Figura 38. Exemplos de partilha de recursos criados/adaptados

Neste caso foi partilhado um recurso que foi adaptado e melhorado por três participantes; para além de terem surgido comentários e algumas propostas de melhoria do recurso, houve ainda partilha de um novo recurso e o relato sobre utilização do mesmo na sua prática.

Comentários

Informação Extra

PS18

- Ter, 07/07/2015 - 00:10

Esqueci-me de informar que em modo apresentação a identificação do objeto correto é seguido de aplausos e a identificação do objeto errado de uma explosão e do desaparecimento do objeto (erro).

3 utilizadores votaram, consigo incluído.

responder

Sim, Está "Fixe"!

PS 8

- Qui, 09/07/2015 - 16:02

Olá

Olá

Gostei muito das atividades que desenvolveram com as imagens que compartilhei. Estao bastante lúdicas e atrativas;)

Envio em anexo a atividade de discriminação do som [b], com um acrescento - a possibilidade de escuta do nome de cada imagem.

Ana

Ficheiro:

Discriminação sonora - som B.pptx

2 utilizadores votaram

responder

Obrigada , Ainda Não Tinha

PS 8

- Seg, 20/07/2015 - 16:47

obrigada . ainda não tinha visto! já usei e gostei muito!

Figura 39. Exemplos de práticas colaborativas

Verificámos que o desenvolvimento das interações que promovem a construção colaborativa de conhecimento e de recursos, é um processo que exige um nível bastante alto de evolução da própria comunidade, bem como um período de tempo mais alargado. Uma vez que, no percorrer deste passo, se completaram os nove meses previstos para a fase de teste do *Compartilha*, e que o segundo encontro decorreu no dia 17 de julho de 2015, fechámos o período de teste pelo grupo piloto e abrimos o *Compartilha* para todos os utilizadores.

5.6 Dinâmica das interações estabelecidas no *Compartilha*

O volume das interações sociais estabelecidas entre os 55 participantes dentro do espaço *online*, aproximou-se das 520 ocorrências. Entendemos que estes resultados são bastante positivos e ilustram o dinamismo conseguido no *Compartilha*, pois como afirmam Yang et al. (2010), a interação entre os participantes é fundamental para promover aprendizagens significativas, nomeadamente as que decorrem de participações ativas, intencionais, genuínas e cooperativas.

Relativamente às interações estabelecidas com o conteúdo partilhado, os participantes assumiram duas atitudes que se complementaram: de pro-atividade - partilha de recursos, ideias, informações e experiências; e de reatividade - reação à informação e às experiências partilhadas, comentando-as (Nunes, 2012). Estes dois tipos de atitudes por parte dos participantes imprimiram vitalidade ao *Compartilha*; contudo os participantes mostraram ser mais reativos do que pró-ativos.

Interessa destacar que, durante o período de teste, houve um grupo que apenas criou as suas contas três meses depois de o *Compartilha* começar a funcionar, ainda que tenham sido, tal como os restantes grupos, convidados a participar no projeto desde o início. Estes participantes não estiveram, portanto, envolvidos nas primeiras dinâmicas (que tinham como objetivo promover a criação de laços de amizade entre os participantes, demonstrando uma atitude muito passiva. O facto de este grupo não ter participado na etapa de socialização dentro da comunidade pode eventualmente ser apontado como um dos motivos para esta baixa participação. Conscientes desta situação, já no terceiro e quarto passos do desenvolvimento do *Compartilha*, dinamizámos alguns desafios que tinham como objetivo facilitar o processo de socialização deste grupo, como o levantamento de temáticas pertinentes, o lançamento de desafios que promovessem a partilha de fotos, como por exemplo “Fantasias De Carnaval!”, entre outros. Desta forma, foi possível envolver alguns destes participantes, ainda que tenhamos consciência de que, tal como refere Nunes (2012), a comunicação, colaboração e aprendizagem nestes ambientes dependem também do “envolvimento e intensidade de participação de cada um” (p. 434).

A análise dos dados recolhidos, no final do período de teste, mostrou ainda a existência de um grupo “passivo” de 15 pessoas (30% dos participantes), constituído por nove profissionais de Educação, quatro profissionais de Saúde e quatro familiares. Estes participantes adotaram formas mais passivas de envolvimento, como seja: a de “espectador” (utiliza o espaço, mas não participa); a de “coleccionador” (consume a informação), e a de “inativo” (demonstra uma participação esporádica), de acordo com a classificação proposta por Bernoff e Li (2008).

Resultados semelhantes são demonstrados por vários estudos (Persky et al., 2009; Miranda-Pinto, 2009) que comprovam as dificuldades na participação e integração efetiva dos participantes em ambientes *online*. No estudo de Nunes (2012) é relatada

também a existência de um grupo de participantes, constituído principalmente por pais, com poucos comportamentos pró-ativos.

Para melhor compreendermos e analisarmos as interações entre os participantes de diferentes grupos, recorremos ao método “Análise de Redes Sociais” (ARS). Optámos por realizar uma análise sociocêntrica, utilizando os softwares UCINET e NetDraw, o que implicou uma pesquisa estrutural e posicional do grupo que esteve em interação. Este método permite-nos a compreensão das relações, apreciando “o volume de relações estabelecidas, a sua densidade e o nível de inclusividade, os *clusters* criados no interior da rede, a centralidade e a centralização dos membros, bem como o índice de intermediação e de proximidade existente entre os participantes” (Nunes, 2012, p.300).

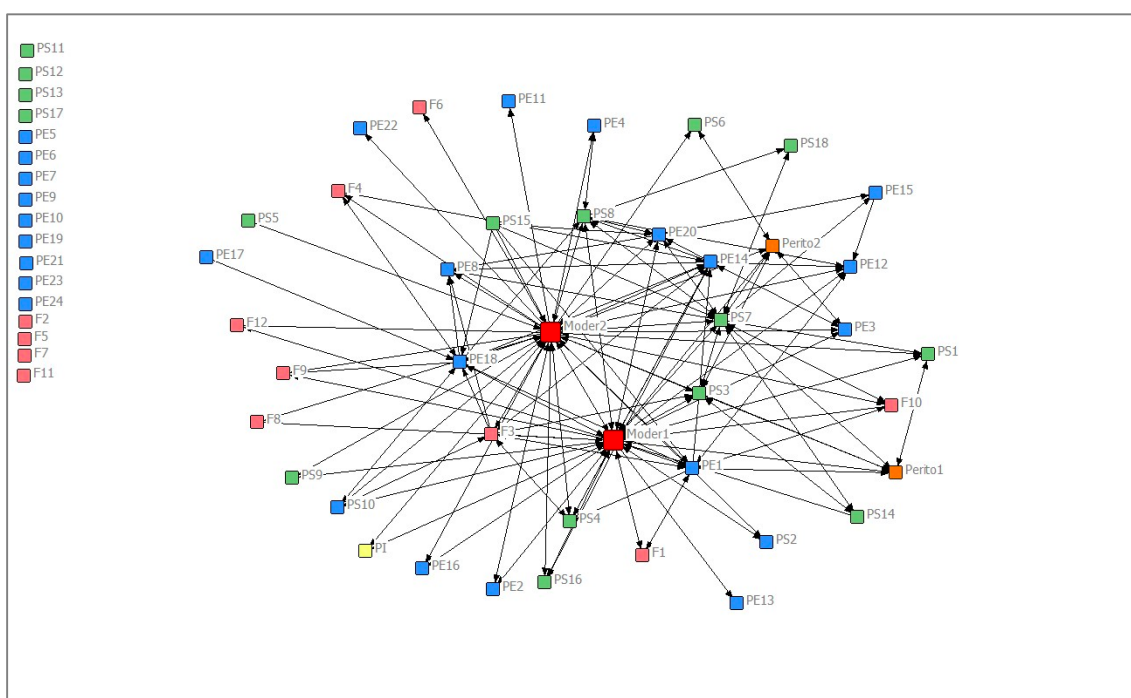


Figura 40. Análise das interações entre os participantes

Como podemos observar na Figura 40 a maior parte das interações, principalmente nos primeiros passos da comunidade, envolveram a participação das duas moderadoras. Nas etapas seguintes do desenvolvimento do *Compartilha* foi criado um grupo ativo, constituído por diferentes profissionais e familiares, que estabeleceram relações com a comunidade, partilhando a liderança do espaço, com destaque especial para sete participantes: três Profissionais de Saúde (PS), três Profissionais de Educação (PE) e um Familiar (F). Destacaram-se os participantes PS7 (53 interações com 14 participantes), PE20 (40 interações com sete participantes), PS8 (29 interações com nove participantes), PE18 (29 interações com 13 participantes), PE1 (28 interações com 10 participantes), PE14 (26 interações

com 13 participantes), F3 (17 interações com nove participantes) e PS3 (17 interações com sete participantes). Estes participantes mais ativos adicionaram valor ao ambiente *online*, adotando comportamentos pró-ativos e reativos, e promovendo o envolvimento e interação de toda a comunidade.

Tornou-se evidente que as interações estabelecidas envolveram participantes de diferentes grupos (profissionais de Saúde, profissionais de Educação e familiares), tendo ainda sido possível constatar o estabelecimento de laços entre os participantes PS8, PS7 e PE20; PE1 e F3; F10 e PS7; PS3 e PS7; PE8 e PE18. Este estabelecimento de laços foi demonstrado de diversas formas, como a troca de comentários, o apoio emocional, a manifestação de prazer em ajudar o outro, e as conversas no chat.

Os dois “peritos” convidados também estabeleceram relações com os diferentes participantes nos dois desafios da comunidade. Como se pode observar na Figura 38 no âmbito desafio com o “perito 1” (a coordenadora de um centro dos recursos TIC para Educação Especial) estabeleceram-se 16 interações com seis participantes, e no âmbito do desafio com o “perito 2” (docente de uma universidade, autora dos vários livros na área da linguagem), estabeleceram-se 29 interações que envolveram seis participantes.

Verificámos que, no geral, a intensidade da atividade dos participantes foi bastante elevada, com a média de aproximadamente 40 partilhas por mês. Tendo em mente que o estudo abarcou o período desde a segunda quinzena de outubro de 2014 até à primeira quinzena de julho de 2015, evidenciaram-se diferentes graus de atividade ao longo destes nove meses. Como podemos observar na Figura 41, o maior número de partilhas verificou-se em novembro de 2014 (72 partilhas), o que provavelmente está relacionado com o interesse elevado devido à novidade do espaço *online*.

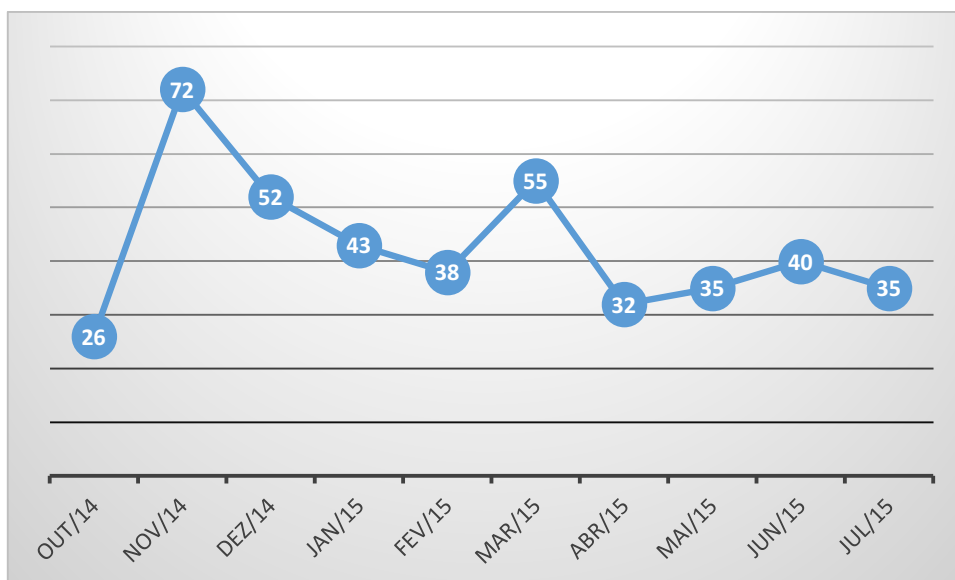


Figura 41. Intensidade das compartilhadas

Entre os meses de maior intensidade destacam-se ainda dezembro (52 compartilhadas) e março (55 compartilhadas). Entre os meses com menor atividade, podemos referir junho (20 compartilhadas), fevereiro (28 compartilhadas) e abril (29 compartilhadas). Esta descida constatou-se principalmente na atividade dos profissionais de Educação, o que provavelmente está relacionado com as interrupções letivas de Carnaval e da Páscoa (nos meses de fevereiro e abril), e com o final de ano letivo, em junho.

Reiteramos que o período de teste do *Compartilha* pelo grupo piloto se iniciou na segunda quinzena de outubro de 2014 e decorreu até à primeira quinzena de julho de 2015. Portanto, os dados de outubro (22 compartilhadas) e de julho (23 compartilhadas) apresentam a atividade desenvolvida apenas no período de 15 dias.

Constatámos ainda uma ligeira diminuição de atividade e do número das compartilhadas nos últimos meses, que pode estar relacionada com a estratégia de e-moderação escolhida. Neste período, e de acordo com o nosso modelo de e-moderação, com o intuito de envolver os participantes da comunidade nos processos de liderança partilhada e aumentar a autonomia da comunidade, diminuámos gradualmente a intensidade das intervenções realizadas pelas investigadoras. Esta estratégia pode ter provocado uma ligeira descida da intensidade das interações, mas permitiu-nos testar a sustentabilidade da comunidade desenvolvida.

Por outro lado, aumentámos progressivamente a dificuldade dos desafios a realizar, desde a simples partilha de recursos nos primeiros meses de funcionamento da comunidade, à procura de soluções para um problema real e à construção/adaptação dos recursos contingentes com as necessidades específicas das crianças/jovens. Evidenciou-se que o aumento do grau de dificuldade das tarefas propostas diminuía a quantidade de conteúdo partilhado. A análise qualitativa destas interações

demonstra que, neste período, aumentou o número das partilhas dos recursos que foram criados/adaptados pelos participantes, alguns deles desenvolvidos de forma colaborativa. Este facto aumenta a complexidade e o valor das partilhas para o nosso estudo e reveste-se da maior importância para o desenvolvimento dos processos de construção colaborativa dos conhecimentos e recursos.

Saliente-se ainda que, reconhecendo a falta de recursos dedicados às NE, abrimos entretanto o acesso aos conteúdos partilhados no *Compartilha* a todos utilizadores da web. Assim, qualquer pessoa que não pertencesse ao grupo piloto, tinha possibilidade de aceder à plataforma, ver e descarregar os conteúdos, embora sem possibilidade de partilhar, comentar, ver os comentários dos outros participantes ou participar nos desafios, privilégio exclusivo dos utilizadores registados na comunidade. Verificou-se que os conteúdos partilhados foram vistos por centenas de pessoas “anónimas”, como podemos observar na figura a baixo.

Formação Na Area Das NEEs Para Professores E Educadores:			
Mostrar Editar Monitorizar Voting results			
Hora ▼	Referência	Utilizador	Operações
29/08/2016 - 01:51	https://www.facebook.com	Anonymous (não verificado)	Detalhes
29/08/2016 - 01:04	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
29/08/2016 - 00:24	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
29/08/2016 - 00:06	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
29/08/2016 - 00:04	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:46	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:32	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:26	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:24	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:21	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:21	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:20	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:19	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:17	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:14	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:12	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:11	https://www.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:11	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:07	http://m.facebook.com/	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:04	node/1815/track	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:04	node/1815/track	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:03	node/1815/track	Anonymous (não verificado)	Detalhes
28/08/2016 - 23:01	http://cms.ua.pt/compartilha/	admincompartilha	Detalhes
28/08/2016 - 21:55	http://cms.ua.pt/compartilha/nod...	admincompartilha	Detalhes
« primeira « anterior 1 2 3 4 5 6 7 8 seguinte » última »			

Figura 42. Visualização de uma partilha por utilizadores "anónimos"

Devido às características técnicas da plataforma não temos acesso à contagem do número total de pessoas “anónimas” que acederam ao site, nem ao número dos recursos que foram descarregados. Em todo o caso, parece-nos importante destacar

que, para além dos participantes registados, existam mais pessoas a utilizar o nosso *Compartilha*, a descarregar e partilhar alguns recursos nos seus blogs e páginas do Facebook, às vezes com ligação direta ao site. Estes factos evidenciam a importância destes espaços na promoção da partilha de recursos e conhecimentos no domínio das NE.

Podemos ainda referir que o período do fim da tarde e a noite foram os horários preferidos para aceder ao *Compartilha*, embora tenhamos registado acessos ao longo do dia. A disponibilidade do espaço *online* durante 24 horas relevou-se útil e possibilitou que cada participante acesse ao *Compartilha* conforme a sua disponibilidade e motivação. Este aspeto foi também referido nos estudos de Miranda-Pinto (2009) e Nunes (2012).

Em modo de conclusão, podemos referir que a maioria dos participantes reagiu de forma bastante ativa aos desafios dinamizados e envolveu-se na partilha de recursos e informações, sendo que os profissionais se mostraram mais participativos do que os pais. Portanto, as dinâmicas do *Compartilha* evidenciaram a existência de uma realidade plural, observando-se diferentes níveis de participação e de envolvimento por parte dos participantes. Estas características também foram assinaladas em alguns dos estudos analisados (Nunes, 2012; Miranda-Pinto, 2009; Persky et al., 2009).

5.7 Estratégias de e-moderação implementadas no Compartilha

A dimensão “estratégias de e-moderação” pode ser considerada das mais relevantes, por se constituir como factor de sustentabilidade de uma comunidade *online*. Uma vez que o espaço *online* e respetiva comunidade foram criados no âmbito de dois projetos, as duas investigadoras envolvidas assumiram o papel de e-moderadores, partilhando as funções de regulação das diferentes fases de organização da comunidade, da gestão dos conteúdos e das aprendizagens, bem como da dinamização dos desafios que foram ocorrendo no grupo.

Como já foi referido, a dinamização do *Compartilha* desenvolveu-se de acordo com o modelo e-moderação de cinco passos, que foi elaborado em conjunto com a investigadora do projeto-parceiro (Cf. anexo 8). Este modelo permitiu-nos criar um plano de dinamização do *Compartilha*, embora seguindo o nosso guião de forma bastante flexível (Cf. anexo 9). Um exemplo destas alterações foi o surgimento de alguns desafios a partir das discussões decorrentes ou de pedidos de ajuda partilhados. Para outros desafios tivemos de alargar o prazo previsto inicialmente, principalmente naqueles que envolviam o desenvolvimento ou a adaptação de recursos.

Optámos por aplicar no *Compartilha* as seguintes estratégias de e-moderação, com intenção de promover a colaboração e cooperação entre os participantes da comunidade *online*:

i) Promovendo a presença social afetiva...

- utilizando expressões de emoção (repetição de pontuação, utilização de maiúsculas e *emotions*);
- recorrendo ao humor;
- falando de si próprio (relatos de experiência).

ii) Promovendo a presença social coesiva...

- utilizando o vocativo (dirigir-se ou referir-se aos participantes pelo nome próprio de cada um);
- referindo-se ao grupo utilizando pronomes possessivos (dirigir-se ao grupo utilizando expressões como: ‘nós’, ‘nosso grupo’);
- usando saudações.

iii) Promovendo a Comunicação Aberta...

- continuando um tópico já em discussão;
- realizando citações a partir de outras mensagens;
- referindo explicitamente outras mensagens;
- colocando questões;
- elogiando e expressando admiração;
- expressando concordância;
- cultivando um modo positivo de debater as questões, mesmo as mais polémicas.

iv) Ampliando as interações...

- tomando a iniciativa de tempos a tempos (mas de forma não exagerada) colocando notícias ou ideias que iam ao encontro dos interesses dos participantes;
- respondendo a intervenções que ainda não tivessem recebido nenhuma reação;
- fazendo intervenções para garantir conexões de qualidade;
- estando atentas ao modo como decorriam os desafios e discussões;
- intervindo quando o espaço revelava pouca interação/informação ou se mostrava poluído de dados não pertinentes para a comunidade;
- realizando intervenções que levassem a reflexões;
- incentivando respostas, que gerassem novas perguntas e perguntas que conduzem a novas respostas (Santos & Okada, 2003).

Realizando uma pequena síntese das nossas estratégias de e-moderação, podemos concluir da importância da dinamização dos desafios, que permitiram estabelecer interações e promoveram a resolução de problemas de forma colaborativa, assim como fomentaram a interatividade e uma participação ativa. É fundamental o incentivo de atividades que possibilitem a partilha de experiências, ideias, recursos, e promovam a produção de comentários que conduzam à reflexão. A aplicação destas estratégias estimulou a análise e a discussão das partilhas. Salienta-se que este tipo de interações se tornou particularmente relevante, pois ajudou os participantes a conhecer outras realidades, experiências e recursos e a não se sentirem tão isolados.

Optámos por uma mediação colaborativa, desde o início, implementada através da liderança partilhada de processos de interação no domínio da elaboração das aprendizagens no âmbito da rede. Concordamos com a posição de Dias (2008), em que “a mediação colaborativa e sustentada na liderança partilhada constitui um meio facilitador para o acesso e a produção dos objetos e aos contextos de aprendizagem, e os sistemas de representação do conhecimento coletivo da comunidade” (p.7).

Optámos por promover a liderança partilhada que se formaliza através de diferentes formas de interação social orientadas para a construção de um projeto participado e partilhado de aprendizagem e conhecimento. Esta estratégia revelou-se uma mais-valia para a comunidade *Compartilha* por várias razões. Em primeiro lugar, as investigadoras pertencem a diferentes grupos profissionais: da Educação e da Saúde, o que permitia ter em conta diferentes pontos de vista sobre os vários temas, incentivando a interação entre os participantes através da experiência partilhada. Em segundo lugar, a existência de duas e-moderadoras facilitava a dinamização regular de situações de discussão e desafios de interesse dos participantes, mantendo sempre o foco nos objetivos da comunidade. Em terceiro lugar, permitia ter um e-moderador “online” no chat, com muita frequência. Foi uma estratégia muito útil nos primeiros meses de desenvolvimento da comunidade, permitindo a socialização dos novos participantes dentro da comunidade, facilitando o desenvolvimento de um ambiente de confiança mútua, e assegurando que todos soubessem utilizar a plataforma e as ferramentas de comunicação. Em quarto lugar, permitiu gerir o espaço *online* de um modo constante e permanente, garantindo uma resposta atempada às questões colocadas pelos participantes.

Esta conclusão confirma o que foi mencionado na literatura consultada, sobre a importância de um desenvolvimento da liderança partilhada, na qual a tarefa do moderador seja assumida por mais do que uma pessoa, de modo a aumentar o dinamismo da comunidade *online* (Dias, 2008; Miranda-Pinto, 2009; Palloff & Pratt, 2007). No espaço *online* *Compartilha* optámos por promover a liderança partilhada através de diferentes formas de interação social orientadas para fomentar a atitude pró-ativa dos participantes nas discussões e na partilha da aprendizagem e do conhecimento. No período de desenvolvimento da comunidade procurou-se

encontrar membros relevantes para o processo de e-moderação, tendo em conta os discursos dos participantes que revelaram indícios, estratégias e evidência discursiva de liderança na comunidade.

Deste modo, incentivou-se o envolvimento, em desafios, dos elementos mais ativos e que mais comunicavam e que, com o tempo, se tornaram mais procurados por outros participantes da comunidade para resolução de problemas, partilha de informação ou apoio/ suporte social e emocional. Esta estratégia permitiu-nos a criação de um grupo de participantes que se destacou pela sua atitude pró-ativa, o que se observou, principalmente, a partir do terceiro passo do *Compartilha*.

Neste período, criou-se um ambiente no qual os participantes se mostraram pró-ativos na apresentação de temas de discussão e na criação de desafios, como podemos observar nos exemplos a seguir.

Amazon Echo

Submetido por PE 2 em Sex, 20/03/2015 - 11:21

Compartilho aqui a ligação para uma tecnologia apresentada no final do ano passado pela Amazon que faz uso do reconhecimento de voz com ligação à internet no auxílio a diferentes atividades. Basicamente é com o sistema Siri da Apple ou Cortana da Microsoft.

Sistema Echo (vídeo em inglês)

<https://youtu.be/KkOCeAtKHic>

Aqui o interessante é considerar este tipo de aparelhos para cidadãos com necessidades especiais que tenham mobilidade reduzida ou invisuais, por exemplo.

Fica o desafio de se equacionar que usos poderiam ser dados a esta tecnologia.

Cumprimentos

Figura 43. Exemplo de apresentação de um tema de discussão

Podemos demonstrar também um exemplo de incentivo dos participantes na partilha de recursos:

Atividades PARTILHAR OMBRO AMIGO

Submetido por PS 16 Sáb, 28/03/2015 - 17:18

Página de atividades.

Caros profissionais da saúde e educação, não é necessário estarmos constantemente a reinventar a roda. Se têm recursos da vossa autoria, partilhem!

<http://partilharombroamigo.blogspot.pt/search/label/Atividades>

Figura 44. Exemplo de incentivo de partilha de recursos

No último passo do nosso modelo de e-moderação “Maior envolvimento; maior responsabilização; maior autonomia”, estava previsto promover-se uma maior responsabilização da comunidade através da realização de tarefas, da identificação de Líderes e Moderadores e do fornecimento de privilégios de acesso aos líderes dos grupos. No entanto, o tempo restrito do teste do *Compartilha* pelo grupo piloto e a necessidade de respeitar o próprio ritmo da comunidade não nos permitiu chegar a este último passo.

Nos últimos meses do período de teste surgiram alguns exemplos do envolvimento dos participantes no processo de moderação do espaço *online*. Uma participante encontrava-se a desenvolver um projeto visando a criação de materiais para a Educação Sexual para jovens com Necessidades Especiais e começou a utilizar o *Compartilha* para recolha de recursos e informações sobre esta temática. Em conjunto com esta investigadora desenvolveu-se um desafio que tinha por objetivo recolher materiais existentes que são utilizados junto das crianças/jovens por professores/pais-cuidadores/profissionais de saúde. A investigadora começou também por partilhar com regularidade recursos pertinentes para esta temática, assumindo uma posição pró-ativa e de liderança nas discussões. Após o período de teste, esta investigadora continuou a utilizar o espaço *online Compartilha* no âmbito do projeto desenvolvido. Consideramos este caso como um possível exemplo de desenvolvimento futuro e sustentabilidade do espaço *online* e respetiva comunidade.

Em síntese, podemos referir que os momentos de partilha de liderança no *Compartilha* surgiram principalmente a partir do terceiro passo de dinamização do espaço e foram condicionados pelo contexto temporal e situacional (Costa, 2000). Os participantes da comunidade mostraram-se mais pró-ativos num determinado contexto, associado a uma área temática específica, de acordo com os seus interesses, respondendo às necessidades e interesses comuns da comunidade.

5.8 Avaliação do Compartilha pelos participantes

Tendo como objetivo a recolha da apreciação do grupo-piloto sobre a sua participação no *Compartilha*, elaborámos um inquérito por questionário pós-teste. Desta feita, não usámos o *lymesurvey*, mas antes o *typeform*.

O questionário foi aplicado ao grupo-piloto, imediatamente após a realização da fase experimental do *Compartilha*, com o intuito de garantir que os participantes tivessem ainda presentes na memória as ocorrências mais importantes, bem como a sua impressão das interações na comunidade.

A aplicação do questionário pós-teste teve como objetivo verificar a frequência de utilização do *Compartilha*, a percepção dos participantes sobre a sua qualidade, a opinião sobre os conteúdos disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas, a importância atribuída à comunidade *Compartilha*, bem como avaliar o modo como o *Compartilha* superou as respetivas expectativas. O questionário (Cf. Anexo 9) continha ainda uma questão de resposta aberta com a intenção de obter a opinião dos participantes sobre os aspetos que gostariam de melhorar ou sugerir para desenvolvimentos futuros.

O questionário foi respondido por 31 participantes, representando 56,36% do grupo piloto (14 profissionais da Educação, 10 profissionais de Saúde e seis familiares de pessoas com NE). Nos parágrafos abaixo, apresentamos a análise dos resultados obtidos, por item, com indicação da média dos valores obtidos na resposta a cada uma das questões.

Relativamente à questão “Com que frequência utiliza o *Compartilha* para...” os participantes apontaram que utilizavam o espaço *online* com a frequência média de 3,24 (numa escala de 1 a 5, em que 1 significa "nunca" e 5 significa "sempre"):

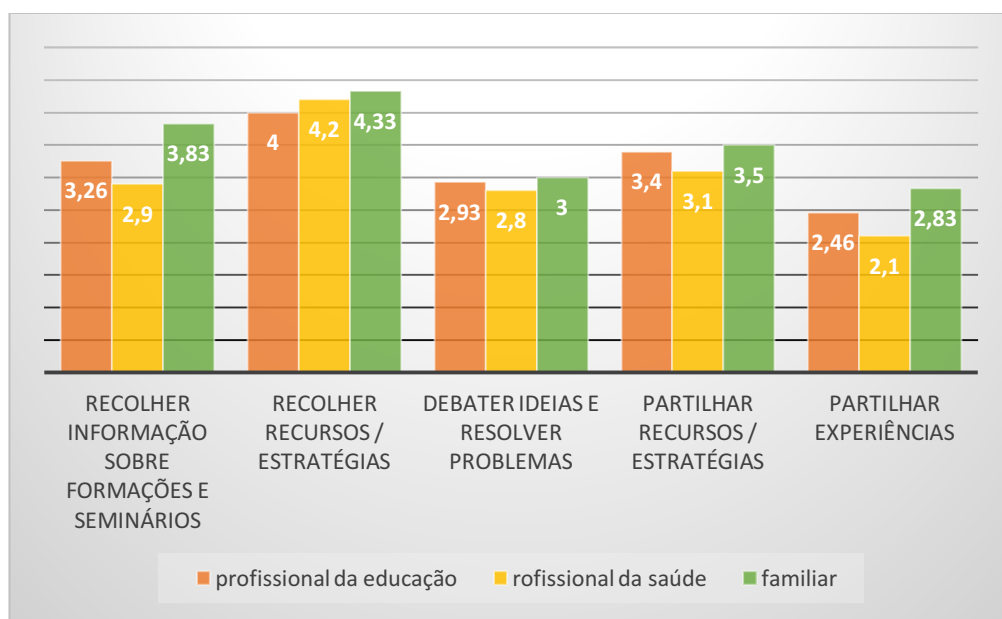


Figura 45. Frequência de utilização do *Compartilha*

Como podemos observar na Figura 45, e numa apreciação global, verificou-se que os participantes utilizavam o *Compartilha* com bastante frequência para todos os fins mencionados, destacando-se a recolha de recursos/estratégias.

Comparando os três grupos, podemos referir que os profissionais de Educação manifestam ter tido a percepção de que utilizaram o *Compartilha* com mais frequência

para a recolha de recursos/estratégias (4), para a partilha dos recursos/estratégias (3,4) e para a recolha de informação sobre formações e seminários (3,26). A partilha de experiências foi o objetivo menos referido por profissionais da Educação (2,46).

Os profissionais de Saúde têm a perceção de terem utilizado o *Compartilha* com mais frequência para a recolha dos recursos/estratégias (4,2) e para a partilha dos recursos/estratégias (3,1). A partilha de experiências também foi o fim menos referido (2,1).

Os familiares indicaram ter utilizado o *Compartilha* para a recolha dos recursos/estratégias (4,33), recolha da informação sobre formações e seminários (3,83) partilha dos recursos/estratégias (3,5). Este grupo também indicou ter utilizado pouco “A partilha de experiências” (2,83), entretanto neste caso com menos frequência comparando com os profissionais.

5.8.1 Relatos de apreciação da estrutura do *Compartilha*

Relativamente à apresentação da estrutura do *Compartilha* verificou-se, numa apreciação global, que os participantes avaliaram a estrutura como muito boa (4,23) (numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "fraca" e 5 a "excelente").

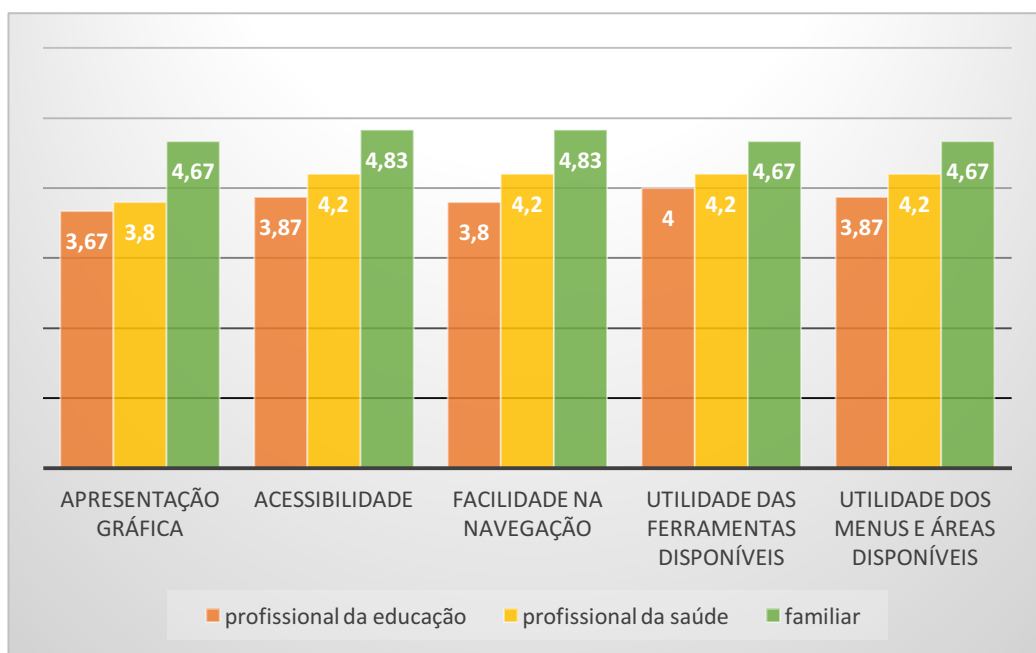


Figura 46. Apreciação dos participantes sobre a qualidade do *Compartilha*

Comparando os três grupos de participantes, podemos referir que os profissionais de Educação foram os mais rigorosos na avaliação, dando a apreciação global como “boa”. Com a maior pontuação, foram avaliados: a utilidade das ferramentas disponíveis (4) e as dimensões da acessibilidade e utilidade dos menus (3,87 cada). Os profissionais de Saúde avaliaram a qualidade do *Compartilha* como muito boa, atribuindo a mesma pontuação (4,2) nas seguintes dimensões: acessibilidade, facilidade de navegação, utilidade das ferramentas e utilidade dos menus disponíveis. Os familiares avaliaram a qualidade do *Compartilha* como muito boa em todas as dimensões, dando a maior pontuação às dimensões da acessibilidade e da facilidade de navegação, em comparação com os profissionais. Consideramos esta avaliação dos familiares como muito importante, uma vez que, na concepção do espaço *online*, tivemos todo o cuidado em criar uma estrutura perceptível e compreensível a todos os utilizadores.

5.8.2 Apreciação dos participantes sobre conteúdos os disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas

Relativamente à percepção dos participantes em relação aos conteúdos disponibilizados e às dinâmicas estabelecidas, verificou-se uma apreciação bastante alta, no geral: (4,21) numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "fraca" e 5 a "excelente".

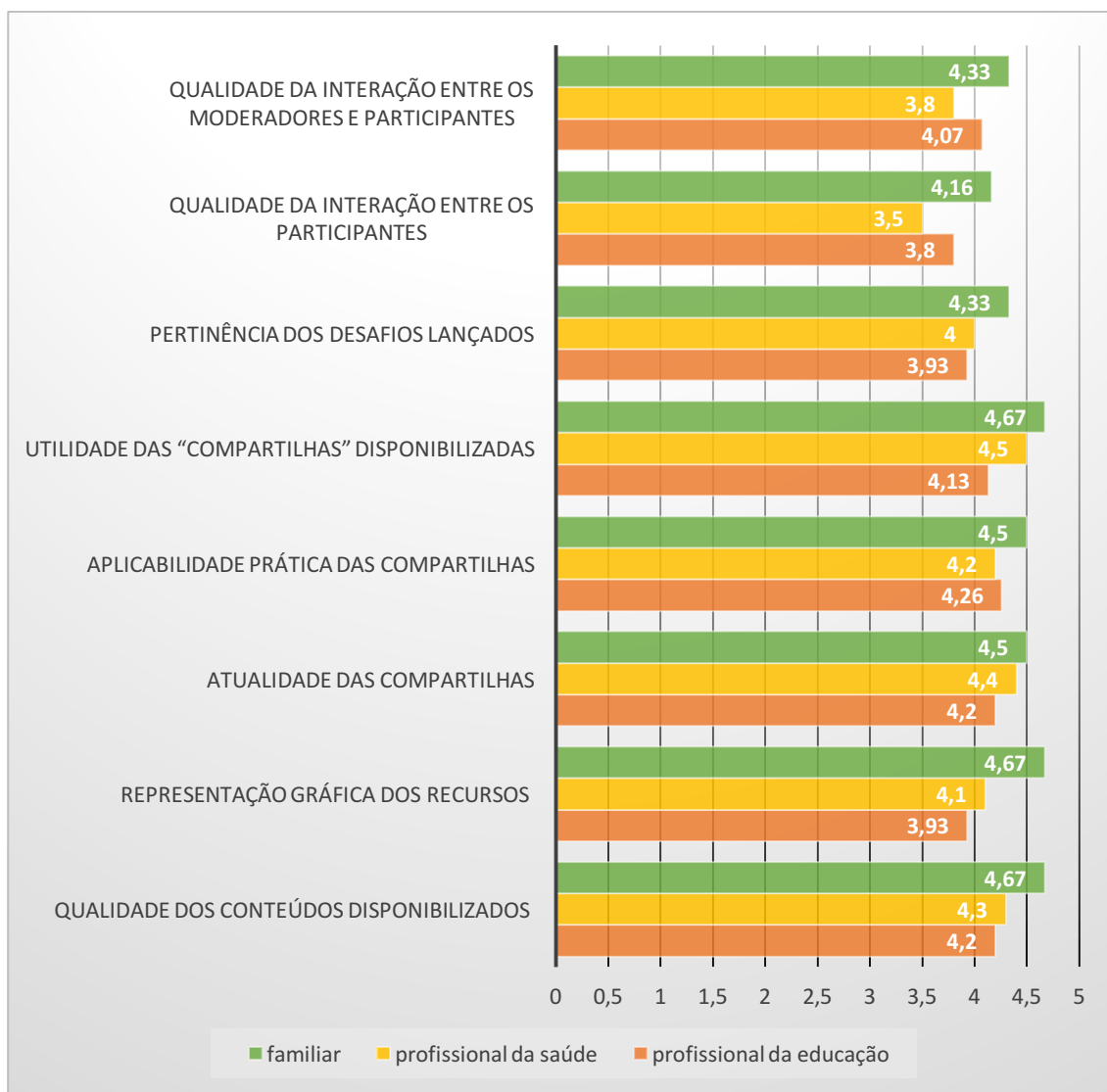


Figura 47. *Apreciação dos participantes sobre os conteúdos disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas*

Comparando os três grupos de participantes, podemos referir que os profissionais de Educação avaliaram com mais pontuação a “Aplicabilidade prática das compartilhadas” (4,26), a “Qualidade dos conteúdos disponibilizados” (4,2) e a “Atualidade das compartilhadas” (4,2). A dimensão que obteve menor pontuação foi a da “Qualidade da interação entre os participantes” (3,8). Os profissionais de Saúde avaliaram com mais pontuação a “Utilidade das “compartilhas” disponibilizadas” (4,5), a “Atualidade das compartilhadas” (4,4) e a “Qualidade dos conteúdos disponibilizados” (4,3). A dimensão que obteve menor pontuação foi também a “Qualidade da interação entre os participantes” (3,5). O grupo dos familiares relatou uma avaliação mais alta, comparado com os outros dois grupos, dando a qualificação mais alta à “Qualidade dos conteúdos disponibilizados”, à “Representação gráfica dos recursos” e à “Utilidade das “compartilhas” disponibilizadas” (4,67 para cada item). A dimensão

que obteve a menor pontuação foi novamente a “Qualidade da interação entre os participantes” (4,16).

A análise comparativa dos dados de todos os grupos de participantes permite verificar que, embora a apreciação dos conteúdos disponibilizados e dinâmicas estabelecidas no *Compartilha* tenha sido bastante alta, é no grupo dos familiares que se observa a pontuação mais elevada. Estes resultados revelam que todos os participantes avaliaram a “Qualidade da interação entre os participantes” com pontuação mais baixa, o que revela que esta é a dimensão que precisa de ser melhorada.

5.8.3 Perceção dos participantes sobre a importância do Compartilha

Relativamente à importância que os inquiridos atribuíram à comunidade *Compartilha*, podemos referir que, no geral, foi atribuída uma avaliação bastante alta (media 4,13), numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "nada relevante" e 5 a "muito relevante").

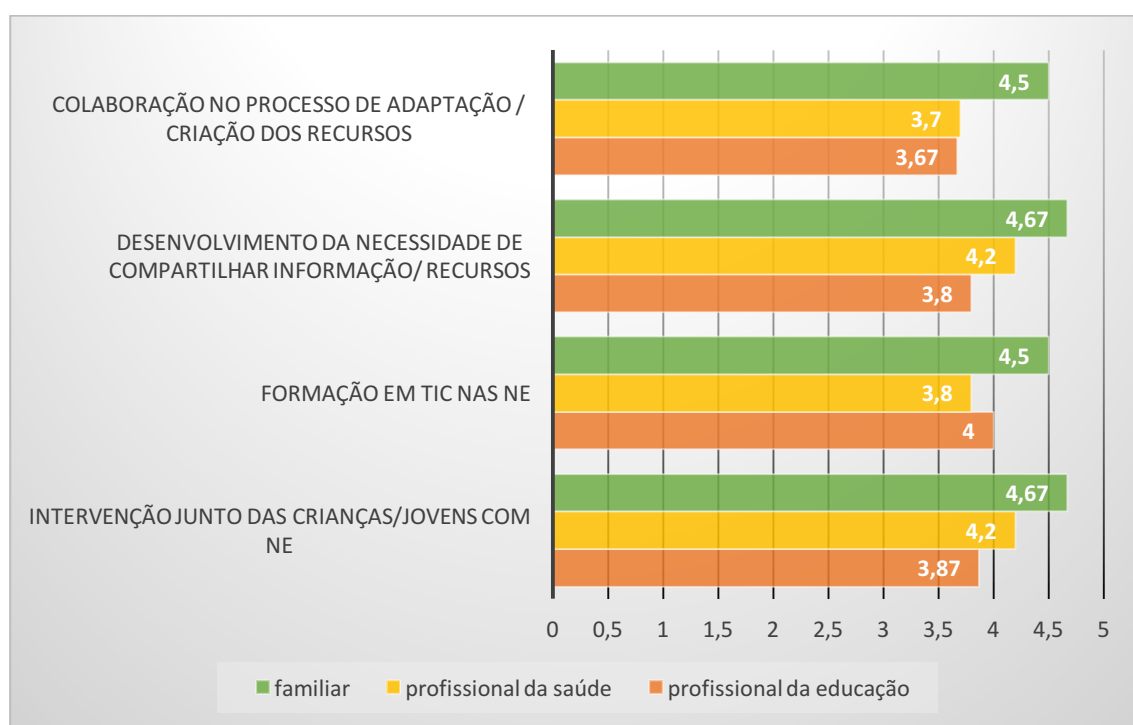


Figura 48. Perceção dos participantes sobre a importância do Compartilha

Como podemos observar na Figura 48, os profissionais de Educação, uma vez mais, revelaram-se mais rigorosos na avaliação e atribuíram uma maior importância ao contributo do Compartilha na intervenção junto das crianças/jovens com NE (3,87). A

pontuação mais baixa (3,67) foi atribuída à “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos”. Os profissionais de Saúde atribuíram uma maior importância (4,2) ao contributo do *Compartilha* na intervenção junto das crianças/jovens com NE e no desenvolvimento de necessidade de partilhar informação/recursos. A importância mais baixa (3,7) foi também atribuída à “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos”. Os familiares, uma vez mais, avaliaram com a pontuação mais alta todos os itens questionados, destacando o contributo do *Compartilha* na intervenção junto das crianças/jovens com NE e a necessidade de partilhar informação/recursos com a mesma pontuação (4,67). A pontuação mais baixa (4,2) foi atribuída à “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos” e à “formação em TIC nas NE”. É importante referir que a importância que os familiares atribuíram a todas estas dimensões foi mais alta comparando com o grupo dos profissionais.

Os dados recolhidos demonstraram que a maioria dos inquiridos foi muito positiva na avaliação da importância do *Compartilha*, destacando o contributo da comunidade na intervenção junto das crianças/jovens com NE. A dimensão da “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos” foi avaliada por todos os inquiridos com menor pontuação, em conformidade com a nossa percepção de que este passo do *Compartilha* precisava de ser desenvolvido num período de tempo mais prolongado.

Relativamente à criação de dinâmicas de entajuda entre diferentes tipos de agentes educativos, os inquiridos avaliaram a importância do *Compartilha* com uma pontuação bastante alta (média 3,73) numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "nada relevante" e 5 a "muito relevante").

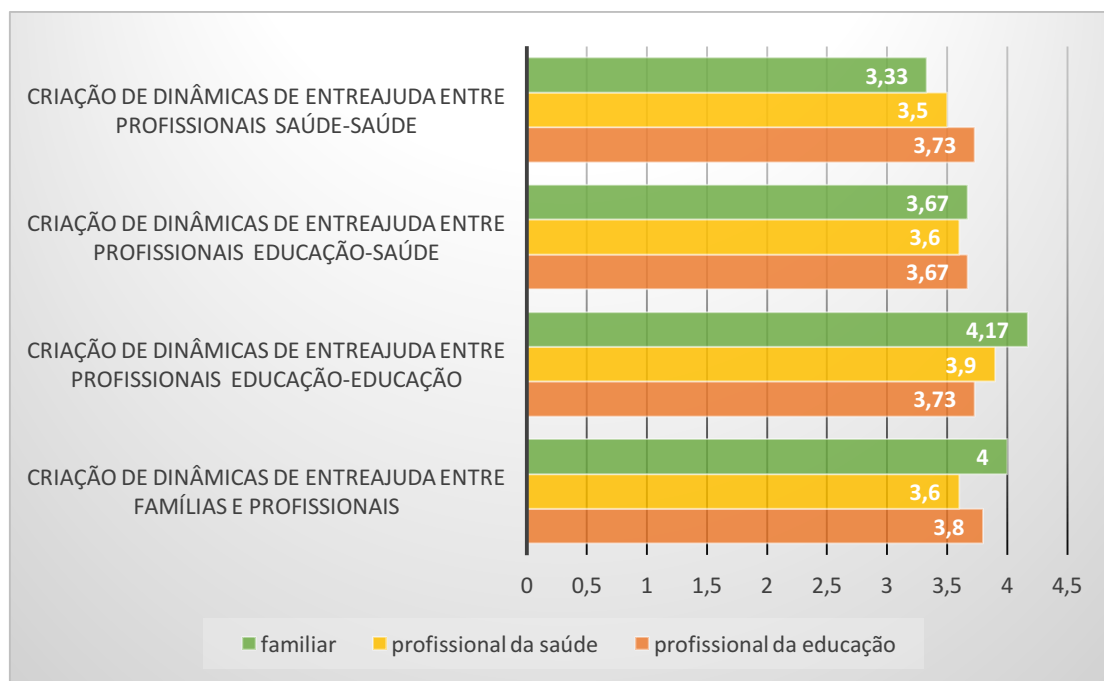


Figura 49. Percepção dos participantes sobre a importância do Compartilha

Como podemos observar na Figura 49, os profissionais de Educação atribuíram maior importância ao contributo do *Compartilha* na criação de dinâmicas de entreajuda entre familiares e profissionais (3,8). A importância mais baixa (3,67) foi atribuída à “criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais educação-saúde”.

É interessante verificar que os profissionais de Saúde inquiridos atribuíram maior importância ao contributo do *Compartilha* na criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais educação-educação (3,9). A importância mais baixa (3,5) foi atribuída à “criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais saúde-saúde”. Os familiares inquiridos concordaram com a percepção dos profissionais de Saúde e também atribuíram maior importância ao contributo do *Compartilha* na criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais educação-educação (4,17) e com menor pontuação (3,33) avaliaram a “criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais saúde-saúde”.

Consideramos importante referir que os familiares inquiridos também deram uma pontuação bastante alta à importância da comunidade na criação de dinâmicas de entreajuda entre familiares e profissionais (4).

5.8.4 Percepção dos participantes sobre o nível de superação das suas expetativas

Relativamente à questão “Avalie como o *Compartilha* superou as suas expetativas”, os inquiridos, no geral, avaliaram com uma pontuação bastante alta (média 4,26) numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a "nada" e 5 a "muito").

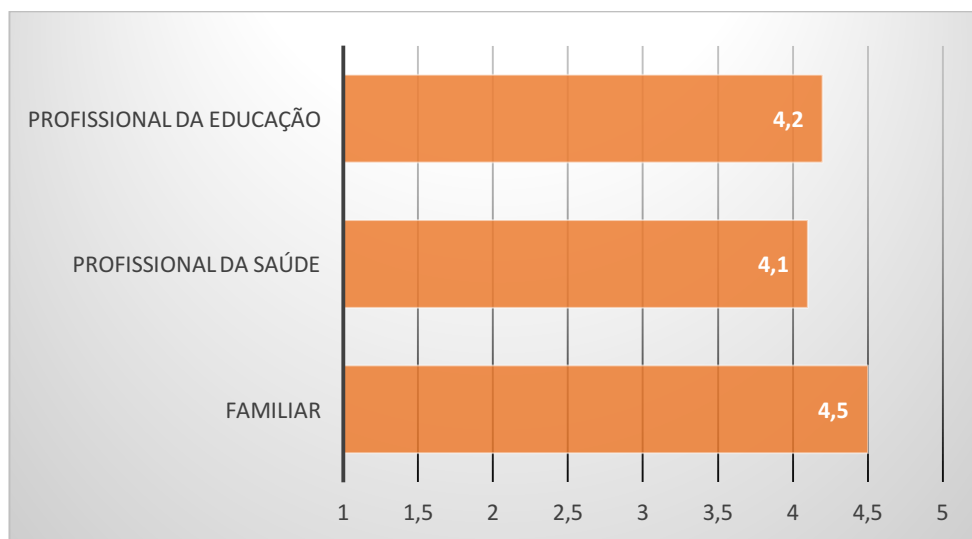


Figura 50. Avaliação dos participantes sobre o modo como o *Compartilha* superou as suas expetativas

Tornou-se evidente que os familiares inquiridos relataram um maior nível de superação das suas expetativas (4,5), os profissionais atribuíram uma pontuação ligeiramente mais baixa: profissionais da educação - média 4,2 e profissionais da saúde - média 4,1. A análise das respostas dos participantes permite concluir que, de uma forma geral, o *Compartilha* superou as expetativas dos participantes inquiridos

A última questão do questionário de resposta aberta tinha como intenção obter a opinião dos participantes sobre os aspetos que gostariam de melhorar ou sugerir para desenvolvimentos futuros. Nesta questão obtivemos apenas sete respostas, mas que são muito pertinentes e nos permitem perceber a opinião dos participantes sobre o *Compartilha*.

“Penso que o compartilha é um espaço muito rico de aprendizagem e partilha e que é potencialmente um espaço real de interação entre os diferentes agentes, no entanto não sinto que ainda seja ou que esses agentes da educação/família/saúde utilizem de forma plena o compartilha. Penso que é fantástico haver este projeto e de forma alguma deverá perder-se, mas sinto a necessidade de

ver fomentada a interdisciplinaridade dos diferentes utilizadores.”

Concordamos com a opinião deste participante: também sentimos que o desenvolvimento da colaboração entre diferentes agentes educativos nesta comunidade precisava de mais incentivos e de mais tempo para ser ampliada para todos os participantes.

Recolhemos ainda algumas sugestões para um futuro desenvolvimento do *Compartilha*:

“Formação online no âmbito das NEE.”

“Atualmente sinto necessidade de material para crianças mais velhas.”

“Maior divulgação da plataforma.”

Concordamos com a opinião deste participante, mas durante o período de teste do *Compartilha* pelo grupo piloto, não foi feita a divulgação do mesmo, uma vez que não podíamos aceitar novos participantes. Foi por essa razão que começámos a divulgação do *Compartilha* apenas nos últimos meses do período de teste do espaço *online*.

Recolhemos também algumas opiniões sobre o projeto:

“Parabéns pelo projeto e partilhas! Na realidade estes materiais são uma mais valia para todos nós, poderão ser adaptados nos nossos contextos. Pessoalmente, foi muito gratificante e aprendi muito.”

“Continuem!”

Em modo de síntese, podemos concluir que a análise das dinâmicas numa comunidade é uma preocupação de diversos estudos que procuraram encontrar novas formas de organização dos espaços *online*. Os relatos de apreciação da participação numa comunidade *online* constituem uma fonte rica de informação, que pode ser benéfica na planificação e implementação de novos projetos, que visem a construção colaborativa de conhecimento.

Resumindo, podemos referir, segundo a informação recolhida, que o espaço *online Compartilha* foi considerado pelos respondentes do inquérito, como um recurso funcional, acessível, com uma estrutura perceptível e boa apresentação gráfica, apropriada ao contexto educacional. Os participantes relataram a sua satisfação em

relação à qualidade dos conteúdos disponibilizados e às dinâmicas desenvolvidas no *Compartilha*. Ainda assim, evidenciou-se a necessidade de aumentar o nível de interação e colaboração entre diferentes participantes dentro e fora do espaço *online*.

Podemos ainda reforçar que o estudo realizado evidenciou que, para o desenvolvimento da identidade de uma comunidade, são fundamentais bons níveis de confiança e reciprocidade, que beneficiem a evolução do vínculo social e a criação da rede de interação, bem como a construção colaborativa de conhecimento. Nesta perspetiva, o espaço *online* representa mais do que um meio de armazenamento e disponibilização de conteúdos *online*, para se apresentar como um sistema de organização dinâmica da informação, em contextos de produção de conhecimento, aplicação e resolução de problemas realizadas pelos membros da comunidade.

Confirmou-se a opinião de Miranda-Pinto (2014), segundo a qual o factor tempo tem um papel determinante no desenvolvimento de processos de colaboração e liderança, porque à medida que se concretiza cada uma das fases atrás enunciadas, o grupo vai consolidando a sua “identidade”. Como referem Wenger, McDermott et al. (2002), os participantes que fazem parte de uma comunidade *online*, com uma identidade bem visível e definida, estabelecem elos de ligação e sentimentos de responsabilidade mútua, que têm um impacto positivo na sustentabilidade da própria comunidade. Esta é uma condição necessária para que se diferencie de outras comunidades e construa significado.

5.9 Comunidade presencial *versus* comunidade *online*

Para além da investigação relatada em torno do desenvolvimento e avaliação do *Compartilha*, e no decorrer deste estudo a investigadora participou ainda num projeto desenvolvido numa associação que apoia pais e crianças/jovens com NE. No âmbito desta atividade, desenvolveu-se um espaço *online*: um grupo fechado no Facebook, que apoia as atividades presenciais desenvolvidas. A investigadora deste projeto assumiu o papel de moderadora deste grupo fechado.

Embora este grupo fechado no Facebook não tivesse como objetivo a construção colaborativa de conhecimento, como o *Compartilha*, é interessante constatar como as dinâmicas que se desenvolveram nesta comunidade presencial e a forma como foram representadas na respetiva página do Facebook, podem ser interessantes para esta investigação e outras futuras. É nesta perspetiva que entendemos que pode ser interessante analisar as dinâmicas desenvolvidas neste espaço que representa uma comunidade presencial e compará-las com as dinâmicas desenvolvidas na comunidade *online* do *Compartilha*.

5.9.1 Colaboração com a Associação “Pais em rede”

No decorrer desta investigação, sentimos um envolvimento ativo no projeto da parte dos membros da associação Pais em Rede (PeR). Podemos apresentar alguns exemplos desta colaboração: entrevistas aos participantes e dinamizadoras dos grupos de entreajuda, divulgação deste projeto entre os seus associados e envolvimento no grupo piloto de quatro pais e um profissional de educação, que pertenciam a diferentes núcleos da associação.

Por outro lado, as investigadoras também se envolveram de forma voluntária nas atividades desenvolvidas pelo núcleo do PeR de Aveiro, abraçando o desenvolvimento de atividades com crianças/jovens com NEE, nos momentos em que os pais participavam nas “Oficinas de Pais”. Essas sessões foram aproveitadas para criar e adaptar alguns recursos às necessidades específicas dos jovens. Foram desenvolvidos para usar nessa situação, alguns jogos, de que são exemplo alguns desenvolvidos com o programa *Jclik*, destinados a um jovem de 11 anos com Perturbação do Espectro do Autismo, que tinha dificuldades na utilização de pronomes.

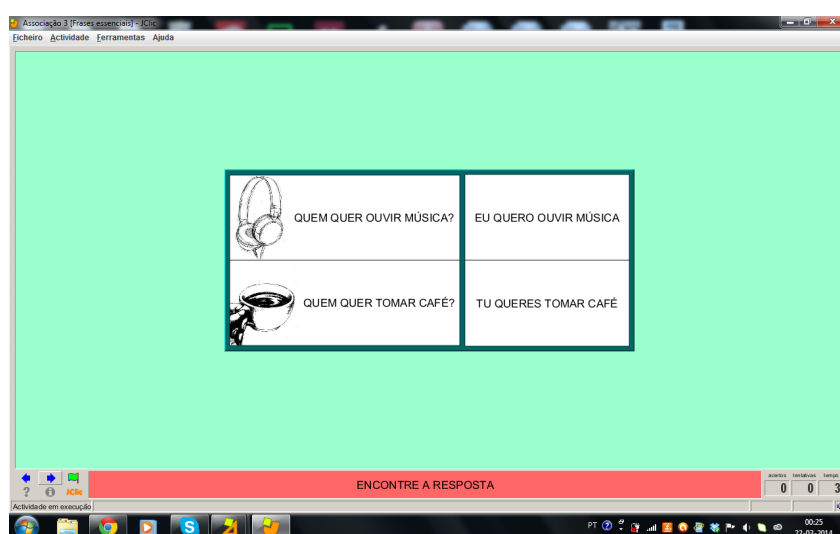


Figura 51. Exemplo de um Jogo criado com o Jclik

Foi neste contexto que as investigadoras dos dois projetos desenvolveram uma participação ativa na preparação e realização de diferentes eventos promovidos pelo núcleo de Aveiro do PeR, tais como:

- “À procura do Ovo da Páscoa”, teve por objetivo a promoção da inclusão das crianças e jovens com NE, na comunidade, através de um convívio de amigos e familiares em torno da temática da Páscoa. O evento realizou-se no dia 21 de março de 2015 no Parque dos Talentos da Escola Profissional de Aveiro.



Figura 52. Evento “À procura do Ovo da Páscoa”

- "Quando for grande quero ser..." que teve como objetivo proporcionar às crianças e jovens um dia especial cheio de atividades divertidas e a oportunidade de experimentar várias profissões (polícia, bombeiro, médico/enfermeiro, cientista, cabeleireiro, informático, palhaço, pintor, etc.). Esta festa foi realizada no dia 6 de junho de 2015, no Clube dos Galitos em Aveiro e contou com o apoio de diferentes parceiros: ACAPO; APPACDM; Bombeiros Novos de Aveiro; Clube dos Galitos; Centro de Recursos TIC para a Educação Especial de Eixo/Aveiro; Escola Profissional de Aveiro; Escola de Música d'Anita; Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro e PSP.



Figura 53. Evento "Quando for grande quero ser..."

- O Colóquio “Todos juntos por pessoas especiais”, que decorreu no 11 de abril de 2015 no Auditório da Junta de Freguesia de Vera Cruz (Aveiro), e visou juntar familiares, profissionais e amigos de pessoas com NE, promovendo a discussão, a partilha de informação e a divulgação de apoios disponibilizados pelas diferentes entidades da comunidade, para as pessoas com NE e suas famílias.



Figura 54. Colóquio “Todos juntos por pessoas especiais”

Este colóquio foi muito proveitoso e proporcionou a partilha de informação e o esclarecimento de questões pertinentes e adiantamento de pistas para uma possível resolução destas mesmas questões, tendo contado com a participação da CERCIaV, Agrupamento das Escolas de Aveiro, PSP-Aveiro, Centro de Recursos TIC para a Educação Especial de Eixo/Aveiro, Universidade de Aveiro, Câmara Municipal e Juntas de Freguesia da Glória e de Vera Cruz, Aveiro.

5.9.2 Projeto GAPRIC

Neste cenário de envolvimento ativo com a comunidade, e tendo em conta um número elevado de jovens com NE sem qualquer resposta após a escolaridade obrigatória, o núcleo de Aveiro do PeR, entre outros do país, concorreu a um financiamento do Instituto Nacional para a Reabilitação, com um projeto denominado “GAPRIC” (Gabinetes de Apoio a Programas Incluídos na Comunidade), com o objetivo de facilitar e promover a integração socioprofissional de jovens com deficiência ou incapacidade, através da construção de uma rede comunitária de apoio capaz de criar respostas no sentido da promoção da autonomia, realização pessoal e autodeterminação.

Esta candidatura foi aprovada e, em maio de 2015, deu-se início ao projeto com a seleção de um grupo de 10 jovens com NE que se encontravam em situação de “desocupação”. Desde já admitimos que a oportunidade de assumir o papel de dinamizadora do projeto GAPRIC surgiu já no decorrer da fase de teste do *Compartilha* pelo grupo piloto. Por esta razão, embora duas mães já fizessem parte do projeto desde o início, não foi possível convidar outros familiares de jovens para participar no estudo.

O GAPRIC foi visto como um suporte necessário para que as pessoas pudessem dar expressão ao seu desejo de realização pessoal e à sua cidadania. Ao mesmo tempo, promoveu a responsabilidade da própria comunidade no processo de inclusão das pessoas com deficiência.

As atividades a realizar foram negociadas com cada jovem, em função dos seus sonhos, seguindo duas abordagens metodológicas:

- O Planeamento Centrado na Pessoa, que permite identificar os sonhos, desejos e motivações do participante, dando a base para a elaboração de programas cujo objetivo é procurar uma resposta minimamente consistente para os sonhos e desejos de cada pessoa;
- A Pedagogia da Interdependência, que permite estabelecer relacionamentos fundados no respeito mútuo.

No âmbito do projeto, e com a ajuda de diferentes parcerias, foi oferecida aos jovens a possibilidade de executar uma Experiência Socioprofissional, que garantisse ocupação socialmente útil de acordo com as suas necessidades e características pessoais.

Para além das atividades socioprofissionais, foram realizadas atividades de carácter cultural e desportivo, como complemento às primeiras. Deste modo, com a ajuda de voluntários, realizou-se um leque de diferentes atividades, visando promover o espírito de grupo e melhorar a autoestima dos jovens, bem como perceber as suas aptidões e motivações. As atividades foram desenvolvidas em três vertentes:

- Sociocultural: visitas aos museus de Santa Joana, Arte Nova, da Cidade de Aveiro e ao Museu do Brincar em Vagos; visita à “Rota das Padeiras” em Vale de Ílhavo, ao Agitágueda, à Feira Nacional do Mirtilo em Sever do Vouga, à Feira Medieval de Anadia e à Festa de S. Gonçalinho;
- Educativa: formação "As minhas atividades preferidas *online*", no Centro de Competência TIC da Universidade de Aveiro; atividades relacionadas com o "Ano Europeu do Desenvolvimento" no Centro de Informação *Europe Direct* Aveiro; atividades de cerâmica na FUNCERAMICS, workshops "Dar Cor à Vida" e atividades de música no Pianoscópio da Fábrica Centro Ciência Viva de Aveiro; visitas ao Herbário e às Marinhas de Santiago da Fonte da Universidade de Aveiro, à Quinta Pedagógica e Escola Equestre de Aveiro, e ao Lugar dos Afetos em Eixo;
- Desportiva e de lazer: aulas de Karaté, Tardes de Judo, Tarde de Yoga, Tardes de Remo e Vela, Tarde na Piscina, aula de Confúcio, sessões de meditação e aula de Danças Latinas, entre outras.

Alguns eventos realizados no âmbito do projeto tiveram como objetivo realizar os sonhos dos nossos jovens, promovendo algumas experiências importantes e inclusivas, a que de outra forma estes jovens não teriam acesso, tais como o “Batismo de Condução”, o Desfile de Moda Inclusivo, o espetáculo “O Projeto X - Viagem a Dentro de Nós” e o “Acampar sem Pais”.

Será importante salientar que, embora as atividades tenham sido realizadas no âmbito do projeto, estas eram abertas a todos os jovens do núcleo PeR, bem como a irmãos e amigos. Além disso, houve muitos pedidos de voluntariado tendo sido aceites como voluntários, 10 jovens com idades a partir dos 16 anos. Desta forma, chegou a haver 30 participantes, com e sem NE, principalmente no tempo de férias, o que gerou o desenvolvimento das atividades num ambiente mais inclusivo.

No âmbito das atividades desenvolvidas identificaram-se algumas dificuldades na comunicação com os jovens com NE, uma vez que a sua maioria não possuía conta de email nem de Facebook, e alguns não possuíam telemóvel, por opção de

segurança ou por decisão dos pais. Assim, e com o intuito de criar um meio de comunicação com estes jovens, foi criado o “Grupo Juvenil GAPRIC” no espaço *online Compartilha*, na área dos Grupos, em julho de 2015. Este grupo começou a ser utilizado para a divulgação do plano de atividades e partilha de fotos sobre as atividades realizadas (<http://cms.ua.pt/compartilha/node/6>).

No total, foram publicados 27 posts no grupo. A maioria dos jovens do projeto inscreveu-se no grupo, mas utilizou-o sobretudo para consultar o plano de atividades e para descarregar fotos.

Salienta-se que a maioria dos jovens não se conhecia mutuamente antes de entrar no projeto e que, num curto período de tempo, criaram verdadeiras amizades, começando a convidar-se uns aos outros para festas de aniversário, para irem juntos ao cinema, a concertos e à praia. Estes laços de amizade e entreajuda cresceram também entre os pais dos jovens.

A experiência do GAPRIC 2015 revelou-se um sucesso por constituir uma resposta com características específicas de acordo com as singularidades de cada pessoa e as estruturas próprias da comunidade. Desta forma, foram acompanhados e integrados nove jovens, com idades entre os 19 e os 29 anos, em situação de isolamento social e sem resposta institucional. A avaliação global do projeto foi muito positiva, com um elevado grau de satisfação das partes envolvidas. O nível de satisfação das pessoas apoiadas foi de 87% e o das suas famílias foi de 91%. Em 2016, o projeto GAPRIC foi renovado, dando oportunidade a mais 12 jovens de criarem um projeto de vida.

Neste período, foram ainda realizados vários convívios que envolveram todo o núcleo, como um piquenique no Parque da Pateira, a festa do Halloween, uma Festinha de Natal, a Festa de Carnaval e dois convívios “À vela”, no clube de Vela do Sporting de Aveiro. A realização deste conjunto de atividades permitiu unir pais e jovens, fortalecendo o próprio núcleo. Por exemplo, em setembro de 2015, foi cedido ao núcleo, de forma gratuita, um espaço – uma moradia individual com algum espaço exterior - para criação da sede. O espaço encontra-se muito bem localizado, mas precisava de ser recuperado. Num curto prazo, com os esforços dos pais, jovens e voluntários, a nossa “casa” foi recuperada e começou a ser utilizada para as diferentes atividades do grupo.

No âmbito das atividades desenvolvidas no núcleo eram necessários diferentes meios de comunicação e partilha de informação com os pais destes jovens. Atendendo a que se destacou a existência de dois subgrupos (um que raramente utilizava o email mas com frequência utilizava o Facebook, e outro grupo de pais que utilizava o mail mas não utilizava o Facebook), optou-se por utilizar dois meios de comunicação: o mail e uma página fechada de Facebook “Núcleo de Aveiro - Pais em Rede”, especificamente criada para o efeito. A página do Facebook tornou-se

rapidamente utilizada por mais de 150 membros, pais, jovens e amigos do núcleo, desenvolvendo uma dinâmica muito ativa. A informação foi partilhada principalmente em torno das atividades desenvolvidas no núcleo, mas surgiram também sugestões de atividades, pedidos de ajuda e partilha de informação útil.

No contexto da problemática analisada na presente tese, afigura-se interessante comparar as dinâmicas que se desenvolveram neste espaço *online*, que pertence a uma comunidade presencial da área da Educação Especial, com as dinâmicas desenvolvidas no *Compartilha*, um espaço *online* na mesma área, mas que não possui ligação direta com uma comunidade presencial.

A página do Facebook do grupo fechado “Pais em Rede - núcleo de Aveiro” foi criada em janeiro de 2015. Durante o primeiro ano de interações, o grupo do Facebook revelou ser um espaço dinâmico, em grande parte pela motivação revelada pela moderadora. Como se pode observar no gráfico da Figura 55, até ao final do ano de 2015 foram publicados 232 posts com 420 comentários.

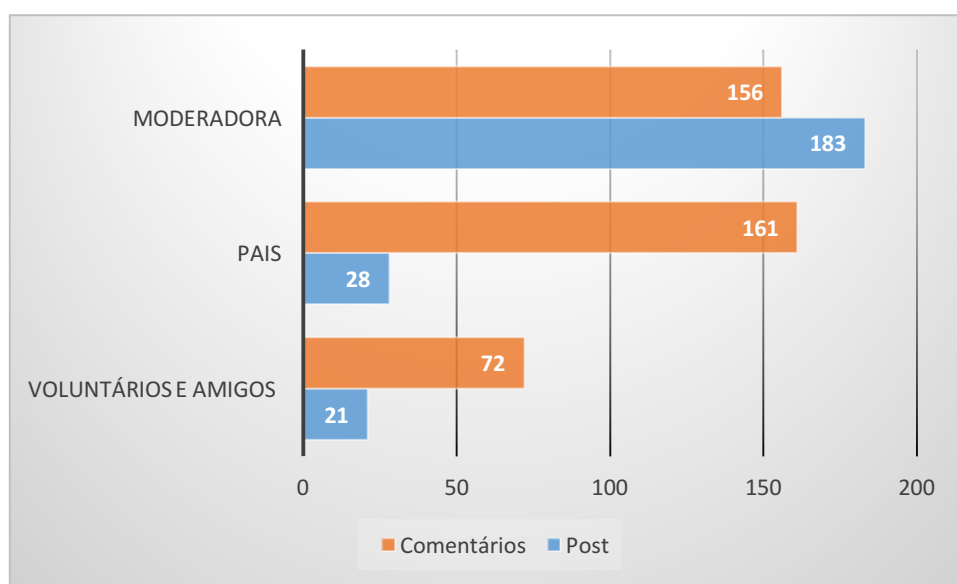


Figura 55. Dinâmicas na página Facebook em 2015

A maioria das publicações neste período foi realizada pela investigadora; os pais manifestaram-se mais ativos nos comentários aos posts e partilharam, principalmente, as fotos dos filhos, capturadas nos convívios do núcleo.

Durante o período de janeiro a junho de 2016 foram publicados na página 274 posts e 1617 comentários. Portanto, num período de apenas metade do ano surgiram mais publicações do que em todo o ano anterior. É importante acrescentar que, neste ano, uma das jovens do projeto GAPRIC demonstrou interesse em assumir a função de co-moderadora da página e começou a publicar “notificações” sobre as atividades do

grupo, com regularidade. No total, a jovem publicou 58 posts, que receberam, imediatamente, imensos gostos e comentários.

Como podemos observar na Figura 56, comparando com o ano interior, nota-se um aumento significativo do número de publicações realizados pelos membros do grupo, principalmente pais (46 posts) e voluntários (38). O conteúdo das partilhas também sofreu alterações: neste período surgiram bastantes posts publicados por pais com o objetivo de organizar as atividades do núcleo, como por exemplo, o acampamento de jovens.

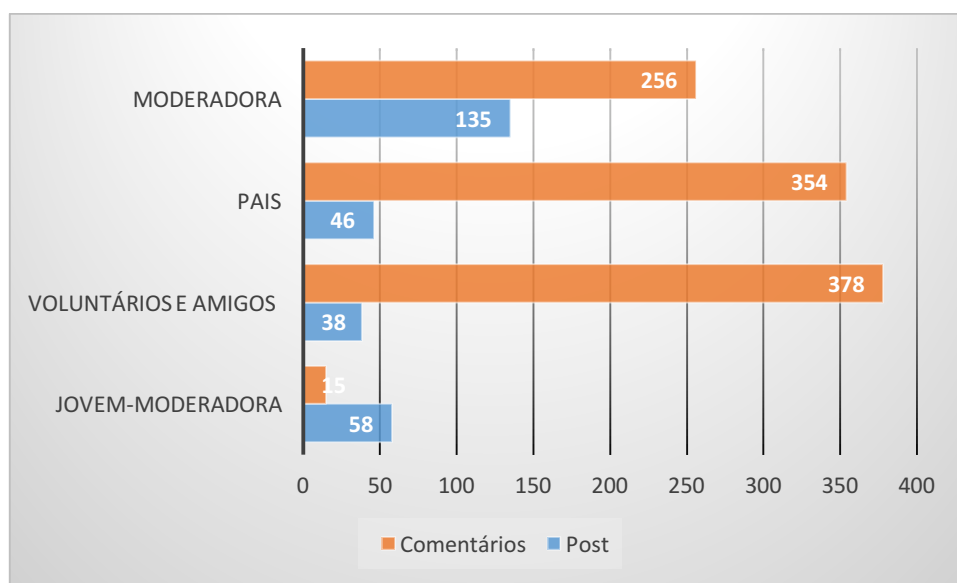


Figura 56. Dinâmicas na página do Facebook em 2016

Verificou-se também um aumento do número de comentários aos posts, principalmente por parte de voluntários e pais.

É importante salientar que as dinâmicas do grupo do Facebook apenas acompanharam as atividades presenciais e surgiram de forma natural e espontânea. Não foi utilizado nenhum modelo de e-moderação neste espaço e não existia nenhum guião de dinamização do mesmo. Entretanto, e devido à sua grande dinâmica presencial, a página do grupo cresceu, fomentando interações e promovendo a sustentabilidade da mesma.

Evidenciou-se que a ligação com a comunidade presencial, com uma maior proximidade entre os participantes e com uma forte componente relacional, fortalece as dinâmicas a decorrer nos espaços *online*. Além disso, esta interligação beneficia também a comunidade presencial, oferecendo um ambiente *online* em que os participantes se sentem à vontade e em segurança para exprimir as suas ideias e para se projetarem social e emocionalmente enquanto pessoas reais, o que, no fundo, promove o desenvolvimento dos laços sociais, o espírito de grupo e a partilha

de expectativas e objetivos da comunidade. Sentimos falta desta ligação com uma comunidade presencial no desenvolvimento do *Compartilha* e por esta razão realizámos encontros presenciais, o que se manifestou benéfico para criar a comunidade.

Na verdade não estava previsto no plano desta investigação, fazer esta análise; ela surgiu apenas na última fase do estudo e foi por esta razão que não foram recolhidas as perceções dos participantes do grupo sobre o seu envolvimento na comunidade. Com efeito, ficámos admirados com as dinâmicas que surgiram neste grupo fechado e com a sua interligação com uma comunidade presencial, o que consideramos interessante para a nossa investigação e para outras investigações futuras.

Em primeiro lugar, evidencia-se que o “grupo fechado” também passou por um “ciclo de vida”. Iniciou-se com os passos de familiarização com o espaço *online* e a socialização *online*, durante as quais se desenvolveu um ambiente de confiança mútua, amigável e socialmente positivo, que permitiu transmitir a identidade do grupo, as suas expectativas e experiências anteriores. Seguidamente, o grupo passou por uma fase de partilha de informação e acompanhamento do decorrer das atividades presenciais, através de mensagens de orientação e de incentivo. A partir do segundo ano de existência do espaço, evidenciou-se um aumento significativo das participações e interações dos membros do grupo uns com os outros, bem como o desenvolvimento de uma maior autonomia do grupo. Neste período, verificou-se também o desenvolvimento da liderança da comunidade e a descentralização do processo de moderação, sendo atribuídas a uma jovem-participante as funções de co-moderadora da página.

Em modo de conclusão, pode referir-se que uma pequena análise das interações dentro deste grupo do Facebook comprova, mais uma vez, a importância dos encontros presenciais para estimular a dinâmica dos ambientes *online* (Giostri, 2008) e confirma a posição de Miranda-Pinto (2014), em que o factor tempo tem um papel determinante no desenvolvimento de processos de colaboração e liderança numa comunidade *online*.

Capítulo 6 - Considerações finais

Neste capítulo apresentam-se as conclusões do estudo, identificam-se algumas das limitações e dificuldades sentidas, e propõem-se desafios para investigações futuras.

6.1 Conclusões do estudo

Norteadas pela emergência de processos de partilha de conhecimento no âmbito das NE, e tendo em consideração as potencialidades que as comunidades de prática têm na promoção da colaboração e autoformação, decidiu-se criar uma comunidade *online* dedicada a esta temática. O presente trabalho procurou investigar como desenvolver e dinamizar um espaço *online* que promovesse a construção e a partilha de conhecimentos e recursos tecnológicos no domínio das NE, capacitando uma rede de apoio entre profissionais de Saúde/Educação e famílias de crianças/jovens com NE.

Os resultados deste estudo mostram que o desenvolvimento de um espaço *online* e a respetiva comunidade *online* podem, na verdade, ser estratégias adequadas para fragilizar as barreiras de comunicação existentes entre pais e profissionais, assegurando as condições necessárias para cada participante aprender, de uma forma flexível, tendo em conta os seus próprios interesses, bem como, beneficiar da capacitação dos pais e profissionais, através da exploração do potencial de conteúdos digitais e partilha de experiências pessoais.

Para estruturar as conclusões deste estudo, partiu-se da questão de investigação que o orientou e dos objetivos delineados, começando por responder a cada um deles, de forma a melhor organizar as conclusões.

1. *Análise das necessidades de formação em TIC apresentadas pelos profissionais de Educação e de Saúde, bem como dos pais de crianças/jovens com NE*

A aplicação de dois questionários *online* permitiu clarificar as reais lacunas de formação em TIC no domínio das NE e identificar as necessidades de partilha de informações, conhecimentos e dúvidas sentidas por estes agentes educativos. Os questionários foram respondidos, no total, por 160 pais e profissionais que apoiavam crianças/jovens com NE.

Os resultados do estudo evidenciam que a maioria dos profissionais e pais inquiridos, no geral, possui conhecimento em TIC; contudo, observam-se níveis muito baixos de conhecimento e utilização, no que concerne às tecnologias

direcionadas para NE, principalmente no que respeita ao software educativo. Evidenciou-se ainda que os pais e profissionais sentem falta de recursos e materiais adaptados às necessidades específicas das crianças/jovens que acompanham.

Os dados obtidos nos questionários vão ao encontro dos resultados dos vários estudos realizados nos últimos cinco anos em Portugal, que evidenciam um baixo nível de conhecimento e utilização das tecnologias destinadas à EE em profissionais e nas famílias destas crianças e jovens (Antunes, 2012; Nunes, 2012; Rêgo, 2010; Ribeiro, Almeida, & Moreira, 2009; Ribeiro, 2012). As dificuldades detetadas podem significar que, apesar de em Portugal continuarem a ocorrer grandes mudanças na reorganização da Educação Especial, há ainda um grande caminho a percorrer na efetiva inclusão das crianças/jovens com NE. Espera-se que as medidas previstas na Portaria n.º 78/2015 de 17 de março, contribuam para melhorar esta situação.

Os resultados obtidos neste estudo comprovam também as conclusões de vários estudos realizados em Portugal, no que respeita à insuficiência de formação em TIC aplicada às NE, no caso dos profissionais e dos pais (Antunes, 2012; Peralta e Costa, 2007; Rêgo, 2010; Ribeiro, Almeida, & Moreira, 2010; Ribeiro, 2012). Entre os possíveis caminhos para a superação destas lacunas, podem sugerir-se:

- Integração de unidades curriculares que abordem temáticas relacionadas com a utilização das TIC no domínio das NE, nos cursos de formação nas áreas da Educação e Saúde;
- Incentivo às empresas que fornecem produtos de apoio e software educativo aos alunos com NE para que estas ofereçam também ações de formação aos profissionais e aos pais que irão apoiar diretamente a utilização destes recursos (sabemos que as poucas formações que existem nesta área têm normalmente um custo elevado, o que as torna inacessíveis, principalmente às famílias);
- Criação de comunidades *online* que promovam formação/autoformação em TIC no domínio das NE.

2. *Diagnosticar as necessidades de partilha em rede, apresentadas pelos diferentes agentes envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE*

A realização deste estudo comprovou que a melhoria das práticas educativas/reabilitativas no âmbito das NE passa pela divulgação e reflexão sobre

as intervenções que, no dia-a-dia, os pais e profissionais levam a cabo, procurando desenvolver o potencial existente em cada criança/jovem com NE. A melhor forma de aproveitar estes conhecimentos é estimular e facilitar a troca, o uso e a criação de conhecimento em colaboração com outros profissionais e pais. Deste modo, a partilha de conhecimento transforma-se numa estratégia valiosa que permite divulgar e partilhar experiências desenvolvidas em contextos reais de trabalho e que se revelam ferramentas eficazes na resposta educativa às necessidades destas crianças/jovens.

Infelizmente, este estudo evidenciou que a maioria dos profissionais e pais inquiridos ainda evitam partilhar as suas experiências, estratégias e recursos em ambientes *online*, utilizando estes apenas para a procura de informações e esclarecimento de dúvidas. Uma vez mais se comprovou que a cultura de partilha de boas práticas em ambientes online ainda apresenta um nível baixo de desenvolvimento em Portugal (Antunes, 2012; Ribeiro, 2012; Rêgo, 2010).

Em conclusão, é importante realçar que o estudo comprovou que a maioria dos inquiridos sente falta desta partilha dos conhecimentos e recursos, bem como falta de articulação e colaboração entre os profissionais das diferentes áreas, e entre pais e profissionais.

Saliente-se que a maioria dos inquiridos corrobora a ideia de que os espaços *online* de partilha podem constituir um auxiliar importante no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE, declarando ainda interesse em estarem envolvidos em projetos de partilha de conhecimentos e recursos tecnológicos no domínio das NE, aceitando com facilidade o desafio de participar neste estudo. Esta boa adesão pode ser interpretada como um dos indicadores de premente necessidade de partilha em rede.

3. Conhecer as boas práticas de partilha dos conhecimentos e recursos em espaços online e em grupos de entreaajuda presenciais dirigidos às NE

Em primeiro lugar, gostaríamos de referir que o estudo realizado confirmou que a partilha de saberes e experiências é essencial para uma efetiva atualização de conhecimentos, fundamental para uma resposta de qualidade num cenário onde são imensas as dificuldades, apesar de implicar grandes os desafios a ultrapassar.

A realização das entrevistas às dinamizadoras/e-moderadoras e participantes dos grupos de entreaajuda na área da NE, permitiu-nos tomar conhecimento das suas estratégias de partilha de conhecimentos e experiências, que se tinham tornado efetivas nestes grupos, procurando imprimir-lhes uma nova dimensão no ambiente *online* criado (*Compartilha*).

Este levantamento de dados permitiu, em primeiro lugar, compreender os fatores motivadores da participação nestes grupos e ambientes *online* dirigidos as NE. Os fatores relevantes para a sua participação foram o respeito, a procura de empatia, o sentimento de solidão e a falta de apoios.

Para o processo de e-moderação do *Compartilha*, foram também úteis as estratégias utilizadas nestas comunidades, como a criação de um espírito de comunidade, a promoção de um sentimento de confiança e o lançamento de desafios.

Confirmou-se a opinião das e-moderadoras entrevistadas, indicando que o processo de criação de uma comunidade é muito demorado, exigindo persistência, disponibilidade temporal e uma liderança ativa. Estas exigências e particularidades foram intensamente vividas no processo de criação e dinamização da comunidade *Compartilha*.

Confirmou-se também a opinião das e-moderadoras sobre a importância da realização de encontros presenciais, como fator determinante para a promoção da interação entre os participantes. Esta estratégia foi utilizada no desenvolvimento da comunidade *online Compartilha*.

A análise dos quatro sites referidos como “mais utilizados” pelo público-alvo deste projeto permitiu compreender as dinâmicas e interações ocorridas nestes espaços, bem como as estratégias de e-moderação neles empregadas.

Entre as estratégias e boas práticas desenvolvidas nestes sites, que se tornaram relevantes para a criação do espaço *online Compartilha*, estiveram: a elaboração de regras bem definidas sobre a utilização do espaço; a possibilidade de criar grupos de interesses e grupos fechados; a disponibilização de diferentes espaços de colaboração; a possibilidade de partilhar, comentar e baixar recursos; a criação de *etiquetas* para cada recurso; a colocação em destaque de novos recursos; a publicação de um “Top de recursos”.

Aplicaram-se ainda algumas estratégias recolhidas nestes sites para dinamização do *Compartilha*, entre os quais podem referir-se: a criação de um ambiente amigável e respeitoso; o modo positivo de debater as questões; a dinamização dos desafios; a marcação de encontros presenciais; a periodicidade e rapidez nas respostas a todas as questões; a utilização de expressões de emoção.

Entretanto, detetaram-se alguns aspetos que se considera serem de evitar num espaço *online* de partilha, tais como: não haver campos de interação que permitissem discutir os recursos e partilhar as dúvidas e não serem permitidos os comentários sobre os recursos.

Estes resultados foram cruzados com as informações recolhidas nas entrevistas realizadas aos dinamizadores e e-moderadores dos grupos de entreaajuda/autoajuda e com a informação recolhida na literatura científica, e serviram de base à construção do modelo de e-moderação e do guião da dinamização do *Compartilha*.

Com o levantamento das boas práticas de partilha de conhecimentos e recursos em espaços *online* e em grupos de entreaajuda presenciais dirigidos às NE, espera-se poder produzir, de forma sustentada, conhecimento inovador para o desenvolvimento dum espaço *online* que vise contribuir para a capacitação e *empowerment* dos profissionais e das famílias, promovendo à utilização efetiva dos recursos tecnológicos no domínio das NE.

4. *Conceber um espaço online de partilha de conhecimentos e recursos no domínio da Educação Especial, mormente destinado aos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE*

O espaço *online* foi desenvolvido a partir da perspectiva de que a “plataforma tecnológica não deveria ser tão complexa a ponto de se tornar um obstáculo ao ensino. O importante é começar com a comunidade, compreender como ela funciona e então promover as ferramentas que a farão seguir em frente” (Wenger, 2007, p.27).

Nesta perspectiva, sustentou-se a concepção do espaço procurando sempre assegurar condições que permitissem: i) a interação entre participantes; ii) a partilha de recursos, experiências e ideias; iii) a discussão e reflexão sobre assuntos relacionados com NE; iv) a aquisição e construção de conhecimentos no domínio das NE. Estas foram as principais razões para a escolha das ferramentas de comunicação e da plataforma para alojamento do espaço *online*. Na concepção do espaço *online*, procurou-se ainda apresentar conteúdos sólidos, uma boa apresentação, facilidade na navegação, usabilidade, acessibilidade e originalidade, características consideradas essenciais para o seu bom funcionamento (Fonseca, Campos, & Gonçalves, 2012).

A escolha de uma plataforma de gestão de conteúdo de código aberto Drupal permitiu-nos assegurar a aplicação da maioria das condições pretendidas e possibilitou a criação de um espaço com uma estrutura simples e intuitiva, clara e agradável, de fácil navegação e utilização. Estes aspetos são assinalados por vários estudos como essenciais para a construção de um espaço de aprendizagem *online* (Dias, 2007; Inácio, 2009; Fonseca, Campos, & Gonçalves, 2012; Nunes, 2012).

A estrutura concebida funcionou sem qualquer problema durante o período de teste, embora se tenham realizado algumas intervenções com o intuito de melhorar as

funcionalidades do *Compartilha*, de acordo com as dificuldades e sugestões reportadas pelos participantes.

Entre as ferramentas de comunicação utilizadas no *Compartilha*, destacam-se principalmente as ferramentas assíncronas, como Fórum e Blog, que, foram mais exploradas pelos participantes, permitindo aos pais e profissionais não só partilharem conteúdos e promoverem o debate de um determinado assunto, como comentarem os recursos, ideias e informações partilhadas e participarem nos desafios.

A ferramenta de comunicação síncrona - o chat - foi bastante utilizado pelas investigadoras nos primeiros meses de desenvolvimento da comunidade com o objetivo de facilitar o processo de socialização dos participantes e assegurar que todos soubessem utilizar a plataforma e as ferramentas disponibilizadas. Nas etapas subsequentes, a utilização desta ferramenta já não foi tão intensiva. No estudo de Nunes (2012), relativo à comunidade “Multideficiência: pais e docentes em rede”, também se constatou que a ferramenta chat foi apenas usada num período delimitado do projeto, não tendo revelado grande impacto na participação dos docentes e pais. Entre as razões para esta baixa adesão às ferramentas síncronas nos ambientes *online*, Anderson (2010) refere a pouca disponibilidade de tempo para estar *online* em simultâneo com vários utilizadores, a premência das tarefas profissionais e familiares e a necessidade de tempo suficiente para refletirem sobre o conteúdo partilhado.

Conclui-se que as ferramentas escolhidas permitiram a construção de um espaço *online* que facilitou a partilha de recursos específicos e a promoção de desafios diversificados e interativos, que responderam às necessidades dos participantes e fomentaram, as oportunidades de socialização, aprendizagem e construção de conhecimento.

A arquitetura do espaço *online* mostrou ter potencial, não só para promover a interação e a colaboração entre os participantes, mas também para desenvolver dinâmicas e atividades interativas, em concordância com Nunes (2012) que indica que “comunicar, colaborar na resolução de problemas e aprender algo neste ambiente dependeu do tipo de estrutura construído, mas também do envolvimento e intensidade de participação de cada um” (p. 368).

5. *Testar e avaliar um espaço online que pretende reforçar a partilha dos conhecimentos e aquisição de competências para a utilização de recursos tecnológicos no contexto das NE, procurando suprir as carências detetadas*

O teste do *Compartilha* pelo grupo piloto constituiu a principal fonte da recolha de dados e foi imprescindível para a compreensão do impacto da utilização deste espaço para a capacitação e *empowerment* dos profissionais e das famílias na utilização pedagógica das TIC junto de crianças/jovens com NE.

Como já foi referido, o espaço *online Compartilha* foi testado pelo grupo piloto durante o período de 15 de outubro de 2014 a 17 de julho de 2015. Ao longo destes nove meses, incentivaram-se interações que nos levaram a considerar o *Compartilha* como promotor de práticas de partilha e colaboração. As dinâmicas desenvolvidas no espaço *online* funcionaram de um modo flexível, sendo direcionadas para as necessidades dos participantes e implicando a interatividade e a colaboração conducentes à criação de uma comunidade *online*.

Tendo em conta que a comunidade se desenvolve não só pela partilha de interesses, mas também através da integração da diversidade de representações e da construção de práticas comuns de participação, interação e aprendizagem colaborativa, como menciona Wenger (2007), considerou-se importante recorrer a um modelo de e-moderação adaptado às necessidades do público alvo do projeto. Tendo em conta a especificidade da área de atuação do *Compartilha*, elaborou-se um modelo de e-moderação baseado na análise de boas práticas de dinamização de grupos de entreajuda presenciais e em espaços *online*, bem como na análise de modelos de e-moderação existentes (Almenara, 2006; Miranda-Pinto, 2009; Salmon, 2000).

O modelo proposto prevê a evolução progressiva do *Compartilha* através de cinco passos que consistem em (i) familiaridade com a plataforma, (ii) socialização *online*, (iii) partilha de recursos e conhecimentos, (iv) construção colaborativa de conhecimentos e recursos, e (v) desenvolvimento de um maior envolvimento, maior responsabilização e maior autonomia. Foi com base neste modelo que se prosseguiu na e-moderação do espaço *online Compartilha*, construindo a sua identidade própria e transformando-o num espaço propício para a reflexão e partilha de práticas no domínio das NE.

O modelo de e-moderação do *Compartilha*, apresentado no capítulo 4.3.1, integra também dimensões pertinentes para uma análise das interações e dinâmicas desenvolvidas nas diferentes etapas do ciclo de vida da comunidade construída. Para compreender como se desenvolveu este processo analisámos as cinco dimensões pertinentes para a formação deste espaço *online* e sua respetiva comunidade: Dimensão Social (estabelecimento de relações Interpessoais); Dimensão da *Compartilha* (desenvolvimento do gosto/necessidade de partilhar informação/ recursos); Dimensão da Colaboração (construção colaborativa do conhecimento e de recursos); Dimensão da Moderação (implementação de estratégias de e-moderação); e Dimensão da Avaliação (avaliação do *Compartilha* pelos participantes).

6.1.1 Dimensão Social (estabelecimento de relações Interpessoais)

Atribuímos a esta dimensão uma elevada importância, uma vez que a maioria dos participantes não se conhecia pessoalmente, o que normalmente gera inibição nas interações desenvolvidas num ambiente *online* (Fonseca, Campos, & Gonçalves, 2012; Nunes 2012). Numa fase inicial, considerou-se fundamental desenvolver atividades de socialização *online* entre os participantes, para que estes se conhecessem e se sentissem confortáveis para participar nas atividades promovidas. Foram lançados vários desafios que envolveram a apresentação pessoal, a criação do perfil, a partilha das necessidades de informação e recursos, facilitando o estabelecimento de um ambiente de confiança, amigável e socialmente positivo.

A apresentação de objetivos claramente definidos e de regras de utilização do espaço *online* foram também importantes para que todos os participantes conhecessem o modo como podiam utilizar esse espaço. A análise das interações ocorridas confirma o estabelecimento de relações pessoais e laços sociais que envolveram os participantes que pertenciam a diferentes grupos (pais e profissionais). Entre os indicadores que comprovam a existência destas relações podemos referir as apresentações pessoais detalhadas, que contêm diferentes informações sobre experiências profissionais, os seus interesses, a descrição do trabalho que realizavam e os contextos educativos/reabilitativos em que exerciam as suas funções, bem como a publicação de fotos pessoais e as suas expectativas de participação nesta comunidade.

Verificou-se a existência de um grupo de participantes “passivos” que não se envolveu diretamente nas dinâmicas da comunidade. Recorde-se que este grupo acedeu ao *Compartilha* após a conclusão dos passos de “familiarização com a plataforma” e “socialização *online*”, o que eventualmente dificultou o seu envolvimento nas dinâmicas da comunidade. Este facto parece comprovar a importância das primeiras etapas na consolidação da comunidade.

A realização de dois encontros presenciais revelou-se mais um factor importante no processo de socialização *online*. Embora apenas uma pequena parte dos participantes tenha revelado disponibilidade para estar presente, a concretização dos encontros teve um impacto positivo na comunidade, diminuindo as barreiras entre os participantes e incentivando a interação e a colaboração. Acrescente-se ainda que se considera um erro da nossa parte não se ter realizado o primeiro encontro logo no início do período de teste, já que, como refere Nunes (2012), os encontros face-a-face “potenciam o estabelecimento dos laços afiliativos entre os participantes e prolongam os momentos de partilha e de reflexão sobre as suas experiências, oferecidas no ciberespaço” (p.394).

Em conclusão, pode referir-se que o *Compartilha* demonstrou potencial para facilitar o estabelecimento de relações interpessoais, promovendo a comunicação e interação entre os participantes, embora nem todos tenham aproveitado as oportunidades criadas.

6.1.2 Dimensão da Compartilha

O estudo evidenciou que o espaço *online Compartilha* reúne as condições necessárias para auxiliar os pais e os profissionais na partilha de informação, recursos e experiências, e para promover a discussão e a reflexão sobre eles. Saliente-se que a dimensão “Compartilha” teve maior desenvolvimento no espaço *online*, envolvendo a maioria dos participantes, ainda que tenha sido diferente o modo como cada grupo se envolveu. O grupo de profissionais de Educação e de Saúde assumiu uma atividade mais pró-ativa, tomando a iniciativa de partilhar conteúdos, incentivar o debate de um determinado assunto e participar nos desafios propostos.

O grupo de pais foi mais ativo a comentar recursos, ideias e informações partilhadas, mas demonstrou uma certa inibição na partilha de recursos e informações.

Evidenciou-se que, entre as compartilhas efetuadas, a maioria correspondia a compartilha de recursos/estratégias e atingiu um nível bastante alto comparando com outros estudos (Miranda-Pinto, 2009; Nunes, 2012).

Também se verificou destaque na partilha de informações úteis, como *workshops*, encontros temáticos, congressos científicos e ações de formação, que ajudaram os participantes a aceder a informação pertinente nesta área.

Entre as estratégias que se relevaram eficazes e contribuíram para a criação de um ambiente propício à partilha e entreaajuda, pode referir-se:

- i) Encorajamento da manifestação de opinião, por parte dos participantes, quanto à relevância e utilidade das compartilhas;
- ii) Apelo ao envio de sugestões sobre recursos e/ ou atividades a promover;
- iii) Valorização das compartilhas e comentários efetuados, como incentivo para toda a comunidade;
- v) Dinamização de desafios que incentivavam a partilha de recursos, experiências e dúvidas;

iv) Envio, através da plataforma, de mensagens frequentes com avisos sobre compartilhadas recentes, o que contribuiu para um acesso sistematizado e uniformizado à informação.

6.1.3 Dimensão da Colaboração

As práticas colaborativas são fundamentais para a consolidação de uma comunidade e dependem de uma interação contínua e de um maior envolvimento dos participantes nas atividades da comunidade, o que pode ser reconhecido como um processo de interatividade metacognitiva (Wenger, 1998). De acordo com este autor, o desenvolvimento da dimensão de colaboração e construção do conhecimento depende de um “empenhamento mútuo” entre os participantes, que se estabelece ao longo do ciclo de vida da comunidade.

Concordamos com Miranda-Pinto (2009), segundo a qual “a colaboração e a construção de conhecimento foram um processo de difícil concretização e visualização, nas interações da comunidade, mas não inatingível” (p. 434).

Pode referir-se que o estabelecimento de consensos, a reflexão crítica e as práticas colaborativas, tendo como objetivo a construção de novos conhecimentos, começou a ser mais evidente nos últimos meses do período de teste do espaço *online*. Portanto, o desenvolvimento do *Compartilha* percorreu as etapas que incluíram a fase de familiarização com a plataforma, a fase de socialização *online* e a fase de partilha de informação e necessidades sentidas, para posteriormente passar para a fase de construção colaborativa dos conhecimentos e recursos.

Tendo como objetivo incentivar processos de construção colaborativa do conhecimento e de recursos, e tendo em conta as temáticas pertinentes para a comunidade, desenvolveram-se, nesta fase, uma série das ações, como convites aos peritos nas várias áreas, lançamento de desafios que promovessem a construção/adaptação dos recursos e lançamento de vídeos tutoriais, tendo sido também realizados dois encontros presenciais, que incluíram a parte formativa.

Uma vez que a temática “Tecnologia para a Educação Especial” foi eleita como a mais pertinente pelos participantes do *Compartilha*, foram realizadas várias ações direcionadas para a formação/autoformação em TIC neste domínio.

Entre estas ações, podemos referir o convite dirigido à coordenadora de um CRTIC no sentido de dinamizar o desafio “Perito responde”; a organização de dois encontros presenciais que incluíram a parte de formação, promovida por dois profissionais reconhecidos na área das TIC para NE, sobre as questões de acessibilidade e produtos de apoio. Realizaram-se também alguns desafios dedicados à criação/adaptação de recursos digitais e exploração de ferramentas para criação dos mesmos. A própria participação no *Compartilha* integrou uma

dimensão autoformativa em tecnologias, uma vez que cada participante aprendeu a lidar com diferentes tecnologias através de uma interação direta com estas.

O acompanhamento destas atividades e o incentivo aos participantes para criarem/adaptarem recursos e os disponibilizarem no *Compartilha* permitiu criar momentos de envolvimento de mais participantes na construção/adaptação dos recursos. É importante referir que este tipo de interações foi, na maioria dos casos, incentivado pelas moderadoras, embora tenha envolvido apenas um restrito número de participantes “mais ativos”, que desenvolviam práticas mais constantes e demonstravam maior disponibilidade.

Confessamos que, devido à limitação de tempo no nosso período do teste à necessidade de respeitar o próprio ritmo da comunidade e ao tempo que cada participante precisava para realizar as tarefas propostas, não foi possível implementar integralmente todos os passos para o desenvolvimento da comunidade que constam do modelo de e-moderação gerado no contexto deste estudo. Portanto, considera-se que foram atingidos os objetivos propostos, porquanto durante o período de teste do *Compartilha*, se ultrapassaram os três primeiros passos e se iniciou o quarto, que consistia na construção colaborativa de conhecimento e recursos. Contudo, este passo não foi concluído, embora se tenha evidenciado o surgimento de alguns processos relacionados com o desenvolvimento de liderança partilhada e o aumento de autonomia, previstos para o último passo do *Compartilha*.

Comparando com outros estudos, pode referir-se que a comunidade “Multideficiência: pais e docentes em rede” (Nunes, 2012), que tinha um período de teste ainda mais curto do que o *Compartilha* (com duração de apenas 8 meses), também não conseguiu desenvolver estas dinâmicas. Já a comunidade de “@arca comum” atingiu a etapa de construção colaborativa dos conhecimentos apenas no segundo ano (Miranda-Pinto, 2009). Concordamos com esta investigadora: “para que se desenvolvessem processos de colaboração e liderança pensamos que o factor tempo teve um papel determinante, porque à medida que se concretizava cada uma das fases enunciadas no início deste ponto, a comunidade ia consolidando a sua *identidade*” (Miranda-Pinto, 2009, p. 433).

6.1.4 Dimensão de e-moderação

Como menciona Miranda-Pinto (2009) para o bom funcionamento de um espaço *online*, que reúna e atraia um grupo de participantes, é necessário promover a interação social, a criação de laços e a confiança, assim como a credibilidade do próprio espaço e das atividades que se desenvolvem. A e-moderação, nestes espaços, consiste na regulação dos processos de organização dos grupos e das aprendizagens, utilizando diversas formas de dinamização, gestão e acompanhamento, com particular incidência na conceção e organização dos

conteúdos, e na motivação e dinamização das práticas da comunidade (Dias, 2009; Miranda-Pinto, 2009).

Neste sentido, o principal papel do e-moderador consiste em promover o envolvimento dos participantes de forma que o conhecimento por eles criado seja proveitoso em diversos contextos (Salmon, 2000). Considera-se importante que este papel se desenvolva através da mediação partilhada do processo de construção de conhecimento, estabelecendo um ambiente onde o e-moderador atua como um elemento do grupo, desenvolvendo, desta forma, a liderança na comunidade, nas atividades de intervenção e no acompanhamento e construção do conhecimento (Dias, 2009; Miranda-Pinto, 2009).

Procurámos neste estudo descobrir e apresentar estratégias de e-moderação que se adequassem maximamente à especificidade das comunidades dedicadas à problemática das NE. Neste sentido, recolhemos exemplos de boas práticas de dinamização de grupos de entreajuda nesta área, de e-moderação de sites pertinentes para este público alvo, bem como de estratégias de moderação propostas por vários modelos teóricos. A síntese destes contributos permitiu-nos desenvolver um modelo de e-moderação que visa a estimulação da comunicação, a reflexão e a promoção da partilha de experiências entre pais e diferentes profissionais envolvidos no processo de educação/reabilitação das crianças/jovens com NE.

O modelo proposto consiste na estimulação de uma plena evolução da comunidade *online* através de cinco passos, que preveem a familiarização com o espaço, a socialização *online*, a partilha de conhecimentos e recursos, a construção colaborativa de recursos e materiais, até à constituição da uma comunidade autónoma e autossustentável.

A aplicação deste modelo permitiu-nos dinamizar o espaço *online* de forma colaborativa, partilhando o papel de e-moderador com a investigadora do projeto parceiro. Esta colaboração foi benéfica na criação de um ambiente transdisciplinar de partilha de experiências, dúvidas e recursos, bem como na construção de novo conhecimento.

No percurso do desenvolvimento da comunidade, valorizou-se a pró-atividade dos participantes no levantamento dos temas de discussão e criação de desafios, bem como o envolvimento nos processos de dinamização das atividades, promovendo deste modo a liderança partilhada do espaço. Estamos em condições de afirmar que foram evidenciados momentos nos quais os participantes da comunidade se mostraram mais pró-ativos num determinado contexto, associado a uma área temática específica, de acordo com os seus interesses, respondendo a necessidades e interesses comuns à comunidade. Saliente-se que estas dinâmicas envolveram apenas um pequeno grupo de participantes mais ativos e surgiram a partir do terceiro

passo de dinamização do espaço. Importa ainda referir que este envolvimento dos participantes no processo de dinamização do espaço tinha carácter temporal e situacional (Costa, 2000).

Concordando com Dias (2008), sublinhamos que o aumento das interações e da autonomia dos participantes na comunidade estão associados ao plano de atividade da construção de conhecimento e que “esta autonomia se formaliza nos processos de liderança partilhada que sustentam a negociação do sentido da experiência da aprendizagem, correspondendo este processo a um elevado nível de organização da comunidade” (Dias, 2008, p.7). Como refere o autor, é necessário o envolvimento de todos os participantes na comunidade para o seu crescimento, para uma construção conjunta de projetos e para que a liderança partilhada seja devolvida aos seus participantes (Dias, 2008).

A formação de uma comunidade implica estabelecer uma prática coerente e uma identidade (Wenger, 1998), respeitando o tempo que a mesma necessita para o desenvolvimento destes processos. Como já foi referido, o tempo que se dedicou à implementação e dinamização do espaço *Compartilha*, junto do grupo piloto, permitiu chegar apenas ao quarto passo de desenvolvimento da comunidade. Por isso, não foram promovidas as dinâmicas previstas para o quinto passo, que poderiam ter resultado num maior envolvimento, responsabilização e autonomia da comunidade. Saliente-se que foi nestas últimas etapas que foram equacionadas propostas de utilização de estratégias de descentralização dos processos de moderação, incentivando os elementos mais ativos a lançarem e dinamizarem alguns desafios.

Evidencia-se que a comunidade *Compartilha*, embora ainda esteja no processo de crescimento e maturação de uma identidade bem definida, já estabeleceu elos de ligação e sentimentos de responsabilidade mútua, que são imprescindíveis para a sustentabilidade da própria comunidade. Ainda assim, e embora já tenham sido recolhidos os primeiros indicadores do desenvolvimento dos processos de liderança partilhada, a comunidade ainda precisa de mais tempo para criar as condições nas quais os seus participantes se possam assumir como líderes e moderadores do *Compartilha*.

Deste modo, confirmou-se que o desenvolvimento de liderança partilhada numa comunidade *online* exige um nível elevado de consolidação da mesma e é um processo “moroso” (Dias, 2008; Nunes, 2012; Wenger, 1998). Como refere Miranda-Pinto (2009), o factor ‘tempo’ tem um papel determinante no estabelecimento de processos de liderança partilhada, porque é à medida que se concretiza cada uma das fases de desenvolvimento da comunidade, que se consolida a sua “identidade”.

6.1.5 Dimensão da Avaliação

A avaliação do grupo piloto sobre a estrutura e funcionalidades do espaço *online*, bem como a percepção sobre a sua participação nas dinâmicas desenvolvidas no âmbito deste projeto, constitui uma fonte muito importante para a validação do contributo do *Compartilha* para a promoção da comunicação, a colaboração e a procura de soluções no domínio das NE.

A recolha destes dados foi realizada através de um questionário *online* aplicado ao grupo piloto em setembro-outubro de 2015. A análise dos resultados permitiu concluir que, no geral, os participantes utilizaram o *Compartilha* de uma forma frequente e tinham uma percepção bastante positiva sobre os aspetos questionados, tais como sobre a apreciação da estrutura do *Compartilha*, a qualidade dos conteúdos disponibilizados e as dinâmicas estabelecidas.

Verificou-se que os participantes utilizaram o *Compartilha* com mais frequência para a recolha e partilha de informações e recursos, enquanto que as dinâmicas que envolviam a partilha das experiências e o debate dos problemas foram menos procurados. Realçou-se a importância do *Compartilha* na intervenção junto das crianças/jovens com NE e no desenvolvimento da necessidade de partilhar informação/recursos.

Na opinião dos participantes, o *Compartilha* oferece um contexto organizado para a partilha de conteúdos e promove experiências de aprendizagem informal, e facilita a interação entre os diversos agentes educativos, embora se tenha evidenciado a necessidade de aumentar o nível de interação e colaboração entre os diferentes participantes dentro e fora do espaço *online*.

Saliente-se que os participantes do grupo piloto mencionaram que a participação no projeto superou as suas expectativas e propuseram várias sugestões para melhorar as dinâmicas do espaço.

Revela-se interessante destacar que, embora os pais tenham demonstrado uma participação menos ativa nas dinâmicas do espaço *online*, este grupo atribuiu uma importância mais alta em todas as dimensões questionadas, tais como “intervenção junto das crianças/jovens com NE”, “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos”, “desenvolvimento da necessidade de partilhar informação/recursos”, “colaboração no processo de adaptação/criação de recursos” e “formação em TIC nas NE”.

Este resultado é muito importante para o nosso estudo, uma vez que havíamos percebido que o espaço se tinha tornado mais apropriado para os profissionais do que para as famílias. Esta alta valorização do *Compartilha* pelos pais, comprova o impacto positivo que estes espaços e as respetivas comunidades *online* podem ter

para a superação das dificuldades e a quebra do sentimento de isolamento muitas vezes sentido pelos familiares de pessoas com NE.

6.2 Limitações de estudo

O estudo apresenta certas limitações, que podem ser divididas em três grupos principais: o primeiro está relacionado com o processo de implementação do espaço *online*, o segundo com o envolvimento dos participantes e o terceiro com o tempo disponível para se desenvolver um trabalho desta natureza.

De acordo com os objetivos do nosso estudo, ambicionámos conceber e implementar um espaço *online* que facilitasse a partilha de recursos, conhecimentos e dúvidas entre diferentes agentes educativos no âmbito das NE e promovesse a autoformação em TIC para NE. Perante este objetivo ambicioso, o tempo previsto para a fase de implementação do site revelou-se bastante restrito, o que não permitiu desenvolver o espaço *online* de “raiz”. Neste cenário, optámos por utilizar uma plataforma predefinida de código aberto Drupal que, por um lado facilitou e adiantou bastante o processo de criação do site, ma, por outro, não nos permitiu implementar todas as funcionalidades previstas e ideias apresentadas nos *mockups*.

Alguns pais e profissionais manifestaram ter competências digitais básicas, pelo que foi essencial construir um espaço *online* simples e intuitivo e de fácil utilização. Mesmo assim, deparámo-nos com certas restrições da plataforma, como por exemplo a realização de algumas funções básicas de partilha de uma imagem ou de um vídeo, o que, comparado com outras redes sociais, ocorre de uma forma um pouco mais complexa e exige algum conhecimento prévio. Sentimos que alguns dos participantes podiam necessitar de auxílio para a realização destas tarefas, e esse facto estimulou-nos a elaborar um pequeno vídeo tutorial com o objetivo de tornar a utilização do *Compartilha* acessível para todos. Apercebemo-nos ainda que a plataforma utilizada condicionava a recolha de dados mais detalhados, pelo facto de não ter um contador de acessos por participante, nem contador dos recursos descarregados.

As limitações ao presente estudo situaram-se também na dificuldade em envolver um maior número de familiares, para termos uma amostra equivalente ao grupo de profissionais, em conformidade com o estudo de Nunes (2012).

A reduzida disponibilidade apresentada por alguns participantes também condicionou a sua participação no estudo. Além disso, como já referimos anteriormente, nem todos os pais e profissionais apresentaram a mesma intensidade de participação, observando-se um número reduzido de pais e

docentes com uma participação especialmente dinâmica. Esta dificuldade no envolvimento dos participantes nas dinâmicas desenvolvidas nos espaços *online* tem também sido reportada noutros estudos (Miranda-Pinto & Osório, 2010; Nunes, 2012).

No processo de dinamização do *Compartilha*, sentimos também a nossa limitação temporal, o que não nos permitiu implementar todos os cinco passos do nosso modelo de e-moderação. Concordamos com Brandão, quando afirma que “não existe um ritmo único para todas as comunidades e, mesmo numa determinada comunidade, o ritmo vai variando consoante os estádios pelos quais vai evoluindo. Mas o segredo está em encontrar o ritmo certo para cada momento de vida da comunidade” (2012, p.75). Consideramos importante respeitar o ritmo natural do *Compartilha*, porque à medida que se concretiza cada passo do desenvolvimento da comunidade, consolida-se a sua “identidade”, o que é uma condição essencial para que se diferencie de outras comunidades e construa o seu significado (Wenger, McDermott & Snyder, 2002).

6.3 Proposta de funcionamento futuro do *Compartilha*

Entre os grandes desafios que se poderão colocar à comunidade *Compartilha* está, em primeiro lugar, o alargamento do número dos participantes, de modo a enriquecer as interações e as dinâmicas da comunidade, envolvendo não apenas pais e profissionais de Saúde e Educação, mas também profissionais das diversas áreas e serviços que apoiam as pessoas com NE, cuja participação pode ter um impacto benéfico na melhoria das práticas neste domínio. Importa ainda envolver os profissionais e as empresas na área das tecnologias, ligados ao desenvolvimento de produtos de apoio para pessoas com NE nas dinâmicas do *Compartilha*.

Uma vez que o questionário inicial foi respondido pelos pais e profissionais de vários países lusófonos, e que os resultados deste questionário demonstraram que estes agentes educativos/reabilitativos sentiam uma enorme falta de partilha de informação e recursos na área das NE, a divulgação e ampliação do *Compartilha* nestes países poderia ser uma mais valia para todos, para enriquecimento da comunidade, para a capacitação dos pais e profissionais dos diferentes países e para crianças e jovens com NE, que poderiam beneficiar da melhoria das práticas educativas/reabilitativas.

Seria muito interessante que o *Compartilha* continuasse a ser utilizado no âmbito de diferentes projetos de investigação, de forma que futuros investigadores pudessem envolver-se no processo de e-moderação do mesmo, garantindo a sustentabilidade do espaço *online* e da respetiva comunidade.

6.4 Considerações finais

Com a realização deste projeto, procurámos construir um espaço *online* que estimulasse pais e profissionais na partilha de experiências, recursos e dúvidas, na reflexão sobre o seu trabalho e na promoção de uma maior atividade na construção de conhecimento sobre o processo educativo/reabilitativo de crianças/jovens com NE.

A concepção do *Compartilha* permitiu-nos criar um espaço *online* e a respetiva comunidade que fomenta o trabalho colaborativo, através dos diversos desafios e propostas de atividades. É uma comunidade que promove a interação e colaboração entre os seus participantes e fomenta a cultura de partilha, diminuindo as barreiras de tempo e de espaço existentes entre pais e profissionais.

O *Compartilha* constitui um espaço *online* em que cada participante pode aprender consoante os seus interesses e de um modo flexível, bem como desenvolver as suas competências na área das TIC, otimizando a utilização destas ferramentas em contextos educativos/reabilitativos “reais”. Oferece ainda aos seus participantes a oportunidade de se manifestarem como líderes, beneficiando de momentos de aprendizagem, e de partilha de recursos, experiências e conhecimentos.

Relativamente ao tipo de comunidade que foi construída, podemos referir que se confirmou a opinião de Illera (2007): as comunidades, virtuais ou não, são sempre organizações multiníveis, tanto pelos interesses individuais, como pelo enquadramento social em que ocorrem.

No *Compartilha* também evidenciámos diferentes níveis de desenvolvimento da comunidade, que resultaram do envolvimento dos participantes, eventualmente relacionados com fins diversificados, para os quais cada um dos participantes utilizou o espaço. Neste sentido, comprovaram-se os resultados do estudo de Nunes (2012), que também assinalou a existência de três níveis dentro da comunidade *online*, que dependiam de diferentes objetivos de utilização da comunidade, estipulados por cada participante, e dos níveis do seu envolvimento nas dinâmicas desenvolvidas.

Empregando a categorização de Coll et al. (2010), podemos mencionar que o *Compartilha* constituiu uma fonte de aquisição de informação para o grupo de participantes “menos ativos”, estabelecendo assim uma Comunidade Virtual de Interesse (CVI). Para a maioria dos participantes envolvidos na partilha de informação e recursos em torno das suas práticas educativas ou reabilitativas, constituiu uma Comunidade Virtual de Participação (CVP). E para o grupo “mais ativo”, que se envolveu na construção colaborativa de recursos e conhecimentos, bem como nos processos de liderança, constituiu uma Comunidade Virtual de Aprendizagem (CVA).

Em síntese, podemos referir que a constituição e a implementação de um espaço *online* e respetiva comunidade *online* foi um processo dinâmico e complexo. Evidenciou-se que a comunidade *Compartilha* estava e está exposta a constantes processos de modificação, apresentando diferentes níveis de envolvimento e colaboração entre os participantes. Neste sentido, torna-se muito importante o papel do e-moderador, que deve ter em conta estes diferentes tipos de envolvimento e adequar as suas estratégias de liderança aos objetivos diversificados dos participantes, beneficiando deste modo a consolidação e evolução da comunidade.

Evidenciou-se ainda que a realização deste estudo permitiu a concretização dos diversos objetivos enunciados:

- i) Levantar as necessidades de partilha de informação e autoformação em TIC no domínio das EE apresentadas pelos pais e profissionais que apoiam as crianças/jovens com NE;
- ii) Recolher as boas práticas de partilha em grupos de entreajuda e em espaços *online* e aplicá-los num modelo de e-moderação das comunidades *online* dirigidas às NE;
- iii) Conceber e implementar um espaço *online* de partilha de conhecimentos e recursos no domínio das NE, especialmente destinado aos pais e profissionais envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE;
- iv) Fomentar a cultura de partilha de recursos e informações, bem como promover a interação entre os pais e profissionais que apoiam as crianças/jovens com NE.

Consideramos, portanto, que os objetivos estabelecidos para este estudo foram alcançados, embora o último seja um processo contínuo e o *Compartilha* ainda apenas tenha dado os primeiros passos neste caminho. Saliente-se, que após o período de teste do *Compartilha*, abrimos o espaço *online* a toda comunidade, o que aumentou significativamente o número dos membros que nele participam. O *Compartilha* continua a ser um espaço aberto de partilha, promovendo dinâmicas de construção de conhecimentos e recursos específicos no domínio das NE.

Acreditamos que é essencial envolver os profissionais, os pais e a sociedade em geral, na busca de respostas de qualidade e na divulgação de boas práticas no domínio das NE, para continuarmos a abrir os trilhos de uma verdadeira inclusão!

Referências bibliográficas

- Ainscow, M. (1997). Educação para todos: torná-la uma realidade. *Caminhos para as escolas inclusivas*, 11-31. Acedido em 3/07/2016 em https://a6bfdc3f-a-62cb3a1a-s-sites.googlegroups.com/site/crticpan/documentos-1-1/nee/educacaoparatodos.pdf?attachauth=ANoY7cqBN6w50Lr_5vNoKR2vbWv5TxG1TRc_pkcTO7d8UljGe4scDOSJAFFa3PuEBIXmOr9jprlJgr00LUD04UB_rBhNLYRgHtzMg3kKg19EdOu-24WSx-3lz5OSur_Od-0-mOL4px9f72XQdFyls2H8uSZUEN5-QFx_rJxnAeLdUKjQL-OcbARDn43iJ6dxqs16uAEfl4m6ZYga0M7cSGY1J7nIODY7tQGI4kcDgu2ZE4JgNY1PAFfJEdXkrtVXD0RjJKYiCtU&attredirects=0
- Alcará, A. R., Di Chiara, I. G., Rodrigues, J. L., Tomaél, M. I., & Piedade, V. C. H. (2009). compartilhamento da informação e do conhecimento. *Perspectivas em ciência da informação*, 14(1), 170-191.
- Almenara, J. C. (2006). Comunidades virtuales para el aprendizaje. Su utilización en la enseñanza. *Edutec: Revista electrónica de tecnología educativa*, (20), 1. Acedido em 5/11/2015, em <http://edutec.rediris.es/Revelec2/revelec20/cabero20.pdf>
- Amante, L. (2007). As TIC na escola e no jardim de infância: Motivos e fatores para a sua integração, *Revista de ciências da educação* (Vol. 3, pp. 51-64): Sísifo.
- Amaral, I., & Gil, T. M. (2008). Famílias, multideficiência e parcerias educativas. *Re(habilitar) – Revista da ESSA*, 6, 5-27. Lisboa: Edições Colibri.
- Amiel, T., & Revees, T. C. (2008). Design-based research and educational technology: Rethinking technology and the research agenda. *Educational Technology & Society*, 11 (4), 29-40. Acedido em 15/10/2015, em http://www.ifets.info/journals/11_4/3.pdf
- Anderson, T. (2010). Teaching in an online learning context. In *Vários, Theory and practice of online learning* (p. 454). Canada: Athabasca University.
- Andrade, A. *Comunidade de prática: estudo de caso. Centro de Recursos em Conhecimento CRC*. Associação Empresarial de Portugal, 2005. Acedido em 15/11/2015 em <http://crc.aeportugal.pt>
- Antunes, F. J. O. A. (2012). Utilização das TIC por parte de alunos com necessidades educativas especiais. Acedido em 5/11/2015 em <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/3250>
- Antunes, F. J. O. A. (2012). Utilização das TIC por parte de alunos com necessidades educativas especiais. (Dissertação de Mestrado). Acedido em 5/3/2015, em [http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3250/Filipe%20Antunes%](http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3250/Filipe%20Antunes%20)

20%20Utilização%20das%20TIC%20por%20parte%20de%20alunos%20com
%20.pdf?sequence=1

Ardichvili, A., Cardozo, R., & Ray, S. 2003. A Theory of entrepreneurial opportunity identification and development. *Journal of Business Venturing*, 18(1): 105–123.

Attwell, G. (2012). Layering personal learning environments. Pontydysgu Bridge to Learning. [Online]. Acedido em 15/04/2015, em <http://www.pontydysgu.org/2012/05/layeringpersonal-learning-environments/>

Barbas M., & Bica, E. M. G. (2013). As tecnologias de informação e comunicação e as crianças e jovens com NEE-partilha de recursos. *Revista da UIIPS*. 3(1) Acedido em 11/06/2015, em http://www.ipsantarem.pt/wp-content/uploads/2013/07/Revista-da-UIIPS_N3_Vol1_2013_ISSN-2182-9608.pdf

Barcelos, G. T., Passerino, L. M., & Behar, P. A. (2010). Redes sociais e comunidades: definições, classificações e relações. *RENOTE: revista novas tecnologias na educação*. Vol. 8, n. 2 (jul. 2010), 10.

Bellah, R. N., Madsen, R., Sullivan, W. M., Swidler, A., & Tipton, S. M. (1985). *Habits of the heart*. New York: Harper & Row.

Bernoff J., Li C., (2008), Harnessing the Power of the Oh-So-Social Web, *MIT Sloan Management Review*, 49(3), pp 36-42.

Bland, L.E., & Prelock, P.A. (1995). Effects of collaboration on language performance. *Journal of Children's Communication Development*, 17, 31—37. Acedido em 5/3/2015, em <http://eric.ed.gov/?id=EJ541037>

Booth, T., & Ainscow, M. (2002). *Índex para a inclusão– Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola*. A. Da Costa, Trad. Cidadãos do Mundo. Acedido em 15/04/2015, em <http://bippsp.bipp.pt/documentos/educacao/Documentos/Index%20para%20a%20Inclus%C3%A3o.pdf>

Brandão, I., (2012) De Comunidade Virtual a Comunidade de Prática – um exemplo na Educação Especial. (Tese mestrado), Universidade Nova de Lisboa.

Bronfenbrenner, U. (1974). Is early intervention effective? *Early Childhood Education Journal*, 2(2), 14-18. Acedido em 15/04/2015, em <http://link.springer.com/article/10.1007%2FBF02353057?LI=true#page-1>

Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, 101(4), 568-586. Acedido em 15/01/2015, em <http://studyforquals.pbworks.com/f/BronfenbrennerCeci.pdf>

- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. in W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology* (5th ed., Vol. 1 pp. 993-1028). New York: John Wiley & Sons. Acedido em 5/03/2015, em <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2005-01926-019>
- Brown, A. L. (1992). Design experiments: Theoretical and methodological challenges in creating complex interventions in classroom settings. *The journal of the learning sciences*, 2(2), 141-178. Acedido em 1/09/2014, em http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1207/s15327809jls0202_2#.UclA5fIJ6mE
- Bryman, A. (2012). *Métodos de investigação social*. OUP Oxford.
- Carvalho, L., Almeida, I., Felgueiras, I., Leitão, S., Boavida, J., Santos, P., Serrano, A., Brito, A., Lança, C., Pimentel, J., Pinto, A., Grande, C., Brandão, T., & Franco, V. (2016). *Práticas recomendadas em Intervenção Precoce na infância. Um guia para profissionais* (1a ed.). Coimbra: ANIP.
- Clarke, P., & Cooper, M. (2000). Knowledge Management and Collaboration. In Proc. of the Third Int. Conf. On Practical Aspects of Knowledge Management (PAKM2000) Basel, Switzerland. Acedido em 18/09/2015, em <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.21.7183&rep=rep1&type=pdf>
- Coll, C., Bustos, A., & Engel, A. (2008). Las comunidades virtuales de aprendizaje. *Psicología de la educación virtual*, 299-320.
- Coll, C., Mauri, T., & Onrubí, J. (2006). Análisis y resolución de casos-problema mediante el aprendizaje colaborativo. *Revista de Universidad y Sociedad del Conocimiento*. Vol. 3 - N.º 2 / Octubre de 2006 ISSN 1698-580X
- Correia, L. M., & Serrano, J. (2000). Reflexões para a construção de uma escola inclusiva. *Revista Inclusão*, 1, 31-35.
- Cortesão, L. (2000). *Ser professor: um ofício em risco de extinção: reflexões sobre a prática educativas face à diversidade, no limiar do século XXI*. Porto: Edições Afrontamento.
- Costa, F. A. (2007). Tendências e práticas de investigação na área das tecnologias em educação em Portugal. In A. Estrela (Org), *Investigação em educação: Teorias e práticas (1960-2005)* (pp.169-224). Lisboa: EDUCA | Unidade de I&D de Ciências da Educação.
- Costa, F., & Viseu, S. (2008). Formação-Ação-Reflexão: um modelo de preparação de professores para a integração curricular das TIC. *As TIC na Educação em Portugal. Concepções e práticas*. Lisboa, 238-258. Acedido em 18/09/2015, em

<http://aprendercom.org/comtic/wp-content/uploads/2012/03/COSTA-F.-VISEU-S.-2008-Modelof@r.pdf>

- Costa, S. (2011). *Articulação entre Terapeutas da Fala e Docentes na área da Deficiência Auditiva* (Doctoral dissertation, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Escola Superior de Saúde, Instituto Politécnico de Setúbal).
- Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Acedido em 10/09/2014, em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6497/1/Clara%2520Coutinho%2520AFIRSE%25202006.pdf>
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. (2ª ed.), Coimbra: Edições Almedina.
- Coutinho, C. P., & Chaves, J. H. (2001). Desafios à investigação em TIC na educação: as metodologias de desenvolvimento. Acedido em 10/09/2014, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4277/3/Clara%20Coutinho.pdf>
- Dias, M. S. D. M. (2014). (In) diferenças: necessidades educativas especiais. (Tese mestrado) Universidade de Coimbra. Acedido em 10/09/2014, em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/27330/1/TESE%20-%20Margarida%20Dias.pdf>
- Dias, P. (2004). Processos de aprendizagem colaborativa nas comunidades online. *E-learning para E-formadores*, 21-31.
- Dias, P. (2008, April). Da e-moderação à mediação colaborativa nas comunidades de aprendizagem. In *Revista da Educação, Formação e Tecnologias*, 1 (1); pp.4-10. Retirado de <http://eft.educom.pt>
- Dillenbourg, P., Poirier, C., & Carles, L. (2003). Communautés virtuelles d'apprentissage: e- jargon ou nouveau paradigme? In A. Taurisson & A. Senteni (Eds.), *Pédagogies. Net. L'essor des communautés virtuelles d'apprentissage*, Sainte-Foy: Presses de L'Université du Québec. , 17-72.
- Dillenbourg, P., Schneider, D., & Synteta, P. (2002). Virtual learning environments. In *3rd Hellenic Conference" Information & Communication Technologies in Education"* (pp. 3-18). Kastaniotis Editions, Greece. Acedido em 1/09/2015, em <https://telearn.archives-ouvertes.fr/hal-00190701/>
- Domingues, A. (2008). Reptos à Prática Docente-O uso das TIC no processo de aprendizagem de alunos com Necessidades Educativas Especiais. (Tese mestrado). Acedido em 10/09/2014, em <http://neeeastic.pbworks.com/f/PG-TIC-2008AidaDomingues.pdf>

- Duggleby, J. (2002). *Como ser um Tutor Online*. Monitor – Projectos e Edições Lda, Lisboa.
- Dunst, C. J. (1996). Early intervention in the USA: Programs, models, and practices. *Prevention and intervention in childhood and adolescence*, 11-52. Acedido em 15/09/2014, em [http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=ROwE6nHHF4C&oi=fnd&pg=PA11&dq=Dunst,+C.+J.+\(1996\).-+Early+intervention+in+USA.+In+M.+Brambring,+H.+Rauh+%26+A.+Beelmann++\(Eds.\),+Early+childhood+intervention:+Theory,+evaluation+and+practice+\(pp.+11-52\).++New+York:+De+Gruyter.&ots=Fqy9mnQl-U&sig=sbm_M1eZ-stYKPU48d42qbNfN_g&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false](http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=ROwE6nHHF4C&oi=fnd&pg=PA11&dq=Dunst,+C.+J.+(1996).-+Early+intervention+in+USA.+In+M.+Brambring,+H.+Rauh+%26+A.+Beelmann++(Eds.),+Early+childhood+intervention:+Theory,+evaluation+and+practice+(pp.+11-52).++New+York:+De+Gruyter.&ots=Fqy9mnQl-U&sig=sbm_M1eZ-stYKPU48d42qbNfN_g&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)
- Dunst, C. J., Leet, H. E., & Trivette, C. M. (1988). Family resources, personal well-being, and early intervention. *The Journal of Special Education*, 22(1), 108-116. Acedido em 1/09/2014, em <http://sed.sagepub.com/content/22/1/108.short>
- El Tassa, K., & de Carvalho Cruz, G. (2016). Formação docente e inclusão escolar em um curso de Licenciatura em Educação Física. *Revista Educação Especial*, 1(1), 121-131.
- Fahey, R., Vasconcelos, A., & Ellis, D. (2007). The impact of rewards within communities of practice: a study of the SAP online global community. *Knowledge Management Research & Practice*, 5(3), 186-198.
- Fiamenghi J., & Messa, A. (2007). Pais, filhos e deficiência: estudos sobre as relações familiares. *Psicologia: ciência e profissão*, 27(2), 236-45.
- Figueiredo, A. D. (2004). *Redes de Aprendizagem, Redes de Conhecimento*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação, Ministério da Educação.
- Florian, L., & Hegarty, J. (2004). *ICT and special educational needs* (pp. 2-3). Open University Press.
- Fonseca, M., Campos, P. & Gonçalves, D. (2012) *Introdução ao Design de Interfaces*. FCA- Editora de Informática, Lisboa
- Fortin, M. F., & Salgueiro, N. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Franco, 2007
- Gadotti, M. (2005). A questão da educação formal/não-formal. *Sion: Institut Internacional des Droits de 1º Enfant*, 1-11. Acedido em 10/09/2015, em http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_org_anizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf
- Garrison, D. R., Anderson, T., & Archer, W. (2003). A theory of critical inquiry in online distance education. *Handbook of distance education*, 1, 113-127. Acedido em 10/09/2014, em <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3970959/lawrenceerlbaum2003handbookofdistanceeducation.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWS>

MTNPEA&Expires=1474768156&Signature=FhOVMvmjNp1jy2yV52nibtTnAM%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_theory_of_critical_inquiry_in_online_d.pdf#page=139

- Giostri, E. C. (2008). Comunidades virtuais de prática como alternativa na formação continuada de docentes da educação superior tecnológica. Tese (doutoramento) - Universidade Federal de Santa Catarina. Acedido em 11/09/2014, em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91420>
- Glat, R. (2004). Uma família presente e participativa: o papel da família no desenvolvimento e inclusão social da pessoa com necessidades especiais. In *Anais do 9º Congresso Estadual das APAEs de Minas Gerais. Belo Horizonte/MG*. Acedido em 1/09/2014, em http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:JnN1IMSkmcJ:scholar.google.com/+Glat,+2004&hl=pt-PT&as_sdt=0,5
- Goitein, P. C., & Cia, F. (2011). Interações familiares de crianças com necessidades educacionais especiais: revisão da literatura nacional. *Psicol. esc. educ*, 15(1), 43-51 Acedido em 10/09/2014, em <http://www.scielo.br/pdf/pee/v15n1/05.pdf>
- González, E. (2007). *Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed.
- Hoher, S. P., & Wagner, A. D. L. (2006). A transmissão do diagnóstico e de orientações pais de crianças com necessidades especiais: a questão da formação profissional. *Estud. psicol.(Campinas)*, 23(2), 113-125. Acedido em 10/02/2014, em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2006000200002
- Hung, H., & Yuen, S. C. (2010). Educational use of social networking technology in higher education. *Teaching in Higher Education*, 15, (6), 703-714. doi:10.1080/13562517.2010.507307
- Illera, J. L. R. (2007). Como as comunidades virtuais de prática e de aprendizagem podem transformar a nossa concepção de educação. *Revista de ciências da educação*, nº3, 117-124.
- Inácio, R. (2006). Comunidade virtual de aprendizagem de matemática: uma experiência com alunos do 10º de escolaridade. (Tese de mestrado não publicada) Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Inácio, R. (2009). Comunidades virtuais de aprendizagem: um exemplo. In: G. L. Miranda (Org.). *Ensino Online e Aprendizagem Multimédia* (pp.154-204). Lisboa: Relógio d'Água.
- Jorge, 2012).- Jorge, I., & Miranda, G. (s.d.). O pensamento crítico, a presença social e a presença do tutor no fórum de um curso de formação on-line de professores

de Português do Ensino Secundário. Acedido em 10/09/2014, de Repositório da Universidade do Minho em <http://www.nonio.uminho.pt/documentos/actas/actchal2005/tema02/07ldalinaMiranda.pdf>

Kelly, A. E. (2006). Quality criteria for design research: evidence and commitments. In van den Akker, K. Gravemeijer, S. McKenny, & N. Nieveen, *Educational design research* (pp.107-118). New York: Routledge.

Kimble, C., & Hildreth, P. M. (2004). Communities of practice: going one step too far?. In *9e colloque de l'AIM, (May)*, Evry, France. Acedido em 18/10/2014, em http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=634642

Lakatos, E., & Marconi, M. (1991). *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas. Acedido em 10/11/2014, em http://www.dem.fmed.uc.pt/Bibliografia/Livros_Educacao_Medica/Livro27.pdf

Lave, J., & Wenger, E. (1991). *Situated learning: Legitimate peripheral participation* (learning in doing: Social, cognitive and computational perspectives). Cambridge: Cambridge University Press.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.

Lin, H. F. (2007). Effects of extrinsic and intrinsic motivation on employee knowledge sharing intentions. *Journal of information science*. 33(2), 135-149. Acedido em 5/05/2015, em <http://jis.sagepub.com/cgi/reprint/33/2/135>

Lopes, G. B., Kato, L. S., & Corrêa, P. R. C. (2002). Os pais das crianças com deficiência: reflexões acerca da orientação em reabilitação motora. *Psicologia: teoria e prática*, 4(2), 67-72. Acedido em 25/01/2015, em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v4n2/v4n2a08.pdf>

Marchesi, A. (2004). Da linguagem da deficiência às escolas inclusivas. In *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais*, Porto Alegre: Artmed, 15-30.

McWilliam, P. J., Winton, P. J., & Crais, E. (2003). *Estratégias práticas para a intervenção precoce centrada na família*. Porto: Porto Editora, 6.

McWilliam, R. A. (2010). Routines-based early intervention. *Supporting Young Children and Their Families*. Baltimore: Brookes. Acedido em 12/10/2014, em https://www.researchgate.net/profile/Robin_Mcwilliam/publication/265634115_Routines-Based_Early_Intervention/links/54c244bb0cf256ed5a8c8ac9.pdf

Medeiros, L., & Martins, O. (2012). Construção-desconstrução-reconstrução dos saberes na EAD e o impacto da evolução tecnológica na mediação pedagógica. *Revista Aprendizagem em EAD*, 1.

- Meirinhos, M. (2010). Comunidades de prática de desenvolvimento profissional: condições e desafios de emergência. In *Infância no digital*. Sesimbra: ArcaComum. ISBN 978-989-96590-1-8
- Mendes, E. G., Nunes, L. R. D. O. D., & Ferreira, J. R. (2002). Atitudes e percepções acerca dos indivíduos com necessidades educacionais especiais. *Temas em Psicologia*, 10(2), 121-134. Acedido em 15/01/2015, em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v10n2/v10n2a04.pdf>
- Mesquita, E., Formosinho, J., & Machado, J. (2010). Teaching and Integration in Basic Education in Portugal. In International Conference Teaching and Learning. Sevilha : International Association for the Scientific Knowledge. ISBN: 978-989-8295-02-6. p. 556-565.
- Miranda & Dias, 2005)- Miranda, C. M., & Dias, P. (2007). Colaboração em ambientes online na resolução de tarefas de aprendizagem. In *Atas da V Conferência Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação* (pp. 576-585). Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho.
- Miranda-Pinto, M. (2009). *Processos de Colaboração e Liderança em Comunidades de Prática Online - O Caso da @rcaComum, uma Comunidade Ibero-Americana de Profissionais de Educação de Infância*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.
- Miranda-Pinto, M. (2012). Modelo de Análise de Interacções para comunidades de prática online. *Revista Iberoamericana de educación*, (60), 63-72. Acedido em 15/01/2015, em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4772467>
- Miranda-Pinto, M., & Osório, A. J. (2009). Liderança em Comunidades de Prática Online: Estratégias e Dinâmicas na @rcaComum. In *Anales de la Universidad Metropolitana* (Vol. 9, No. 1, pp. 47-65). Acedido em 15/01/2015, em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12571>
- Miranda, L. (2005). Educação online: interacção e estilos de aprendizagem de alunos do ensino superior numa plataforma web. Braga: Universidade do Minho. Tese de doutoramento em Educação (Área do Conhecimento de Tecnologia Educativa). Acedido em 15/01/2015, em https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/1120/1/TeseDoutoramento_LuisaMiranda.pdf
- Morais, N. S., & Cabrita, I. (2010). Ambientes virtuais de aprendizagem: comunicação (as) síncrona e interacção no ensino superior. *Revista PRISMA. COM*, (6). Acedido em 15/01/2015, em <http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/viewFile/660/pdf>
- Muilenburg, L. & Berge, Z., (2003). Barriers to distance education: Perceptions of K-12 educators. *Technology and teacher education annual*, 1, 256-259. Acedido em 15/01/2015, em <https://www.learntechlib.org/?fuseaction=Reader%2ENo>

- Nieveen, N. (1999). Prototyping to reach product quality. In J. van den Akker, R.M. Branch, K. Gustafson, N. Nieveen, & T. Plomp (Eds.), *Design approaches and tools in education and training* (pp.125-136). Boston: Kluwer Academic
- Nunes, C. (2001). Aprendizagem Activa na criança com multideficiência – guia para educadores. *Colecção Apoios Educativos*, 5. Lisboa: Ministério da Educação. Departamento de Educação Básica.
- Nunes, M. (2012). Apoio a pais e docentes de alunos com multideficiência: Conceção e desenvolvimento de um ambiente virtual de aprendizagem. Tese de doutoramento, Educação, Universidade de Lisboa, Instituto de Educação. Acedido em 5/3/2015, em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7702>
- O'Donoghue, T. A., & Chalmers, R. (2000). How teachers manage their work in inclusive classrooms. *Teaching and Teacher Education*, 16(8), 889-904. Acedido em 15/3/2015, em <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0742051X00000330>
- Palloff, R. M., & Pratt, K. (2002). *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Porto Alegre: Artmed.
- Palloff, R., & Pratt, K. (2007). Building virtual communities: techniques that works! In *23rd Annual Conference on Distance Teaching & Learning*, Madison. Acedido em 5/3/2015, em http://www.uwex.edu/disted/conference/Resource_library/proceedings/07_5192.pdf
- Paniagua, G. (2004). As famílias de crianças com necessidades educativas especiais. Em C. Coll, A. Marchesi & J. Palácios (Orgs.), *Desenvolvimento psicológico e educação: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais* (pp. 330- 346). Porto Alegre: Artmed.
- Panitz, T. (1996). A Definition of Collaborative vs Cooperative Learning. *Deliberations*, London Metropolitan University; UK. Acedido em 5/3/2015, em <http://www.londonmet.ac.uk/deliberations/collaborative-learning/panitz-paper.cfm>.
- Peralta, H., & Costa, F. A. (2007). Competência e confiança dos professores no uso das TIC Síntese de um estudo internacional. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 3, 77-86. Acedido em 5/3/2015, em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/7028>
- Persky, S., Kaphingst, K. A., McCall, C., Lachance, C., Beall, A. C., & Blascovich, J. (2009). Presence relates to distinct outcomes in two virtual environments employing different learning modalities. *CyberPsychology & Behavior*, 12(3), 263-268. Acedido em 10/7/2015, em <http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/cpb.2008.0262>

- Plomp, T. (2010). Educational design research: An Introduction. In T. Plomp & N. Nieveen (Ed.), *An introduction to educational design research* (pp.9-35). Netherlands: SLO – Netherlands Institute for Curriculum Development. Acedido em 5/3/2015, em http://www.slo.nl/downloads/2009/Introduction_20to_20education_20design_20research.pdf
- Rêgo, J. (2010). A importância das TIC na promoção de uma Escola Inclusiva. *Paper presented at the I Encontro Internacional TIC e Educação - TICEDUCA 2010*, Lisboa.
- Relatório de Monitoramento Global de EPT 2013/4. Ensinar e aprender: alcançar a qualidade para todos. Unesco, 2014. (Relatório conciso). Acedido em 5/3/2015, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002256/225654por.pdf>
- Ribeiro, J. (2011). Portal sembarreiras. org. *Educação, Formação & Tecnologias- ISSN 1646-933X*, 4(2), 111-114.
- Ribeiro, J. E. M. (2012). As TIC na educação de alunos com necessidades educativas especiais: proposta de um programa de formação para o ensino básico. Acedido em 5/3/2015, em <http://ria.ua.pt/handle/10773/9198>
- Ribeiro, J., Almeida, A. M., & Moreira, A. (2010). A utilização das TIC na Educação de Alunos com Necessidades Educativas Especiais: resultados da aplicação piloto do inquérito nacional a Coordenadores TIC/PTE. *Indagatio Didactica*, 2(1), 94-124. Acedido em 5/3/2015, em <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/viewArticle/930>
- Ribeiro, J., Moreira, A., & Almeida, A. (2009). Preparing special education frontline professionals for a new teaching experience. Acedido em 5/3/2015, em <http://www.elearningeuropa.info/files/media/media20254.pdf>
- Rodrigues, M. (2011). CVEE - Construção e implementação de uma comunidade virtual de educação especial. (Dissertação de Mestrado). Acedido em 5/3/2015, em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/5973>
- Roldão, M. (2007). Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. *Revista Brasileira de Educação*, 12(34), 95. Acedido em 5/05/2015, em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>
- Saint-Onge, H., & Wallace, D. (2012). *Leveraging communities of practice for strategic advantage*. Routledge.
- Salamanca (1994). *Conferencia Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade*. Salamanca: UNESCO.

- Salend, S. J. (1998). Using an activities-based approach to teach science to students with disabilities. *Intervention in school and clinic*, 34(2), 67-72. Acedido em 15/05/2015, em <http://isc.sagepub.com/content/34/2/67.full.pdf+html>
- Salmon, G. (2000). *E-moderating: The key to teaching and learning online*. London: Kogan Page.
- Sameroff, A. J., & Chandler, M. J. (1975). Review of child development research. *Review of child development research*, 4.
http://www.jstor.org/stable/pdf/1165858.pdf?seq=1#page_scan_tab_contents
- Santos, E. O., & Okada, A. L. P. (2003). A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço. In *Atas da 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, Poços de Caldas. ANPEd.
- Sartori, A.S., & Roesler, J. (2003). Comunidades Virtuais de Aprendizagem: Espaços de Desenvolvimento de Sociedades, Comunicação e Cultura. In *Simpósio E-agora, professor? Para onde Vamos?* São Paulo. Acedido em 5/05/2015, em <http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos%20pdf/artigo1.pdf>.
- Silva, A. C. D. (2009). *Aprendizagem em ambientes virtuais e educação a distância*. Porto Alegre: Mediação.
- Simões, M. I. P. G. (2010). Necessidades das famílias de crianças com deficit cognitivo e motor. (Tese de mestrado não publicada), Instituto Politécnico de Castelo Branco. Acedido em 25/05/2015, em http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/511/1/Mestrado_M_Isabel_Sim%C3%B5es.pdf
- Snyder, W. M., & Wenger, E. (2010). Our world as a learning system: A communities-of-practice approach. In *Social learning systems and communities of practice* (pp. 107-124). Springer London. Acedido em 5/05/2015, em http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-1-84996-133-2_7#page-1
- Silva, T. B. S. S. (2011). Intervenção precoce: análise qualitativa de perfis de funcionalidade: um contributo da CIF CJ. (Tese de Mestrado). FPCEUP - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto. Acedido em 15/03/2015, em <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/60827/2/88268.pdf>
- Sousa, T. M., Santos, P., & Almeida, A. M. (2015). Compartilha de saberes e não saberes como meio para a promoção da Leitura e Escrita em crianças com Necessidades Especiais. *Exedra - Revista Científica*, Número temático – Educação Especial: contributos para a intervenção / ISSN 1646-9526 Acedido em 5/01/2016, em <http://www.exedrajournal.com/wp-content/uploads/2016/02/13.pdf>

- Sousa, T. M., Tymoshchuk, O, Almeida, A. M. & Santos, P. (2016). An inclusive and multistakeholder approach to promote linguistic skills in children with special needs: the role of an online sharing platform. *Universal Access in the Information Society Journal*. ISBN: 978-1-4503-4748-8
- Szabó, I., & Silva, R. (2012). Comunidades virtuais de conhecimento: informação e inteligência coletiva no ciberespaço. Acedido em 5/05/2015, em <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/xenancib/paper/view/3210/2336>
- Tuckman, B. W, Lopes, A. R., & Antunes, M. I. (2000). *Manual de investigação em educação: como conceber e realizar o processo de investigação em educação*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tuckman, B. W. (2005). Relations of academic procrastination, rationalizations, and performance in a web course with deadlines. *Psychological reports*, 96(3 suppl), 1015-1021. Acedido em 5/05/2015, em http://prx.sagepub.com/content/96/3_suppl/1015.short
- UNESCO, (1994). Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais. Salamanca: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Ministério da Educação e da Ciência de Espanha.
- UNESCO, (2014). Abrindo Novos Caminhos para o Empoderamento: TIC no Acesso à Informação e ao Conhecimento para as Pessoas com Deficiência. Comitê Gestor da Internet no Brasil, São Paulo. Acedido em 25/05/2015, em <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002283/228320por.pdf>
- UNICEF, (2015). *Situação mundial da infância 2015: resumo executivo*. Acedido em 10/7/2016, em https://www.unicef.pt/situacao-mundial-infancia-2015/files/SOWC2015_ExecSummary_Portuguese_BR_web.pdf
- Vale, M. C. (2009). Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF): Conceitos, Preconceitos e Paradigmas. Contributo de um Construto para o Percurso Real em Meio Natural de Vida. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 40(5):229-36. . Acedido em 5/05/2015, em http://repositorio.chlc.min-saude.pt/bitstream/10400.17/891/1/Acta%20Ped%20Port%202009_40_229.pdf
- van den Akker, J. (1999). Principles and methods of development research. In J. van den Akker; R. M. Branch; K. Gustafson; N. Nieveen & T. Plomp (Eds), *Design approaches and tools in education and training* (pp.1-14). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. Acedido em 7/05/2015, em http://projects.edte.utwente.nl/smarternet/version2/cabinet/ico_design_principles.pdf
- Vianna, P. & Mantovani, A (2010) Prática reflexiva em comunidades virtuais de aprendizagem. *Colabor@ - A Revista Digital da CVA-RICESU*, Vol. 6(23).

Retrieved. Acedido em 10/05/2015, em from
<http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/view/136>

- Víctora, C. G.; Knauth, D.R. & Hassen, M.(2000). Metodologias Qualitativa e Quantitativa. In: *Pesquisa Qualitativa em Saúde – Uma Introdução ao Tema*, Cap 3, pp33-44. Tomo Editorial.
- Vieira, T.; Quental, J. ; Almeida, A. M. P. (2014). O design na construção participativa de materiais inclusivos para adolescentes com necessidades educativas especiais. In: *Conferência Internacional para Inclusão*. Anais da 2ª Conferência Internacional para Inclusão. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- Warnock, M. (1978). *Special Education Needs Report of Commi ee of Inquiry into the Education of Handicapped Children and Young People*. London: Her Majesty's Stationery Office. Acedido em 1/09/2015, em
<http://www.dg.dial.pipex.com/documents/docs3/warnock.shtml>.
- Wasko, M. M., Teigland, R., & Faraj, S. (2009). The provision of online public goods: Examining social structure in an electronic network of practice. *Decision Support Systems*, 47(3), 254-265. . Acedido em 1/09/2015, em
<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0167923609000621>
- W3C (2008). Web Accessibility Initiative (WAI). Retrieved 05/07/2015, 2015, from
<http://www.w3.org/WAI/>
- Wenger, E. (1998). *Communities of practice – learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press
- Wenger, E. (2000). Communities of practice and social learning systems. *Organization*, 7(2), 225-256.
- Wenger, E. (2006). Communities of practice: a brief introduction. Acedido em 1/03/2015, em <http://www.ewenger.com/theory/index.htm>
- Wenger, E., McDermott, R., & Snyder, W. (2002). *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston, MA: Harvard Business School Press.
- Wenger, E., White, N., Smith, J. D., & Rowe, K. (2005). *Technology for communities*. CEFRIO Book Chapter (1-15). Acedido em 9/05/2015, em
http://waterwiki.net/images/9/97/Technology_for_communities_-_book_chapter.pdf
- Whitmire, E. (2002). Disciplinary differences and undergraduates' information-seeking behavior. *Journal of the American society for Information Science and Technology*, 53(8), 631-638.

Wissmann, L. D. (2005). *Propósitos educacionais no meio on-line: O caso dos cursos de inglês gratuitos*. (Tese doutoramento), Universidade Federal de Santa Maria.

Wollery, M. (2000). Commentary: The environment as a source of variability: Implications for research with individuals who have autism. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 30(5), 379-381. Acedido em 5/03/2015, em <http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1005587104093?LI=true#page-1>

Yang, Y., Yeh, H., & Wong, W. (2010). The influence of social interaction on meaning construction in a virtual community. *British Journal of Educational Technology*, 41 (2), 287-306.

Zaidman-Zait, A., & Jamieson, J. C. (2007). Providing Web based support for families of infants and young children with established disabilities. *Infants & Young Children*, 20 (1), 11-25.

Legislação:

Decreto-Lei 3/2008. Diário da República n.º 4/2008, Série I de 07 de janeiro de 2008.

Decreto-Lei 93/2009. Diário da República n.º 74/2009, Série I de 16 de abril de 2016.

Portaria n.º 78/2015, Diário da República n.º 53/2015, Série I de 17 de março de 2015.

Anexos

**Anexo 1 - Questionário dirigido aos pais envolvidos no processo
educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE**

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

dirigido aos pais/encarregados de educação de crianças com NE

Caro (a) encarregado de educação,

Este inquérito por questionário enquadra-se em dois projetos de investigação em curso, no âmbito dos Programas Doutorais em Educação e Multimédia em Educação, da Universidade de Aveiro. Estes estudos visam investigar modalidades que permitam melhorar as estratégias de apoio aos familiares e profissionais de educação e de saúde (médicos, terapeutas e técnicos) envolvidos no processo educacional de crianças com Necessidades Especiais (NE). Pretendemos, em específico, identificar as necessidades de autoformação em tecnologias de informação e comunicação (TIC), bem como perceber as necessidades de partilha de conhecimentos e recursos específicos entre os diferentes agentes educativos, que facilitem as aprendizagens efetivas nas crianças com NE.

Todas as informações fornecidas para o nosso questionário serão tratadas de forma confidencial. A sua informação pessoal será codificada e armazenada separadamente dos questionários, permitindo uma análise anónima dos seus dados. O tempo previsto de resposta é de 10 minutos. O questionário deve ser preenchido relativamente ao seu educando com necessidades especiais.

Caso tenha outro filho nestas condições, muito lhe agradecemos a sua colaboração no preenchimento de outro questionário.

A aplicação deste questionário é da responsabilidade das Doutorandas Teresa Margarida Sousa e Oksana Tymoshchuk e para mais informações podem-nos contactar através dos seguintes E-mails: teresa.sousa@ua.pt; oksana@ua.pt

A sua participação é de extrema importância, pelo que muito agradecemos o seu inestimável contributo para a melhoria das práticas educativas em Necessidades Especiais.

Existem 40 perguntas neste inquérito

I. Dados pessoais (do inquirido)

1. Qual é o seu grau de parentesco face ao seu educando com NE? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Tio
- ☐ Avô
- ☐ Avó
- ☐ Tia

☐ Outro. Qual?

Habilitações *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Até 4º ano
- ☐ Até 6º ano
- ☐ Até 9º ano
- ☐ 12º ano
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

☐ Outra(s). Qual (ais)?

2. Profissão: *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

2.1. Qual é a sua situação profissional? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

☐ Empregado(a)

☐ Desempregado(a)

☐ Reformado(a)

☐ Outra situação. Qual?

3. Distrito onde reside: *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

II. Caracterização do agregado familiar

4. Indique os elementos que constituem o agregado familiar da criança *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Avós

☐ Tios

☐ Irmãos

☐ Primos

☐ Outros::

Indique o número de Avós: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '6 [G2_Q0001]' (4. Indique os elementos que constituem o agregado familiar da criança)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Indique o número de Tios: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '6 [G2_Q0001]' (4. Indique os elementos que constituem o agregado familiar da criança)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Indique o número de Irmãos: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '6 [G2_Q0001]' (4. Indique os elementos que constituem o agregado familiar da criança)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Indique o número de Primos: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '6 [G2_Q0001]' (4. Indique os elementos que constituem o agregado familiar da criança)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

5. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar: *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Computador de secretária
- ☐ Computador portátil
- ☐ Tablet
- ☐ Telemóveis 3ª geração/smartphones (ex. iphone)
- ☐ Acesso à Internet via cabo
- ☐ Acesso à Internet via wireless
- ☐ Nenhum dos anteriores

Nº unidades de Computador de secretária *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '11 [G2_Q0006]' (5. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar:)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Nº unidades de Computador portátil *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '11 [G2_Q0006]' (5. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar:)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Nº unidades de Tablet *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '11 [G2_Q0006]' (5. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar:)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Nº unidades de Telemóveis 3ª geração/smartphones (ex. iphone) *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '11 [G2_Q0006]' (5. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar:)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

III. Caracterização da criança com NE

6. Idade do seu educando com NE. *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

7. Sexo do seu educando *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Feminino
☐ Masculino

8. Indique o nível de ensino que a criança com NE frequenta? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Pré-escolar
☐ 1º ciclo
☐ 2º ciclo
☐ 3º ciclo ou equivalente
☐ Secundário ou equivalente
☐ Não frequenta
☐ Outro, qual:

9. Indique as principais dificuldades/necessidades da sua criança. *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Auditivas
☐ Cognitivas
☐ Comportamentais (ex. hiperatividade)
☐ Relacionais (socialização)
☐ Linguísticas
☐ Na motricidade
☐ Neuromotoras (ex. paralisia cerebral)
☐ Psicomotoras (atraso global de desenvolvimento)
☐ Visuais
☐ Não diagnosticadas
☐ Outra. Qual?:

10. Caso o seu educando revelar dificuldades na área da linguagem, indique os domínios e níveis *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Não revela dificuldades	Dificuldades ligeiras	Dificuldades moderadas	Dificuldades graves	Dificuldades muito graves/incapacidade	Não se aplica
Produção oral dos sons da fala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Construção frásica na oralidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Explicação oral de ideias ou situações	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compreensão de instruções verbais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura de palavras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura de textos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita (ortografia de palavras)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Escrita (produção de textos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Dificuldades ligeiras' ou 'Dificuldades moderadas' ou 'Dificuldades graves' ou 'Dificuldades muito graves/incapacidade' na pergunta '20 [G3_Q0005]' (10. Caso o seu educando revelar dificuldades na área da linguagem, indique os domínios e níveis (Outra)) e A resposta for 'Dificuldades ligeiras' ou 'Dificuldades moderadas' ou 'Dificuldades graves' ou 'Dificuldades muito graves/incapacidade' na pergunta '20 [G3_Q0005]' (10. Caso o seu educando revelar dificuldades na área da linguagem, indique os domínios e níveis (Outra)) e A resposta for 'Dificuldades ligeiras' ou 'Dificuldades moderadas' ou 'Dificuldades graves' ou 'Dificuldades muito graves/incapacidade' na pergunta '20 [G3_Q0005]' (10. Caso o seu educando revelar dificuldades na área da linguagem, indique os domínios e níveis (Outra)) e A resposta for 'Dificuldades ligeiras' ou 'Dificuldades moderadas' ou 'Dificuldades graves' ou 'Dificuldades muito graves/incapacidade' na pergunta '20 [G3_Q0005]' (10. Caso o seu educando revelar dificuldades na área da linguagem, indique os domínios e níveis (Outra))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

11. A criança beneficia de algum tipo de acompanhamento? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
- ☐ Não

11.1. Em caso afirmativo, assinale de que acompanhamento(s) beneficia *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '22 [G3_Q0007]' (11. A criança beneficia de algum tipo de acompanhamento?)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Consultas de desenvolvimento
- ☐ Fisioterapia
- ☐ Apoio Educativo
- ☐ Apoio de Educação Especial
- ☐ Psicologia
- ☐ Apoio de uma Tarefa
- ☐ Terapia da fala
- ☐ Terapia ocupacional
- ☐ Terapia psicomotora
- ☐ Outra. Qual?:

IV. Relação do educador com as TIC

12. O conhecimento que possui em TIC foi obtido em... *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Durante a sua formação académica inicial (bacharelato, licenciatura)
- ☐ Em cursos de Pós-graduação/Mestrado/Doutoramento
- ☐ Em ações de formação contínua
- ☐ Autoformação
- ☐ Em cursos online
- ☐ Outro, qual::

Indique o(s) meios de Autoformação utilizados: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '24 [G4_Q0001]' (12. O conhecimento que possui em TIC foi obtido em...)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ tutoriais/vídeos do Youtube
- ☐ blogs/sites de partilha da informação sobre as TIC
- ☐ livros/manuais de utilização
- ☐ amigos, colegas e/ou familiares
- ☐ manuseamento das ferramentas tecnológicas
- ☐ outros, quais::

12.1. Qual é a sua forma preferencial para obter formação em TIC? *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Presencial
- ☐ Online
- ☐ b-learning (mista)
- ☐ indiferente

13. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Utilizo todos os dias	Utilizo algumas vezes por semana	Utilizo algumas vezes por mês	Utilizo muito raramente	Nunca utilizo
email	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Skype	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outro, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '27 [G4_Q0005]' (13. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '27 [G4_Q0005]' (13. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '27 [G4_Q0005]' (13. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '27 [G4_Q0005]' (13. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

14. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Competência muito elevada	Competência elevada	Competência razoável	Competência reduzida	Competência muito reduzida	Nenhuma/não conheço
email	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Skype	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

V. Adaptação/criação dos materiais para o meu educando

15. Relativamente às seguintes aplicações, indique se as utiliza para criar / adaptar materiais personalizados para o seu educando (pode escolher mais do que uma opção) *

	uso para criar materiais	uso para adaptar materiais	não uso
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

16. Relativamente às aplicações anteriores, indique as áreas de aplicação dos materiais produzidos *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ foco da atenção
- ☐ desenho
- ☐ escrita
- ☐ leitura
- ☐ matemática
- ☐ memória
- ☐ perceção
- ☐ raciocínio lógico
- ☐ atividades lúdicas
- ☐ jogos musicais
- ☐ simulação de atividades da vida diária
- ☐ treino de competências funcionais
- ☐ treino da comunicação
- ☐ não se aplica

17. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização (pode assinalar mais de uma opção em cada linha) *

	conheço e utilizo	conheço mas não utilizo	não conheço	gostaria de saber mais/conhecer melhor
Aplicações em PowerPoint	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aventuras 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boardmaker	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cibermat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicar com símbolos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eugénio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Grid 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
InVento 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já está 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitor de ecrã	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Livros digitais (ex. Biblioteca de livros digitais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oficina dos Gestos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os Jogos da Mimocas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pequeno Mozart	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Software de criação de atividades educativas (ex. Jcllic)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro (s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se seleccionou Outro (s), indique quais: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for '1' na pergunta '32 [G5_Q0003]' (17. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização (pode assinalar mais de uma opção em cada linha))

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for '1' na pergunta '32 [G5_Q0003]' (17. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização (pode assinalar mais de uma opção em cada linha))

----- ou Scenario 3 -----

A resposta for '1' na pergunta '32 [G5_Q0003]' (17. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização (pode assinalar mais de uma opção em cada linha))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

18. Indique a sua relação com os seguintes blogues/sites de partilha de conhecimentos, dúvidas e recursos/materiais dedicados à área da Educação Especial: *

	conheço e utilizo	conheço mas não utilizo	não conheço	gostaria de saber mais/conhecer melhor
"Cantic"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Educação Especial - blog"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Escola Virtual"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Grupos no Facebook"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"informainclui"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Ombro amigo"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Pais 21"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Pais em Rede"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Príncipezinho & Família"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Sem barreiras"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Partilha entre Mães"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

VI. Opiniões e posicionamento em relação ao processo educativo do seu educando com NE

19. Eu, como pai/encarregado de educação, em relação ao meu educando ... *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Todos os dias	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Raramente	Nunca
Auxilio-o na realização dos trabalhos de casa ou noutras atividades escolares.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro na internet novas ideias/métodos de ensino/materiais adaptados às suas necessidades específicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho na internet as minhas experiências e dúvidas sobre a sua educação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho os recursos e materiais por mim adaptados/criados através da Internet (Web).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Em relação ao processo educativo do meu educando, considero que... *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Concordo totalmente	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Discordo totalmente
Os recursos tecnológicos existentes ajudam-no a comunicar melhor (oralmente, por desenhos, por gestos ou pela escrita).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A partilha de conhecimentos entre os diferentes agentes educativos facilita as aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A comunicação entre os profissionais e as famílias facilita as aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A comunicação com outras famílias ajuda a ultrapassar algumas dificuldades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O meu envolvimento no projeto educativo é importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me competente para ensiná-lo a falar/comunicar melhor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me competente para auxiliá-lo no desenvolvimento da leitura e escrita.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto necessidade de adaptar alguns materiais às suas competências e necessidades específicas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto falta da colaboração entre os diferentes agentes educativos (pais, professores e profissionais da saúde).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gostaria de me envolver em projetos de partilha de informação, conhecimentos e materiais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me motivado para colaborar num espaço online, que potenciará a comunicação entre as famílias e os diferentes agentes educativos e a utilização otimizada das TIC, adaptando-as às necessidades específicas das crianças.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

21. Em relação ao processo educativo do meu educando... *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por período escolar	Raramente	Nunca
Procuro colaborar com os <u>professores</u> , nas escolhas dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>professores</u> solicitam a minha colaboração nas escolhas dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os <u>terapeutas e psicólogos</u> , nas escolhas dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>terapeutas e psicólogos</u> solicitam a minha colaboração nas escolhas dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho dúvidas e solicito esclarecimentos aos médicos que o acompanham.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os médicos solicitam a minha colaboração para conhecerem melhor o meu educando e assim ajustarem a sua prática clínica às necessidades evidenciadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Está interessado em participar na elaboração de recursos específicos e ajustáveis e na dinamização de um espaço online de partilha e autoformação em TIC para a educação especial? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

Pretende ter acesso aos resultados deste estudo? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

Indique o seu e-mail *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for 'Sim' na pergunta '38 [G6_Q0005]' (Está interessado em participar na elaboração de recursos específicos e ajustáveis e na dinamização de um espaço online de partilha e autoformação em TIC para a educação especial?)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for 'Sim' na pergunta '39 [G6_Q0006]' (Pretende ter acesso aos resultados deste estudo?)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Obrigada pela colaboração e pelo seu precioso tempo dispensado!

Tendo mais do que uma criança com NE, muito lhe agradecemos a sua colaboração no preenchimento de outro [questionário](#)

Submeter o seu inquérito

Obrigado por ter concluído este inquérito.

**Anexo 2 - Questionário dirigido aos profissionais envolvidos no processo
educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE**

QUESTIONÁRIO para profissionais de Educação e Saúde envolvidos no processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com necessidades especiais

Caro(a) colega,

Este inquérito por questionário enquadra-se em dois projetos de investigação em curso, no âmbito dos Programas Doutorais em Educação e Multimédia em Educação, da Universidade de Aveiro. Estes estudos visam investigar modalidades que permitam melhorar as estratégias de apoio aos pais e profissionais de educação e de saúde (médicos, terapeutas e técnicos) envolvidos no processo educacional de crianças com Necessidades Especiais (NE). Pretendemos, em específico, identificar as necessidades de autoformação em tecnologias de informação e comunicação (TIC), bem como perceber as necessidades de partilha de conhecimentos e recursos específicos entre os diferentes agentes educativos, que facilitem as aprendizagens efetivas nas crianças com NE.

Todas as informações fornecidas para o nosso questionário serão tratadas de forma confidencial. A sua informação pessoal será codificada e armazenada separadamente dos questionários, permitindo uma análise anónima dos seus dados. O tempo previsto de resposta é de 10 minutos.

A aplicação deste questionário é da responsabilidade das Doutorandas Teresa Margarida Sousa e Oksana Tymoshchuk e para mais informações podem-nos contactar através dos seguintes E-mails: teresa.sousa@ua.pt; oksana@ua.pt

A sua participação é de extrema importância, pelo que muito agradecemos o seu inestimável contributo para a melhoria das práticas educativas em Necessidades Especiais.

Existem 48 perguntas neste inquérito

I. Dados Pessoais

Assinale a sua situação.

1. Sexo *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Feminino
☐ Masculino

2. Idade *

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ <25 Anos
☐ 25 - 30 Anos
☐ 31 – 40 Anos
☐ 41 – 50 Anos
☐ 51 – 60 Anos
☐ > 60 Anos

3. Distrito(s) onde exerce a sua atividade profissional *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

II. Dados Profissionais

4. Exerce a sua atividade como: *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Profissional de Educação
- ☐ Profissional de Saúde

4.1. *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '4 [G2_Q0001]' (4. Exerce a sua atividade como:)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Técnico, Terapeuta ou Psicólogo
- ☐ Médico, Enfermeiro

4.2 Qual a atividade profissional principal que está de momento a exercer: *

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

5. Assinale há quanto tempo exerce a sua atividade profissional *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ < 5 Anos
- ☐ 5-10 Anos
- ☐ 11 – 20 Anos
- ☐ 21 – 30 Anos
- ☐ 31 – 40 Anos
- ☐ > 40 Anos

6. Indique a sua Formação Académica de base: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '4 [G2_Q0001]' (4. Exerce a sua atividade como:)

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Licenciatura Ensino Básico 1º ciclo
- ☐ Licenciatura Ensino Básico 2º ciclo
- ☐ Licenciatura Ensino Básico 3º ciclo e Secundário
- ☐ Licenciatura em Educação de Infância
- ☐ Outra, qual:

6. Indique a sua Formação Académica de base: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Licenciatura em Psicologia
- ☐ Licenciatura em Terapia da Fala
- ☐ Licenciatura em Terapia Ocupacional
- ☐ Licenciatura em Fisioterapia
- ☐ Licenciatura em Educação Especial e Reabilitação
- ☐ Licenciatura em Reabilitação Psicomotora
- ☐ Licenciatura em Medicina
- ☐ Licenciatura em Enfermagem
- ☐ Licenciatura em Serviço Social/Educação Social
- ☐ Outra, qual:

6.1 Possui formação específica em Educação Especial? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
- ☐ Não

6.2 Em caso afirmativo, indique como obteve a sua formação: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '10 [G2_Q0007]' (6.1 Possui formação específica em Educação Especial?)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Formação inicial (bacharelato, licenciatura)
- ☐ Pós-graduação
- ☐ Curso/diploma de especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento
- ☐ Ações de formação contínua
- ☐ Outra, qual: :

6.3 No presente ano letivo está a apoiar, ou tem incluídos nas suas turmas, crianças/jovens com NE? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
- ☐ Não

6.4.Em caso afirmativo, indique aproximadamente o número de crianças/jovens que apoia no presente ano letivo: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '12 [G2_Q0009]' (6.3 No presente ano letivo está a apoiar, ou tem incluídos nas suas turmas, crianças/jovens com NE?)

Por favor, seleccione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ < 10
- ☐ 11 -20
- ☐ 21 – 30
- ☐ 31 – 40
- ☐ 41-50
- ☐ >51

7. Indique qual a instituição(ões) onde exerce a sua atividade profissional. *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for na pergunta '4 [G2_Q0001]' (4. Exerce a sua atividade como:)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

Por favor, seleccione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Creche
- ☐ Jardim de Infância
- ☐ Escola Básica 1º Ciclo
- ☐ Escola Básica 2º, 3º Ciclos
- ☐ Escola Secundária
- ☐ Instituições de Ensino Superior
- ☐ Unidade Especializada da Escola Básica
- ☐ Centro de Recursos TIC (CRTIC)
- ☐ Equipa Local de Intervenção (ELI)
- ☐ Centro de Recursos para a Inclusão [CRI]
- ☐ Instituições de apoio a cidadãos com deficiência mental e/ou motora (ex: CERCII, APPACDM, APPC, etc.)
- ☐ Centro de Saúde
- ☐ Hospital/Consulta de desenvolvimento
- ☐ Clínica Médica
- ☐ Centro de Explicações
- ☐ Centro Psicoeducacional
- ☐ Outra, qual::

7. Indique qual a instituição(ões) onde exerce a sua atividade profissional. *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Hospital/Consulta de desenvolvimento
- ☐ Centro de Saúde
- ☐ Clínica Médica
- ☐ Centro Psicoeducacional
- ☐ Equipa Local de Intervenção (ELI)
- ☐ Instituições de apoio a cidadãos com deficiência mental e/ou motora (ex: CERC, APPACDM, APPC, etc.)
- ☐ Instituições de Ensino Superior
- ☐ Outra, qual::

8. Das seguintes patologias assinaladas, posicione-se relativamente às lacunas de formação que sente face a cada uma delas, do ponto de vista educativo/reabilitativo. *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Muitas lacunas	Algumas lacunas	Poucas lacunas	Nenhumas lacunas
Atraso Global do Desenvolvimento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deficiência Auditiva	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Deficiência Visual	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação do Espectro do Autismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação de Déficit de Atenção com Hiperatividade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação do Desenvolvimento Intelectual (ex: Trissomia 21; Síndrome de X Frágil)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação Específica da Aprendizagem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbações da Comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação do desenvolvimento da Coordenação Motora	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Perturbação do Desenvolvimento Neuromotor (ex: Paralisia Cerebral)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Multideficiência	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra, especifique: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Muitas lacunas' ou 'Algumas lacunas' ou 'Poucas lacunas' na pergunta '16 [G2_Q0013]' (8. Das seguintes patologias assinaladas, posicione-se relativamente às lacunas de formação que sente face a cada uma delas, do ponto de vista educativo/reabilitativo. (Outra)) e A resposta for 'Muitas lacunas' ou 'Algumas lacunas' ou 'Poucas lacunas' na pergunta '16 [G2_Q0013]' (8. Das seguintes patologias assinaladas, posicione-se relativamente às lacunas de formação que sente face a cada uma delas, do ponto de vista educativo/reabilitativo. (Outra)) e A resposta for 'Muitas lacunas' ou 'Algumas lacunas' ou 'Poucas lacunas' na pergunta '16 [G2_Q0013]' (8. Das seguintes patologias assinaladas, posicione-se relativamente às lacunas de formação que sente face a cada uma delas, do ponto de vista educativo/reabilitativo. (Outra))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

9. Indique os elementos que caracterizam o ambiente tecnológico do seu lar e do(s) seu(s) local(is) de trabalho, e aos quais tem acesso/utiliza. Selecione todas as opções que se apliquem *

	Lar	Local(ais) de trabalho	Não se aplica
Computador de secretária	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Computador portátil da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Computador portátil pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tablet da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tablet pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Telemóveis 3ª geração/ smartphones (ex. iphone)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quadro interativo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acesso à Internet via cabo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acesso à Internet via wireless	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nenhum dos anteriores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

III. Utilização das TIC no apoio às crianças/jovens com NE

10. Possui conhecimento em TIC no domínio das Necessidades Especiais? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

11. O conhecimento que possui em TIC para a Educação Especial foi obtido *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '19 [G3_Q0001]' (10. Possui conhecimento em TIC no domínio das Necessidades Especiais?)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Durante a sua formação académica inicial (bacharelato, licenciatura)
☐ Em cursos de Pós-graduação/Mestrado/Doutoramento
☐ Em ações de formação contínua
☐ Autoformação
☐ Outro, qual::

Indique quais as ações de formação contínua *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '19 [G3_Q0001]' (10. Possui conhecimento em TIC no domínio das Necessidades Especiais?) e A resposta for na pergunta '20 [G3_Q0002]' (11. O conhecimento que possui em TIC para a Educação Especial foi obtido)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Promovidas pela Escola
☐ Promovidas pelo CRTIC
☐ Promovidas pelo centro de IEFP
☐ Formações em contextos de oferta privada
☐ Ações de formação online
☐ Workshops
☐ Outras

Indique o(s) meios de autoformação utilizados: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '19 [G3_Q0001]' (10. Possui conhecimento em TIC no domínio das Necessidades Especiais?) e A resposta for na pergunta '20 [G3_Q0002]' (11. O conhecimento que possui em TIC para a Educação Especial foi obtido)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Tutoriais/vídeos do Youtube
☐ Blogs/sites de partilha da informação sobre as TIC
☐ Livros/manuais de utilização
☐ Amigos, colegas e/ou familiares
☐ Manuseamento autónomo de ferramentas tecnológicas
☐ Outros, quais::

12: Considera importante ter formação em TIC? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

13. Qual é a sua forma preferencial de obter formação em TIC? *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '23 [G3_Q0005]' (12: Considera importante ter formação em TIC?)

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Presencial
☐ Online
☐ b-learning (mista)
☐ Indiferente
☐ Não sei/não se aplica

14. Indique o nível de importância das razões que o motivam a procurar formação em TIC para EE. *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '23 [G3_Q0005]' (12: Considera importante ter formação em TIC?)

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante
Adequar a minha prática educativa/reabilitativa às especificidades das crianças com NE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atualizar os meus conhecimentos e desenvolver competências em TIC.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aumentar a minha autoconfiança na utilização das TIC.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenvolver projetos em rede na área da Educação Especial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Melhorar o desempenho das crianças com NE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compensar limitações das crianças.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Promover a autonomia e inclusão social das crianças.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compensar as lacunas que sinto desde a formação inicial.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Valorizar a minha carreira profissional.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Muito importante' ou 'Importante' ou 'Pouco importante' na pergunta '25 [G3_Q0007]' (14. Indique o nível de importância das razões que o motivam a procurar formação em TIC para EE. (Outra.)) e A resposta for 'Muito importante' ou 'Importante' ou 'Pouco importante' na pergunta '25 [G3_Q0007]' (14. Indique o nível de importância das razões que o motivam a procurar formação em TIC para EE. (Outra.)) e A resposta for 'Muito importante' ou 'Importante' ou 'Pouco importante' na pergunta '25 [G3_Q0007]' (14. Indique o nível de importância das razões que o motivam a procurar formação em TIC para EE. (Outra.))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Competência muito elevada	Competência elevada	Competência razoável	Competência reduzida	Competência muito reduzida	Nenhuma competência/Não conheço
email	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Skype	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Competência muito elevada' ou 'Competência elevada' ou 'Competência razoável' ou 'Competência reduzida' ou 'Competência muito reduzida' na pergunta '27 [G3_Q0009]' (15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência (Outro)) e A resposta for 'Competência muito elevada' ou 'Competência elevada' ou 'Competência razoável' ou 'Competência reduzida' ou 'Competência muito reduzida' na pergunta '27 [G3_Q0009]' (15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência (Outro)) e A resposta for 'Competência muito elevada' ou 'Competência elevada' ou 'Competência razoável' ou 'Competência reduzida' ou 'Competência muito reduzida' na pergunta '27 [G3_Q0009]' (15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência (Outro)) e A resposta for 'Competência muito elevada' ou 'Competência elevada' ou 'Competência razoável' ou 'Competência reduzida' ou 'Competência muito reduzida' na pergunta '27 [G3_Q0009]' (15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência (Outro)) e A resposta for 'Competência muito elevada' ou 'Competência elevada' ou 'Competência razoável' ou 'Competência reduzida' ou 'Competência muito reduzida' na pergunta '27 [G3_Q0009]' (15. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique o seu nível de competência (Outro))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

16. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Utilizo todos os dias	Utilizo algumas vezes por semana	Utilizo algumas vezes por mês	Utilizo muito raramente	Nunca utilizo
email	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Skype	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '29 [G3_Q0011]' (16. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '29 [G3_Q0011]' (16. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '29 [G3_Q0011]' (16. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro)) e A resposta for 'Utilizo todos os dias' ou 'Utilizo algumas vezes por semana' ou 'Utilizo algumas vezes por mês' ou 'Utilizo muito raramente' na pergunta '29 [G3_Q0011]' (16. Relativamente às tecnologias e aplicações abaixo listadas, indique a sua frequência de uso (Outro))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

IV. Adaptação/criação dos materiais para os alunos com NEE

17. Utiliza as TIC no processo educativo/reabilitativo de crianças/jovens com NE? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

Em caso afirmativo, indique há quanto tempo utiliza as TIC em contexto de Educação Especial: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sim' na pergunta '31 [G4_Q0001]' (17. Utiliza as TIC no processo educativo/reabilitativo de crianças/jovens com NE?)

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ < 2 Anos
☐ 3 - 5 Anos
☐ 6 – 10 Anos
☐ > 10 Anos

18. Relativamente às seguintes aplicações, indique se as utiliza para criar/adaptar materiais personalizados para as suas crianças/jovens com NE.(pode escolher mais do que uma opção) *

	Uso para criar materiais	Uso para adaptar materiais	Não uso
Folha de cálculo (ex.: excel)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Processamento de texto (ex.: word)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Programa de desenho/edição de imagem (ex.: Paint)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produção de apresentações/slides (ex.: Powerpoint)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

19. Relativamente a cada uma das seguintes áreas/atividades indique em que medida sente falta de materiais digitais *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Sinto muita falta	Sinto alguma falta	Sinto pouca falta	Não sinto falta
Treino da atenção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino da comunicação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino da escrita	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino da leitura	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino de matemática	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino da memória	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino da perceção	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino de competências funcionais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Treino do raciocínio lógico	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades lúdicas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades de desenho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogos musicais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Simulação de atividades da vida diária	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outra(s)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Se assinalou Outra(s), indique quais: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for 'Sinto muita falta' ou 'Sinto alguma falta' ou 'Sinto pouca falta' na pergunta '34 [G4_Q0004]' (19. Relativamente a cada uma das seguintes áreas/atividades indique em que medida sente falta de materiais digitais (Outra(s))) e A resposta for 'Sinto muita falta' ou 'Sinto alguma falta' ou 'Sinto pouca falta' na pergunta '34 [G4_Q0004]' (19. Relativamente a cada uma das seguintes áreas/atividades indique em que medida sente falta de materiais digitais (Outra(s))) e A resposta for 'Sinto muita falta' ou 'Sinto alguma falta' ou 'Sinto pouca falta' na pergunta '34 [G4_Q0004]' (19. Relativamente a cada uma das seguintes áreas/atividades indique em que medida sente falta de materiais digitais (Outra(s)))

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

20. Assinale as áreas/atividades para as quais produz/adapta ou já produziu/adaptou materiais digitais (pode assinalar mais do que uma área/atividades) *

Por favor, selecione **todas** as que se aplicam:

- ☐ Treino da atenção
- ☐ Treino da comunicação
- ☐ Treino da escrita
- ☐ Treino da leitura
- ☐ Treino de matemática
- ☐ Treino da memória
- ☐ Treino da perceção
- ☐ Treino de competências funcionais
- ☐ Treino do raciocínio lógico
- ☐ Atividades lúdicas
- ☐ Atividades de desenho
- ☐ Jogos musicais
- ☐ Simulação de atividades da vida diária
- ☐ Outra(s), quais?:

21. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização *

	Conheço e utilizo	Conheço mas não utilizo	Não conheço	Gostaria de saber mais/Conhecer melhor
Aplicações em PowerPoint	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aventuras 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Boardmaker	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cibermat	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicar com símbolos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Eugénio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Grid 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
InVento 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Já está 2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leitor de ecrã	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Livros digitais (ex. Biblioteca de livros digitais)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Oficina dos Gestos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os Jogos da Mimocas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pequeno Mozart	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Software de criação de atividades educativas (ex. Jclíc)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro (s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se assinalou Outro(s), indique quais: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for '1' na pergunta '37 [G4_Q0007]' (21. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for '1' na pergunta '37 [G4_Q0007]' (21. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

----- ou Scenario 3 -----

A resposta for '1' na pergunta '37 [G4_Q0007]' (21. Relativamente aos seguintes recursos TIC para Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

22. Relativamente aos seguintes blogues/sites dedicados à área da Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização *

	Conheço e utilizo	Conheço mas não utilizo	Não conheço	Gostaria de saber mais/Conhecer melhor
"Cantic"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Educação Especial - blog"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Escola Virtual"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Grupos no Facebook"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Informainclui"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Ombro amigo"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Pais 21"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Pais em Rede"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Partilha entre Mães"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Príncipezinho & Família"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
"Sem barreiras"	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se assinalou Outro, indique qual: *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for '1' na pergunta '39 [G4_Q0009]' (22. Relativamente aos seguintes blogues/sites dedicados à área da Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for '1' na pergunta '39 [G4_Q0009]' (22. Relativamente aos seguintes blogues/sites dedicados à área da Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

----- ou Scenario 3 -----

A resposta for '1' na pergunta '39 [G4_Q0009]' (22. Relativamente aos seguintes blogues/sites dedicados à área da Educação Especial, indique o seu nível de conhecimento e utilização)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

V. Posicionamentos e opiniões

23. Eu, enquanto profissional da educação/saúde, em relação às crianças/jovens com NE ... *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Todos os dias	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Raramente	Nunca
Incentivo-as a elaborar atividades escolares com recurso às TIC.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro na internet novas ideias, métodos educativos/reabilitativos, materiais adaptados às suas especificidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho na web/internet as minhas experiências e dúvidas sobre o seu processo educativo/reabilitativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho através da web/internet os recursos e materiais por mim adaptados/criados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

24. Enquanto profissional de educação/saúde posicione-se relativamente às seguintes afirmações, considerando as crianças/jovens com NE. *

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Concordo totalmente	Concordo parcialmente	Não concordo nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo totalmente
A utilização das TIC pode constituir um auxiliar importante no processo de ensino-aprendizagem das crianças/jovens com NE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os recursos tecnológicos existentes ajudam as crianças/jovens a comunicar melhor (de forma oral, pictográfica, gestual ou pela escrita).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A partilha de conhecimentos entre os diferentes agentes educativos facilita as aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A comunicação entre os profissionais e as famílias facilita as aprendizagens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O envolvimento de todos os agentes educativos é muito importante no processo educativo na criança com NE.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto falta de conhecimentos que facilitem as aprendizagens das crianças/jovens no domínio da linguagem oral.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto falta de conhecimentos que facilitem as aprendizagens das crianças/jovens no domínio da linguagem escrita.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto necessidade de adaptar alguns materiais às competências e necessidades específicas das crianças/jovens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto falta da colaboração entre os diferentes agentes educativos (pais, professores e profissionais da saúde).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O envolvimento dos profissionais e da família na elaboração dos recursos digitais possibilita a sua adequação às necessidades específicas das crianças/jovens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gostaria de me envolver em projetos de partilha de informação, conhecimentos e materiais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sinto-me motivado para colaborar num espaço online, que potenciará a comunicação entre as famílias e os diferentes agentes educativos, e a utilização otimizada das TIC, adaptando-as às necessidades específicas das crianças/jovens.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Em relação ao processo educativo das crianças/jovens com NE... *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '4 [G2_Q0001]' (4. Exerce a sua atividade como:)

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por período escolar	Raramente	Nunca
Procuro colaborar com os <u>pais</u> , nas escolhas dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>pais</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os <u>terapeutas e psicólogos</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>terapeutas e psicólogos</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com outros <u>professores</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros <u>professores</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho dúvidas e solicito esclarecimentos aos <u>médicos</u> sobre o processo reabilitativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>médicos</u> solicitam a minha colaboração para conhecerem melhor a criança/jovem com NE e assim ajustarem a sua prática clínica às necessidades evidenciadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Em relação ao processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE... *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por período escolar	Raramente	Nunca
Procuro colaborar com os <u>pais</u> na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>pais</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os outros <u>terapeutas e psicólogos</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros <u>terapeutas e psicólogos</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os <u>professores</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>professores</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho dúvidas e solicito esclarecimentos aos <u>médicos</u> sobre o processo reabilitativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>médicos</u> solicitam a minha colaboração para conhecerem melhor a criança/jovem com NE e assim ajustarem a sua prática clínica às necessidades evidenciadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

25. Em relação ao processo educativo/reabilitativo das crianças/jovens com NE... *

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

A resposta for na pergunta '5 [G2_Q0002]' (4.1.)

Por favor, selecione uma resposta apropriada para cada item:

	Algumas vezes por semana	Algumas vezes por mês	Algumas vezes por período escolar	Raramente	Nunca
Procuro colaborar com os <u>pais</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>pais</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às necessidades sentidas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os <u>terapeutas e psicólogos</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>terapeutas e psicólogos</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procuro colaborar com os <u>professores</u> , na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os <u>professores</u> solicitam a minha colaboração na escolha dos métodos e materiais que mais se ajustam às suas necessidades.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Partilho dúvidas com outros <u>médicos</u> e solicito esclarecimentos sobre o processo reabilitativo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Outros <u>médicos</u> solicitam a minha colaboração para conhecerem melhor a criança/jovem com NE e assim ajustarem a sua prática clínica às necessidades evidenciadas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

26. Está interessado em participar na elaboração/adaptação de recursos específicos e na dinamização de um espaço online de partilha e autoformação em TIC para a educação especial? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

27. Pretende ter acesso aos resultados deste estudo? *

Por favor, selecione **apenas uma** das seguintes opções:

- ☐ Sim
☐ Não

No caso afirmativo, Indique o seu email

Responda a esta pergunta apenas se as seguintes condições são verdadeiras:

----- Scenario 1 -----

A resposta for 'Sim' na pergunta '46 [G5_Q0006]' (26. Está interessado em participar na elaboração/adaptação de recursos específicos e na dinamização de um espaço online de partilha e autoformação em TIC para a educação especial?)

----- ou Scenario 2 -----

A resposta for 'Sim' na pergunta '47 [G5_Q0007]' (27. Pretende ter acesso aos resultados deste estudo?)

Por favor, escreva aqui a sua resposta:

Obrigada pela colaboração e pelo tempo dispensado!

Submeter o seu inquérito
Obrigado por ter concluído este inquérito.

Anexo 3 - Guião de entrevista de moderadores

Guião de entrevista

Objetivo geral:

Identificar as dinâmicas de partilha e colaboração entre os membros de um grupo de autoajuda (pais de crianças e jovens com necessidades especiais), presencial e síncrono.

Blocos	Grelha de análise / objetivos	questões
Apresentação	Dar-se a conhecer, estabelecer comunicação Legitimar a entrevista aos olhos do entrevistado	...
Dados pessoais	Caraterizar os inquiridos do ponto de vista da profissão; da experiência na atividade em foco; e do papel desempenhado no grupo.	Qual a sua profissão? Por favor, descreva a experiência que tem na dinamização de grupos de autoajuda Como descreve o papel que desempenha no grupo?
Estrutura das reuniões do grupo	agendamentos; marcação de encontros; periodicidade; local; horário	Com que regularidade foram marcadas as sessões e porquê? Qual o horário que considera mais apropriado para a marcação das reuniões?
Motivação para a participação em grupos de entreaajuda / autoajuda.	Identificar fatores relevantes na motivação para a participação em grupos de entreaajuda / autoajuda.	Na sua perspetiva, porque é importante a existência deste grupo? O que a/o motiva a participar? O que considera que motiva os outros pais a participarem no grupo?
Moderação e liderança	Identificar: rotinas, práticas, cuidados e ferramentas de comunicação utilizadas na moderação das sessões.	Que estratégias utiliza para moderar as suas sessões Costuma partilhar a liderança com os elementos do grupo? Houve algum participante do grupo que tivesse assumido mais destaque? Se sim, que atributos ou características desse elemento sentiu que resultaram melhor na dinamização do grupo?

		Quando é apresentado um problema e pedido ao grupo que colabore na respetiva resolução, o que acontece? Como se organiza e funciona o grupo?
Estratégias de partilha/colaboração	<u>Identificar:</u> - variáveis presentes em situações favoráveis / em que as coisas tenham ' <i>corrido bem</i> ', em que tenha havido um sentimento de realização/sucesso; - estratégias de questionamento/reflexão usadas pelo grupo; - tipos de partilha usadas no grupo (emocional, de informações úteis, conhecimentos, recursos, estratégias); - tipos de colaboração (partilha de opiniões, resolução de problemas, procura colaborativa de soluções; troca de experiências; reflexão; estilos de liderança...).	Que estratégias considera que fomentam/facilitam os momentos de partilha e de interação? Que tipos de partilha foram mais frequentes? Como foram sugeridos/escolhidos os temas? Quais os temas que incentivaram mais a participação? Que tipos de colaboração verificou nas sessões? Sente que houve espírito de comunidade neste grupo? Se sim, como foi promovido? Sente que há interesse dos pais em dar continuidade a estes encontros, para além das sessões propostas pelo projeto?
Dinâmicas de entreajuda e autoajuda entre: famílias; famílias e profissionais; profissionais.	Identificar estratégias, comportamentos, recursos e dinâmicas de entreajuda e de autoajuda.	Houve evidência de entreajuda / autoajuda entre os participantes do grupo? O que identifica como tal? Se sim, que tipo de entreajuda / autoajuda sentiu que foi mais valorizada pelos participantes?
Compartilha de recursos	Identificar: - existência de partilha de recursos; - situações favoráveis / de sucesso;	Existiu / existe partilha de recursos no seu grupo? Por favor, relate-nos situações em que isso tenha acontecido. Como foi promovida e realizada a partilha?

	- estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas.	
Construção colaborativa de Recursos	Identificar: - existência de construção colaborativa de materiais; - situações favoráveis / de sucesso; - estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas.	Existiu / existe construção colaborativa de materiais no seu grupo? Se sim, como foi promovida e concretizada?
Agradecimento	Agradecer a disponibilidade e <i>fechar</i> este momento de relação entre entrevistadoras e entrevistados	...

Anexo 4. Guião de análise dos sites

Guião de análise de um site

Objetivo geral:

Identificar as dinâmicas de partilha e colaboração entre os utilizadores de um site/página de facebook.

Blocos	Grelha de análise / objetivos
Colaboração	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - fatores relevantes na motivação para a participação; - variáveis presentes em situações favoráveis/em que as coisas tenham '<i>corrido bem</i>', em que tenha havido um sentimento de realização/sucesso; - estratégias de questionamento/reflexão usadas; - tipos de partilha usadas no site/blogue (emocional, de informações úteis, conhecimentos, recursos, estratégias); - tipos de colaboração (partilha de opiniões, resolução de problemas, procura colaborativa de soluções; troca de experiências; reflexão; estilos de liderança...).
Compartilha de recursos/informação	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - existência de partilha de recursos; - situações favoráveis / de sucesso; - estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas.
Construção colaborativa de materiais:	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - existência de construção colaborativa de materiais; - situações favoráveis / de sucesso; - estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas.
Fomento da utilização de recursos abertos e gratuitos:	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - existência de promoção da utilização de recursos abertos; - situação favoráveis/de sucesso; - estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas
Autoformação	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - existência de promoção da autoformação; - situações favoráveis / de sucesso; - estratégias que tenham estado presentes em situações bem sucedidas.
Entreajuda entre famílias, entre famílias e profissionais e entre profissionais	<p>Identificar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - estratégias; - comportamentos; - recursos; - dinâmicas de entreajuda e de autoajuda.
Estratégias de e-moderação	<p>Identificar: rotinas, práticas, cuidados e ferramentas de comunicação utilizadas;</p>

Anexo 5. Dimensões de análise do conteúdo e das interações

Dimensões de análise do Compartilha

Construído com base nos trabalhos de Lave e Wenger (1991), Miranda-Pinto (2009) e Clarice Nunes (2012).

nº	Categoria	Dimensão	Indicadores
1.	Dimensão Social	Estabelecimento de relações Interpessoais	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação pessoal: <ul style="list-style-type: none"> - criação do perfil (nº; tipo; natureza); - participação no desafio “Vamo-Nos Conhecer Melhor!!!! (nº; natureza); - publicação dos fotos, vídeos pessoais (nº; natureza);. - Expressão de expetativas e pontos de vista sobre o <i>Compartilha</i> (nº; natureza); - Estabelecimento de laços de amizade/afiliação e entre os participantes: <ul style="list-style-type: none"> - conversas no chat; (nº; tempo; natureza; tipo de ligações*) - troca dos comentarios (nº; natureza; tipo de ligações); - apoio emocional (nº; natureza; tipo de ligações); - manifestação do prazer em ajudar um ao outro (nº; tipo; natureza; tipo de ligações). <p><i>(*tipo de ligações (profissional-profissional/ profissional-familiari/familiar-familiar)</i></p>
2.	Dimensão Compartilha	Desenvolvimento do gosto/necessidade de partilhar informação/ recursos	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de necessidades de informação/recursos sentidas pelos participantes (nº; tipo); - Compartilhas efetuadas por participante (nº; tipo; natureza); - Envolvimento dos participantes com os conteúdos partilhados: <ul style="list-style-type: none"> - comentarios sobre o conteúdo compartilhado (nº; positivos/negativos; tipo de ligações); - comentarios sobre utilização de recursos/estratégias partilhados na sua prática (nº; natureza; tipo de ligações); - Pedido de algum recurso/informação (nº; tipo); - Volume e tipo de informação partilhada no geral (nº);
3.	Dimensão Colaboração	Construção colaborativa do conhecimento e de recursos	<ul style="list-style-type: none"> - Propostas de atividades para desenvolver: <ul style="list-style-type: none"> - temas para discutir (nº; tipo) - softwares para conhecer (nº; tipo) - recursos para adaptar (nº; tipo) - desafios para dinamizar (nº; natureza); - Colaboração no processo de construção do conhecimento:

			<ul style="list-style-type: none"> - participar nas atividades formativas (nº; tempo; natureza); - desenvolver trabalho em grupo (nº; natureza; tipo de ligações); - incentivar e reforçar os outros participantes (nº; natureza; tipo de ligações); - oferecer ajudas adequadas (nº; tipo; tipo de ligações). - Colaboração no processo de adaptação/criação dos recursos/materiais: <ul style="list-style-type: none"> - sugerir solução para resolver um determinado problema (nº; tipo); - relato de adaptação dos recursos/materiais (nº; tipo); - relato de criação os recursos/materiais (nº; tipo); - disponibilizar os recursos criados/adaptados (nº; natureza). - Desenvolvimento de um repertório comum de experiências, histórias e ferramentas (nº; linguagem utilizada); - Entreeajuda e cooperação com os outros participantes (nº; tipo; natureza; tipo de ligação).
4.	Dimensão Moderação	Implementação de estratégias de e-moderação	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação de Líderes e Moderadores: <ul style="list-style-type: none"> - posição proativa e de liderança nas discussões (nº; tipo de ações; tipo de ligação); - promoção do envolvimento dos participantes (nº; natureza; tipo de ligação); - dinamização dos desafios (nº; natureza; tipo de ligação). - Estratégias de Liderança e Moderação (nº; tipo; natureza). - Evidência discursiva de orientação explícita (nº; tipo; natureza).
5.	Dimensão Avaliação	Avaliação do Compartilha pelos participantes	<ul style="list-style-type: none"> - Relatos de apreciação da estrutura do Compartilha: <ul style="list-style-type: none"> - apresentação gráfica do Compartilha (nº; tipo; natureza); - acessibilidade e funcionalidade do espaço(nº; tipo; natureza); - utilidade das ferramentas disponibilizadas(nº; tipo; natureza); - pontos fortes e fracos do espaço online(nº; tipo; natureza). - Relatos de apreciação da qualidade do processo: <ul style="list-style-type: none"> - Nível geral de satisfação dos participantes (nº; tipo; natureza). - Adequações das tecnologias aos utilizadores (nº; tipo; natureza);

			<ul style="list-style-type: none"> - Recursos e conteúdos disponibilizados (nº; tipo; natureza). - Relatos de apreciação da dimensão relativa às pessoas: <ul style="list-style-type: none"> - Tipo de participação/utilização do espaço: <ul style="list-style-type: none"> - Preferências manifestadas (nº; tipo; natureza, tipo de ligação). - Frequência e razões justificativas dessa frequência (nº; tipo; natureza, tipo de ligação). - Níveis de interação existente entre: participante-participante; participante-mediador; participante-conteúdos; participante-interfaces (nº; tipo; natureza). - Relatos de apreciação dos resultados: <ul style="list-style-type: none"> - Impacto na prática educativa/reabilitativa (nº; tipo; natureza); - Aspetos a melhorar - sugestões (nº; tipo; natureza).
--	--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo 6. Diagramas UML

Diagrama UML1- “Utilizador não registado”

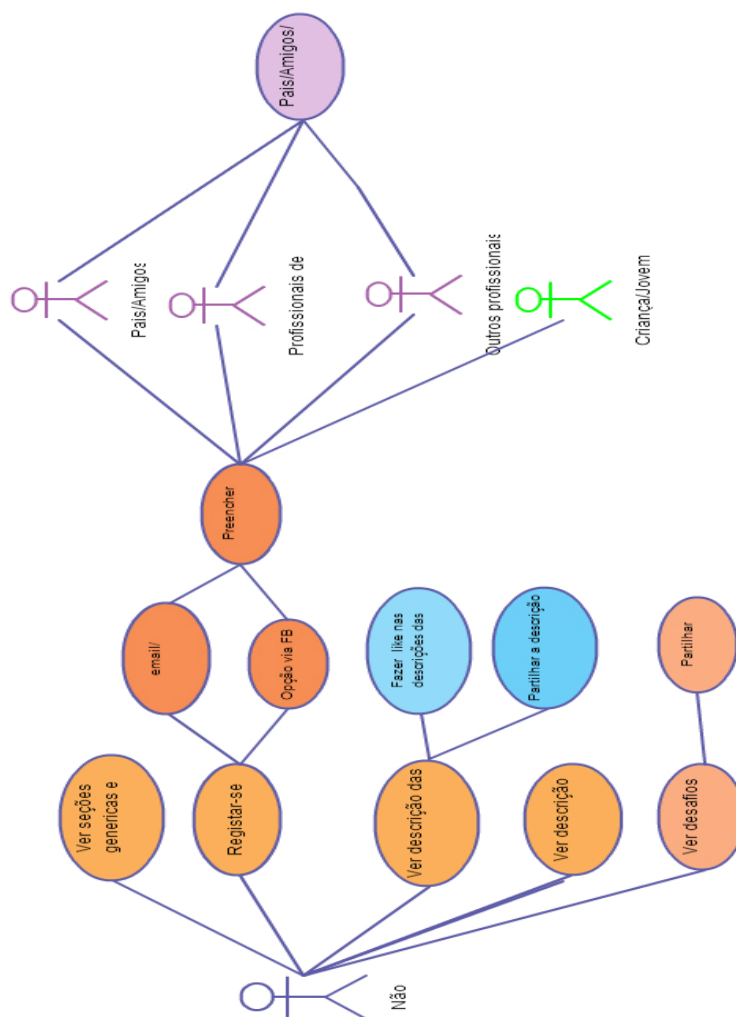


Diagrama UML2- “Utilizador registado - Pai/Profissional”

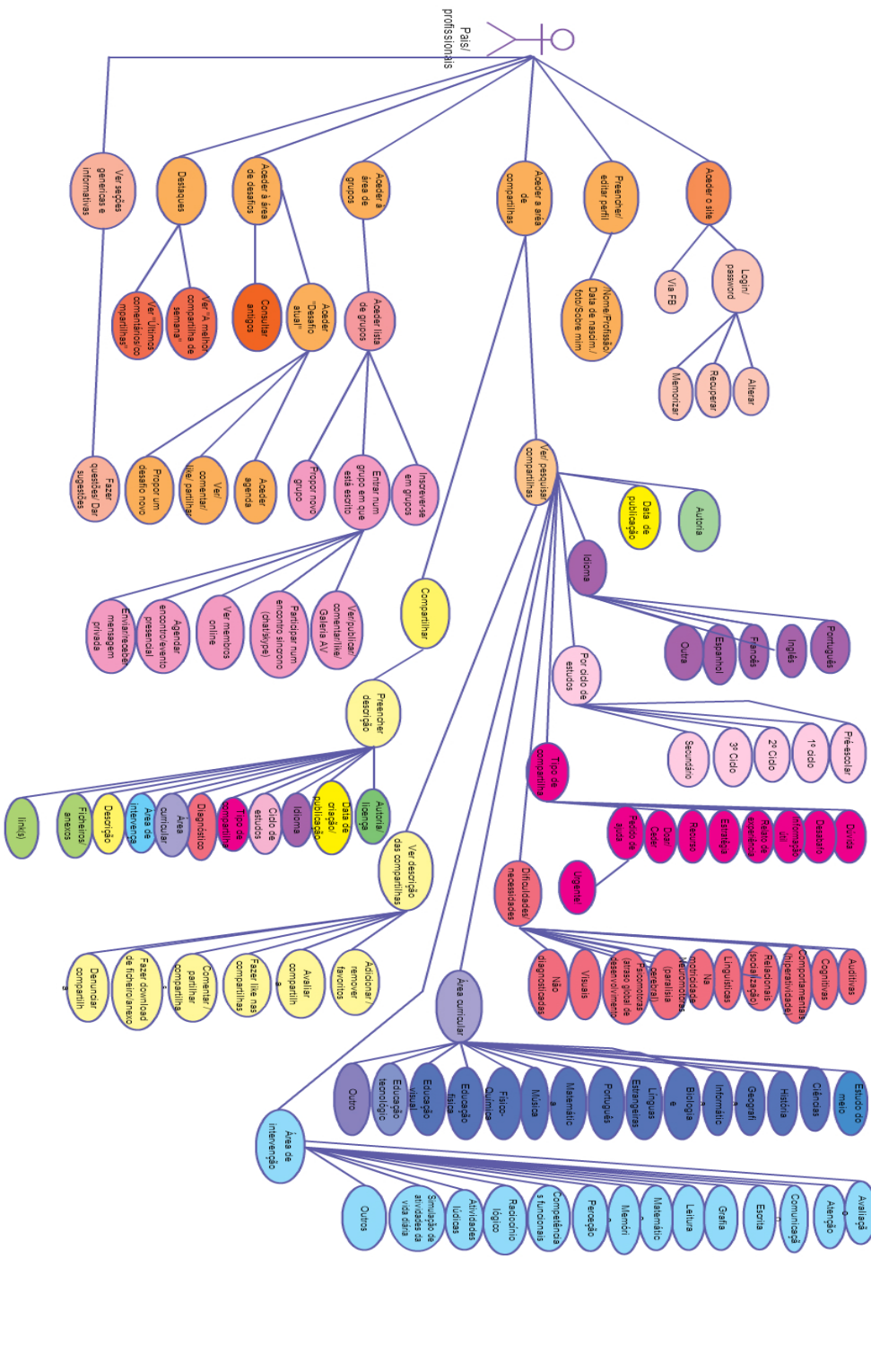
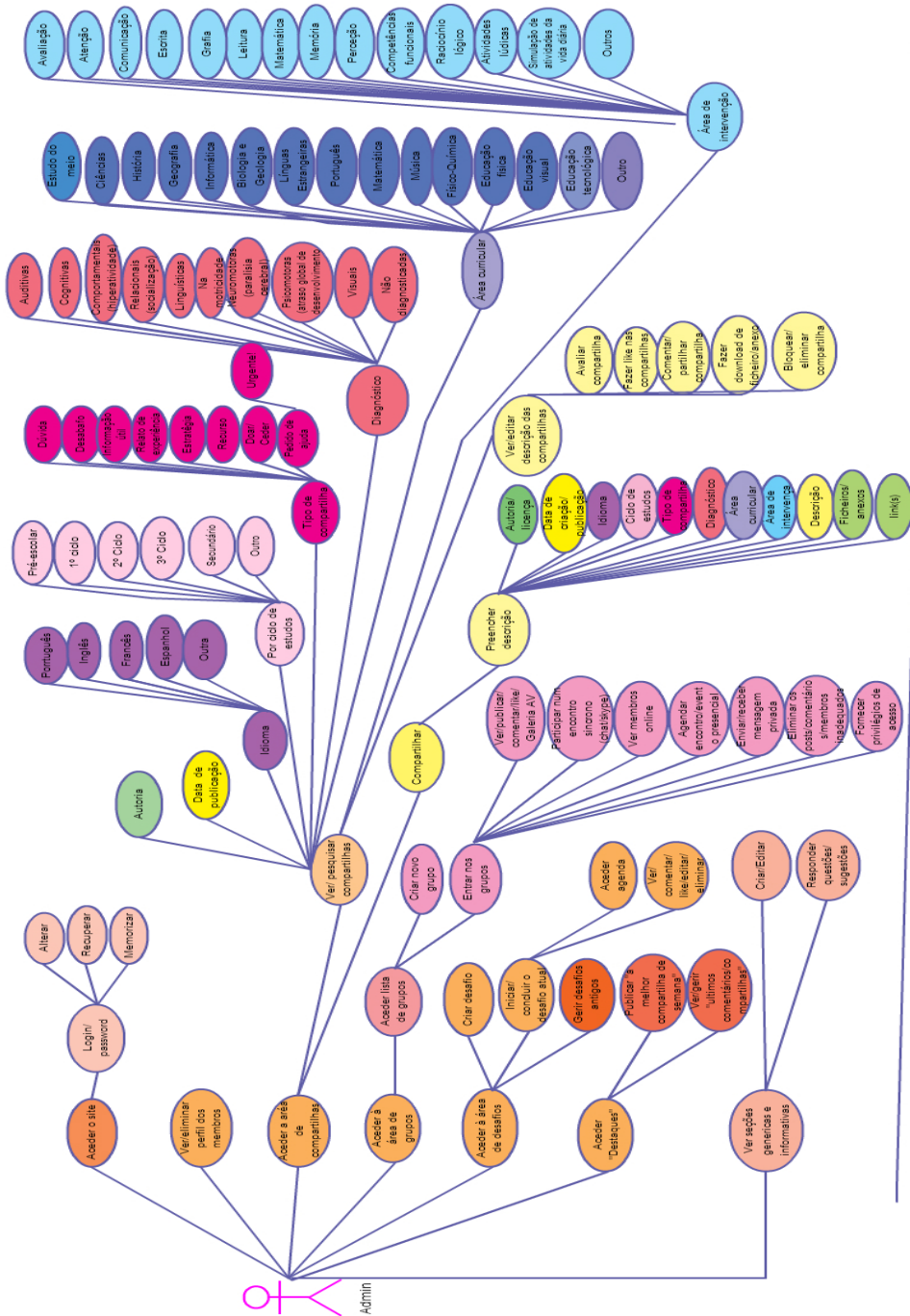


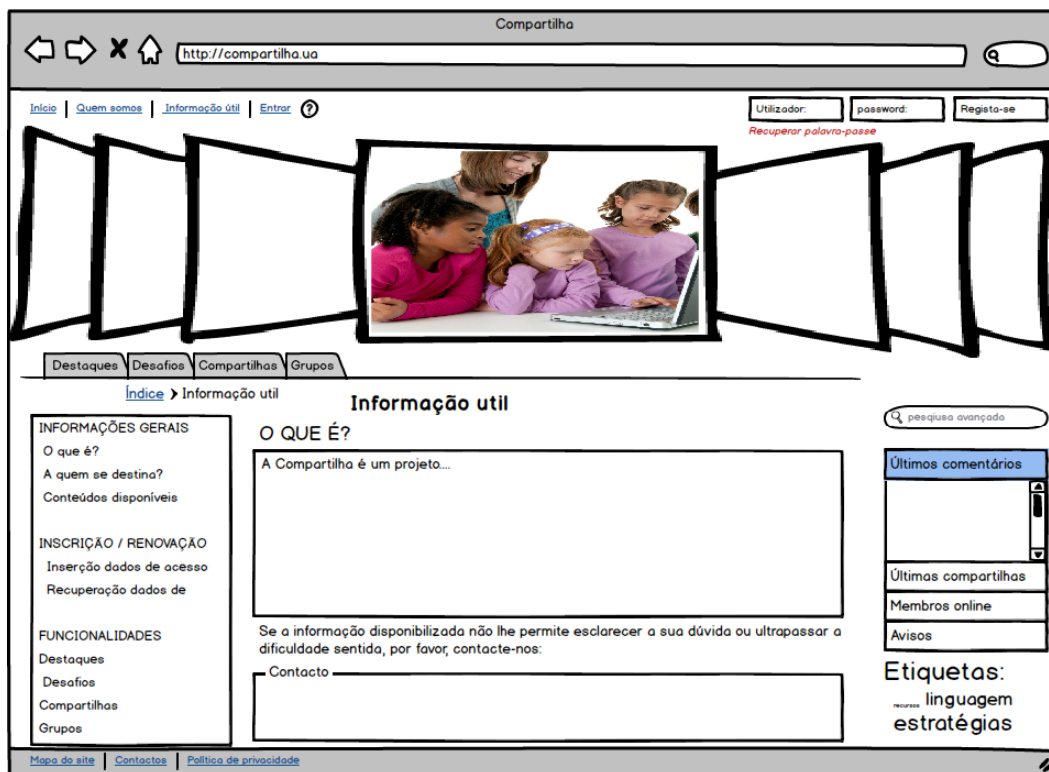
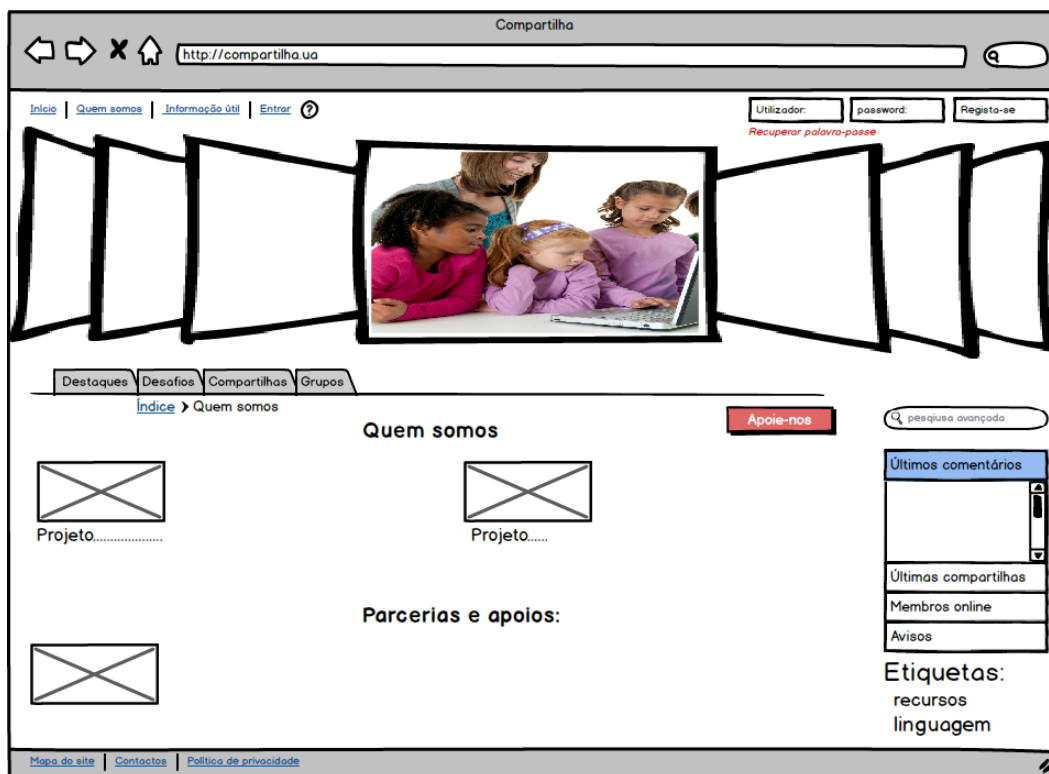
Diagrama UML 3- “Admin”



[illegible]

Anexo 7 - *Mockups*





Compartilha

http://compartilha.ua

[Início](#) |
 [Quem somos](#) |
 [Informação útil](#) |
 [Entrar](#)

Utilizador:
 Password:

[Recuperar palavra-passe](#)

Destques
 Desafios
 Compartilhas
 Grupos

pesquisa avançada

[Início](#) > [Registo](#)

Registo

Entrar com a conta do Facebook

Sobre mim:

Nome*:

Apelido:

Profissão*:

E-mail*:

Senha*:

Verificar senha*:

Data de nascimento:

 / /

☐ Memorizar

* campos de preenchimento obrigatório

[Mapa do site](#) |
 [Contactos](#) |
 [Política de privacidade](#)

Compartilha

[Início](#) | [Quem somos](#) | [Informação útil](#) | [Entrar](#)

Nome Per Avis Favori Meus gr Mensag Sair

[Destaques](#) [Desafios](#) [Compartilhas](#) [Grupos](#)

Meu perfil

Favoritos Meus grupos Mensagens Avisos

Nome

Data de nascimento:
11/11/1900

Sobre mim:

Formação

Profissão

Local de trabalho

Distrito onde reside

Estado civil

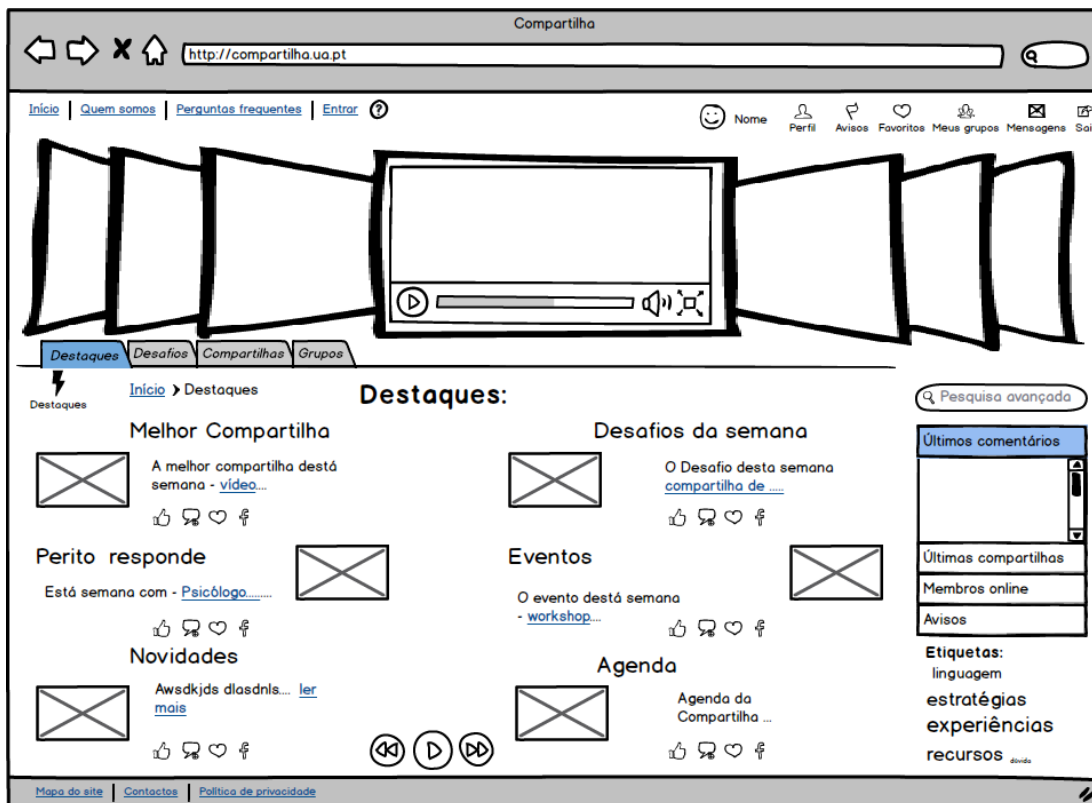
Email

Alterar senha

Alterar

Guardar

[Mapa do site](#) | [Contactos](#) | [Política de privacidade](#)



Possibilidade de comentar

B
I
U

Comentar

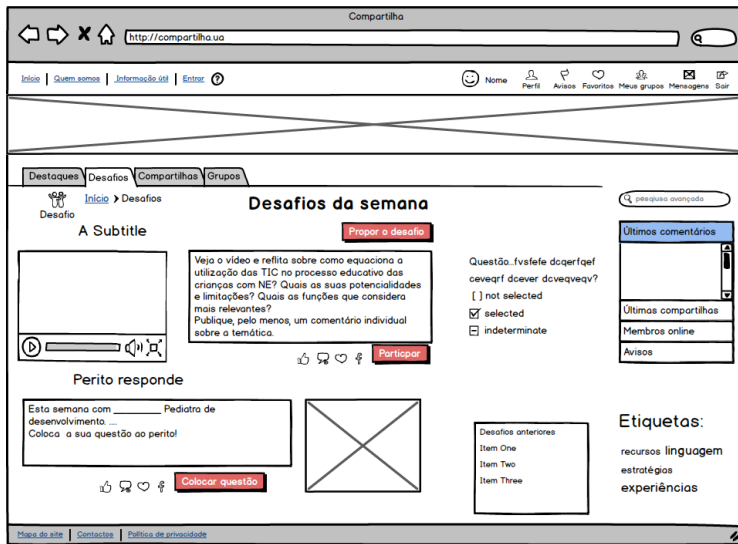
Adicionar fotos/vídeo

Alterar

Guardar

Ver comentários com possibilidade de like e comentar.

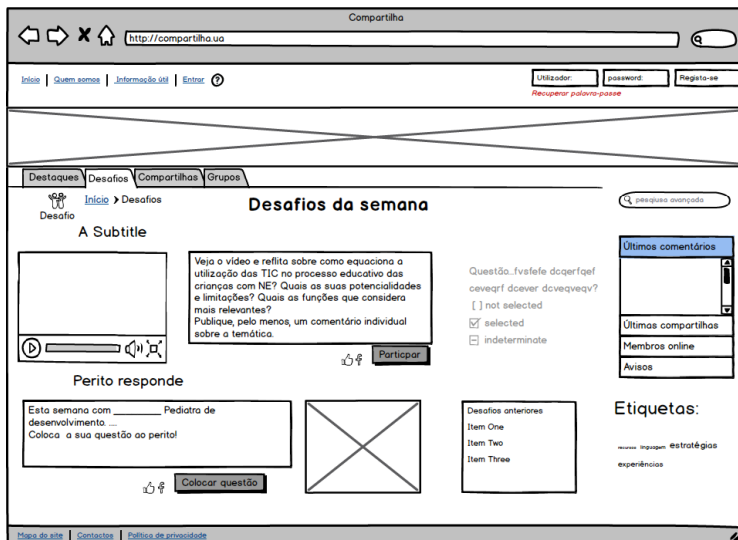
Comentários



Para participar num desafio:

Colocar uma questão:

Para utilizador não registado:



Para utilizador não registado:

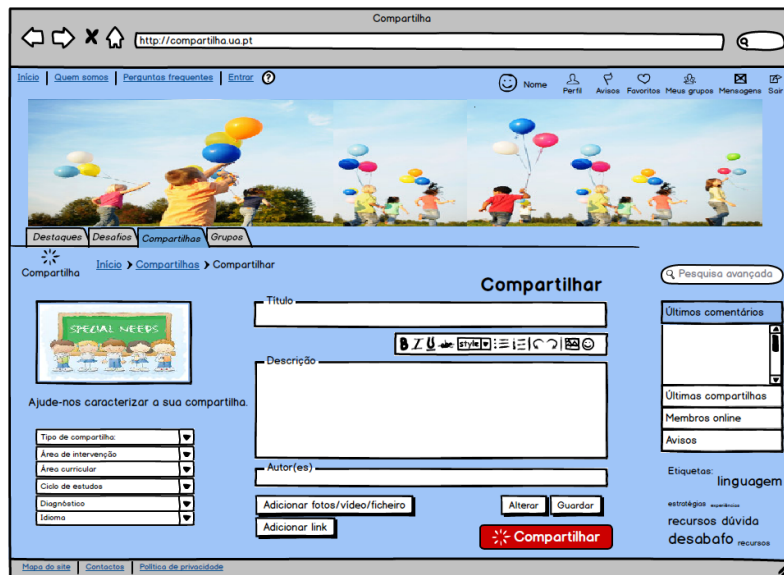
Ao clicar em "participar" ou "colocar questão" aparece o pedido de registo



Para recuperar palavra-passe:

Pode requisitar a senha, fornecendo o seu Nome de Utilizador e o e-mail onde enviou para o endereço eletrónico que foi dado quando do registo.

Utilizador:



Ao clicar "Compartilhar":



caracterizar ou especificar... ?



Para utilizador não registado:

Ao clicar em "visualizar" e "compartilhar" aparece o pedido de registo

O acesso restrito para utilizadores inscritos.

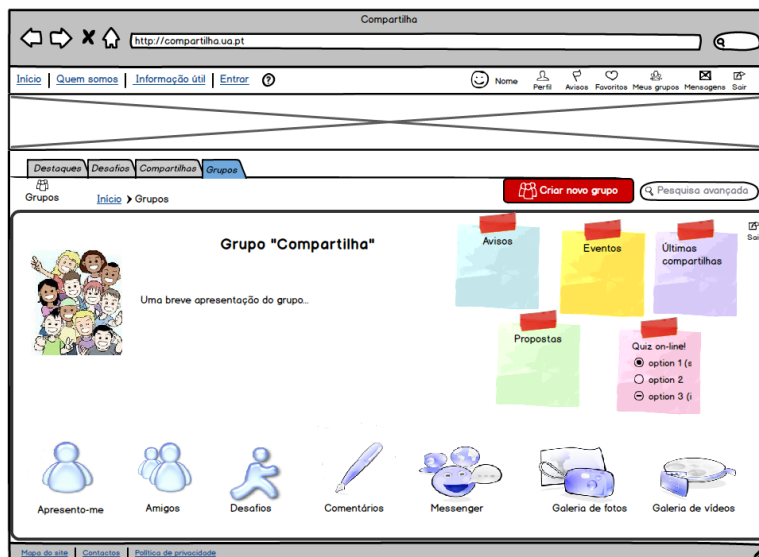
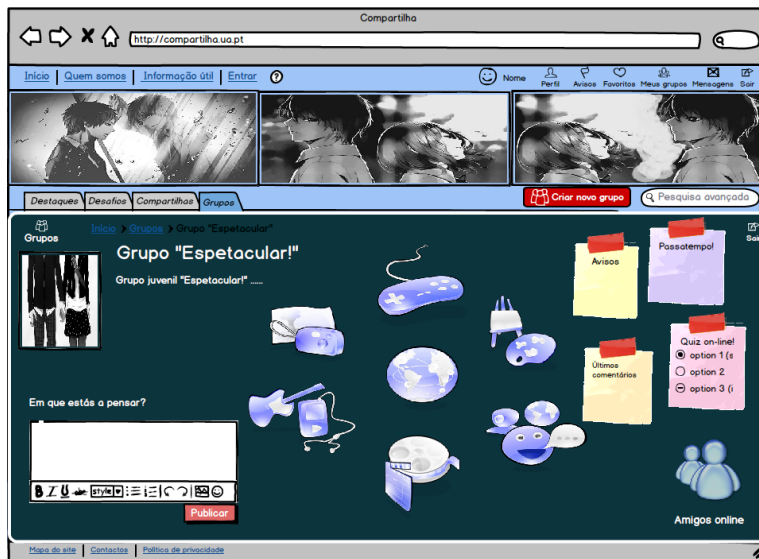
Utilizador:

password

Recuperar palavra-passe

Registo-se

Utilizador não registado não tem opções: "comentar", "guardar em favoritos", "download".



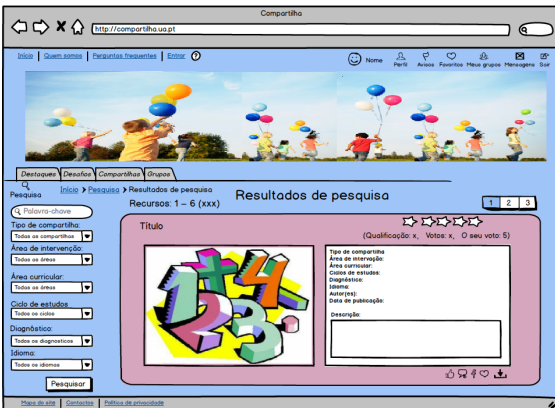


Documentação de apoio ???

Não existem recursos correspondentes aos critérios de pesquisa indicados abaixo.
 Palavra-chave: < ***** - Retirar esta restrição
 Filtros de pesquisa: < ***** - Retirar esta restrição
 Por favor altere os critérios de pesquisa.
 Pesquisar



Idem
 A cor do calço corresponde o tipo de compartilhamento.



Visualizar só para utilizadores registados!

- Adicionar aos Favoritos
- Gosto
- Comentar
- Partilhar no facebook
- Download



Para utilizador não registado:
 Ao clicar em visualizar aparece o pedido de registo

O acesso restrito para utilizadores inscritos.
 Utilizador: _____ Password: _____
 Registrar-se

Anexo 8 Modelo de e-moderação do espaço online Compartilha

Modelo de e-moderação do espaço online Compartilha

Nº	Passo	Objetivos
I	Familiaridade com a plataforma	<p>Transmitir a identidade do Compartilha e organizar o ambiente de aprendizagem;</p> <p>Apresentar metas e objetivos claramente definidos.</p> <p>Assegurar a acessibilidade, para que todos os participantes possam receber e enviar pedidos de informação.</p> <p>Assegurar que todos sabem utilizar a plataforma e as ferramentas de comunicação;</p> <p>Assegurar procedimentos éticos;</p> <p>Estabelecer relações interpessoais;</p> <p>Promover o desenvolvimento de um ambiente de confiança mútua, amigável e socialmente positivo.</p>
II.	Socialização on-line	<p>Conhecer o grupo, suas expectativas e experiências anteriores, a fim de organizar atividades que são interessantes e desafiadoras para a comunidade;</p> <p>Garantir a socialização dentro da comunidade, dando aos participantes a oportunidade de contribuir com novas ideias e experiências.</p> <p>Promover a capacidade dos participantes de expressar os seus sentimentos, opiniões e pontos de vista;</p> <p>Estimular ou manter o nível de interesse dos participantes;</p> <p>Promover o modo positivo de discutir as questões, mesmo as mais polêmicas;</p> <p>Contribuir para diminuir a distância social entre os participantes;</p> <p>Preparar os participantes para aprender de forma colaborativa e discutir ideias, usando argumentos sólidos e definidos dentro de princípios éticos.</p>
III.	Compartilha de recursos, de saberes e não saberes	<p>Promover a partilha de informação/ recursos;</p> <p>Facilitar a partilha de dúvidas e não saberes;</p> <p>Criar o gosto e a necessidade de compartilhar;</p> <p>Estimular os participantes a explorar questões que conduzam à reflexão;</p>

		<p>Promover uma interação mais comprometida;</p> <p>Promover a cooperação na realização de atividades entre os participantes.</p>
IV.	<p>Construção colaborativa do conhecimento e recursos</p>	<p>Promover competências de reflexão e colaboração na construção do conhecimento;</p> <p>Promover que o grupo de participantes manifeste controlo sobre a sua própria aprendizagem;</p> <p>Valorizar a criatividade e a aprendizagem colaborativa;</p> <p>Facilitar o desenvolvimento de grupos de interesses, face a trabalhos temáticos;</p> <p>Desenvolver a liderança partilhada na negociação dos múltiplos discursos, interpretações e representações de conhecimento.</p>
V.	<p>Maior envolvimento, maior responsabilização e maior autonomia:</p>	<p>Promover a autonomia do grupo;</p> <p>Fomentar a responsabilização na realização de tarefas;</p> <p>Promover a autoavaliação/reflexibilidade;</p> <p>Promover a autoformação em TIC;</p> <p>Promover a implementação de estratégias de e-moderação pelos próprios elementos do grupo;</p> <p>Fomentar que cada um dos participantes reflita sobre o seu conhecimento;</p> <p>Contribuir para desenvolver a autonomia e solidez do grupo.</p>

Anexo 9. Guião de e-moderação

O guião de e-moderação do espaço “Compartilha”

Nº	Fases	Objetivos	Estratégias de e-moderação	Dinâmicas / Desafios + Responsáveis
1ª fase	Familiaridade com a plataforma	<ul style="list-style-type: none"> - Transmitir a identidade do Compartilha e organizar o ambiente de aprendizagem; - Criar o grupo-piloto; - Estabelecer as relações interpessoais; - Promover o desenvolvimento de um ambiente de confiança mútua, amigável e socialmente positivo; - Apresentar metas e objetivos claramente definidos e conhecidos por todos os participantes; - Assegurar a acessibilidade, para que todos os participantes possam receber e enviar pedido de informação. - Assegurar que todos sabem utilizar a plataforma e as ferramentas de comunicação; - Assegurar procedimentos éticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Esclarecimento de detalhes de inscrição no compartilha. - Fornecimento das instruções aos participantes acerca das regras de comunicação/funcionamento; - Facilitação da acessibilidade do Compartilha; - Utilização de expressões de emoção; - Caracterização Pessoal do Perfil; - Criação uma identidade de comunidade. - Compartilha de valores, normas e experiências entre os membros; - Recolha de autorizações de publicação de fotos/vídeos no espaço online e no âmbito da investigação. 	<p><u>Semana 1.</u> Convite à participação (Moderadora 1 + Moderadora 2) (M1+M2)</p> <p><u>Semana 2.</u> Dar boas vindas; (M1+M2) Dinâmica de apresentação na comunidade: Cada elemento escolhe três imagens que o caracteriza como pessoa, agente educativo e expectativas do compartilha. (M1+M2)</p> <p><u>Semana 3.</u> Desafio: “ Um dia que marcou a minha vida.....” (a publicação de testemunhos das pessoas)... -Votação online sobre os temas de discussão; (M1+M2)</p> <p><u>Semana 4.</u> Desafio: Faça a sua apresentação (M1+M2). Alternativas para fazer a sua apresentação individual:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Fale para a sua webcam e faça a captura através do Youtube. Veja os tutoriais de ajuda do Youtube. • Faça uma apresentação em Powerpoint ou em Prezi. • Faça um pequeno texto.

2ª fase	Socialização on-line	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar os participantes para aprender de forma colaborativa e discutir ideias usando argumentos sólidos e definidos dentro de princípios éticos. - Conhecer o grupo, suas expectativas e experiências anteriores, a fim de organizar atividades que são interessantes e desafiadores para a comunidade; - Desenvolver a capacidade dos participantes de expressar as suas opiniões e pontos de vista; - Estimular ou manter o nível de interesse dos participantes; - Promover modo positivo de debater as questões, mesmo as mais polêmicas; - Contribuir para diminuir a distância social entre os membros; - Garantir a socialização dentro da comunidade dando aos membros a oportunidade de contribuir com novas ideias e experiências. - Compreender o modo de como as tecnologias podem ser incorporadas no processo educativo/reabilitativo. - Fornecer informação acerca da temática que está a ser explorada (ex.: linguagem oral e escrita, fonologia, etc.) 	<ul style="list-style-type: none"> - Implementação de atividades de discussão (entre pares) e a análise dos conteúdos; - Incentivo dos participantes a participar das discussões, respeitando a diversidade de opiniões permitindo que a comunidade se torne um espaço democrático, onde todas as opiniões são bem-vindas e encorajadas; - Facilitação da discussão, direcionando-a num caminho adequado aos objetivos propostos; - Facilitação do desenvolvimento de grupos de interesses face a trabalhos temáticos; - Reforço público de comportamentos positivos dos participantes; - Respeito do ritmo e o tempo que cada membro precisa, dando o feedback necessário e mantendo a unidade do grupo. - Não ignorar os comportamentos negativos, mas fazer uma chamada de atenção de forma privada, quando acontecer. - Promoção da partilha de experiências. - Definição das necessidades de materiais e de temas de debate e discussão. 	<p><u>Semana 5. Desafio:</u> Veja o vídeo e reflita sobre como equaciona a utilização das TIC no processo educativo das crianças com NE? Quais as suas potencialidades e limitações? Quais as funções que considera mais relevantes? Publique, pelo menos, um comentário individual sobre a temática (M1).</p> <p><u>Semana 6. Desafio:</u> “O perito responde “(na área das TIC) (M2)</p> <p>- Apresentação de resultados sobre as temas de discussão” (M1+M2)</p> <p><u>Semana 7. Desafio:</u> “Linguagem... afinal o que realmente preocupa.... (M2)</p> <p><u>Semana 8. Desafio:</u> Compartilhe um vídeo de Youtube sobre temática e comente pelo menos um vídeo dos seus colegas. (M1)</p> <p>Votação do melhor vídeo compartilhado. (M1+M2)</p> <p>- Votação online do melhor vídeo compartilhado (M1+M2)</p>
---------	----------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3ª fase	Compartilha de recursos, de saberes e não saberes	<ul style="list-style-type: none"> - Explorar os recursos existentes gratuitos; - Criar o gosto e a necessidade de compartilhar; - Estimular os participantes a explorar questões que conduzam à reflexão; - Desenvolver competências de debate; - Promover uma interação mais comprometida; - Promover a partilha de informação/ recursos; - Promover a cooperação na realização de atividades entre os participantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinamização das temáticas; - Promoção de debate das temas pertinentes; - Interação no lançamento de questões que permitem dinamizar a discussão; - Alertas para o início dos desafios. - Acompanhamento do decorrer da atividade através de mensagens de incentivo e de orientação. - Debate sobre a informação partilhada e estabelecimento de um consenso. - A publicação de testemunhos das pessoas que criam/partilham os recursos, como forma de motivar para partilha; - Dinamização dos passatempos com prémios; - Elaboração de uma síntese com as participações mais relevantes; - Reconhecimento das contribuições dos participantes. 	<p>Semana 9. Desafio: “Compartilhe um recurso de “Temática Natalícia” , que utiliza ou já utilizou com a sua criança/jovem”. (M1+M2) Votação online: “A melhor partilha de semana” (M1+M2).</p> <p>Semana 10. Desafio: Compartilhe a sua experiência, caso exista, da utilização das tecnologias no processo de educativo ou na vida pessoal da sua criança/jovem (M2) Votação online: “A melhor experiência” (M1+M2).</p> <p>Semana 11. Desafio: “O perito responde” (na área da linguagem) (M2)</p> <p>Semana 12. Passatempo com prémio: “Compartilhe a alegria do Natal” (fotos). Votação online: “A melhor fotografia” (M1+M2). Desafio: “O que gostaria de fazer diferente em 2015?” (M1+M2)</p> <p>Semana 13.- Compartilhe um material/recurso que promova a linguagem (oral ou escrita) (M2) Desafio: Partilhe a sua experiência de utilização de um dos recursos partilhados (M2)</p>
---------	---------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

4ª fase	Construção colaborativa do conhecimento e recursos	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver competências de debate e colaboração na construção de conhecimento; - Promover que o grupo de participantes manifeste um controle sobre a sua própria aprendizagem. - Valorizar a criatividade e a aprendizagem colaborativa. - Facilitar o desenvolvimento de grupos de interesses face a trabalhos temáticos; - Desenvolver a liderança partilhada na negociação dos múltiplos discursos, interpretações e representações de conhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da aprendizagem como um processo de participação, partilha e colaboração; - Lançamento de vídeos tutoriais sobre a utilização de ferramentas abertas. - Fornecimento um feedback de qualidade que ajude os participantes no seu processo de construção do conhecimento. - Acompanhamento da atividade a partir do esclarecimento de dúvidas e intervenções de incentivo e reforço; - Descentralização dos processos de moderação, devolvendo a liderança à comunidade, responsabilizando os grupos por lançar e dinamizar os desafios - Incentivo a que todos participem e interajam uns com os outros, para que o grupo adquira mais autonomia; - Realização de intervenções (através de feedback e síntese final) para que assim, a construção do conhecimento seja visto como um produto das interações entre o grupo. - Facilitação da construção de recursos e, direcionando-a num caminho adequado aos objetivos estabelecidos - Reflexão crítica dos participantes e construção partilhada do conhecimento; 	<p><u>Semana 14. Webinar</u> sobre as ferramentas gratuitas existentes na área das NEE. (M2)</p> <p>- Sessões síncronas com inscrição prévia para a criação de grupos de trabalho em que cada grupo decide que tema pretende explorar (criar um desafio) de acordo com os interesses do grupo (M1+M2).</p> <p><u>Semana 15. Desafio:</u> “Adapte um dos recursos disponíveis às necessidades do seu educando”. (Disponibilizar recursos de acordo a votação) Compartilhe o recurso adaptado.(M1)</p> <p>Desafio: “O perito responde”. (Designer) (M2)</p> <p><u>Semana16: Desafio:</u> Utilize uma ferramenta de tratamento de imagem (http://www.fotoshoponline.net/) para criar/adaptar um recurso sobre Carnaval. (Disponibilizar o tutorial de ajuda). Trabalho individual ou em grupos de escolha aleatória (M2)</p> <p>Votação online: “O melhor recurso.” (M1+M2).</p> <p><u>Semana 17. Passatempo com prêmio:</u> “Desfile de Carnaval de Partilha - Quem é quem? tente descobrir quem está atrás da máscara através da imagem e de pistas (M1+M2).</p> <p>Desafio: “O perito responde” (Psicólogo Clínico) (M1+M2).</p> <p><u>Semana 18: Desafio:</u> “Criar um recurso na área da linguagem, utilizando as ferramentas abertas, com suporte de vídeos tutoriais.” (Lista dos recursos + vídeos). Trabalho individual ou em grupos de escolha aleatória Depois de criar o material, cataloga-o e disponibiliza na plataforma (M1+M2).</p> <p>Votação online: “O melhor recurso criado” (M1+M2).</p>
---------	----------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

5ª fase	Maior envolvimento; maior responsabilização maior autonomia	<ul style="list-style-type: none"> - Promover maior autonomia do grupo - Responsabilizar na realização de tarefas - Promover da autoavaliação/reflexibilidade - Promover autoformação em TIC - Promover a implementação de estratégias de e-moderação pelos próprios elementos do grupo. - Fomentar que cada um dos participantes reflita sobre o seu conhecimento numa perspectiva de estabelecer conexões com outros conhecimentos a aplicar nos mais variados contextos de sua vida (Dias, 2008). - Contribuir para desenvolver a autonomia e solidez do grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção da entreaajuda entre os elementos através do incentivo de partilhas de natureza “doar/ceder”. - Descentralização dos processos de moderação, devolvendo a liderança à comunidade, responsabilizando os grupos por lançar e dinamizar os desafios - Incentivo a que todos participem e interajam uns com os outros, para que o grupo adquira mais autonomia; - Realização de intervenções (através de feedback, orientação da discussão e síntese final) para que assim, a construção do conhecimento seja visto como um produto das interações entre o grupo. - Marcação de encontros presenciais; - Identificação de Líderes e Moderadores; - Fornecimento dos privilégios de acesso aos líderes dos grupos; - Reflexão do grupo sobre a importância da colaboração e da partilha de conhecimentos. 	<p><u>Semana 19. Desafio:</u> Explora em grupo as ferramentas educativas abertas: http://cooltoolsforschools.wikispaces.com/ e partilha com os restantes colegas as ideias sobre a potencialidade de uma das ferramentas. (M1+M2). Desafio lançado por grupo 1 (GR.1+M1+M2).</p> <p><u>Semana 20. - Desafio:</u> “O que tenho, que já não preciso, que posso partilhar/emprestar para ajudar quem precisa” (M2) Desafio lançado por grupo 2 (GR.2+M1+M2).</p> <p><u>Semana 21. Autoavaliação</u> (uma reflexão final dos participantes sobre a sua participação) (M1+M2). Desafio lançado por grupo 3 (GR.3+ M1+M2).</p> <p><u>Semana 22. Encontro presencial...</u> (M1+M2). Workshop “Produtos de apoio” promovido pelo Núcleo de Apoio à Inclusão Digital (NAID) (ESE Leiria)</p>

Calendário escolar 2014/2015

Períodos	Início	Termo
1.º	Entre 15 e 17 de Setembro de 2014	16 de Dezembro de 2014
2.º	5 de Janeiro de 2015	27 de Março de 2015
3.º	13 de Abril de 2015	5 de Junho de 2015 (6.º, 9.º, 11.º e 12.º anos); 12 de Junho de 2015 (1.º ao 8.º e 10.º anos); 3 de Julho de 2015 (4.º e 6.º anos - 2 a 3 semanas de acompanhamento extraordinário)

Interrupções lectivas

Períodos	Início	Termo
1.º	17 de Dezembro de 2014	2 de Janeiro de 2015
2.º	16 de Fevereiro de 2015	18 de Fevereiro de 2015
3.º	30 de Março de 2015	10 de Abril de 2015

Provas nacionais

Ciclos	1.ª fase	2.ª fase
1.º e 2.º	Até 22 de Maio, inclusive	Entre 9 e 16 de Julho, inclusive
3.º	Entre 17 e 25 de Junho, inclusive	Entre 25 de Junho e 17 de Julho
secundário	Entre 17 e 26 de Junho, inclusive	Entre 15 e 20 de Julho

Fonte: Ministério da Educação

PÚBLICO

Semana 1. 29-5 de outubro de 2014

Semana 2: 5- 11 de outubro de 2014

Semana3: 12-18 de outubro de 2014

Semana4: 19- 25 de outubro de 2014

Semana5: 26-1 de novembro de 2014

Semana6: 2-8 de novembro de 2014

Semana7: 9-15 de novembro de 2014

Semana8: 16- 22 de novembro de 2014

Semana9: 23- 29 de novembro de 2014

Semana 10: 30- 6 de dezembro de 2014

Semana11: 7-13 de dezembro de 2014

Semana12: 4-10 de janeiro de 2015

Semana13: 11-17 de janeiro de 2015

Semana14: 18-25 de janeiro de 2015

Semana15: 26-1 de fevereiro de 2015

Semana16: 2-8 de fevereiro de 2015

Semana17: 9-15 de fevereiro de 2015

Semana18: 23-1 de março de 2015

Semana19: 2-8 de março de 2015

Semana 20: 9-15 de março de 2015

Semana 21: 16-22 de março de 2015

Semana 22: 23- 29 de março de 2015

Anexo 10 – Questionário pós-teste

Questionário

Utilização do espaço online Compartilha

start

pressionar **ENTER**

1 → Identificação:

Podem ser seleccionadas várias opções

☐ A profissional da educação

☐ B profissional da saúde

☐ C familiar

☐ D Outro

2 → Com que frequência utiliza o Compartilha para...

a. Recolher Informação sobre formações e seminários

1	2	3	4	5
Nunca				Sempre

b. Recolher recursos / estratégias

1	2	3	4	5
Nunca				Sempre

c. Debater ideias e resolver problemas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nunca Sempre

d. Partilhar recursos / estratégias

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nunca Sempre

e. Partilhar experiências

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nunca Sempre

3 → Como classifica a qualidade do Compartilha relativamente aos seguintes itens:

a. Apresentação gráfica

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

b. Acessibilidade

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

c. Facilidade na navegação

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

d. Utilidade das ferramentas disponíveis

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

e. Utilidade dos menus e áreas disponíveis

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

4 → Qual a sua opinião sobre os conteúdos disponibilizados e dinâmicas estabelecidas?

a. Qualidade dos conteúdos disponibilizados nas "compartilhas"

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Fraca Excelente

b. Representação gráfica dos recursos/materiais compartilhados

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

c. Atualidade das compartilhadas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

d. Aplicabilidade prática das compartilhadas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

e. Utilidade das “compartilhadas” disponibilizadas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

f. Pertinência dos desafios lançados

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

g. Qualidade da interação entre os participantes

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

h. Qualidade da interação entre os moderadores e participantes

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

5 → Assinale a importância que atribui à comunidade Compartilha, quanto a:

a. Intervenção junto das crianças/jovens com NE

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

b. Formação em TIC nas NE

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

c. Comunicação efetiva entre os diferentes agentes

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

d. Criação de dinâmicas de entreaajuda entre famílias

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

e. Criação de dinâmicas de entreaajuda entre famílias e profissionais

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

f. Criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais educação-
educação

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

g. Criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais educação-saúde

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

h. Criação de dinâmicas de entreajuda entre profissionais saúde-saúde

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

i. Desenvolvimento da necessidade de compartilhar informação/ recursos

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

j. Colaboração no processo de adaptação / criação dos recursos /
materiais

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada relevante Muito relevante

6 → Avalie como o Compartilha superou as suas expectativas

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

Nada Muito

7 → O que gostaria de melhorar ou sugerir para desenvolvimentos futuros?

Para adicionar um parágrafo, pressione **SHIFT + ENTER**

Ok ✓

pressionar **ENTER**

Enviar

pressionar **ENTER**

Nunca submeta palavras-passe - [Reportar abuso](#)